

JEFF LINDSAY

DEXTER

É DELICIOSO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JEFF LINDSAY

DEXTER

é delicioso

Tradução
Cassius Medauar
 Planeta

outros livros da série
Dexter - A mão esquerda de Deus
Querido e devotado Dexter
Dexter no escuro
Dexter - Design de um assassino

Copyright © Jeff Lindsay, 2010
Título original *Dexter is delicious*
Preparação *Norma Marinheiro*
Revisão *Maria Luiza Poleti*
Diagramação *Diego Otero*
Capa adaptada do projeto original
Design de capa ©*Michael J. Windsor*
Imagem da capa © *Sam Yocum*
Conversão para eBook *Freitas Bastos*
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindsay, Jeff

Dexter é delicioso / Jeff Lindsay ; tradução
Cassius Medauar. – São Paulo : Editora Planeta
do Brasil, 2011.

Título original: Dexter is delicious.

ISBN 978-85-7665-742-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura
norte-americana) I. Título.

11-08454 CDD-813.0872

Índice para Catálogo Sistemático

1. Ficção policial e de mistério : Literatura
norte-americana 813.0872
2011

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – cj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

Para Hilary, como sempre.

Agradecimentos

Não seria possível escrever esses livros sem a generosa ajuda de algumas pessoas maravilhosas que trabalham com a prática forense. Particularmente, eu gostaria de agradecer à Samantha Steinberg, Sharon Plotkin, e à Lisa Black. Se eu escrevi algo errado, foi porque não perguntei a elas.

Também sou grato pelo apoio do meu editor dos EUA, Jason Kaufman, cuja sábia orientação e o incentivo paciente com esses livros têm sido essenciais e muito apreciados. E Dexter nunca teria existido se não fosse pelo meu agente Nick Ellison; muito obrigado, "São Nick".

Como sempre, o apoio e o bem-estar geral foram proporcionados por Bear, Pookie, e Tink que fazem tudo valer à pena.

Capítulo Um



ESTA PARTE DO HOSPITAL PARECE UM PAÍS ESTRANGEIRO PARA mim. Não há aquela sensação de campo de batalha, nem equipe cirúrgica com jalecos manchados de sangue trocando comentários sarcásticos sobre partes faltantes do corpo, nem um administrador de olhos vidrados segurando sua prancheta, nem o som de velhos bêbados e cadeiras de roda e, acima de tudo, não há um bando de ovelhas de olhos arregalados, amontoadas, com medo, esperando o que poderia sair pelas portas duplas de aço. Não há cheiro de sangue, antisséptico e terror. O aroma aqui é amável e aconchegante. Até as cores são diferentes: mais leves, mais tons pastel, sem o utilitarismo encouraçado e monótono das paredes em outras partes do prédio. Não existe, na verdade, nenhum dos sinais, sons e cheiros terríveis que passei a associar aos hospitais, nenhum mesmo. Há apenas a multidão de homens de olhos arregalados parados na grande janela, e, para minha infinita surpresa, eu sou um deles.

Ficamos ali parados juntos, encostados felizes contra o vidro e abrindo espaço alegremente para novos membros que chegam. Branco, preto, pardo, latino, afro-americano, asiático, crioulo; não interessa. Somos todos irmãos. Ninguém faz careta nem fica bufando; ninguém parece importar-se com as cotoveladas acidentais nas costelas vez ou outra, e ninguém, por incrível que pareça, abriga pensamentos violentos em relação a outrem. Nem mesmo eu. Em vez disso, nos reunimos no vidro olhando para o milagroso lugar-comum na sala à frente.

Aqueles são seres humanos? Será que esta é a mesma Miami em que sempre vivi? Ou algum estranho experimento de física num supercolisor subterrâneo nos mandou para um Mundo Bizarro onde todos são bons, tolerantes e felizes o tempo todo?

Onde está a alegre multidão homicida de ontem? Onde estão os amigos bem-armados, excitados, meio enlouquecidos e prontos para

matar da minha juventude? Será que tudo isso mudou, desapareceu e foi levado embora pela luz que atravessa a janela da sala da frente?

Que visão fantástica do outro lado do vidro pegou um corredor cheio de humanos normais, maus, quebradores de caras e torcedores de pescoços e os transformou em tolos bonzinhos, loucos, felizes e babões?

Sem acreditar, olho novamente e lá está. Ainda está lá. Quatro fileiras perfeitas de criaturinhas cor-de-rosa agitadas, tão pequenas, enrugadas e inúteis, que mesmo assim transformaram essa multidão de humanos saudáveis, loucos e matadores em sujeitos babões, meio derretidos e desamparados. E o mais impressionante, absurdo, dramático e inacreditável é saber que um desses pequenos caroços cor-de-rosa pegou nosso Artista Sombrio, o Decididamente Desagradável Dexter, e também o transformou numa dessas coisas silenciosas e contemplativas de queixo babado. E lá está, sacudindo os dedos do pé nos fachos de luz, totalmente sem saber do milagre que realizou, sem tampouco saber que está mexendo os dedos, pois ainda é o Avatar do Não Saber, mas mesmo assim, vê tudo o que fez em seu começo de vida sem pensar e sem saber. Olha aquela coisinha ali, a pequena maravilha com cheiro azedo que mudou tudo.

Lily Anne.

Sílabas pequenas e muito comuns que ressoam sem um verdadeiro significado, mas que se encadearam e junto com a pequena bola de carne que se remexe em seu pedestal realizaram o mais incrível dos passes de mágica. Transformaram o Dexter Morto Há Décadas em algo com um coração que bate e bombeia vida de verdade, algo que quase sente e que se parece muito com um ser humano...

Pronto: ela acena uma mãozinha pequena e incrível e a Coisa Nova dentro de Dexter acena de volta. Algo se vira e sobe pela cavidade do peito, bate nas costelas e ataca os músculos faciais, que agora se esticam num sorriso espontâneo e pouco praticado. Céus, será que isso foi uma emoção? Será que caí tão longe e rápido assim?

Sim, parece que sim. E lá vamos nós de novo.

Lily Anne.

— É seu primeiro? — pergunta uma voz a meu lado, e dou uma olhadela para a esquerda, rapidamente, para não perder nem um segundo do espetáculo no canto mais distante da janela. Um latino atarracado está ali parado usando calça jeans e uma camisa limpa de trabalho com o nome MANNY costurado no bolso.

— Sim — respondo, e ele assente com a cabeça.

— Tenho três — diz ele e sorri. — E também não me canso disso.

— Não — falo e olho novamente para Lily Anne. — Como poderia?

— Ela está mexendo a outra mão... e agora as duas ao mesmo tempo! Que criança incrível.

— Dois meninos — continuou ele, sacudindo a cabeça, e acrescentou —, e finalmente uma menina. — E posso dizer pelo tom de voz dele que aquele pensamento o fez sorrir. Dei outra olhadela para ele; é claro que seu rosto está esticado numa expressão de orgulho e felicidade que parece quase tão estúpida quanto a minha.

— Meninos podem ser muito tontos. Queria muito uma menina desta vez, e então... — O sorriso dele ficou ainda maior e ficamos ali parados por vários minutos num silêncio sociável, contemplando nossas garotas inteligentes e belas do outro lado do vidro.

Lily Anne.

Lily Anne Morgan. O DNA de Dexter, vivo e passando para outra geração através do tempo e, mais que isso, chegando a um futuro distante, um dia além da imaginação, pegando a essência de tudo o que eu sou e levando para longe do toque gelado da morte, correndo até o amanhã enrolado nos cromossomos de Dexter, e ainda tendo uma belíssima aparência ao fazer tudo isso. Ou pelo menos é o que parece para seu pai maluco.

Tudo mudou. Um mundo com Lily Anne Morgan é completamente desconhecido: mais belo, limpo, com menos pontas e com cores mais brilhantes. As coisas têm um gosto melhor; até uma barra de chocolate *Snickers* e um copinho de café da máquina do hospital, tudo o que comi e bebi em vinte horas. O sabor do chocolate estava bem mais delicado que antes, e o café tinha gosto de esperança. A poesia flui por meu cérebro gelado e faz cócega em meus dedos,

pois tudo é novo e maravilhoso agora. E, muito além, do gosto do café, há o gosto da própria vida. Agora ela deve ser alimentada, protegida e aproveitada. E então o pensamento mais que bizarro é que talvez a vida não seja algo a ser alimentado pelo terrível frenesi sombrio de alegria que me definiu até este momento novo e apocalíptico. Talvez o mundo de Dexter devesse morrer agora e um novo mundo de divertimento cor-de-rosa surgir das cinzas dele. E a velha e terrível necessidade de retalhar a ovelha e espalhar os ossos, de rodar pela noite sombria como um tubarão, de semear o luar com as sobras bem arrumadas dos Desejos Sombrios de Dexter? Talvez seja hora de deixar para lá, deixar se esvaír, acabar e desaparecer completamente.

Lily Anne está aqui e quero ser diferente.

Quero ser melhor do que tenho sido.

Quero segurá-la. Quero sentá-la em meu colo e ler Christopher Robin e Dr. Seuss.* Quero pentear-lhe o cabelo e ensinar-lhe sobre pasta de dente e sobre como colocar um Band-Aid no joelho. Quero abraçá-la ao por do sol numa sala cheia de filhotes de cachorro enquanto uma banda toca "Parabéns a você", e vê-la crescer e ter uma vida adulta de alguém que cura o câncer ou escreve sinfonias, e para fazer tudo isso não posso ser quem sempre fui, e tudo bem para mim, pois percebi mais uma coisa importante.

Não quero mais ser o Sombrio Dexter.

O pensamento não é tanto um choque, e sim uma conclusão. Passei a vida me movendo em direção a um lugar e agora cheguei lá. Não preciso mais fazer aquelas coisas. Não me arrependo, mas agora não é mais necessário. Agora existe Lily Anne, e ela supera toda aquela dança sombria. É hora de seguir em frente, de evoluir! Hora de deixar o Velho e Demoníaco Dexter para trás, comendo poeira. Aquela parte de mim já está completa, e agora...

Agora há uma nota pequena e ácida cantando no coro da alegria de Dexter. Algo não está certo. Em algum lugar próximo, faíscas da velha e maliciosa vida brilham sobre o brilho cor-de-rosa da nova vida e o chiado de um chocalho de escamas se sobrepõe à nova melodia.

Alguém está me observando.

O pensamento surge como um sussurro sedoso há apenas um passo de um risinho. Como sempre, o Passageiro das Trevas se divertiu com o momento tanto quanto com a sensação, mas o aviso era sincero e então me virei casual e cuidadosamente, com o sorriso antigo e falso, agora costurado no lugar, examinei o corredor atrás de mim: primeiro à esquerda, em direção às máquinas de vendas. Um senhor com a camisa enfiada na calça, que por sua vez subia até o umbigo, estava encostado na máquina de refrigerantes com os olhos fechados. Uma enfermeira passou por ele sem notá-lo.

Viro-me e olho para a direita, para onde o corredor termina num "T" que de um lado vai para alguns quartos e do outro leva aos elevadores. E lá está, tão claro quando um pontinho numa tela de radar, ou o que sobrou do pontinho, pois alguém está indo em direção aos elevadores, e tudo o que consigo ver é uma parte das costas enquanto ele escapa. Calça marrom, camisa xadrez esverdeada e a parte de baixo de um tênis de esporte, e ele se foi sem deixar nenhuma explicação de porquê me observava, mas sei que estava lá, e isso é confirmado pelo sorriso malicioso que sinto vazar do Passageiro, como se dissesse: *Ah, claro, vamos deixar o quê mesmo para trás?*

Não sei de nenhuma razão neste mundo, nem em nenhum outro, para que alguém se interessasse pelo pequeno e velho eu. Minha consciência é tão leve e limpa quanto possível, o que quer dizer, é claro, que sempre a limpei muito e, em todo caso, minha consciência tem a mesma dura realidade de um unicórnio.

Mas alguém definitivamente estava me observando, e isso é mais do que apenas um pequeno incômodo, pois não consigo pensar numa razão satisfatória para alguém querer observar o Dexter Chato Como uma Lava-louças, e agora tenho de pensar que o que quer que ameace o Dexter pode também ser um perigo para a pequena Lily Anne, e isso é algo que não posso permitir.

E é claro que o Passageiro acha isso muitíssimo divertido: momentos atrás eu estava cheirando os botões brilhantes da primavera e renegando os caminhos da carne e agora estou novamente pronto e ansioso para matar, mas isso é diferente. Não é um homicídio recreativo. É para proteger Lily Anne, e mesmo depois

desses primeiros momentos de vida, arrancarei com felicidade as veias de qualquer coisa que chegue perto dela, e é com esse pensamento reconfortante que me apresso pelo corredor e olho em direção ao elevador.

Mas não há nada ali. O corredor está vazio.

Tenho apenas alguns segundos de observação, mal dá para aproveitar meu próprio silêncio com o queixo caído antes do meu celular começar a vibrar em minha cintura. Pego o aparelho e vejo o número; é a sargento Deborah, sangue de meu sangue adotado, minha irmã policial, ligando com certeza para falar melosamente a respeito da chegada de Lily Anne e desejar tudo de bom para minha prole. Então atendo o telefone.

— Olá — digo.

— Dexter — diz ela. — Tem uma tempestade de merda acontecendo e preciso de você. Venha para cá imediatamente.

— Não estou trabalhando no momento. Estou em licença paternidade. — Mas, antes que pudesse assegurar-lhe que Lily Anne está bem, é linda, e que a Rita está dormindo profundamente no fim do corredor, ela me passou um endereço e desligou.

Volto e dou tchau a Lily Anne. Ela acena com os dedos do pés, carinhosamente, penso eu, mas não diz nada.

* [Christopher Robin](#) é um personagem da série do Ursinho Pooh, e o Dr. Seuss é um famoso autor de livros infantis. (N. T.)

Capítulo dois



O ENDEREÇO QUE DEBORAH ME DEU ERA NUMA PARTE ANTIGA de Coconut Grove, o que significava nenhum arranha-céu ou cabine de guarda. As casas eram pequenas e excêntricas, e todas as árvores e arbustos se espalhavam numa rede supercrescida de verde que escondia quase tudo, a não ser a própria rua. Aliás, a rua era pequena e meio escura por causa do excesso de vegetação pendurada e mal consegui passar com meu carro pelo monte de carros oficiais que já haviam chegado e ocupado todas as vagas. Consegui achar um espacinho ao lado de uns bambus mais ou menos um quarteirão depois. Estacionei o carro e comecei a longa caminhada de volta carregando meu kit de borrifo de sangue. Parecia muito mais pesado que o normal, mas talvez fosse porque estar tão longe de Lily Anne estava minando minhas forças.

A casa era modesta e estava quase inteira escondida pela vegetação. Ela tinha um telhado plano e inclinado, do tipo que fora moderno havia uns quarenta anos, e um estranho pedaço de metal retorcido na frente que parecia algum tipo de escultura. Havia uma piscina com água, e uma fonte esguichava ao lado dela. Tudo isso junto compunha um retrato perfeito do Velho Coconut Grove.

Percebi que alguns dos carros parados em frente à casa tinham um ar meio federal e, obviamente, quando entrei havia dois ternos cinzentos no meio dos uniformes azuis e *guayaberas* de tons claros da equipe da casa. Todos estavam amontoados e se moviam daquele jeito coloidal que os grupos fazem, alguns fazendo perguntas e dando respostas, outros realizando os rituais forenses e outros apenas olhando em volta e procurando algo importante para justificar o custo de dirigir até lá e permanecer na cena do crime.

Deborah estava num grupo que pode ser descrito como confrontacional, o que não era surpresa para os que a conheciam e a amavam. Ela encarava dois dos de ternos, um era uma agente do FBI que eu conhecia, a agente especial Brenda Recht. Meu inimigo,

o sargento Doakes, a atijara contra mim quando houve uma tentativa de rapto de meus enteados, Cody e Astor. Mesmo tendo a cabeça feita pela paranoia do bom sargento, ela não conseguiu provar nada contra mim, mas ficou muito desconfiada, e eu não estava animado para reatar os laços de amizade com ela.

Parado ao lado dela havia um homem que só posso descrever como um agente federal genérico, com seu terno cinza, camisa branca e sapatos pretos brilhantes. Os dois estavam de frente para minha irmã, a sargento Deborah, e havia outro homem que eu não conhecia. Ele era loiro, tinha por volta de um metro e oitenta, musculoso e absurdamente boa-pinta, de um jeito robusto e masculino, como se Deus tivesse pegado o Brad Pitt e decidido deixá-lo *mais* bonito ainda. Ele olhava para o lado, observando um abajur, enquanto Deborah bufava algo para a agente Recht. Quando me aproximei, Deborah deu uma olhadela e me viu, virou para a agente Recht e disse:

— Agora pode tirar as malditas mãos da minha cena do crime! Tenho trabalho a fazer. — Depois se virou, pegou-me pelo braço e disse: — Por aqui. Dê uma olhada nisso.

Deborah me arrastou em direção ao fundo da casa enquanto resmungava “Malditos federais” para si mesma, e como eu estava todo cheio de amor e compreensão por causa do meu tempo na maternidade, perguntei:

— Por que estão aqui?

— Por que eles sempre vêm?! — bufou ela. — Acham que é um sequestro, o que seria um caso federal. E isso torna impossível eu fazer a porra do meu trabalho e descobrir se é mesmo um sequestro com esse monte de cuzões e seus malditos sapatos Florsheim andando por aqui. Chegamos. — Falou, mudando de marcha suavemente e me conduzindo a um quarto no fim do corredor.

Camilla Figg já estava lá, rastejando pelo chão bem devagar do lado direito do quarto e evitando o lado esquerdo. O que era uma ótima ideia, pois o lado esquerdo do quarto estava tão borrifado com sangue que parecia que um animal grande explodira ali. O sangue brilhava, ainda úmido, e senti uma pontada de infelicidade por haver tantas coisas ruins no mundo.

— Isso parece a porra de um sequestro para você? — perguntou Deborah.

— Não um muito eficiente — respondi, olhando o grande borrão de sangue. — Eles deixaram quase metade da vítima para trás.

— O que pode me dizer sobre isso?

Olho-a sentindo-me levemente irritado por Deborah assumir que, por causa de um instinto assassino, eu saberia instantaneamente o que aconteceu já na primeira olhada.

— Deixe-me pelo menos ler umas cartas de tarô — falei. — Os espíritos têm de percorrer um longo caminho para falar comigo.

— Diga para eles se apressarem. Tenho a porra de um departamento inteiro fungando no meu pescoço, sem falar dos federais. Vamos, Dex; deve ter algo que possa me dizer. Extraoficialmente?

Dei uma olhada para o maior borrão de sangue, o que começava no meio da parede sobre a cama e ia em todas as direções.

— Bom, extraoficialmente, parece mais um jogo de paintball do que um sequestro.

— Eu sabia — falou ela, e depois fez uma careta. — O que quer dizer com isso?

Apontei para a mancha vermelha na parede.

— Seria muito difícil para um sequestrador infligir um ferimento que resultasse nisso. A menos que tenha pegado a vítima e a jogado contra a parede a uns 60 km/h.

— Era uma mulher — Deborah falou.

— Tanto faz — respondi. — O ponto é que se for uma criança pequena o suficiente para ser jogada contra a parede, perdeu sangue demais aqui, e só pode estar morta.

— Ela tem 18 anos. — Debs me corrigiu. — Quase 19.

— Então, presumindo que ela esteja na média, não acho que queiramos prender alguém que conseguiria jogá-la com tanta força contra a parede. Se atirar nele é possível que fique bravo e arranque seus braços.

Deborah continuava fazendo careta.

— Então está dizendo que tudo isso é falso?

— Parece sangue de verdade. — Respondi.

— O que quer dizer então?

Dei de ombros.

— Oficialmente, é cedo demais para dizer.

Ela me deu um soco no ombro. E doeu.

— Não seja idiota.

— Ai! — Falei.

— Estou procurando um corpo ou uma adolescente sentada no shopping e rindo dos policiais idiotas? Onde uma adolescente conseguiria tanto sangue assim?

— Bom — falei esperançoso, não querendo pensar muito naquilo, — pode nem ser sangue humano.

Deborah olhou para o sangue.

— Ah, claro. Ela pegou a porra de uma jarra com sangue de vaca ou algo assim, jogou na parede e foi embora. Está enganando os pais para conseguir dinheiro.

— Extraoficialmente, isso é possível. — Falei. — Deixe-me analisar pelo menos.

— Tenho de dizer algo para aqueles cuzões.

Limpei a garganta e dei a ela minha melhor imitação do capitão Matthews.

— Dependemos das análises e do trabalho do laboratório, mas há uma possibilidade bem real de... hã... a cena de crime não conter... hã... evidências de que realmente existiu um crime.

Ela me deu outro soco no braço, no mesmo lugar, e dessa vez doeu ainda mais.

— Analise a porra do sangue. E rápido.

— Não posso fazer isso aqui. Preciso levar um pouco para o laboratório.

— Então *pegue*. — Falou ela.

Depois levantou o punho para outro soco devastador no braço, e fiquei orgulhoso de me esquivar para longe do alcance dela, mesmo quase tendo trombado com o *top model* que estava ao lado dela enquanto falava com os federais.

— Com licença. — Falou ele.

— Ah! — disse Deborah. — Este é o Deke, meu novo parceiro. — E ela falou a palavra "parceiro" de um jeito que soou como

“hemorroida”.

— Muito prazer. — Disse eu.

— Ah, claro — Deke falou, deu de ombros, e se moveu para o lado, de onde podia olhar o traseiro de Camilla enquanto ela andava de quatro pelo chão, e Deborah me lançou um olhar eloquente que dizia muitas palavras de baixo calão sobre seu novo parceiro.

— O Deke acabou de vir de Syracuse. — Disse Deborah numa voz prazerosa o suficiente para arrancar tinta. — Quinze anos na força policial de lá procurando motos de neve roubadas. — Deke deu de ombros outra vez sem olhar para nós. — Como fui descuidada o suficiente para perder meu parceiro, eles decidiram me punir com esse novo.

Ele fez sinal de positivo com o dedão e se agachou para ver o que Camilla estava fazendo, e ela ficou vermelha.

— Bom — falei, — espero que ele trabalhe melhor que o detetive Coulter.

O antigo parceiro de Deborah fora morto como parte de uma performance artística enquanto ela estava no hospital, e mesmo com seu novo sendo muito belo, eu tinha certeza de que o departamento estava de olho nela, pois em geral eles não gostam de policiais que desenvolvem o hábito de descuidar-se do parceiro.

Deborah apenas sacudiu a cabeça negativamente e murmurou algo que não consegui ouvir, apesar de ter percebido que havia várias consoantes pesadas lá. Então, como sempre tento levar alegria por onde passo, mudei de assunto.

— E quem seria essa pessoa, teoricamente? — Falei apontando com a cabeça para a mancha gigante de sangue.

— A garota desaparecida é Samantha Aldovar. Tem 18 anos e frequenta aquela escola de gente rica, a Ransom Everglades.

Olhei em volta do quarto. Fora as manchas de sangue, não era um quarto memorável. Tinha uma escrivaninha e uma cadeira, um laptop que parecia meio antigo e um som com entrada para iPod. Numa parede, felizmente intocada pelo sangue, havia um pôster sombrio de uma garota melancólica. Abaixo dele estava escrito TIME EDWARD e, abaixo disso, *Crepúsculo*. Havia algumas belas roupas penduradas no armário, mas nada extraordinário. Nem o quarto nem

a casa pareciam pertencer a alguém rico o suficiente para pagar uma escola chique, mas coisas estranhas tinham acontecido e não havia nenhum extrato bancário à vista nas paredes.

Será que Samantha estava simulando seu próprio sequestro para tirar dinheiro dos pais? Aquilo era algo surpreendentemente comum, e se a garota desaparecida passava o dia rodeada de gente rica, isso podia ter criado uma pressão para que ela usasse um jeans de marca famosa também. Adolescentes podem ser bem cruéis, Deus os abençoe, especialmente com quem não pode comprar um suéter de quinhentos dólares.

Mas, de qualquer forma, o quarto não me dizia o suficiente. O senhor Aldovar podia ser um bilionário recluso capaz de comprar o bairro inteiro enquanto viajava para Tóquio para comer sushi. Ou talvez eles não fossem mesmo ricos e a escola desse algum tipo de bolsa de estudos a Samantha. Isso não interessava. O que importava era entender a horrível mancha de sangue úmido e depois mandar limpar tudo.

Percebi que Deborah me observava com certa expectativa, então, em vez de arriscar-me a levar outro soco mortal no tríceps, fiz um aceno de cabeça para ela e explodi numa ação vigorosa. Pus meu kit na mesa e o abri. Minha câmera estava bem em cima, então tirei dúzias de fotos da mancha na parede e em volta da área toda. Depois voltei ao kit e peguei um par de luvas de látex e as calcei. Peguei um cotonete grande de uma sacola de plástico e um vidro e me aproximei com cuidado das manchas brilhantes de sangue.

Achei um lugar onde o sangue ainda estava grosso e úmido e passei a cabeça do cotonete devagar ali, levantando o suficiente daquela coisa terrível para usar como amostra. Depois coloquei o cotonete com cuidado no pequeno pote de vidro, fechei e saí de perto da sujeira. Deborah continuava me encarando como se procurasse um lugar macio para socar, mas, enquanto eu olhava, ela suavizou a expressão.

— E minha sobrinha, como está? — Perguntou ela, e a terrível mancha vermelha na parede desvaneceu-se num maravilhoso e leve fundo cor-de-rosa.

— Ela é mais que incrível. Todos os dedos nos lugares certos e absolutamente maravilhosa.

Por um momento algo diferente passou pelo rosto de minha irmã, algo mais sombrio que o pensamento de uma sobrinha perfeita. Mas antes que eu conseguisse dizer o que era, a velha expressão durona de “estou trabalhando” voltou rapidamente a seu rosto.

— Ótimo. — Disse, e fez um sinal com a cabeça apontando a amostra em minha mão. — Mande para análise e não pare para almoçar. — Concluiu e virou-se.

Fechei meu kit e segui Debs para fora do quarto e pelo corredor até a sala. À direita, o capitão Matthews chegara e se plantara onde todos pudessem ver que estava na cena do crime, buscando implacavelmente por justiça.

— Merda. — Falou Deborah. Mas travou a mandíbula e marchou até ele do mesmo jeito, provavelmente para garantir que ele não pisasse num suspeito. Eu adoraria assistir àquilo, mas o dever me chamava, então me virei em direção à porta da frente e encontrei a agente especial Brenda Recht parada no caminho.

— Senhor Morgan. — Falou ela, inclinando a cabeça para o lado e levantando uma sobrancelha como se não tivesse certeza se devia me chamar daquele jeito ou de algo mais adequado como “Culpado”.

— Agente especial Recht. — Falei, educado o suficiente, considerando-se tudo. — O que a traz aqui?

— A sargento Morgan é sua irmã? — Perguntou ela, e aquilo não respondia nem um pouco à minha pergunta.

— É sim. — Respondi mesmo assim.

A agente especial Recht olhou para mim e depois para o outro lado da sala onde Deborah estava falando com o capitão.

— Que família! — Disse e passou por mim para juntar-se novamente a seu parceiro de aparência genérica.

Pensei em várias respostas que a teriam colocado em seu lugar, mas, afinal, o lugar dela era muitos degraus acima de mim na cadeia alimentar, então eu disse apenas:

— Tenha um bom dia. — Falei dirigindo-me às costas dela e saí em direção a meu carro.

Capítulo três



O TESTE QUE EU PRECISAVA FAZER PARA SABER SE O SANGUE ERA humano era bem básico, simples e relativamente rápido, então parei para almoçar, apesar de Deborah ter dito para não fazer isso. Mas para deixar as coisas claras, foi apenas um sanduíche para viagem, afinal, eu quase morri de fome no hospital e corri para longe da Lily Anne para trabalhar num dia de folga, então, um pequeno sanduíche cubano não era algo tão ruim. Aliás, nem um pouco ruim, tanto que acabei com ele no carro antes mesmo de sair da I-95 e cheguei a meu laboratório com um humor bem melhor que o de antes.

Vince Masuoka estava no laboratório olhando algo ao microscópio. Ele levantou a cabeça quando entrei e piscou várias vezes.

— Dexter. — Falou. — Está tudo bem com o bebê?

— Nunca esteve melhor. — Falei, numa combinação de verdade e poesia que me agradou mais do que o desejado.

Mas aparentemente Vince não concordou e fez uma careta para mim.

— Você não deveria estar aqui.

— O prazer da minha companhia foi requisitado.

Ele piscou de novo.

— Ah! Sua irmã, né? — Ele fez que não com a cabeça e voltou ao microscópio. — Tem café fresco ali.

O café poderia ser fresco, mas a terra onde foi plantado devia ser um berço de produtos tóxicos por anos, pois a coisa era tão impossível de engolir quanto algo pode ser, mesmo sendo líquido. Ainda assim, a vida é feita de muitos testes e só os mais fortes sobrevivem, então beberiquei uma xícara daquela coisa desastrosa sem reclamar enquanto fazia o teste com a amostra de sangue. Tínhamos vários frascos de antissoro no laboratório, então era só juntar minha amostra com um deles e misturar num tubo de ensaio. Eu havia acabado de terminar quando meu celular começou a vibrar.

Por um curto e irracional momento pensei que poderia ser a Lily Anne ligando, mas a realidade mostrou sua cara feia na forma de minha irmã, Deborah. Não que a cara dela seja feia de verdade, mas ela é muito exigente.

— O que conseguiu? — Perguntou ela.

— Acho que posso estar com disenteria por causa do café.

— Não dê uma de cuzão! — Falou. — Já tem cuzões demais aqui com o FBI na jogada.

— Infelizmente, acho que terá que aguentar mais alguns... — falei olhando para o tubo de ensaio. Uma linha fina se precipitara e se formara entre o antissoro e a amostra da cena do crime. — Parece que é mesmo sangue humano.

Deborah ficou em silêncio por um momento e então falou:

— Merda. Tem certeza?

— As cartas nunca mentem. — Respondi com meu melhor sotaque cigano.

— Preciso saber de quem é o sangue.

— Você pode procurar um homem magro de bigode que manca. Ele é canhoto e usa sapatos pretos e de bico fino. — Falei.

Ela ficou em silêncio por um segundo e então falou:

— Vá se foder. Preciso de ajuda, caramba.

— Deborah, há um limite para o que posso fazer com uma amostra de sangue.

— Pode pelo menos me dizer se o sangue pertence a Samantha Aldovar?

— Posso fazer outro teste e descobrir qual o tipo sanguíneo. E você terá de perguntar a família qual é o tipo dela.

— Faça agora! — Bufou e desligou.

Já percebeu como é difícil se dar bem no mundo? Se não for bom no que faz, as pessoas o tratarão mal e você eventualmente acabará desempregado. Mas se estiver um pouco acima do apenas competente, todos esperarão milagres de você todas as vezes. Como a maior parte da vida, é uma situação que não tem como vencer. Se você se atrever a mencionar o problema, não importando como formula a frase, será evitado por ser um chorão.

Falando sério aqui, não ligo que me evitem. Se Deborah me evitasse, ainda estaria no hospital admirando Lily Anne e suas incríveis habilidades motoras. Mas não posso correr o risco de ser ignorado sempre, não com a economia tão ruim como está e tendo de pensar na família crescendo. Então, com um suspiro cansado do mundo, curvo minhas costas fatigadas para cumprir a triste tarefa que tenho em mãos.

Já era fim de tarde quando liguei para Deborah com o resultado do teste.

— É tipo O. — Falei. Não esperava que me respondesse com uma gratidão florida, e ela não fez mesmo isso. Apenas grunhiu e disse:

— Trate de levantar a bunda da cadeira e voltar já para cá. — Depois desligou.

Botei a bunda no assento do carro e dirigi até Coconut Grove e a casa dos Aldovar. A festa ainda rolava quando minha bunda chegou lá, e minha vaga perto dos bambus-anabolizados não existia mais. Dei uma volta no quarteirão, imaginando se a Lily Anne sentia minha falta. Queria estar lá com ela, não aqui neste mundo monótono e mortal de borrifos de sangue e do temperamento de Deborah. Eu ia entrar rápido, dizer a Deborah que ia embora e então voltar para o hospital, isso se eu conseguisse estacionar o carro, coisa que não estava ocorrendo.

Dei outra volta e finalmente achei uma vaga duas vezes mais longe que a anterior, ao lado de uma grande lixeira no gramado de uma casa pequena e vazia. As lixeiras grandes são os novos ornamentos da moda para os gramados no sul da Flórida, e se espalham rapidamente pela cidade tal como cogumelos depois das chuvas de verão. Quando uma casa entra em execução judicial, o que tem ocorrido muito atualmente, chega uma equipe com uma enorme caçamba para entulho esvazia a casa nela, quase como se a levantassem e despejassem seu conteúdo pela lateral. Os seus antigos ocupantes provavelmente encontrarão um belo viaduto para morar embaixo, o banco revenderá a casa por vinte centavos e todos ficam felizes... Especialmente as empresas que alugam as caçambas.

Caminhei a longa distância entre minha charmosa vaga ao lado da lixeira e a casa dos Aldovar. E o passeio não foi tão ruim como poderia ter sido. O dia estava fresco para o padrão de Miami, com a temperatura um pouco abaixo dos 30° C e a umidade não muito acima da de um banho de vapor, por isso ainda havia vários lugares secos em minha camisa quando me espremi por entre o enxame de repórteres reunidos na frente da casa e segui adiante.

Deborah estava em outro grupo, que parecia uma acareação antes de uma luta livre entre equipes. Claramente, a luta principal seria entre Debs e a agente especial Rechts. Elas já estavam com os narizes encostados um no outro e trocando opiniões acaloradas. Seus respectivos parceiros, Deke e o Federal Genérico, estavam parados ao lado de suas duplas como bons parceiros, olhando friamente um para o outro, e do outro lado de Deborah havia uma mulher grande e perturbada de uns 45 anos que aparentemente tentava decidir o que fazer com as mãos. Ela as levantava, depois abaixava uma, depois abraçava a si mesma, então levantou a mão esquerda novamente e pude ver que carregava um papel. Ela o segurou e depois abaixou as duas mãos novamente, tudo isso no espaço de três segundos que levei para cruzar a sala e me juntar àquele pequeno grupo feliz.

— Não tenho tempo para você, Recht. — Rosnou Debs. — Então deixa eu lhe explicar de forma bem simples: se tenho tanto sangue assim, no mínimo tenho agressão e tentativa de assassinato. — Ela olhou para mim e depois de volta para Recht. — É o que o meu especialista disse e o que a minha experiência está dizendo.

— Especialista?! — Falou Recht com a máxima ironia federal na voz. — Quer dizer o seu irmão? Ele é o seu especialista? — Ela disse a palavra "irmão" como se fosse algo que comia lixo e vivia embaixo de uma pedra.

— Você tem algum melhor? — disse Debs com uma paixão verdadeira, e foi muito lisonjeiro vê-la me defendendo.

— Não preciso de um. Tenho uma adolescente desaparecida. — Recht falou também num tom bem firme —, e isso é sequestro até que se prove o contrário.

— Com licença. — disse a mulher das mãos. Debs e Recht a ignoraram.

— Besteira. — disse Deborah. — Não tem bilhete, telefonema, nem nada além de um quarto cheio de sangue, e isso não é sequestro.

— É se for o sangue dela? — falou Recht.

— Com licença... Posso... Policial? — chamou a mulher, que se remexia, esticando o pedaço de papel.

Deborah encarou Recht por mais um momento e então se virou para a mulher.

— Sim, senhora Aldovar. — Falou ela, e olhei para a mulher com interesse. Se aquela era a mãe da garota desaparecida, isso explicava os movimentos excêntricos com as mãos.

— Isso pode... Eu... Encontrei... — Falou a mulher, e suas duas mãos se levantaram sozinhas por um momento. Depois a direita desceu para o lado do corpo, deixando a esquerda no ar segurando a folha de papel.

— Encontrou o quê, senhora Aldovar? — Perguntou Deborah, já olhando novamente para Recht como se esta fosse inclinar-se e pegar o papel.

— Isto é... Você disse para procurar, hã... Os registros médicos. — Ela falou e torceu o pedaço de papel. — Eu encontrei. Tem o tipo sanguíneo da Samantha.

Deborah fez um movimento incrível como se tivesse jogado basquete profissional a vida toda. Ela se colocou entre os federais e a mulher, com suas costas ficando exatamente na frente de Recht, tapando efetivamente qualquer chance de ela ver o papel enquanto educadamente esticava a mão e o pegava da senhora Aldovar.

— Obrigado, dona. — Respondeu ela, e passou o dedo pela folha. Depois de alguns segundos, levantou a cabeça e olhou para mim.

— Você disse tipo O?

— Isso mesmo.

Ela virou a página com a ponta do dedo.

— Aqui diz AB positivo.

— Deixe-me ver. — Pediu Recht, tentando ir em frente e pegar o papel, mas o bloqueio com a bunda que Deborah aprendeu na NBA

foi demais para ela.

— Mas que porcaria, Dexter! — Disse Deborah, acusativa, como se fosse culpa minha os dois tipos sanguíneos serem diferentes.

— Desculpe... — Falei, sem saber ao certo porque estava me desculpando, mas sabendo pelo tom de voz dela que deveria fazê-lo.

— A Samantha é do tipo sanguíneo AB positivo. — Falou. — Então, quem é tipo O?

— Muita gente! — Garanti-lhe. — É um tipo bem comum.

— Está dizendo que... — A senhora Aldovar tentou falar, mas Deborah continuou.

— Isso não ajuda em nada. Se não é o sangue dela que está lá, então... Quem diabos joga o sangue de outra pessoa na parede?

— Um sequestrador. — Falou a agente Rechts. — Tentando cobrir seus rastros.

Deborah se virou e olhou para ela, e a expressão em seu rosto era realmente incrível. Com apenas alguns músculos faciais rearranjados e uma ligeira levantada na sobrancelha, Debs conseguiu dizer: *Como é possível alguém tão burro conseguir amarrar os próprios sapatos e andar entre nós?*

— Diga-me uma coisa — disse Deborah, olhando para ela com descrédito —, você é “agente especial” porque teve uma “educação especial?” — O novo parceiro de Debs, Deke, sorriu silenciosamente, e Recht ficou vermelha.

— Deixa eu ver o papel. — Falou ela de novo.

— Você fez faculdade, né? — continuou Deborah, bem sociável. — E depois aquele curso chique do FBI em Quantico.

— Policial Morgan. — Falou Recht duramente, mas Deborah sacudiu o papel para ela.

— É sargento Morgan. — Disse Debs. — E preciso que pegue o seu pessoal e saia da minha cena de crime.

— Tenho jurisdição sobre sequestros. — Recht começou a dizer, mas Deborah estava empolgada e a cortou sem esforço.

— Está dizendo que o sequestrador jogou aquele tanto de seu próprio sangue na parede e continuou com força suficiente para levar embora uma adolescente? Ou trouxe sangue num pote de maionese e disse: “Espalhe isso e venha comigo?” — Deborah

acenou negativa e suavemente com a cabeça e acrescentou um pequeno sorriso malicioso. — Porque não consigo imaginar nenhuma das duas hipóteses, agente *especial*. — Ela fez uma pausa e se mostrou tão animada que Recht não ousou dizer nada. — O que vejo — continuou Debs, — é uma garota aprontando e fingindo o próprio sequestro. E se você tem evidências de que aconteceu alguma outra coisa, agora é a hora de desembuchar.

— Desembuchar! — repetiu Deke com uma risada besta, mas ninguém, além de mim, pareceu notar.

— Você sabe muito bem que... — Começou Recht, mas mais uma vez foi interrompida, dessa vez pelo novo parceiro de Deborah.

— Ei! — falou ele, e todos nos viramos para olhá-lo.

Deke apontou com a cabeça para o chão.

— A mulher desmaiou! — falou Deke, e nos viramos para olhar o que ele estava apontando.

A senhora Aldovar, como ele dissera, estava desmaiada no chão.

Capítulo quatro



POR UM LONGO MOMENTO, TODOS FICAMOS PARADOS NUM imenso quadro de hostil indecisão. Debs e Recht se encaravam, Deke respirava pela boca, e eu tentava decidir se ajudar a mulher caída estava ou não em minha jurisdição de analista de borrifos de sangue. E então houve um ruído na porta da frente, e ouvi uma pequena comoção atrás de mim.

— Merda! — Falou claramente uma voz masculina. — Merda, merda e merda.

Era difícil discutir com o sentimento generalizado, mas mesmo assim me virei para ver se conseguia achar alguma especificidade. Um homem de meia-idade se apressava em nossa direção. Ele era alto, tinha as feições leves, cabelo grisalho curto e a barba combinando. Ele se ajoelhou ao lado da senhora Aldovar e pegou-lhe a mão.

— Ei, Emily? Querida? — Falou enquanto dava tapinhas na mão dela. — Vamos, Em.

Passei minha carreira toda trabalhando com investigadores profissionais de primeira, e um pouco deles deve ter ficado impregnado em mim, pois deduzi quase imediatamente que aquele só podia ser o senhor Aldovar. E minha irmã também não é fraca, já que chegou à mesma conclusão que eu. Ela conseguiu desviar seu olhar de Recht e mirar o homem no chão.

— Senhor Aldovar? — Falou Debs.

— Vamos querida! — Disse ele, e torci para ele não estar se referindo a Deborah. — Sim, sou Michael Aldovar.

A senhora Aldovar abriu os olhos e os girou de um lado para o outro.

— Michael? — Murmurou ela.

Deborah se ajoelhou ao lado deles, provavelmente pensando que pais conscientes são mais interessantes que os desmaiados.

— Sou a sargento Morgan. Estou investigando o desaparecimento de sua filha.

— Não tenho nada de dinheiro. — Falou ele, e Deborah ficou atordoada por um instante. — Quero dizer, se houver um resgate, ou... Ela sabe. Samantha não pensa nas coisas... Houve algum telefonema?

Deborah fez que não com a cabeça como se estivesse secando o cabelo.

— Pode me dizer onde estava, senhor?

— Numa conferência em Raleigh. Estatísticas médicas. Tive de... Emily me ligou e disse que a Samanta tinha sido sequestrada.

Deborah olhou para Recht rapidamente e logo voltou a atenção para o senhor Aldovar.

— Não foi um sequestro.

Ele não se moveu nem um centímetro por um segundo, e então olhou diretamente para Deborah, ainda segurando a mão da esposa.

— Como assim?

— Posso falar com o senhor por um momento? — Disse Deborah.

O senhor Aldovar desviou o olhar e depois o direcionou para a esposa.

— Podemos colocar minha mulher numa cadeira ou algo assim? Ela está bem?

— Estou bem. — Disse a senhora Aldovar. — Eu só...

— Dexter — falou Debs, virando a cabeça para mim. — Pegue sais aromáticos ou algo assim. E você e o Deke podem ajudá-la a se levantar.

É sempre bom ter uma pergunta respondida, e agora eu sabia. Parece que estava mesmo na minha jurisdição ajudar uma mulher que desmaia numa cena de crime.

Agachei-me ao lado da senhora Aldovar enquanto Deborah levava o senhor Aldovar para um canto. Deke olhou para mim, ansioso, lembrando-me muito um cão grande e bonito que quer buscar o graveto que você joga.

— E aí, tem o tal negócio aromático? — perguntou ele.

Parece que havia se tornado uma verdade universal o fato de Dexter ser o Guardião Eterno dos Sais Aromáticos. Eu não tinha

ideia de onde surgiu aquele boato falso, mas a verdade é que eu não tinha os saís.

Por sorte, a senhora Aldovar não parecia interessada em cheirar nada. Ela segurou em meu braço e no de Deke e murmurou:

— Me ajudem a levantar.

E nós dois a colocamos de pé. Olhei em volta procurando uma superfície horizontal que não estivesse tomada por agentes da lei para poder acomodá-la e vi uma mesa de jantar com cadeiras na sala ao lado.

A senhora Aldovar não precisou de muita ajuda para chegar à cadeira. Ela se sentou rapidamente, como se já tivesse feito aquilo várias vezes.

Olhei de volta para a sala ao lado. A agente especial Recht e seu parceiro genérico seguiam cuidadosamente em direção à porta, e Deborah estava sendo cuidadosa em não notá-los. Em vez disso, ela estava ocupada conversando com o senhor Aldovar. Angel Batista Sem Mais Sobrenomes estava parado no quintal bem ao lado de uma porta de vidro deslizante, na qual jogava pó à procura de impressões digitais. E eu sabia que ali perto, no fim do corredor, a enorme mancha de sangue continuava na parede chamando por Dexter. Aquele era o meu mundo, a terra da violência, sangue coagulado e mutilações. Tanto pessoal quanto profissionalmente, era isso que eu vivera a vida toda.

Mas agora eu perdera o brilho rosado que me manteve encantado por tantos anos. Não queria estar ali, mexendo nos resíduos das alegres travessuras de outras pessoas. E mais, também não queria sair para fazer minhas traquinagens despreocupadas. Precisava de um panorama diferente naquele dia. Vim para a velha corrida a contragosto, para ajudar a Deborah, e agora queria voltar para meu novo país, onde tudo era belo e brilhante, a Terra de Lily Anne.

Deborah olhou para mim sem me ver de verdade e então voltou ao senhor Aldovar. Eu era parte do cenário para ela, parte do que uma cena de crime deveria parecer, Dexter a Decoração. Bastava: era hora de partir, de voltar para Lily Anne e o Mundo Maravilhoso.

Então, sem me preocupar com despedidas desconfortáveis, deslizei até a porta e caminhei para o carro, que ainda me esperava

ao lado da lixeira. Dirigi até o hospital no prelúdio da hora do rush da tarde, uma hora mágica em que todos que estão na estrada se sentem poderosos e donos de todas as faixas ao mesmo tempo porque saíram cedo do trabalho, e na minha vida anterior eu me divertia muito com a visão de tanto desprezo pela vida. Agora aquilo me deixava frio. Aquelas pessoas colocavam as outras em perigo e não era algo que eu poderia tolerar num mundo onde em breve eu estaria levando Lily Anne para a aula de balé. Dirigi cuidadosamente a 15 km/h acima do limite de velocidade, o que só serviu para deixar os outros motoristas com mais raiva. Eles passavam voando por mim dos dois lados, buzinando e mostrando o dedo do meio, mas me segurei firme em meu curso, são e seguro, e logo cheguei ao hospital sem nenhuma troca de tiros.

Ao sair do elevador no andar da maternidade, parei por um segundo quando o eco de um sussurro surgiu na parede dos fundos do Subsolo Sombrio do Dexter. Era aqui que eu quase vira alguém que por alguma razão estava me observando. Mas o pensamento soou tão ridículo que só consegui sacudir a cabeça e mandar um distante sinal de ocupado para o Passageiro. “Quase vi Alguém”, tá bom. Continuei andando e entrei no corredor do berçário.

Todos os meus amigos da janela do berçário haviam sumido e sido substituídos por outra safra, e Lily Anne também não era mais visível do outro lado do vidro. Tive um momento de desorientação, *aonde ela foi?*, mas a lógica tomou as rédeas novamente. Era claro, já tinham se passado várias horas. Eles não a deixariam ali sozinha e em exibição por tanto tempo. Lily Anne estaria com sua mãe, alimentando-se e apegando-se a ela. Senti uma pequena onda de inveja. Rita teria uma ligação íntima e importante com o bebê que eu nunca saberia como era, um bom começo na disputa pela afeição de Lily Anne.

Mas, felizmente para todos, ouvi o risinho debochado que vive dentro de mim e tive de concordar. *Vamos lá, Dexter. Se de repente escolher sentir as emoções, a inveja do peito seria a melhor para começar? Seu papel é tão importante quanto: prover uma orientação firme e amorosa para o caminho espinhoso que Lily Anne terá na vida.* E quem melhor do que eu, que viveu no caminho

tortuoso, saboreando os espinhos, e que agora só queria ajudá-la a atravessar a mata sã e salva? Quem melhor, resumindo, do que o Não-Mais-Tão-Demente Papai Dexter?

Era tudo tão lógico e correto. Eu vivera uma má vida para poder saber como levar Lily Anne para a luz. Finalmente, tudo fazia sentido, e apesar de experiências amargas terem me ensinado que se tudo faz sentido é porque você está olhando errado para a coisa, ainda assim aquela noção me deu um grande conforto. Havia um Plano, um Caminho Verdadeiro, e depois de muito tempo Dexter sabia qual era ele e podia até ver seus pés no tabuleiro. Sabia por que estava Aqui, não para destruir os maus, mas para ensinar o caminho aos bons.

Sentindo-me muito iluminado e elevado, caminhei rapidamente em direção ao quarto de Rita no fim do corredor, passando pela área das enfermeiras, e ele estava exatamente onde devia estar. E melhor ainda, Lily Anne estava lá, parecendo dormir no peito da mãe. Havia um grande buquê de rosas no criado mudo, e tudo ia bem com o mundo.

Rita abriu os olhos e olhou para mim com um sorriso cansado.

— Dexter, onde você estava?

— Houve uma emergência no trabalho... — Falei, e ela me olhou sem entender.

— Trabalho?! — Repetiu ela, e sacudiu a cabeça negativamente.

— Dexter, eu... Esta é sua filha recém-nascida. — E bem na hora certa, Lily Anne se mexeu um pouco e voltou a dormir. Foi um ótimo movimento.

— Sim, eu sei! — Falei afirmativamente.

— Não é... Como pode ter simplesmente saído e ido trabalhar? — Falou, soando bastante irritada, de um jeito que eu nunca vira antes. — Quando sua filha recém-nascida está... Quer dizer, trabalhar? Numa hora dessas?

— Me desculpe. Deborah precisava de mim.

— E eu também.

— Eu sinto muito mesmo! — Falei e, estranhamente, sentia mesmo. — Isso tudo é muito novo para mim, Rita. — Ela me olhou

sacudindo a cabeça outra vez. — Vou tentar melhorar — acrescentei esperançosamente.

Rita suspirou e fechou os olhos.

— Pelo menos as flores que você mandou são bonitas — falou ela. E uma pequena campainha começou a soar no sombrio banco traseiro do maligno carro de Dexter.

É claro que eu não mandei flor alguma. Não tinha nenhuma experiência nas muitas hipocrisias sutis da vida de casado para pensar em tão inteligente tática. Nem me toquei de que responder a uma emergência no trabalho era errado e menos ainda que deveria me desculpar com flores. Claro que Rita tinha muitos amigos que poderiam ter mandado as flores, e eu conhecia muitas pessoas que teoricamente eram meus amigos, até mesmo Deborah poderia ter tido um momento de sensibilidade, apesar disso parecer improvável. Em qualquer um dos casos, não havia nenhuma razão para que alguns botões perfumados disparassem qualquer tipo de alarme.

Mas dispararam. Com certeza dispararam um irritante e contínuo alarme *dim-dim-dim* que definitivamente significava tudo o que não deveria significar. Então me inclinei com naturalidade e fingi cheirar as rosas, tentando na verdade ler o cartão que veio junto. E mais uma vez não havia nada incomum ali, apenas uma pequena etiqueta dizendo *Parabéns para nós!* e abaixo, escrito com caneta azul, havia *Um admirador*.

Da mesma região que veio o alarme, ouvi um risinho leve e malicioso aumentar. O Passageiro Sombrio se divertia, e era de se esperar. Dexter pode ser muitas coisas, mas “admirável” não entra nas dez mais. Até onde sabia, não tinha admiradores. Qualquer um que me conheça tão bem a ponto de me admirar, teoricamente estava morto, dissecado e descartado. Então quem poderia ter assinado o cartão com aquilo? Eu conhecia suficientemente os humanos para saber que um amigo ou familiar assinaria o próprio nome para ter certeza absoluta de que receberia todos os créditos pelas flores. Um humano comum, na verdade, já teria ligado para dizer “Recebeu minhas flores? Queria ter certeza, pois elas foram muito caras”.

Esse telefonema obviamente não viera, já que Rita imaginava que as rosas tinham vindo de mim. E tão claro quanto isso era que não havia nada de ameaçador num mistério mínimo daqueles.

Então por que eu sentia pezinhos gelados andando atrás do pescoço? Por que tinha tanta certeza de que um perigo escondido me ameaçava e, por consequência, ameaçava Lily Anne? Tentei ser lógico, algo em que já fora muito bom um dia. É claro, falei racionalmente para mim mesmo, não haviam sido apenas as flores... Também recebera um alarme de uma possível vigilância de um possível alguém mais cedo. E quando juntei tudo, percebi o que tinha: uma possibilidade muito forte de talvez haver algo ou não, o que poderia levar ou não a uma ameaça verdadeira. Ou algo assim.

Posto desse modo, de forma clara e lógica, fazia todo o sentido eu me sentir incomodado. Lily Anne estava sendo vigiada por um idiota.

Eu.

Capítulo Cinco



PASSEI UMA HORA SENTADO COM RITA E OLHANDO LILY Anne dormir, agitar-se e comer. Falando objetivamente, não foram atividades muito importantes, mas muito mais agradáveis e interessantes do que eu teria imaginado. Acredito que achar seu próprio bebê fascinante não é senão uma forma de vaidade, mas o que quer que isso dissesse a meu respeito, era o que eu fazia e estava gostando de fazer. Rita cochilou, acordando apenas uma vez quando Lily Anne se virou e chutou por alguns segundos. Então, alguns minutos depois, Rita fez uma careta, abriu os olhos e viu o relógio na parede em cima da porta.

— As crianças. — Falou.

— Sim. — Respondi, enquanto observava Lily Anne reagir à voz de Rita fechando e abrindo uma mãozinha.

— Você precisa buscar Cody e Astor, Dexter. Lá no programa de pós-aula.

Pisquei. Era verdade. O programa pós-aula deles fechava as seis, e a mulher que cuidava de tudo ficava muito mal-humorada as seis e quinze. O relógio marcava dez para as seis. Daria tempo.

— Muito bem. — Falei, então levantei e, relutante, comecei a me afastar de minha vigília do bebê.

— Traga-os para cá. — Disse Rita, e sorriu. — Eles precisam conhecer a nova irmãzinha.

Fui em direção à porta, já imaginando a cena maravilhosa: Cody e Astor entrando suavemente no quarto, com seus rostinhos animados com amor e surpresa ao ver a pequena maravilha que era Lily Anne. A cena estava clara em minha cabeça, processada com a genialidade combinada de Leonardo da Vinci e Norman Rockwell, e me peguei sorrindo enquanto perambulava pelo corredor em direção ao elevador. E era um sorriso *verdadeiro*. Uma expressão humana verdadeira, genuína e espontânea. E é claro que logo Cody e Astor estariam usando o mesmo sorriso apaixonado, olhando para a

pequena irmã deles e percebendo, como eu também percebi, que a vida no Caminho Sombrio não era mais necessária.

Pois Astor e Cody também tinham sido condenados a caminhar pelas sombras, monstros como eu, arremessados na escuridão pelos abusos selvagens de seu pai biológico. E eu, com meu orgulho distorcido, prometera guiá-los pelo Código de Harry, ensinando-os a serem predadores seguros e seguidores do Código, como eu era. Mas a chegada de Lily Anne mudara tudo aquilo. Eles também teriam de ver que tudo era novo e diferente. Não havia mais a necessidade de escapulir e se desviar. E como eu poderia, nesse admirável mundo novo, pensar em ajudá-los a cair naquele terrível e perigoso abismo de morte e deleite?

Não poderia. Tudo era novo agora. Eu os guiaria para a luz, os colocaria no caminho da Vida Correta, e eles cresceriam e seriam seres humanos descentes e honrados, ou pelo menos as melhores imitações possíveis disso. As pessoas podem mudar, será que eu estava pronto para a mudança bem diante de meus próprios olhos? Eu já tinha uma emoção e um sorriso verdadeiro, qualquer coisa era possível.

E então, com uma onda real de confiança genuinamente humana de que em breve tudo seriam flores, dirigi até o programa pós-aula, que era num parque perto de nossa casa. O tráfego estava no auge da hora do rush e do fluxo homicida, e tive uma nova ideia a respeito do que fazia os motoristas de Miami serem durões. Aquelas pessoas não estavam nervosas, elas estavam ansiosas. Cada uma delas tinha alguém esperando em casa, alguém que não tinham visto durante todo o miserável dia de trabalho. É claro que ficarão chateadas se outro motorista as atrasar. Todos têm sua Lily Anne em casa esperando por eles e por isso estão compreensivelmente ansiosos para chegar lá.

Era uma imagem estonteante. Pela primeira vez eu senti uma grande afinidade com aquelas pessoas. Estávamos conectados, um grande oceano de humanidade unido pelo mesmo objetivo, e me vi cantando uma música agradável e sinalizando com a cabeça meu perdão e entendimento para com aquela onda de dedos médios levantados em minha direção.

Cheguei ao parque apenas alguns minutos atrasado, e a jovem, parada ansiosamente na porta, me lançou um sorriso aliviado enquanto me entregava Cody e Astor.

— Senhor... Hã... Morgan. — Falou ela, já procurando as chaves na bolsa. — Como vai... Hã...?

— Lily Anne está bem. Logo, logo ela estará por aqui fazendo pinturas com as mãos.

— E a senhora... Hã... Morgan?

— Está descansando confortavelmente. — Respondi, o que deve ter sido o clichê correto, pois ela assentiu e sorriu de volta, colocando a chave na porta para trancar.

— Muito bem, crianças. — Disse ela. — Vejo vocês amanhã. Tchau! — E se apressou em direção ao carro, que estava do lado oposto ao do meu no estacionamento.

— Estou com fome. — Disse Astor quando nos aproximamos do carro. — Que horas vai ser o jantar?

— Pizza. — Falou Cody.

— Primeiro vamos até o hospital. Assim vocês poderão conhecer sua nova irmãzinha.

Astor olhou para Cody, ele olhou de volta e então os dois se viraram para mim.

— Bebê. — Resmungou Cody, sacudindo a cabeça negativamente. Ele nunca dizia mais que duas ou três palavras por vez, mas sua eloquência era impressionante.

— Queremos comer primeiro. — Disse Astor.

— Lily Anne está esperando por vocês. — Falei. — E sua mãe também. Entrem no carro.

— Mas estamos com fome. — Insistiu Astor.

— Não acham que conhecer a nova irmã de vocês é mais importante?

— Não. — Respondeu Cody.

— O bebê não vai a lugar algum, além de não estar fazendo nada senão viver lá, talvez faça cocô também. — Falou Astor. — Estamos sentados nesse prédio idiota há *horas* e estamos com *fome*.

— Podemos comprar umas barras de chocolate no hospital. — Falei.

— Chocolate? — Perguntou Astor, fazendo que aquilo soasse como se eu tivesse sugerido que comessem algo atropelado uma semana antes.

— Queremos pizza. — Falou Cody.

Suspirei. Parecia que o brilho cor-de-rosa não era contagioso.

— Entrem logo no carro. — Falei. E, com mais uma troca de olhares entre eles e um olhar mal-humorado duplo para mim, entraram.

A viagem de volta ao hospital deveria ter, em teoria, a mesma distância da ida até o parque. Mas na verdade pareceu ter o dobro do percurso, pois Astor e Cody ficaram sentados em completo e ranzinza silêncio o caminho todo, exceto quando passávamos por uma pizzaria, e Astor dizia “Ali tem um Papa John’s”, ou Cody falava baixo “Domino’s”. Dirigi por essas ruas minha vida toda, mas nunca percebera o quanto a civilização toda de Miami é voltada à pizza. A cidade está coberta disso.

Um homem mais fraco teria cedido e parado num dos muitos lugares de pizza, especialmente porque o cheiro de pizza quentinha entrou no carro mesmo com o ar condicionado ligado, e também fazia muitas horas desde que eu comera algo. Comecei a ficar com água na boca e, toda vez que uma das crianças dizia “Pizza Hut”, eu ficava muitíssimo tentado a parar o carro e atacar uma grande com todas as coberturas. Mas Lily Anne estava esperando e minha vontade era forte, por isso cerrei os dentes e mantive o caminho reto pela Dixie Highway e logo cheguei ao estacionamento do hospital e tentei arrastar duas crianças que não cooperavam para o prédio.

Eles foram arrastando os pés por todo o estacionamento. Em certo momento, Cody chegou a parar e olhar em volta como se alguém tivesse chamado seu nome, e ficou bem relutante em se mover de novo, mesmo não tendo chegado sequer à calçada.

— Cody! — Falei —, ande logo. Você vai ser atropelado.

Ele me ignorou. Seus olhos examinaram as filas de carros parados e se fixaram num que estava a mais ou menos trinta metros.

— Cody! — Falei de novo e tentei puxá-lo.

Ele sacudiu a cabeça de leve.

— Cara Sombrio. — Falou ele.

Senti um pezinho gelado em minha espinha e ouvi um abrir de asas cuidadoso à distância. Cara Sombrio era o nome que Cody dava a seu Passageiro das Trevas e, apesar de não estar treinado, não podia ser ignorado. Parei e olhei para o pequeno carro vermelho que lhe chamara a atenção, procurando por alguma pista que ressoasse em meu sentinela interno. Havia alguém parcialmente visível através do para-brisa lendo o *New Times*, o jornal semanal alternativo de Miami. Quem quer que fosse não deu sinal de interesse em nós ou em qualquer outra coisa além da matéria do jornal, uma denúncia a respeito das casas de massagem da cidade.

— Aquele cara está nos vigiando. — Disse Astor.

Pensei em meu alarme anterior e no misterioso buquê de rosas. Foram as flores que me fizeram decidir: a menos que houvesse uma toxina que agisse vagorosamente nos nervos, não havia um perigo real a minha volta. E mesmo sendo possível que a pessoa no carro fosse algum tipo de predador, afinal, estávamos em Miami, não senti uma pontada de alerta indicando que ele focava sua atenção em nós.

— Aquele cara está lendo o jornal. — Falei. — E estamos aqui parados no estacionamento perdendo tempo. Vamos logo.

Cody se virou para mim devagar e com uma expressão de surpresa e impertinência, eu fiz que não com a cabeça e apontei para o hospital. Os dois trocaram um de seus olhares aparentados e me lançaram uma expressão combinada que dizia que estavam desapontados, mas não surpresos com meu desempenho abaixo da média. Então se viraram juntos e começaram a caminhar em direção à porta do hospital. Cody olhou mais três vezes em direção ao carro, e eu acabei olhando de novo, mas não havia nada para ver a não ser um homem lendo o jornal, e por fim acabamos entrando.

Dexter é um homem de palavra, por isso os levei direto até a máquina de vendas para o prometido chocolate. Mas eles caíram novamente num completo silêncio, olhando para a máquina como se fosse algum aparelho de tortura. Comecei a ficar inquieto e impaciente, mais uma emoção humana real, agora já eram duas e

devo dizer que não estava gostando de minha transformação em humano.

— Vamos logo! — Falei. — Escolham um.

— Mas não queremos um desses! — Disse Astor.

— Preferem ficar com fome? — Perguntei.

— Preferimos uma pizza. — Falou Cody suavemente.

Senti minha mandíbula endurecer-se, mas me mantive frio e disse:

— Está vendo alguma pizza na máquina?

— A mamãe diz que muito doce faz você ter diabetes. — Tentou Astor.

— E muita pizza faz seu colesterol ficar alto. — Falei entredentes.

— E ficar com fome é algo bom para vocês. Vamos esquecer os chocolates e subir. — Estiquei a mão para eles e comecei a virar em direção ao elevador. — Vamos.

Astor hesitou com a boca meio aberta, e ficamos naquela posição por longos segundos. Então Cody finalmente disse:

— *Kit Kat*. — E o feitiço se quebrou.

Comprei um *Kit Kat* para o Cody, Astor escolheu um *Three Musketeers* e, finalmente, depois do que pareceu uma cirurgia longa e complicada, todos entramos no elevador e fomos ver Lily Anne.

Conseguimos passar o caminho todo até o quarto de Rita sem uma palavra sobre pizza ou diabetes, o que considerei um milagre, e, em meu novo otimismo humano, achei que conseguiríamos passar pela porta e chegar à presença de Lily Anne. Mas Astor parou completamente do lado de fora do quarto, e Cody fez o mesmo atrás dela.

— E se não gostarmos dela? — Perguntou Astor.

Pisquei. De onde viera aquilo?

— Como poderia não gostar dela? É um bebezinho lindo. E é sua irmã.

— Meia-irmã. — Lembrou Cody com suavidade.

— Jenny Baumgarten tem uma irmãzinha, e elas brigam o tempo todo. — Disse Astor.

— Você não vai brigar com Lily Anne. — Respondi, assustado com aquele pensamento. — Ela é só um bebê.

— Não gosto de bebês. — Continuou Astor, com uma expressão de teimosia crescendo no rosto.

— Desse você vai gostar. — Falei, e até mesmo eu me surpreendi com o tom firme de comando em minha voz. Astor olhou para mim sem muita certeza e depois para o irmão, e eu me aproveitei da hesitação deles e fui em frente.

— Vamos! — Falei. — Para dentro. — Coloquei uma mão no ombro de cada um deles e os guiei porta adentro.

Não mudara muita coisa no quadro. Ainda era A Virgem e o Menino, com Lily Anne sobre a mãe, que a segurava com um braço. Rita abriu os olhos sonolentos e sorriu quando entramos, mas Lily Anne apenas se agitou um pouco e continuou dormindo.

— Venham conhecer a irmã de vocês! — Falou Rita.

— Vocês dois só falam isso. — Respondeu Astor.

Ela ficou ali parada com cara de teimosa até que Cody passou por ela e se encaminhou para o lado da cama. A cabeça dele estava quase na mesma altura da de Lily Anne, e ele a estudou por um longo momento com aparente interesse. Por fim, Astor andou e ficou ao lado dele, parecendo mais interessada na reação de Cody que no bebê. Todos assistimos a Cody esticar um dedo devagar em direção a Lily Anne e tocar com muito cuidado a mãozinha fechada dela.

— Macio. — Falou ele e fez um carinho gentil na mão dela. Lily Anne abriu a mão, e Cody deixou que ela pegasse seu dedo. Ela fechou a mãozinha segurando o dedo dele, e, incrivelmente, Cody sorriu.

— Ela está me segurando! — Falou ele.

— Quero tentar! — Disse Astor, e tentou passar na frente dele e encostar no bebê.

— Espere sua vez. — Respondeu ele, e ela deu meio passo para trás e esperou impacientemente até que ele enfim afastou seu dedo de Lily Anne e deixou Astor tentar. Astor fez exatamente o mesmo que Cody e também sorriu quando Lily Anne segurou-lhe o dedo, e os dois se revezaram naquele novo jogo por uns quinze minutos.

E durante meia hora não ouvimos nenhuma palavra a respeito de pizza.

Capítulo Seis



FOI MUITO AGRADÁVEL PARA MIM VER TRÊS CRIANÇAS — minhas três crianças! — se dando bem. Mas é claro que qualquer criança poderia ter me dito que quando você está se divertindo com adultos por perto é só questão de tempo até que a diversão termine. E Rita, a única pessoa adulta de verdade no quarto, não nos decepcionou. Depois de mais ou menos meia hora ela olhou para o relógio falou:

— Muito bem. — E acrescentou as temidas palavras. — Amanhã tem aula.

Cody e Astor trocaram outro de seus olhares eloquentes nos quais não se fazia nenhum som, mas muitas coisas eram ditas.

— Mãe. — Disse Astor. — Estamos brincando com nossa irmãzinha —, e falou como se aquilo estivesse entre aspas e por isso Rita não podia fazer uma objeção.

Mas Rita era muito experiente naquele jogo e fez que não com a cabeça.

— Poderão brincar com Lily Anne amanhã. Agora Dex, Papai Dex, tem de levar vocês para casa e colocá-los na cama.

Os dois me olharam como se eu os tivesse traindo, e dei de ombros.

— Pelo menos vamos comer pizza. — Falei.

As crianças ficaram quase tão relutantes em deixar o hospital quanto estavam em entrar nele, mas consegui dar um jeito de levá-las para fora até meu carro. Em vez de repetir os horrores da primeira viagem e sofrer com o cheiro de pizza que atravessava a cidade toda, deixei Astor usar meu celular para pedir uma enquanto íamos embora, depois de apenas dez minutos que havíamos chegado em casa nosso jantar chegou. Cody e Astor atacaram a pizza como se não comessem havia um mês, e me senti com sorte por conseguir comer dois pedaços pequenos sem perder um braço.

Depois de jantarmos, assistimos TV até a hora de dormir, então mergulhamos nos rituais familiares de escovar os dentes, pôr pijama e deitar na cama. Era um pouco estranho para mim realizar aquela cerimônia; eu a testemunhara muitas vezes, mas Rita sempre foi a Grande Sacerdotisa da hora de dormir, e eu, estupidamente, me sentia temeroso de talvez errar em alguma parte. Mas fiquei pensando no que Rita dissera no hospital, quando derrapou verbalmente e me chamou de "Papai Dex". Eu era mesmo o Papai Dex agora, e tudo aquilo era meu gramado. Logo eu realizaria os mesmos rituais com Lily Anne, guiaria a ela e a seus irmãos em segurança através dos baixios traiçoeiros da noite até suas camas, e achei aquilo um pensamento estranhamente reconfortante. Na verdade, aquilo me sustentou até a hora em que Cody e Astor finalmente se cobriram, e eu fui apagar a luz.

— Ei! — Disse Astor. — Esqueceu das preces.

Pisquei, sentindo-me repentinamente bem desconfortável.

— Não conheço nenhuma prece.

— Não precisa dizer nenhuma, apenas ouvir. — Falou ela.

Acredito que qualquer um com um mínimo de autoconsciência acabará vez ou outra sentindo-se completamente hipócrita na companhia de crianças, e chegara minha vez. Mas me sentei com o rosto solene e ouvi aquela cantoria sem sentido que eles recitavam todas as noites. Tinha quase certeza de que eles não acreditavam naquilo mais do que eu, mas era parte do procedimento, e por isso devia ser feito, e nos sentimos melhor quando acabamos com aquilo.

— Muito bem! — Falei enquanto me levantava e apagava a luz. — Boa noite.

— Boa noite, Dexter. — Falou Astor.

— Noite... — Disse Cody suavemente.

No curso normal das coisas, eu provavelmente me sentaria no sofá com Rita e assistiria a mais uma hora de televisão, apenas para manter as aparências do disfarce, mas essa noite eu não precisava me sujeitar à provação de fingir que os programas eram engraçados ou interessantes, por isso não voltei para a sala. Em vez disso, andei pelo corredor até o pequeno quarto que Rita dizia ser meu escritório.

Eu o usava, em geral, para pesquisas ligadas a meu passatempo. Havia um computador, para que eu seguisse aqueles indivíduos especiais que mereciam minha atenção, e também um pequeno armário, onde eu podia guardar alguns itens inofensivos, como fita adesiva e linha grossa de pesca.

Havia também um pequeno arquivo que eu mantinha trancado e que continha algumas pastas com notas a respeito de possíveis amigos para "brincar" comigo, então me sentei à minha pequena escrivaninha e o abri. Não havia muitas perspectivas lá no momento. Eu tinha duas possibilidades, mas devido à quantidade de eventos não conseguira pesquisar nenhuma delas, e agora pensava se um dia faria isso. Abri uma pasta e a examinei. Havia um pedófilo assassino que fora solto duas vezes graças a um álibi conveniente. Eu tinha certeza de que poderia desmascarar seu álibi e provar que era culpado, não dentro da lei, claro, mas de modo satisfatório para os rígidos padrões que meu pai adotivo e policial, Harry, incutira em mim. E havia uma boate em South Beach listada como o último lugar onde muitas pessoas haviam sido vistas pela última vez antes de desaparecerem. Canino, era o nome do lugar, nome bem estúpido para uma boate. Além de citado no caso das pessoas desaparecidas, o local era mencionado também em alguns documentos da Agência de Imigração. Aparentemente, eles tinham uma rotatividade bem alta na cozinha, e alguém na Imigração suspeitava que os lavadores de pratos não estavam correndo de volta para o México por causa do gosto da água de Miami.

Imigrantes ilegais eram alvos maravilhosamente fáceis para predadores. Mesmo quando somem não há reclamação oficial; família, amigos e patrões não ousam prestar queixa à polícia. E então eles desaparecem, em números que ninguém consegue saber ao certo, apesar de eu acreditar que são altos o bastante para levantar algumas sobranceiras, mesmo aqui em Miami. E alguém naquela boate estava claramente se aproveitando da situação. Talvez o gerente, pensei, pois ele tinha de saber da rotatividade. Folheei o arquivo e achei o nome dele: George Kukarov. Ele morava em Dildo Island, um belo endereço de praia não muito longe do bar. Uma mão na roda para trabalhar e brincar: fazer os registros

contábeis, contratar um DJ, matar o lavador de pratos e ir para casa jantar. Eu podia quase ver a coisa: um belo esquema, tão limpo e conveniente que quase me dava inveja.

Coloquei o arquivo na mesa e pensei um pouco nele. George Kukarov: gerente de um bar, assassino. Fazia todo o sentido, o tipo de sentido que deixava o cão farejador interior de Dexter pronto e salivando, choramingando de ansiedade e tremendo com a necessidade de sair e pegar a raposa. E o Passageiro se agitava concordando, esticando as asas com um farfalhar de penas e dizendo: *sim, é ele mesmo. Hoje a noite, juntos, Agora...*

Podia sentir a luz da lua entrando pela janela e batendo em minha pele, atingindo-me bem lá no fundo, mexendo o caldo sombrio de meu âmago e fazendo aqueles pensamentos maravilhosos subirem à superfície, e enquanto o cheiro do caldo fervente subia e surgia no ar noturno, eu podia imaginá-lo amarrado à mesa com fita adesiva contorcendo-se e enrijecendo-se com o mesmo terror úmido que fizera saltar de sabe-se lá quantos metros, e pude ver a faca subindo e...

Mas a imagem de Lily Anne surgiu, e a luz da lua já não era tão brilhante, e o sussurro da lâmina foi desaparecendo.

E o corvo do novo Dexter grasnou *Nunca mais*, e a lua se escondeu atrás da nuvem fofa e prateada de Lily Anne, a faca voltou para a bainha, e Dexter voltou a sua vidinha suburbana enquanto Kukarov deslizou para a liberdade e para a continuação de suas maldades.

Meu Passageiro das Trevas lutou contra, é claro, e minha mente racional o acompanhou. *Sério mesmo, Dexter?* Cantarolou ele com uma doce razão. *Podemos mesmo deixar todas essas travessuras predatórias a solta? Deixar os monstros caminhando pelas ruas quando temos poder para detê-los de um jeito definitivo e divertido? Podemos real e verdadeiramente ignorar o desafio?*

E então pensei de novo na promessa que fiz no hospital: eu seria um homem melhor. Nada mais de Dexter Demoníaco, agora eu era o Papai Dexter, dedicado ao bem-estar de Lily Anne e de minha nova família. Pela primeira vez, a vida humana me pareceu rara e valiosa, apesar de haver tantas delas e de a maioria sempre falhar em provar

que merecia existir. Mas eu devia a Lily Anne tentar mudar meu jeito, e era o que eu iria fazer.

Fiquei olhando para o pequeno arquivo em meu colo. Ele cantava suavemente, sedutor, pedindo que eu cantasse junto e criasse uma bela música sob o luar... Mas não. A grande ópera de minha nova filha tocava mais alto, com a abertura aumentando de volume, e com a mão firme eu devolvi os papéis para o arquivo e fui para a cama.

Cheguei ao trabalho só um pouco depois do normal na manhã seguinte, pois tive de levar Astor e Cody à escola primeiro. Antigamente, essa era uma tarefa de Rita. É claro que tudo era diferente agora; era o Ano Um da Era de Ouro de Lily Anne. Eu levaria as crianças para a escola por um previsível futuro, ou pelo menos até Lily Anne ser grande o bastante para poder circular segura numa cadeirinha de carro. E se isso significava não ir mais ao trabalho com os primeiros pássaros da manhã, aquilo me parecia ser um sacrifício bem pequeno.

Mas o sacrifício pareceu um pouco maior quando finalmente cheguei ao escritório e descobri que alguém, e não o Dedicado Dexter, trouxera rosquinhas, que já haviam desaparecido, deixando apenas a caixa de papelão amassada e manchada. Mas quem precisa de rosquinhas quando a própria vida é tão doce? Fui trabalhar do mesmo jeito, com um sorriso no coração e uma música nos lábios.

Pelo menos não havia nenhum chamado frenético para que eu corresse até uma cena de crime, então consegui adiantar um monte de papéis de rotina nos primeiros noventa minutos do trabalho. Também liguei para Rita para saber se Lily Anne estava bem e se não fora raptada por alienígenas, e quando ela me garantiu com sua voz sonolenta que tudo estava bem, falei que a visitaria à tarde.

Pedi alguns materiais, arqueei uns relatórios e deixei minha vida profissional praticamente toda arrumada, e apesar daquilo não compensar de todo a falta de rosquinhas, fez com que eu me sentisse muito bem comigo mesmo; Dexter não gosta de desordem.

Ainda estava embrulhado em minha nuvem cor-de-rosa de satisfação um pouco antes das dez quando o telefone da minha

mesa tocou. Fui até ele e atendi com um animado alô.

— Alô, Morgan falando! — E fui recompensado com a voz grosseira de minha irmã Deborah.

— Onde você está? — Perguntou ela, mesmo sendo algo totalmente desnecessário. Se estava falando com ela do telefone preso a minha mesa por um longo fio, onde poderia estar? Talvez os celulares destruam mesmo o tecido cerebral.

— Estou bem aqui do outro lado da linha.

— Me encontre no estacionamento. — Falou Deborah, e desligou antes que eu pudesse protestar.

Encontrei Deborah ao lado de seu carro, inclinada impacientemente sobre o capô e fazendo cara feia para mim, então num lampejo de brilho estratégico eu decidi atacar primeiro.

— Porque tenho de vir encontrá-la aqui fora? Você tem um ótimo escritaninha, com cadeiras e ar-condicionado.

Ela se endireitou e pegou as chaves.

— Meu escritório está infestado.

— De quê?

— Deke. — Respondeu ela. — Aquele filho da puta estúpido e bajulador não me deixa em paz.

— Ele não pode deixá-la em paz. Ele é seu parceiro.

— Ele está me deixando louca. Encosta a bunda na minha escritaninha e fica lá sentado, esperando que eu fique caída por ele.

Era uma imagem impressionante, Deborah caindo da cadeira bem aos pés de seu novo parceiro, mas apesar de ser algo bem vívido em minha cabeça, aquilo não fazia sentido.

— Por que você cairia aos pés de seu parceiro?

Ela fez que não com a cabeça.

— Será que você não percebeu que ele é *estupidamente* lindo? Se não notou, você é o único na porra do prédio todo. Incluindo o próprio Deke.

Eu notara, claro, mas não percebia o que a aparência ridiculamente bela dele tinha a ver com o que discutíamos.

— Certo. — Falei. — Eu notei sim. E daí?

— E daí que ele acha que vou me jogar pra cima dele como todas as outras garotas que já conheceu. E isso me dá náusea. Ele é mais

burro que uma caixa de pedras, e se senta no canto da minha mesa passando fio dental na porra de seus dentes perfeitos, esperando que eu diga o que tem de fazer, e, se tiver que olhar mais dois segundos para ele, vou acabar explodindo a cabeça do maldito. Entre no carro.

Deborah nunca foi de esconder seus verdadeiros sentimentos, mas ainda assim, aquilo era uma explosão de sentimentos, e fiquei ali parado um instante olhando enquanto ela entrava no carro e ligava o motor. Ela acelerou por um momento e, para garantir que eu entendera a mensagem de que estava com pressa, apertou o botão da sirene para um rápido *Uóóóóó* que me acordou de meu espanto e me fez sentar no banco do passageiro. Antes mesmo de eu fechar a porta, ela engatou a marcha e já estávamos rodando para fora do estacionamento e para a rua.

— Não acho que ele esteja nos seguindo. — Falei enquanto ela pisava fundo e acelerava pelo meio do tráfego. Deborah não respondeu. Ela simplesmente desviou de um caminhão carregado de melancias e acelerou para longe da delegacia e de seu parceiro.

— Onde estamos indo? — Perguntei, segurando firme no encosto de braço e temendo pela minha querida vida.

— Para a escola.

— Que escola? — Perguntei, imaginando se o ronco do motor estaria escondendo alguma parte importante de nossa conversa.

— A escola dos riquinhos que Samantha Aldovar frequentava. A tal da Ransom Everglades.

Pisquei. Não parecia um destino que requeria tanta pressa, a menos que Deborah pensasse que estávamos atrasados para a aula, mas aqui estávamos nós, costurando no trânsito num ritmo bem perigoso. Em todo caso, parecia uma boa notícia saber que se eu sobrevivesse à viagem até lá, não enfrentaria nada mais mortífero que uma possível bolinha de papel cuspidada de uma caneta. E é claro que, considerando o nível econômico e social da escola, com certeza seria uma bolinha de alta qualidade, o que também era um consolo.

Então não fiz mais que cerrar os dentes e me segurar firme enquanto Deborah correu pela cidade, entrou na LeJeune e nos levou para Coconut Grove. À direita na US1, à direita na Douglas e à

esquerda na Poinciana para cortar até a avenida Principal, e estávamos na escola, no que só poderia ser um tempo recorde, se por acaso alguém estivesse anotando esse tipo de coisa.

Passamos pelo portão de pedras e corais, e um guarda deu dois passos para nos deter. Deborah mostrou seu distintivo, e o guarda se inclinou para examiná-lo antes de fazer um sinal com a mão para que entrássemos. Passamos por trás de uma fileira de prédios e paramos embaixo de uma enorme figueira-de-bengala numa vaga onde se lia: RESERVADO PARA O SR. STOKES. Deborah desligou o carro e saiu, e eu fui atrás. Caminhamos por um caminho de sombra até o sol e olhei em volta para ver o lugar que todos crescemos conhecendo como "a escola dos riquinhos". Os prédios eram limpos e pareciam novos. O terreno era muito bem conservado. O sol brilhava um pouco mais aqui, as palmeiras balançavam um pouco mais gentilmente, e, juntando tudo, parecia ser um dia muito bom para ser um garoto rico.

O prédio da administração era paralelo ao centro do campus e tinha um corredor de ventos no meio, então paramos na recepção logo depois da entrada dele. Pediram para esperar pela assistente de alguma coisa. Pensei em nosso diretor assistente na escola. Ele era enorme e tinha a testa de um Cro-Magnon que parecia os nós dos dedos. Então fiquei meio surpreso quando uma mulher pequena e elegante chegou e nos cumprimentou.

— Policiais? — Disse ela gentilmente. — Sou a senhorita Stein. Como posso ajudá-los?

Deborah apertou-lhe a mão.

— Preciso lhe fazer algumas perguntas sobre uma de suas alunas.

A senhorita Stein levantou uma sobrancelha para que víssemos que aquilo não era nem um pouco comum. A polícia não aparecia lá para perguntar sobre as alunas dela.

— Venham até o meu escritório. — Falou e nos levou por um caminho curto através de um corredor até uma sala com uma escrivaninha, cadeira e várias fotos e quadros nas paredes. — Sentem-se, por favor. — Sem nem olhar para mim, Deborah pegou a cadeira de plástico moldado que ficava na frente da escrivaninha e me deixou procurando um espaço na parede que não tivesse

quadros com memórias para que eu pudesse ao menos me encostar confortavelmente.

— Muito bem. — Continuou a senhorita Stein. Ela se sentara na cadeira atrás da mesa e olhava para nós como uma expressão educada e simpática no rosto. — Qual é o assunto?

— Samantha Aldovar está desaparecida — falou Deborah.

— Sim. — Respondeu a senhorita Stein. — Ficamos sabendo, é claro.

— Que tipo de estudante ela era?

A senhorita Stein franziu a testa.

— Não posso passar as notas delas ou outras coisas assim a você. Mas ela é uma ótima aluna. Acima da média, eu diria.

— Ela recebe alguma ajuda financeira para frequentar esta escola? — Perguntou Debs.

— Essa informação é confidencial, claro. — Disse a senhorita Stein. E Deborah olhou feio para ela, mas, por incrível que parecesse, a outra não pareceu intimidar-se. Talvez ela estivesse acostumada com olhares intimidadores de pais abastados. Era claramente um impasse, então decidi ajudar.

— Ela é muito provocada pelas outras crianças? A respeito de dinheiro ou alguma outra coisa?

Ela olhou para mim e me lançou um meio sorriso do tipo isso-não-é-engraçado.

— Me parece que vocês acham que pode haver um motivo financeiro para o desaparecimento dela.

— Você sabe se ela tem namorado? — Perguntou Debs.

— Não sei. E, se soubesse, não tenho certeza se deveria contar para vocês.

— Senhorita Stern. — Falou Debs.

— É *Stein*. — Respondeu ela.

Deborah fez um gesto com a mão de tanto faz.

— Não estamos investigando Samantha Aldovar, e sim o *desaparecimento* dela. Se ficar dificultando nosso trabalho, estará nos impedindo de encontrá-la.

— Não vejo como...

— Gostaríamos de encontrá-la ainda viva. — Disse Deborah, e fiquei orgulhoso do tom frio e duro que ela usou. A senhorita Stein até ficou pálida.

— Eu não... As coisas pessoais eu realmente não sei. Talvez possa arranjar para que um dos amigos dela fale com você...

— Isso nos ajudaria bastante. — Falou Deborah.

— Acho que ela era muito amiga de Tyler Spanos. Mas eu teria de ficar junto.

— Vá buscar Tyler Spanos, senhorita Stein. — Disse Deborah.

A senhorita Stein mordeu o lábio e se levantou, caminhou em direção a porta sem nem um pouco da postura chique com a qual entrara. Deborah se recostou e se remexeu um pouco na cadeira como se estivesse tentando achar um jeito confortável de sentar nela. Mas não havia. Ela desistiu depois de um minuto e se sentou ereta, cruzando e descruzando as pernas impacientemente.

Meu ombro estava dolorido e tentei encostar-me na parede com o outro. Vários minutos se passaram; Deborah olhou para mim umas duas ou três vezes, mas nenhum de nós tinha nada a dizer.

Finalmente ouvimos vozes vindo da porta e aumentando de volume. Aquilo durou meio minuto e então houve um novo silêncio. Depois de vários longos minutos nos quais Deborah recruzou as pernas e eu voltei a encostar-me com o primeiro ombro, a senhorita Stein entrou rapidamente no escritório. Ela continuava pálida e não parecia feliz.

— A Tyler Spanos não veio hoje. — Falou. — Nem ontem. Por isso liguei para a casa dela. — Ela hesitou como se estivesse envergonhada, e Deborah teve de apressá-la.

— Ela está doente?

— Não, ela... — A senhorita Stein hesitou de novo e mordeu o lábio. — Eles... Ela estava trabalhando num projeto escolar com outra aluna. — Disse finalmente. — Disseram que ela, hã, para fazer o projeto... Disseram que ela estava na casa da outra garota.

Deborah se esticou na cadeira.

— Samantha Aldovar. — Falou Debs, e não era uma pergunta.

A senhorita Stein respondeu assim mesmo.

— Isso. Ela mesma.

Capítulo Sete



ENTRE AS LEIS QUE QUALQUER ESCOLA PODE USAR PARA proteger os alunos de assédio policial, e a nuvem de pais e ex-alunos que uma escola como a Ransom Everglades pode reunir, poderia ser muito difícil para nós conseguirmos juntar informações a respeito do que agora era um desaparecimento duplo. Mas a escola escolheu o caminho da dignidade e resolveu usar a crise como um exercício de ativismo comunitário. Eles nos deixaram sentados no mesmo escritório que tinha as paredes cheias de quadros enquanto a senhorita Stein se apressava em alertar professores e administradores.

Olhei em volta da sala e vi que ainda havia o mesmo número de cadeiras. Meu lugar na parede não parecia mais terrivelmente convidativo. Mas decidi que nosso significado no grande esquema das coisas crescera vários pontos quando descobriam que duas alunas da escola tinham sumido, e, para resumir, agora era importante demais para ficar encostado na parede. E havia, afinal, outra cadeira perfeitamente boa na sala.

Eu acabara de me ajeitar na cadeira da senhorita Stein quando meu telefone tocou. Olhei a tela e descobri que era Rita me ligando. Atendi.

— Alô?

— Dexter, oi, sou eu.

— Esse foi meu primeiro palpite.

— Quê? Ah, bom, ouça! — Falou ela, o que não pareceu necessário, pois eu estava ouvindo. — O médico disse que estou pronta para ir embora, então pode vir nos buscar?

— Você está o quê? — Perguntei, completamente surpreso, afinal, Lily Anne nascera no dia anterior.

— Pronta. — Repetiu ela pacientemente. — Estamos prontas para ir para casa.

— Mas ainda é muito cedo.

— O médico disse que não é. Eu já fiz isso antes, Dexter.

— Mas e a Lily Anne... Ela pode pegar algo, e tem o banco do carro — falei, e percebi que estava tão em pânico ao pensar em Lily Anne saindo da segurança do hospital que estava falando como Rita.

— Ela está bem, Dexter, e eu também. E queremos ir para casa, então, por favor, venha nos buscar, está bem?

— Mas Rita... — Falei.

— Estaremos esperando. Tchau. — Disse e desligou antes que eu pudesse pensar em algum motivo razoável de porque ela não deveria sair do hospital ainda.

Encarei o telefone por um momento, e então o pensamento de Lily Anne saindo do hospital para um mundo cheio de germes e terroristas me reanimou e me colocou em ação. Guardei o celular na capinha dele e pulei em pé.

— Temos de ir! — Falei para minha irmã.

— É, já tinha percebido. — Falou Debs e jogou as chaves do carro para mim. — Volte aqui o mais rápido possível.

Dirigi para o sul no mais puro estilo Miami, que quer dizer movendo-se rápido e suavemente pelo tráfego como se não existissem as faixas na pista. Normalmente não dirijo de maneira tão extravagante; sempre senti que, ao contrário do verdadeiro espírito das ruas de nossa cidade, chegar ao destino é tão importante quanto manter uma imagem de força ao longo do trajeto. Mas os movimentos fluíam naturalmente dentro de mim, afinal, cresci aqui, e a atual situação parecia pedir toda a pressa e firmeza masculina que eu conseguisse ter. No que Rita estava pensando? E mais, como ela persuadira os médicos a colaborarem com ela? Não fazia sentido. Lily Anne era pequenina, frágil, terrivelmente vulnerável, e mandá-la direto para a vida dura e fria lá de fora parecia uma completa insanidade e total falta de sensibilidade.

Parei em casa apenas para pegar a cadeirinha novinha para o bebê. Praticara aquilo durante semanas, querendo ser perfeito quando chegasse a hora, mas a hora chegara antes e descobri que meus dedos, normalmente tão habilidosos, eram blocos gelados e desajeitados enquanto eu tentava colocar a coisa no lugar junto com o cinto de segurança. E não consegui passá-lo pela abertura traseira

da coisa. Eu empurrei, puxei e finalmente cortei o dedo no plástico, então joguei tudo no chão enquanto chupava o sangue do corte.

Aquilo não deveria ser seguro? Como poderia proteger Lily Anne quando me atacara tão agressivamente? E mesmo se funcionasse como deveria, e nada funcionava assim, como eu poderia manter Lily Anne a salvo num mundo como o nosso? Especialmente tão cedo após seu nascimento, era loucura mandá-la para casa agora, com apenas um dia de vida. Era a típica arrogância e indiferença médica. Eles se acham tão espertos porque passaram em química orgânica. Mas não sabem tudo, eles não viram o que um coração de pai disse tão claramente para mim. Era cedo demais para Lily Anne sair para o mundo frio e cruel, apenas para economizar alguns dólares do seguro de saúde. Aquilo não poderia acabar bem.

Consegui por fim colocar a cadeirinha no lugar e então corri para o hospital. Mas, ao contrário de meus medos perfeitamente lógicos, quando cheguei ao hospital, Rita não estava parada do lado de fora se desviando de tiros enquanto Lily Anne brincava no lixo com seringas usadas. Em vez disso, Rita estava numa cadeira de rodas na recepção com um pacotinho de bebê muito bem embrulhado nos braços. Ela me olhou com um sorriso quando me apressei até ela e disse:

— Dexter, você veio muito rápido.

— Ah! — Falei, tentando registrar o fato de que, de algum jeito, tudo estava bem. — Bom, na verdade eu estava meio perto.

— Você não vai correr tanto para nos levar para casa, né? — Falou ela. E antes que eu pudesse argumentar que nunca dirigiria rápido com Lily Anne no carro nem pensava que ela iria sair tão cedo daqui, um jovem alegre e cabeludo veio até nós e segurou as travas da cadeira de rodas de Rita.

— Ei, aí está o papai! — Falou ele. — Vocês estão prontos?

— Sim, isso é... Obrigado. — Disse Rita.

O jovem piscou e falou:

— Muito bem! — Então se abaixou para soltar a trava e começou a empurrar Rita em direção à porta. E já que em algum momento até mesmo eu tenho de cooperar com o inevitável, resignado, respirei fundo e fui atrás deles.

No carro, peguei Lily Anne de Rita e a coloquei cuidadosamente na agressiva cadeirinha. Mas por alguma razão, toda a prática que adquiri treinando com a boneca de Astor não serviu muito com um bebê real, e Rita teve de me ajudar a prender Lily Anne no lugar certo. Então foi um Dexter completamente desamparado e cheio de dedos que finalmente se sentou atrás do volante e ligou o carro. E com vários olhares ansiosos para o espelho para me certificar de que a cadeirinha não pegara fogo, saí com o carro do estacionamento para a rua.

— Não vá muito rápido. — Falou Rita.

— Sim, querida.

Dirigi devagar para casa, mas não devagar o suficiente para arriscar enervar e ultrajar meus colegas cidadãos, mas a certa distância do limite de velocidade. Cada toque de buzina e dedo levantado de carros com o som no último volume pareciam novos e ameaçadores, e quando parava nos faróis vermelhos eu me pegava olhando ansiosamente para os carros próximos para ver se alguma arma automática estava apontada em nossa direção. Mas, de algum jeito milagroso, chegamos em casa em segurança. Soltar as amarras da cadeirinha de Lily Anne foi muito mais fácil que prender, e rapidamente eu já levava ela e Rita para dentro e as deixara confortáveis no sofá.

Olhei para as duas, e de repente tudo parecia tão diferente agora, pois era a primeira vez que estavam aqui, em casa, e só de ver meu novo bebê naquele antigo arranjo parecia sublinhar o fato de a vida ser nova, maravilhosa e frágil.

Enrolei descaradamente, mergulhando naquilo e aproveitando aquele mundo maravilhoso. Toquei os dedinhos de Lily Anne e passei a parte de trás de meu dedo nas bochechas dela, que eram mais macias que tudo que eu já sentira antes, e não sei por que achei que podia sentir o rosa-bebê dela diretamente na ponta de meus dedos. Rita segurava o bebê, e entrou num transe sorridente enquanto eu encostava, cheirava e olhava, até que finalmente olhei para o relógio e vi quanto tempo se passara, e lembrei que estava aqui com um carro emprestado, cuja dona era conhecida por decapitar as pessoas verbalmente por muito menos.

— Tem certeza de que está bem? — Perguntei a Rita.

Ela abriu os olhos e sorriu, o sorriso antigo que Leonardo fazia tão bem, da mãe com a criança.

— Já fiz isso antes, Dexter. Vamos ficar bem.

— Você tem certeza? — Perguntei, com uma sensibilidade nova em folha que realmente estava sentindo.

— Tenho certeza — falou, e muito relutantemente eu as deixei.

Quando voltei para o campus da Ransom Everglades com o carro de Debs, descobri que ela conseguira uma sala no antigo prédio de madeira com vista para a baía, que seria uma sala de interrogatório temporária. O Pagode, como era chamado o prédio, ficava encarapitado num pequeno morro acima da área esportiva. Era um prédio antigo de madeira que não parecia que conseguiria sobreviver a uma tempestade de verão, mas que estava ali há tempo o bastante para tornar-se um marco histórico.

Quando entrei, Deborah conversava com um jovem extremamente arrumado e ela apenas me deu uma olhadela e me cumprimentou com a cabeça sem interromper a resposta do garoto. Sentei na cadeira perto dela.

Pelo resto do dia, estudantes e mestres vieram ao prédio antigo, um de cada vez, para nos dizer o que sabiam sobre Samantha Aldovar e Tyler Spanos. Os alunos que vimos eram todos brilhantes, bonitos e educados, e os professores pareciam ser inteligentes e dedicados, por isso comecei a apreciar os benefícios da educação privada. Se eu tivesse tido a oportunidade de frequentar um lugar como esse, quem sabe o que poderia ter me tornado? Em vez de um simples analista de borrifos de sangue que escapa furtivamente a noite para matar sem consciência, poderia ter me tornado médico, ou físico, quem sabe até um senador que escapa furtivamente a noite para matar sem consciência. Era terrivelmente triste pensar em todo o potencial que desperdicei.

Mas educação privada é cara e estava muito além do que Harry podia pagar, e mesmo se pudesse, duvido que escolhesse algo assim. Ele sempre foi cauteloso com o elitismo e sempre acreditou em todas as nossas instituições públicas. Até mesmo a escola pública, ou talvez principalmente a escola pública, pois era lá que

aprenderíamos os instintos básicos de sobrevivência de que ele sabia que iríamos precisar.

Com certeza eram instintos que as duas garotas desaparecidas gostariam de ter. Quando Debs e eu terminamos as entrevistas, por volta das cinco e meia da tarde, tínhamos descoberto algumas coisas bem interessantes sobre elas, mas nada que sugerisse que poderiam sobreviver na selva de Miami sem um cartão de crédito e um iPhone.

Samantha Aldovar continuava sendo um quebra-cabeças, até mesmo para as pessoas que achavam que a conheciam bem. Os alunos sabiam que ela tinha algum tipo de ajuda financeira, mas não parecia ser algo que importasse para eles. Todos disseram que ela era agradável, quieta, boa em matemática e não tinha namorado. Ninguém conseguiu pensar numa razão para ela ter ensaiado o próprio desaparecimento. E ninguém conseguiu lembrar-se de vê-la algum dia com alguém de caráter duvidoso, a não ser Tyler Spanos.

Tyler era o tipo criança-problema e, ao examinar o quadro todo, a amizade delas parecia algo extremamente improvável. Enquanto Samantha ia e voltava da escola com sua mãe num Hyundai que já tinha quatro anos, Tyler dirigia o próprio carro, um Porsche. Enquanto Samantha era quieta e tímida, Tyler parecia ser a típica garota topa-tudo, uma festa barulhenta infinita procurando um lugar para acontecer. Ela não tinha namorado apenas porque não conseguia se limitar a um menino por vez.

E mesmo assim a amizade se desenvolveu no último ano, e as duas garotas estavam quase sempre juntas no almoço, depois das aulas e nos finais de semana. Aquilo não era apenas estranho, mas também a única coisa que incomodava Deborah mais que todo o resto. Ela fizera perguntas e escutara as respostas calmamente, fizera um chamado de desaparecimento do Porsche de Tyler e (com um arrepio) mandara seu parceiro Deke falar com a família Spanos, e nenhuma daquelas coisas resultara em mais do que uma ondulação no rosto do Mar de Deborah. Mas por alguma razão a estranha amizade entre as duas garotas a deixara agitada como um Cocker Spaniel ao sentir cheiro de carne.

— Não faz nenhum sentido, porra.

— Elas são adolescentes. — Lembrei. — Adolescentes não fazem sentido.

— Errado. — retrucou Deborah. — Algumas coisas sempre fazem sentido, especialmente adolescentes. Nerds ficam com nerds, atletas saem com animadoras de torcida. Isso nunca muda.

— Talvez elas tenham algum interesse secreto em comum. — Sugeri olhando casualmente para o relógio, o que me mostrou estar bem perto da hora de eu ir para casa.

— Aposto exatamente nisso. — Concordou Debs. — E aposto que se descobirmos o que é, descobriremos onde estão.

— Ninguém aqui parece saber onde poderia ser. — Falei, já tentando na verdade construir uma boa frase para poder ir embora.

— Mas que diabos está errado com você? — Disse Deborah abruptamente.

— Como é?

— Você fica se remexendo como se precisasse mijar.

— Ah, bom, na verdade... — Falei — está quase na hora de eu ir embora. Tenho que pegar Cody e Astor antes das seis.

Minha irmã me encarou pelo que pareceu ser um longo tempo.

— Eu nunca teria acreditado nisso. — Disse ela por fim.

— Acreditado no quê?

— Em você ter se casado, ter filhos, essas coisas. Um homem de família, com tudo o que rola em sua vida.

E com aquilo ela queria dizer meu lado negro, meu papel antigo de Dexter o Vingador, a lâmina solitária sob a luz do luar. Ela descobrira meu alter ego e aparentemente se reconciliara com ele, justo na hora em que eu resolvo abandoná-lo.

— Bom, imagino que eu também não teria acreditado. Mas... — Dei de ombros. — Aqui estou eu com uma família.

— É mesmo. — Falou ela e desviou o olhar. — E antes de mim.

Assisti enquanto o rosto dela trabalhava para reorganizar-se a sua máscara usual de autoridade sempre mal-humorada, mas isso levou vários momentos, e nesse intervalo ela pareceu chocantemente vulnerável.

— Você a ama? — Perguntou de repente, virando-se para encarar-me, e eu pisquei com a surpresa. Uma pergunta tão direta e pessoal

não era do estilo de Deborah, e isso era uma das razões para nos darmos tão bem. — Você ama Rita? — Repetiu, deixando-me sem nenhum espaço de manobra.

— Eu... Não sei. — Respondi, cuidadoso. — Eu, hã, me acostumei com ela.

Deborah me encarou e então sacudiu a cabeça.

— Se acostumou com ela. Como se fosse uma cadeira fácil de sentar ou algo assim.

— Não tão fácil assim. — Falei, tentando injetar um pouco de leveza no que de repente se tornara uma conversa muito incômoda.

— Mas você sente amor? — Ela quis saber. — Acha que consegue sentir?

Pensei em Lily Anne.

— Sim. — Respondi. — Acho que sim.

Deborah observou meu rosto por vários e longos segundos, mas realmente não havia muito para ver, então ela por fim se virou e olhou pela antiga janela de madeira em direção à baía.

— Merda. — Falou ela. — Vá para casa. Pegue as crianças e fique com sua mulher-cadeira-fácil-de-sentar.

Eu não era humano havia muito tempo, mas mesmo assim, soube que havia algo de errado nas Terras de Deborah e não poderia deixá-la assim.

— Debs?! — Falei. — Qual é o problema?

Vi os músculos do pescoço dela se tencionarem, mas ela continuou olhando para o outro lado, para as águas.

— Toda essa merda de família. — Falou. — E as duas garotas e a porra das famílias ferradas delas. E sua família com um cara fodido como você. Nunca é como deveria ser, e nunca é certo, mas todos conseguem, menos eu. — Ela respirou fundo e sacudiu a cabeça em negação. — E eu realmente queria uma. — Ela se virou para mim *com* certa ferocidade. — E nada de fazer nenhuma merda de piada sobre relógio biológico, hein?

Sendo completamente honesto, algo que sou quando preciso ser, estava chocado demais pelo comportamento de Deborah para conseguir fazer alguma piada, fosse sobre relógios biológicos ou qualquer outra coisa. Mas fazendo piada ou não, sabia que tinha de

dizer algo, então procurei a coisa certa e só consegui pensar em perguntar sobre Kyle Chutsky, o namorado com o qual ela morava havia alguns anos. Vira aquele movimento numa novela matinal alguns anos antes. Gosto de estudar esses programas para saber como agir em situações comuns, e parece que valera a pena para o que acontecia agora.

— Está tudo bem com o Kyle? — Perguntei.

Ela bufou, mas seu rosto se suavizou.

— Maldito Chutsky. Ele se acha velho demais, inútil e detonado para uma coisinha nova e bela como eu. Sempre diz que posso arranjar alguém melhor. E quando digo que talvez eu não queira alguém melhor, ele faz que não com a cabeça e parece infeliz.

Aquilo tudo era muito interessante, uma visão fascinante da vida de alguém que era humana havia muito mais tempo que eu, mas estava sem ideias para comentários construtivos e senti muito a pressão do relógio, o que estava em meu pulso, não o biológico. Então, procurando algo para dizer que seria apropriadamente reconfortante e ainda indicasse que eu precisava ir embora imediatamente, tudo o que consegui pensar foi:

— Bom, tenho certeza de que ele fala isso para o seu bem.

Deborah me encarou por tempo suficiente para me fazer imaginar se dissera a coisa certa. Então suspirou pesadamente e se virou outra vez para a janela.

— É. Tenho certeza de que ele fala para o meu bem. — E continuou olhando para a baía e não falou mais nada, mas, pior que qualquer palavra que poderia ter dito, ela suspirou.

Aquele era um lado de minha irmã que eu não vira ainda, e não era um lado que eu gostaria de ver mais vezes. Estava acostumado a uma Deborah cheia de som e fúria e socos significativos no braço. Vê-la suave, vulnerável e sofrendo com pena de si mesma era perturbador ao extremo. Mesmo sabendo que devia dizer algo reconfortante, não tinha ideia de por onde começar, então fiquei ali parado desconfortável, até que enfim a necessidade de partir foi mais forte que meu senso de obrigação.

— Sinto muito, Debs. — Falei, e estranhamente eu sentia mesmo.

— Tenho de ir buscar as crianças agora.

— Certo. — Respondeu ela sem se virar. — Vá buscar as crianças.

— Hã... Preciso de uma carona até meu carro.

Ela se virou devagar e olhou para a entrada do prédio, onde a senhorita Stein andava de um lado para o outro. Então assentiu com a cabeça e se levantou.

— Muito bem. Terminamos aqui. Ela passou por mim, parou apenas para agradecer a senhorita Stein com uma educação seca e continuou nos levando até seu carro em silêncio.

O silêncio durou quase o caminho todo até meu carro e não foi muito confortável. Sentia que devia dizer algo, melhorar o humor ali, mas minhas duas primeiras tentativas foram tão fracas que parei de tentar. Debs entrou no estacionamento do trabalho e parou ao lado de meu carro, olhando diretamente para a frente com o mesmo olhar de introspecção triste que usara a viagem toda. Olhei para ela por um momento, mas ela não olhou para mim.

— Muito bem. — Falei finalmente. — Vejo você amanhã.

— Como foi? — Falou ela, e eu parei com a porta meio aberta.

— Como foi o quê?

— Quando você segurou seu bebê pela primeira vez.

Não precisei pensar muito para responder.

— Incrível. Absolutamente maravilhoso. Não é igual a nada no mundo.

Ela olhou para mim, e não consegui saber se iria me abraçar ou me dar um soco, mas ela não fez nem uma coisa nem outra, apenas sacudiu a cabeça devagar.

— Vá pegar as crianças. — Falou. Esperei um segundo para ver se ela ia dizer mais alguma coisa, mas ela não disse nada.

Saí do carro, e enquanto ela ia embora devagar, fiquei parado olhando, tentando entender o que estava acontecendo com minha irmã. Mas estava claro que era algo muito complicado para um humano recém-criado, então dei de ombros, entrei no carro e fui buscar Cody e Astor.

Capítulo Oito



O TRÁFEGO ESTAVA PESADO QUANDO ME DIRIGI PARA O SUL pela velha Cutler Road para pegar Cody e Astor, mas, por alguma razão, todos pareciam muito educados naquela parte da cidade hoje. Um homem dirigindo um Hummer vermelho enorme até parou para me deixar entrar quando as pistas se juntaram, e nunca vira isso antes. Aquilo me fez pensar se terroristas não tinham colocado algo no sistema de água de Miami para fazer que ficássemos calmos e amáveis. Primeiro eu resolvera desistir de meus Caminhos Sombrios; depois Debs ficara à beira do choro, e agora um motorista de um Hummer, na hora do rush, estava sendo educado e atencioso. Será que aquilo era o Apocalipse?

Mas não vi nenhum anjo envolto em chamas no resto do caminho até o parque onde Cody e Astor estavam, e mais uma vez cheguei lá um pouco antes das seis da tarde. A mesma mulher jovem estava esperando perto da porta com os dois, sacudindo suas chaves e praticamente dançando de impaciência. Ela quase jogou as crianças para mim e então, com um sorriso mecânico que não estava no mesmo nível dos meus falsos, disparou para seu carro lá no fim do estacionamento.

Coloquei Astor e Cody no banco de trás de meu carro e me sentei ao volante. Eles ficaram em relativo silêncio, até Astor, então, em meu novo papel de pai humano, decidi que deveria falar um pouco com eles.

— Todos tiveram um bom dia? — Falei com grande animação sintética.

— O Antony é um cuzão. — Respondeu Astor.

— Você não devia usar essa palavra, Astor. — Falei, meio chocado.

— Até a mamãe diz essa palavra quando está dirigindo. — Respondeu ela. — E também ouvi no rádio, no carro dela.

— Bom, mesmo assim não deveria usá-la. É uma palavra feia.

— Você não precisa falar comigo desse jeito. Já tenho dez anos.

— Não é idade suficiente para usar essa palavra. — Falei. — Independentemente de como falo com você.

— Então você não liga para o que o Anthony fez? Só quer ter certeza de que eu não vou usar mais aquela palavra?

Respirei fundo e fiz um esforço especial para não passar por cima do carro a minha frente.

— O que o Antony fez?

— Ele disse que não sou gostosa. — Falou Astor — porque não tenho peitos.

Senti minha boca abrir e fechar algumas vezes, sozinha, e bem na hora eu me lembrei de que ainda precisava respirar. Aquilo claramente estava bem acima de minha capacidade, mas também era claro que eu precisava dizer algo.

— Bom, eu... Eu... Hã, hum... — Falei de forma distinta. — Quero dizer, poucos de nós têm peitos aos dez anos.

— Ele é tão bunda-mole. — Falou ela num tom sombrio, e então, num tom bem melado, acrescentou: — Posso falar bunda-mole, Dexter?

Abri a boca novamente para balbuciar alguma coisa, mas antes de conseguir encontrar uma sílaba sem sentido, Cody falou:

— Tem alguém nos seguindo.

Por reflexo, olhei no espelho retrovisor. Naquele tráfego era impossível dizer se havia mesmo alguém nos seguindo.

— Por que está dizendo isso, Cody? — Perguntei. — Como sabe?

Pelo espelho eu pude vê-lo dar de ombros.

— O Cara Sombrio. — Falou ele.

Suspirei novamente. Primeiro Astor com sua torrente de palavras proibidas, e agora Cody com seu Cara Sombrio. Obviamente eu estava numa daquelas noites que os pais têm de vez em quando.

— Cody, o Cara Sombrio pode errar as vezes.

Ele fez que não com a cabeça.

— É o mesmo carro.

— O mesmo de onde?

— O carro do estacionamento do hospital — continuou Astor. — O vermelho, e você disse que o cara não estava olhando para nós

quando na verdade estava sim. E agora ele está nos seguindo apesar de você achar que não.

Gosto de pensar que sou um homem racional, mesmo em situações irracionais, como a maioria das que envolvem crianças. Mas naquele ponto, senti que deixara o intruso irracional ir longe demais e uma pequena lição era necessária. Além disso, se eu ia seguir minha resolução de atravessar para o lado ensolarado da rua, precisava começar a desmamá-los de suas imaginações sombrias em algum momento, e aquele era tão bom quanto qualquer outro.

— Muito bem. — Falei. — Vamos ver se ele está mesmo nos seguindo.

Fui para a faixa da esquerda e liguei o pisca, indicando que iria virar. Ninguém nos seguiu.

— Está vendo alguém? — Perguntei.

— Não. — Respondeu Astor, rabugenta.

Virei à esquerda numa rua ao lado de um pequeno shopping.

— Tem alguém nos seguindo?

— Não. — Respondeu Astor de novo.

Acelerei pela rua e virei à direita.

— E agora? — Perguntei, animado. — Alguém atrás de nós?

— Dexter... — Resmungou Astor.

Parei em frente a uma casa pequena e comum, bem parecida com a nossa, colocando dois pneus na grama e meu pé no freio.

— E agora? Alguém está seguindo a gente? — Falei tentando não tripudiar demais apesar de demonstrar meu ponto de vista de forma dramática.

— Não. — Sibilou Astor.

— Sim. — Falou Cody.

Virei-me para repreendê-lo e congelei. Pelo vidro traseiro eu pude ver que a uns trinta ou quarenta metros um carro se aproximava lentamente de nós. O sol se punha, e havia luz apenas o suficiente para eu conseguir ver um flash de cor vermelha do pequeno carro, e então ele continuou rastejando em nossa direção pelas sombras da rua de três pistas. E como acordado por aquelas sombras, o Passageiro Sombrio abriu cuidadosamente suas asas e sibilou um aviso.

Sem pensar pisei fundo no acelerador, antes mesmo de olhar para a frente, deixando um rastro de grama amassada atrás de nós e quase acertando a caixa de correios ao olhar para a frente. O carro derrapou de leve quando voltei à rua.

— Se segurem! — Falei para as crianças e, sentindo algo muito próximo do pânico, acelerei pela rua e voltei à US1.

Pude ver que o carro continuava atrás de mim, mas já estava bem longe dele quando entrei na rodovia, e virei rapidamente à direita, entrando no meio do tráfego pesado. Comecei a respirar de novo, apenas uma ou duas vezes, enquanto acelerava cruzando três pistas cheias de carros em movimento para ficar na última da esquerda. Passei como uma bala num farol que acabara de ficar vermelho e acelerei pela rua por quase um quilômetro antes de ver uma abertura no tráfego do contrafluxo, cantando pneu para fazer uma curva à esquerda pela pista contrária, descendo até outra rua residencial calma. Passei por dois cruzamentos e então virei de novo à esquerda, estando agora numa rua paralela à US1. A rua estava escura e silenciosa e não havia sinal de nada atrás de nós agora, nem mesmo uma bicicleta.

— Muito bem. Acho que o despistamos.

No espelho eu vi Cody olhando para fora, pelo vidro traseiro, então se virou, viu meu olhar e assentiu com a cabeça.

— Mas quem era, Dexter?

— Só um maluco qualquer. — Falei com mais segurança na voz do que realmente sentia. — Algumas pessoas se divertem assustando outras pessoas que elas nem conhecem.

Cody fez uma careta.

— O mesmo cara — falou ele — do hospital.

— Você não tem como saber isso.

— Tenho.

— É só uma coincidência. Dois malucos diferentes. — Falei para ele.

— O mesmo. — Respondeu ele com desdém.

— Cody... — Falei. Mas podia sentir a adrenalina baixando e não queria discutir, então deixei aquela passar. Ele iria aprender quando crescesse que a grande Miami tinha uma enorme e variada coleção

de malucos e predadores, e muitos deles eram as duas coisas. Não havia como saber por que alguém nos seguira, e realmente não importava. Quem quer que fosse já ficara para trás.

Apenas para garantir, continuei dirigindo por ruas laterais até em casa, para o caso de nosso perseguidor estar vigiando a rodovia. Além disso, com o sol se pondo, ficava mais fácil ver alguém atrás de nós nas ruas escuras de casas alinhadas, longe do brilho laranja das luzes da US1. E não havia ninguém para vermos; uma ou duas vezes apareceram faróis no espelho, mas eram apenas viajantes retornando à pátria, entrando em suas ruas e parando em frente a suas casas.

Chegamos finalmente ao cruzamento que nos levaria a nosso pequeno bangalô. Entrei na rua e cheguei ao cruzamento da US1 com cuidado, olhando em todas as direções. Não havia nada para ver a não ser o tráfego, e nenhum dos carros parecia sinistro, e quando o farol abriu, cruzei a avenida e passei por mais dois cruzamentos até chegar a nossa casa.

— Muito bem. — Falei quando nosso pequeno pedaço do céu surgiu à frente. — Não vamos contar nada disso para a mãe de vocês, está bem? Ela só iria ficar preocupada. Combinado?

— Dexter — falou Astor enquanto se inclinava sobre o banco da frente e apontava para um ponto além de nossa casa. Olhei para onde o braço dela se esticava e pisei no freio com força o suficiente para me fazer bater os dentes.

Um pequeno carro vermelho estava estacionado diretamente em frente à casa, com a frente apontada para nós. As luzes estavam acesas e o motor ligado, e eu não conseguia enxergar dentro, mas não precisava ver para sentir o bater rápido de asas negras e um sibilar nervoso do Passageiro, que estava completamente acordado.

— Fiquem aqui e tranquem as portas. — Falei para as crianças e dei meu celular para Astor. — Se algo acontecer, ligue para a polícia.

— Posso dirigir se você morrer? — Perguntou Astor.

— Só fiquem aqui! — Falei, respirando fundo, reunindo a escuridão...

— Eu sei dirigir. — Falou Astor, soltando-se do cinto de segurança e indo para o banco da frente.

— Astor. — Falei de forma afiada, e houve um eco de outra voz, um comando frio, se juntando à minha. — Fique aí! — Falei, e ela voltou a seu lugar quase humildemente.

Saí devagar e olhei o outro carro. Não tinha como ver dentro nem havia sinal de nada perigoso; apenas um pequeno carro vermelho com as luzes acesas e o motor ligado. Senti o equivalente a uma batida repetida em um tambor vinda do Passageiro, o que significava que estava pronto para a ação, mas não sabia qual. Poderiam ser motosserras flamejantes ou uma torta na cara.

Andei em direção ao carro tentando planejar o que fazer, o que era impossível porque não sabia o que queriam, ou mesmo quem poderia ser. Não dava mais para acreditar que era só um maluco qualquer, não se ele sabia onde eu morava. Mas quem era? Quem teria alguma razão para agir daquele jeito? Entre os vivos, quero dizer, porque entre os mortos havia várias vítimas que adorariam vir atrás de mim, mas elas estavam longe de poder fazer qualquer coisa a não ser decompor-se.

Andei tentando ficar preparado para qualquer coisa, mas isso também era impossível. Ainda não havia nenhum sinal de vida dentro do carro, e nada vindo do Passageiro a não ser um bater de asas cauteloso e intrigado.

E quando eu estava a uns três metros de distância, o vidro da janela do passageiro foi descendo, e eu parei bruscamente. Nada aconteceu por um longo momento, e então um rosto surgiu na janela, um rosto familiar com um sorriso alegre e falso.

— Não foi divertido? — Falou ele. — Quando ia me contar que virei tio?

Era meu irmão Brian.

Capítulo Nove



NÃO VIA MEU IRMÃO DESDE AQUELA NOITE MEMORÁVEL. Vários anos antes, quando nos encontramos pela primeira vez como adultos, num contêiner no porto de Miami, e ele me ofereceu uma faca para que eu o acompanhasse na vivisseccção de sua vítima escolhida. Mas o que aconteceu foi que não consegui fazer aquilo, por mais estranho que isso pareça. Talvez por ele ter escolhido Deborah e a mão morta havia anos de Harry ter apertado tão forte minha alma hipotética que não consegui machucá-la, mesmo ela não sendo minha irmã de sangue como o Brian.

Na verdade, ele era meu único parente biológico, pelo menos até onde eu sabia, apesar de que, se considerarmos o pouco que eu descobrira sobre nossa rodada mãe, tudo era possível. Era possível que eu tivesse uns doze meios-irmãos e irmãs morando num trailer em Immokalee. Em todo caso, muito mais importante que a ligação sanguínea que tínhamos... Bom, era o outro tipo de ligação sanguínea que tínhamos. Porque o Brian foi forjado no mesmo fogo que me transformou em Dexter Sombrio, e também deu a ele uma necessidade incontrolável de fatiar e picar. Infelizmente, ele cresceu sem as restrições do Código de Harry para guiá-lo e ficava muito feliz em praticar sua arte em qualquer um, desde que fosse fêmea e jovem. Ele trilhara seu caminho com uma série de prostitutas de Miami quando nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez.

Da última vez que o vi, ele estava fugindo para a noite com uma bala do lado da barriga, a única chance que pude dar a ele, já que Deborah estava lá e muito a fim de conversar com ele numa sala de interrogatório. Pelo visto, ele conseguira ajuda médica, pois parecia bem saudável agora. Um pouco mais velho, claro, mas ainda se parecia muito comigo. Tinha a compleição física e o peso bem próximos dos meus, e suas feições pareciam uma imitação mais crua e gasta das minhas. E o escárnio brilhante e vazio de que eu me

lembrava ainda estava em seus olhos quando me olhou de dentro de seu carro vermelho.

— Recebeu minhas flores? — Perguntou ele, fiz que sim com a cabeça e voltei a andar.

— Brian! — Falei me inclinando para o carro. — Você parece bem.

— E você também, caro irmão. — Respondeu ele, ainda sorrindo. Depois esticou a mão e deu um tapinha em minha barriga. — Acho que você engordou um pouco. Sua esposa deve *cozinhar* bem.

— Cozinha mesmo! — Falei. — Ela cuida muito bem de mim. Corpo e, hã... Alma.

Rimos juntos de eu ter usado aquela palavra de conto de fadas, e pensei mais uma vez em como era bom conhecer alguém que me entendia. Eu tivera um vislumbre rápido e tentador dessa ligação que aceitava tudo naquela única noite que estivemos juntos, e agora percebia de quanto eu abrira mão... E talvez ele tivesse percebido o mesmo também, pois ali estava ele.

Mas é claro que nada é tão simples assim, em especial para os residentes da Torre Negra, e senti uma leve pontada de desconfiança.

— O que está fazendo aqui, Brian?

Ele sacudiu a cabeça com uma falsa autopiedade.

— Já está suspeitando de algo? Da sua própria carne e sangue?

— Bom... — Respondi. — Sabe como é. Hã... Considerando tudo...?

— Tem razão. Por que não me convida para entrar e conversamos?

A sugestão foi como água gelada passando por meu pescoço. Convidá-lo para entrar? Em minha casa, onde minha outra vida separada cuidadosamente repousava em seu ninho de algodões brancos e limpos? Deixar gotas de sangue salpicarem o tecido imaculado de meu disfarce? Era uma ideia terrível que mandou uma onda de desconforto horrível por meu corpo. Além disso, nunca mencionara a ninguém que eu tinha um irmão, e nesse caso a "ninguém" era Rita, e ela com certeza ficaria imaginando o porquê daquela omissão. Como eu poderia convidá-lo para o mundo das panquecas de Rita, DVDs da Disney e lençóis limpos? Convidá-lo

para entrar, por tudo o que era mais profano, para o Santuário de Lily Anne? Não seria certo. Era um sacrilégio, uma violação e uma blasfêmia...

Contra o que exatamente? Ele não era meu irmão? Aquilo não deveria cobrir todo o resto num cobertor de beatice hipócrita? É claro que podia confiar nele... Mas em tudo? Minha identidade secreta, minha Fortaleza da Solidão... E até Lily Anne, minha criptonita?

— Não precisa babar, irmão. — Falou Brian, interrompendo meus pensamentos que voavam em pânico. — É muito inconveniente.

Sem pensar, limpei o canto da boca com a manga, ainda procurando desesperadamente por alguma resposta coerente. Mas antes que eu pudesse chegar a uma sílaba pelo menos, uma buzina de carro soou próxima e eu me virei e vi o rosto rabugento de Astor me olhando pelo para-brisa de meu carro. A cabeça de Cody estava bem ao lado da dela, silencioso e observador. Pude ver Astor se mexendo e falando *Vamos logo, Dexter!* Então ela buzinou de novo.

— Seus enteados. Crianças encantadoras, tenho certeza. Posso conhecê-los?

— Ahãh! — Respondi com uma autoridade impressionante.

— Vamos, Dexter. Não vou *comê-los*. — Ele soltou um risinho estranho que não confirmava o que dizia, mas ao mesmo tempo percebi que ele era meu irmão e que Cody e Astor já estavam longe de poderem ser regenerados, como já tinham demonstrado várias vezes. Com certeza não haveria problema em deixar que conhecessem o, hum... Tio postigo deles?

— Está bem. — Falei e fiz um sinal com a mão para que Astor se juntasse a nós. Com uma velocidade louvável os dois pularam do carro e vieram até nós, dando a Brian apenas o tempo suficiente para descer de seu carro e parar a meu lado.

— Muito bom. — Falou ele. — Mas que crianças lindas!

— Ele é lindo. — Falou Astor. — Eu sou só bonitinha até que meus peitos cresçam, e então serei gostosa.

— Com certeza. — Falou Brian e então virou sua atenção para Cody. — E você, homenzinho, você é... — E parou ao olhar nos olhos de Cody.

Cody ficou ali parado olhando para Brian, com os pés separados e os braços retos ao lado do corpo. Eles ficaram se olhando e pude ouvir o abrir de asas dos dois, um sombrio e sibilante cumprimento de espectros interiores gêmeos. Havia um olhar de admiração beligerante no rosto de Cody, que ficou ali parado olhando por um longo momento, até que finalmente olhou para mim e disse:

— É como eu — disse Cody —, Cara Sombrio.

— Incrível. — Falou Brian, e Cody se virou e o encarou novamente. — O que foi que fez, irmão?

— Irmão? — Perguntou Astor, exigindo claramente o mesmo tempo de atenção. — Ele é seu irmão?

— Sim, é meu irmão. — Falei para Astor e acrescentei para Brian. — Não fiz nada. Foi o pai biológico deles.

— Ele costumava bater muito na gente. — Explicou Astor.

— Entendi... — Falou Brian. — E assim criou o Evento Traumático que gera todos nós.

— Acho que sim — falei.

— E o que fez com este extraordinário potencial inexplorado? — Brian perguntou com os olhos ainda em Cody.

Eu estava agora num território bem desconfortável, considerando que meu plano era treiná-los sob o Código de Harry, um código que agora eu estava determinado a evitar, e percebi que não queria falar abertamente sobre aquilo, pelo menos não agora.

— Vamos entrar! — Falei. — Quer uma xícara de café ou algo assim?

Brian tirou os olhos vagarosos e vazios de Cody e olhou para mim.

— Eu adoraria, irmão. — Falou ele e, com mais uma olhada para as crianças, se virou e caminhou em direção à porta de minha casa.

— Você nunca disse que tinha um irmão. — Falou Astor.

— Igual a *nós*. — Acrescentou Cody.

— Vocês nunca perguntaram. — Respondi, sentindo-me estranhamente na defensiva a respeito de tudo.

— Devia ter nos contado. — Falou Astor, e Cody olhou para mim com a mesma acusação silenciosa, como se eu tivesse violado uma regra básica de confiança.

Mas Brian já estava parado à porta, então me virei e fui para lá também. Eles vieram atrás de mim, claramente bravos, e me ocorreu que essa não seria a última vez que eu ouviria aquelas palavras. O que eu diria a Rita quando ela me perguntasse exatamente o mesmo, o que ela decerto faria? É claro que eu nunca dissera a eles que tinha um irmão. Considerando que Brian era exatamente igual a mim mas sem nenhuma das restrições de Harry, algo como um Dexter Sem Amarras, o que eu poderia dizer? A única apresentação apropriada seria: “Este é meu irmão... Corram para salvar suas vidas!”

Em todo caso, não antecipara que o veria de novo em minha vida após aquele encontro breve e vertiginoso. Eu nem sabia se ele conseguiria sobreviver. É óbvio que conseguiu, mas por que voltou? Imagino que faria mais sentido continuar longe; Deborah com certeza se lembraria dele. Não era o tipo de encontro que alguém esquece, e, afinal, ela era justo o tipo de pessoa que tem uma enorme satisfação profissional em prender alguém como ele.

E eu sabia muito bem que ele não voltara por causa de algum sentimento em relação a mim. Ele não tinha sentimentos. Então, por que estava ali e o que eu podia fazer a respeito?

Brian esticou a mão para a porta e olhou para mim levantando uma sobrancelha. Aparentemente, a primeira coisa que eu tinha de fazer era abrir a porta e deixá-lo entrar. E foi o que fiz; ele fez uma pequena reverência e entrou, com Cody e Astor se embolando atrás dele.

— Mas que bela casa. — Falou Brian, olhando em volta da sala. — Tão caseira.

Havia pilhas de DVDs sobre o antigo sofá, uma pilha de meias no chão e duas caixas vazias de pizza na mesinha de centro. Rita ficara no hospital por quase três dias, e é claro que não tivera energia para limpar nada pois voltara naquela manhã. E apesar de eu preferir um ambiente arrumado, estivera muito distraído para fazer algo a respeito daquilo, por isso aquele lugar não estava em seu melhor momento. E para falar a verdade, estava uma bagunça assustadora.

— Desculpe. — Falei para ele. — Estivemos meio, hã...

— Sim, eu sei, aquele evento abençoado. — Respondeu ele. — Em cada vida, alguma coisa doméstica falhará.

— O que isso quer dizer? — Quis saber Astor.

— Dexter? — Era Rita chamando do quarto. — Por acaso... Tem alguém aí com você?

— Sou eu. — Respondi.

— O irmão dele está aqui. — Falou Astor num tom beligerante.

Houve uma pausa seguida pelo som de um farfalhar em pânico de algum tipo, e então Rita surgiu ainda penteando o cabelo com uma mão.

— Irmão? Mas isso... Ah! — E então parou olhando para Brian.

— Cara senhora... — Falou Brian com uma satisfação zombeteira e cortante. — Como você é bonita. Dexter sempre teve bom olho para coisas belas.

Rita levou as mãos à cabeça.

— Ó meu Deus, estou toda desarrumada. — Falou ela. — E a casa está... Mas Dexter, você nunca disse que tinha um irmão, e isto é...

— É mesmo. — Concordou Brian. — E peço desculpas por essa inconveniência.

— Mas seu irmão... — Repetiu Rita. — E você nunca disse nada.

Senti os músculos de minha mandíbula se moverem, mas não importava quão cuidadosamente eu escutasse, não consegui me ouvir dizendo nada. Brian ficou me olhando e se divertindo por um momento até que finalmente falou.

— Acredito que seja tudo culpa minha. — Disse ele. — Dexter acreditava que eu estava morto fazia tempo.

— Isso! — Falei, sentindo-me como um dos Três Patetas pegando uma deixa.

— Mesmo assim... — Falou Rita, ainda mexendo sem perceber no cabelo. — Você nunca... Você disse que era... Quer dizer, como poderia não saber...?

— É algo muito doloroso. — Respondi timidamente. — Não gosto de falar sobre isso.

— Ainda assim... — Repetiu Rita e, mesmo não tendo um guia do território em que tínhamos entrado, sabia que não era a última vez

que eu ouviria falar daquilo. Então, esperando levar-nos de volta a um terreno mais firme, balbuciei as únicas palavras que encontrei.

— Pode fazer um café para nós?

— Ah! — Falou Rita, com sua impertinência mudando para uma expressão de surpresa e culpa. — Me desculpe... Você gostaria de... Quer dizer, sim, claro, sentem-se. — Ela foi até o sofá removendo as coisas que cobriam tudo com uma série de movimentos rápidos e precisos que nos deixaram bem orgulhosos, domesticamente falando.

— Pronto! — Falou ela, enquanto empilhava ao lado do sofá tudo o que retirara e fazia um sinal com a mão para Brian. — Sente-se, por favor, e... Ah, meu nome é Rita.

Brian deu um passo à frente com um galanteio suave e pegou-lhe a mão.

— Eu sou o Brian. Mas sente-se, por favor, minha cara. Não deveria estar em pé tão cedo.

— Ah! — Falou Rita, enrubescendo. — Mas o café, eu preciso...

— Tenho certeza de que o Dexter não é tão inútil que não possa fazer um café, não? — Disse ele, levantando uma sobrancelha para ela, que soltou um risinho.

— Imagino que não saberemos se não o deixarmos tentar — Respondeu ela, sorrindo, derretida, para ele enquanto se afundava no sofá. — Dexter, você pode... São três colheres para seis copos, e depois coloque a água no...

— Acho que sei fazer... — Respondi, e se aquilo soou um pouco rude, quem tinha mais direito a grosseria do que eu? Brian ficou sentado ao lado de minha esposa em meu sofá, e eu fui até a cozinha fazer café. E enquanto eu passava ruidosamente pelas etapas de encher o pote na pia e colocar a água na máquina, ouvi lá do fundo um silencioso fechar de asas de morcego no momento em que o Passageiro se retirava. Mas das bobinas geladas do alegadamente poderoso cérebro de Dexter eu só ouvia um gaguejar de confusão e incerteza. O chão parecia estar se abrindo sob meus pés. Sentia-me exposto, ameaçado e assaltado por todos os exércitos sombrios da noite.

Por que meu irmão retornou? E por que aquilo me fazia sentir terrivelmente inseguro?

Capítulo dez



ALGUNS MINUTOS DEPOIS EU DISTRIBUÍRA O CAFÉ NAS canecas e as colocara numa bandeja junto com o açucareiro e duas colheres. Carreguei com cuidado até a sala e congelei. A cena que vi era a de uma família feliz, charmosa em todos os aspectos, exceto o fato de que não incluía a mim. Meu irmão estava instalado no sofá junto com Rita como se sempre tivesse morado lá. Cody e Astor estavam em pé a alguns passos olhando para ele fascinados, e eu congelei à porta da cozinha e olhei para aquele quadro com uma sensação crescente de desconforto. Ver Brian ali, em meu sofá, com Rita se inclinando na direção dele enquanto falava e com Cody e Astor assistindo... Era simplesmente bizarro e surreal demais. As imagens não combinavam, mas eram muito perturbadoras, como se entrasse numa grande catedral e encontrasse pessoas copulando no altar.

Brian, claro, não parecia nem um pouco perturbado. Imagino que seja uma das grandes vantagens de ser incapaz de sentir algo. Ele parecia tão confortável em meu sofá como se tivesse crescido com ele. E apenas para enfatizar o fato de que aparentemente pertencia àquele lugar mais do que eu, ele me viu espreitando com o café e fez um gesto com a mão apontando a cadeira ao lado do sofá.

— Sente-se, irmão. Sinta-se em casa.

Rita se endireitou no sofá, e Cody e Astor viraram a cabeça para mim e ficaram olhando enquanto eu me aproximava com o café.

— Ah! — falou Rita, e para mim aquilo souu meio culpado. — Você esqueceu o leite, Dexter. — E antes que alguém pudesse dizer algo, ela já estava na cozinha.

— Você fica chamando ele de irmão. — Falou Astor para Brian. — Por que não usa o nome dele?

Brian piscou algumas vezes, e senti uma onda de afinidade. Não era só eu... Astor também o reduziu a meros movimentos com o olho.

— Não sei. — Respondeu Brian. — Imagino que seja porque nosso relacionamento é uma grande surpresa para nós dois.

Cody e Astor viraram a cabeça para olhar para mim em sincronia perfeita.

— Sim. — Falei, e era verdade. — Uma surpresa completa.

— Por quê? — Perguntou Astor. — Muitas pessoas têm irmãos.

Eu não tinha ideia de como explicar, e enrolei colocando a bandeja na mesinha e me sentando na cadeira. E mais uma vez foi Brian e não eu quem quebrou o silêncio.

— Muitas pessoas também têm família. Como vocês dois. Mas irmão... Dexter e eu não tivemos. Nós fomos, hã... Abandonados. E em circunstâncias muito desagradáveis. — Ele lançou seu sorriso brilhante outra vez e tenho quase certeza de que apenas imaginei haver um brilho de verdade por trás daquilo. — Especialmente para mim.

— Como assim? — Perguntou Astor.

— Eu fiquei órfão. Num orfanato. Cresci passando por várias casas diferentes onde as pessoas não gostavam mim e não me queriam de verdade, mas eram pagos para ficar comigo.

— Dexter teve uma casa. — Falou Astor.

Brian assentiu.

— Sim, teve mesmo. E agora tem outra.

Senti garras frias em minhas costas e não sabia por quê. É claro que não havia ameaça nas palavras de Brian, mas mesmo assim...

— Vocês dois precisam entender o quão sortudos são — falou Brian — de terem uma casa... E também alguém que os entenda. — Ele olhou para mim e sorriu de novo. — E agora dois alguéns! — E me lançou uma terrível piscada falsa.

— Isso quer dizer que você estará sempre por aqui? — Perguntou Astor.

O sorriso de Brian aumentou uma fração.

— Pode ser que sim. Para que serve a *família*?

As palavras de Brian me colocaram em movimento outra vez, e me inclinei em direção a ele como se alguém tivesse queimado minhas costas.

— Tem certeza? — Falei e senti que as palavras viraram caroços frios e desajeitados em minha boca. Mesmo assim continuei. — Quer dizer, você sabe, ahm... É ótimo ver você de novo e tudo mais, mas... Há certo risco envolvido.

— Que risco? — Quis saber Astor.

— Sei ser muito cuidadoso. — Respondeu Brian —, como nós dois sabemos.

— É só que, bom, você sabe, Deborah pode aparecer. — Falei.

— Ela não apareceu nas duas últimas semanas. — Falou ele, erguendo uma sobrancelha zombeteira para mim. — Apareceu?

— Como você sabe disso? — Perguntou Astor. — E de que interessa se a Tia Deborah vem aqui ou não?

Foi muito interessante ouvir aquele "duas semanas" e saber exatamente por quanto tempo Brian vinha nos vigiando, e nós dois ignoramos a interrupção de Astor porque era algo claramente muito importante. Se Deborah visse Brian ali, nós dois estaríamos indescritivelmente fritos. Mas o que Brian disse era verdade: Deborah não aparecia com muita frequência ultimamente. Eu não havia pensado ainda na razão daquilo, mas talvez à luz do recente derretimento dela em relação ao assunto de eu ter uma família antes dela, acho que ela achava aquilo doloroso.

Para minha sorte, fui poupado de outra lição de dinâmica da família quando Rita voltou apressada segurando uma pequena jarriinha de leite e também um prato de cookies.

— Pronto. — Disse ela, colocando suas cargas na mesinha e arrumando as coisas de um jeito mais perfeito. Afinal, ela era a Poderosa Rita, Regente Absoluta das Coisas do Lar e da Cozinha.

— Tínhamos um pouco daquele blend de café jamaicano de que você disse que gostava, Dexter. Você usou? — Assenti com a cabeça enquanto ela arrumava as coisas na mesinha de centro. — É que, já que você gostou tanto, talvez o seu irmão goste também. — E ela carregou a palavra *irmão* com tanto peso extra que fiquei com a certeza de que não era a última vez que eu ouviria falar disso.

— O cheiro é absolutamente maravilhoso. — Falou Brian. — Já me sinto mais animado.

As palavras dele eram tão falsas que eu estava certo que Rita ia se virar para Brian com a sobrancelha levantada e o lábio curvado. Mas, em vez disso, ela enrubesceu enquanto se sentava no sofá e esticava uma caneca para ele.

— Você quer leite ou açúcar?

— Ah, não! — Respondeu Brian, sorrindo para mim. — Gosto bem escuro.

Rita colocou a caneca na frente dele e um guardanapo ao lado.

— O Dexter gosta com um pouco de açúcar.

— Minha cara dama! — Soltou Brian. — Eu diria que isso ele realmente encontrou.

Não sei que terrível sofrimento transformou Brian na Fonte de Falsidades que agora eu via sentado em meu sofá, mas só posso acreditar que ainda bem que ele era incapaz de sentir-se envergonhado. Sempre tive orgulho de mim mesmo por ser sutil e razoavelmente plausível; estava claro que ele não aprendeu nenhuma dessas duas coisas. Os elogios dele eram vulgares, óbvios e obviamente falsos. E enquanto a noite foi se desenrolando, com mais café, depois pizza, porque é claro que meu irmão tinha de ficar para o jantar, ele continuou mais alto e mais profundamente com aquilo. Fiquei esperando os céus se abrirem e acabarem com ele com um raio, ou pelo menos uma voz poderosa dizer para ele manear, como Harry teria dito. Mas quanto mais ultrajantes ficavam os elogios e disparates de Brian, mais Rita ficava feliz. E mesmo Cody e Astor apenas o observavam em silêncio, admirando-o.

E para aumentar meu desconforto, quando Lily Anne começou a se agitar no quarto ao lado, Rita a trouxe para a sala e a colocou em exposição. Brian fez sua melhor representação do dia, elogiando os pezinhos dela, o nariz, os dedinhos perfeitos e até mesmo o jeito como ela chorava. E Rita engoliu tudo aquilo, sorrindo, concordando com a cabeça e até mesmo abrindo os botões de sua camisa para alimentar Lily Anne em frente a todos nós.

Juntando tudo, foi uma das noites mais desconfortáveis que eu já passei desde... Bom, sendo bem honesto, desde a última vez que vira Brian. E tudo ficou pior porque não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer, e aquilo era em parte porque eu não sabia o que eu

achava censurável naquilo tudo. Afinal, Rita ficou tão feliz em dizer, pelo menos três vezes, que éramos todos uma grande família. Por que não deveríamos nos sentar juntos e trocar mentiras felizes? Não é o que as famílias fazem?

Quando Brian enfim se levantou, por volta das nove da noite para ir embora, Rita e as crianças estavam animadíssimos com o novo parente deles, o Tio Brian. O antigo parente deles, o velho e ansioso Papai Dexter, aparentemente era o único que estava nervoso, apreensivo e com dúvidas. Levei Brian até a porta da frente, onde Rita deu um abraço apertado nele e lhe disse que aparecesse sempre que possível, e Cody e Astor apertaram a mão dele no que só pode ser descrito como "de forma muito bajuladora".

É claro que não tive a menor chance de falar em particular com Brian, pois ele ficou cercado de admiradores a noite toda. Então, aproveitei para ir com ele até seu carro, fechando a porta firmemente para que seus fãs ficassem dentro de casa. E antes de ele entrar no pequeno carro vermelho, virou-se e olhou para mim.

— Que família adorável você tem, irmão. É a perfeição doméstica.

— Ainda não sei por que você está aqui. — Respondi.

— Não sabe? Não é óbvio? — Perguntou Brian.

— Dolorosamente óbvio. Mas nem um pouco claro.

— É tão difícil acreditar que quero pertencer a uma família?

— É.

Ele colocou a cabeça de lado e olhou para mim com um vazio perfeito.

— Mas não foi o que nos juntou da primeira vez? — Disse ele. — Não é algo completamente normal?

— Pode ser. — Respondi. — Mas nós não somos normais.

— Sim, isso é verdade. — Falou ele, com seu usual jeito melodramático. — Mas mesmo assim me peguei pensando nisso. Pensando em você. Meu único parente de sangue.

— Até onde sabemos... — Falei e, para minha surpresa, o ouvi dizer as mesmas palavras ao mesmo tempo, e então ele abriu um grande sorriso ao perceber o mesmo.

— Viu só? Não pode discutir com o DNA. Estamos presos um ao outro, irmão. Somos uma família.

E apesar daquele mesmo pensamento ter se repetido a noite toda e embora aquilo ainda soasse em meus ouvidos depois que Brian foi embora, não serviu para me convencer, e fui para a cama ainda sentindo um descer lento de dedos inquietos em minha coluna.

Capítulo Onze



FOI UMA NOITE IRRQUIETA PARA MIM, COM PARTES DE SONO separadas por longos momentos atolado numa insônia cansativa. Sentia-me assaltado por algo que só conseguia pensar como sendo um pavor inominado, uma sensação de algo terrível à espreita trazido à tona por uma inquietação silenciosa vinda do Passageiro, que pela primeira vez parecia estar em dúvida e tão desconcertado quanto eu. Poderia ter açoitado a fera e a levado de volta para sua jaula e conseguido algumas horas de inconsciência abençoada, mas também havia Lily Anne.

Querida, doce, preciosa, insubstituível Lily Anne, o coração e a alma do novo e humano Dexter revelou ter outro magnífico talento muito maior que seus charmes óbvios. Ela tinha, pelo que parecia, um par de pulmões maravilhosamente poderosos e estava determinada a dividir aquele dom com todos nós, a cada vinte minutos, a noite inteira. E por algum capricho de natureza maligna, cada vez que eu conseguia deslizar para um rápido interlúdio de sono verdadeiro, aquilo coincidia exatamente com um dos acessos de choro de Lily Anne.

Rita parecia não ligar para o barulho, o que não ajuda a melhorar a posição das ações dela para comigo. Cada vez que o bebê chorava, ela dizia, aparentemente sem sequer acordar:

— Traga ela aqui, Dexter. — E então as duas caíam no sono até que Rita, mais uma vez sem abrir os olhos, dizia: — Leve-a de volta, por favor.

E então eu me arrastava até o berço, colocava Lily Anne nele e a cobria cuidadosamente, implorando em silêncio para que ela por favor dormisse só por uma horinha.

Mas quando eu voltava para a cama, mesmo no escuro e com o silêncio temporário, o sono fugia de mim. Por mais que eu desprezasse os clichês, acabei me virando e revirando na cama, mas nada disso me trazia conforto. E nos poucos momentos reais de

sono que tive, por alguma razão, acabei sonhando, e não foram sonhos bons. Em regra, eu nunca sonho; acredito que esse ato está ligado a ter uma alma, e como tenho quase certeza de que não tenho uma, em geral sou abençoado com um cérebro morto quando durmo, sem nenhuma perturbação do subconsciente.

Mas na doce profundidade da noite, Dexter sonhou. As imagens eram distorcidas como lençóis: Lily Anne segurava uma faca com sua mãozinha, Brian caía numa poça de sangue enquanto Rita dava de mamar a Dexter, Cody e Astor, nadando pela mesma poça de sangue horrível. Como é típico em algo sem sentido, não havia nenhum significado naquilo, mas mesmo assim me fez ficar profundamente desconfortável na prateleira de baixo do meu armário interno, e quando finalmente me arrastei para fora da cama de manhã, estava muito longe de ter descansado.

Consegui chegar na cozinha sem ser ajudado, e Rita colocou uma xícara de café à minha frente, sem nem um pouco dos cuidados que teve com a xícara de Brian. E quando tive aquele pensamento indigno, Rita tocou no assunto como se tivesse lido minha mente.

— Brian parece ser um cara muito legal.

— Sim, parece. — Falei, pensando que *parecer* é muito diferente de *ser*.

— As crianças gostaram bastante dele. — Acrescentou ela, aumentando minha sensação indefinida de desconforto, o que minha consciência parcial pré-café não fez nada para tentar dissipar.

— Sim, hã... — Falei, enquanto tomava um grande gole e torcia silenciosamente para que o café funcionasse rápido e fizesse meu cérebro voltar a ficar online. — Sabe, ele nunca teve muitas experiências com crianças até hoje, e...

— Bom, então isso será bom para todos nós. — Disse Rita, feliz.

— Ele já foi casado?

— Acho que não.

— Você não sabe? — Disse ela, afiada. — Quer dizer, sério, Dexter, ele é seu irmão.

Talvez fosse meu novo eu humano em erupção, mas a irritação finalmente chegou ao limite naquela minha manhã enevoadada.

— Rita — Falei, mal-humorado. — Sei que é meu irmão, não precisa ficar me lembrando disso.

— Você devia ter me contado.

— Mas não contei! — Respondi de forma lógica, apesar de admitir que ainda foi um pouco irritado. — Podemos mudar de assunto, por favor?

Ela estava com cara de quem tinha muito mais a dizer sobre aquele assunto, mas segurou a língua inteligentemente. Entretanto, ela deixou meus ovos fritos meio crus, e então foi com uma sensação de alívio que finalmente peguei Astor e Cody e voei porta afora. E é claro que com a vida sendo o negócio desagradável que é, os dois estavam presos ao mesmo assunto da mãe.

— Como nunca nos contou sobre o Tio Brian, Dexter? — Perguntou Astor quando engatei a marcha.

— Achei que ele estava morto. — Respondi com o que esperei ser um tom de fim de papo em minha voz.

— Mas não temos nenhum outro tio. — Falou ela. — Todo mundo tem, e nós não. Melissa tem cinco tios.

— A Melissa parece ser um indivíduo fascinante. — Falei, desviando para não bater numa grande SUV que parara no meio da rua sem razão aparente.

— Então nós gostamos de ter um tio. E gostamos do Tio Brian.

— Ele é legal. — Acrescentou Cody suavemente.

É claro que era ótimo ouvir que eles tinham gostado do meu irmão, e aquilo deveria mesmo ter me deixado feliz, mas não deixou. Aquilo só aumentou a sensação de espírito mal e a tensão que vinham crescendo em mim desde que ele apareceu. Brian estava tramando algo, eu sabia disso como sabia meu nome, e até eu saber o que era estava preso a minha sensação de algo terrível à espreita. E ela não desapareceu quando deixei as crianças na escola e rumei para o trabalho.

Pelo menos dessa vez não tinham descoberto corpos frescos e sem cabeça caídos nas ruas de Miami assustando os turistas e, como para sublinhar aquele grande mistério, Vince Masuoka trouxera rosquinhas. Considerando o ataque de raiva que minha vida caseira

estava manifestando contra mim, aquilo era muito bem-vindo, e me pareceu combinar com um reforço positivo.

— Saudações às rosquinhas, mandou bem! — Falei para Vince, que cambaleava para dentro por causa da pesada caixa de doces.

— Saudações, Dexterus Maximius! — Respondeu ele. — Trago o tributo dos gauleses.

— Rosquinhas francesas? — Perguntei. — Eles não colocam salsinha nelas, né?

Ele abriu a tampa e revelou fileiras de rosquinhas brilhantes.

— Nada de salsinha ou recheio de *escargot*. — Falou ele. — Mas eles põem creme bávaro.

— Vou pedir ao Senado que declare o triunfo em sua homenagem. — Falei, pegando uma rapidamente.

E num mundo construído sob os princípios do amor, sabedoria e compaixão, aquilo marcaria o fim do curso tão desconfortável que minha manhã vinha seguindo. Mas é claro que não vivemos num mundo tão feliz, por isso a rosquinha mal tivera tempo de assentar-se bem em meu estômago quando o telefone da mesa começou a gritar por atenção e, não sei como, apenas pelo jeito que tocava eu já sabia que era Deborah.

— O que está fazendo? — Ela quis saber sem sequer dizer oi.

— Digerindo uma rosquinha.

— Faça isso aqui em minha sala! — Disse ela e desligou.

É bem difícil discutir com alguém que já não está mais na linha, como tenho certeza de que Deborah sabia, então em vez de passar pelo enorme esforço de discar, fui até o setor de homicídios e cheguei à mesa dela. Sendo junto, não era bem uma sala, e sim uma área com umas divisórias. Mas ela não parecia estar no clima de discutir aquilo, então a deixei mentir sobre a sala.

Deborah estava sentada segurando o que parecia ser um relatório oficial. O novo parceiro dela, Deke, estava em pé ao lado da janela com um olhar de diversão vazia e individual em seu rosto absurdamente belo.

— Veja isso! — Falou Deborah, batendo nas páginas com a parte de trás da mão. — Dá para acreditar nessa merda?

— Não! — Falei. — Mas é porque dessa distância eu nem consigo ler essa merda.

— O senhor Covinha no Queixo — disse ela, indicando Deke — foi falar com a família Spanos.

— Ei! — Reclamou Deke.

— E ele conseguiu um suspeito.

— Uma pessoa interessante para a investigação. — Corrigiu Deke num tom bem sério e oficial. — Ele não é bem um suspeito.

— Ele é a única porra de pista que temos, e você ficou sentado nela a noite toda. — Bufou Deborah. — Tenho de ler sobre isso no maldito relatório às nove e trinta da manhã seguinte, porra.

— Eu tinha de digitar. — Falou ele, parecendo um pouco magoado.

— Com duas adolescentes desaparecidas, o capitão na minha cola e a imprensa a ponto de explodir como um vulcão, você digita e não me conta.

— Ei, bom, fazer o quê? — Falou ele, dando de ombros.

Deborah rangeu os dentes. Isso mesmo. É algo que só li antes, em geral em histórias de fantasia, e nunca acreditei que acontecesse na vida real, mas lá estava. Observei fascinado, enquanto ela rangia os dentes, começou a dizer algo forçado, parou e jogou o relatório na mesa.

— Vá buscar café, Deke.

Ele se ajeitou e fez um som de clique quando apontou para ela e disse:

— Leite e duas colheres de açúcar. — E partiu em direção ao café lá no corredor.

— Achei que gostasse de café preto — falei assim que Deke desapareceu.

Deborah se levantou.

— Se for a última merda que ele fizer serei a mulher mais feliz do mundo. Vamos.

Ela já estava andando pelo corredor na direção oposta a de Deke, por isso, mais uma vez, qualquer protesto que eu fizesse teria sido enormemente irrelevante. Suspirei e a segui, imaginando se Deborah

aprendera aquele comportamento de um livro chamado “Estilos de Gestão de Tratores”.

Eu a alcancei no elevador e disse:

— Imagino que seria demais perguntar onde estamos indo, né?

— Tiffany Spanos. — Falou ela, martelando o botão do elevador algumas vezes. — A irmã mais velha de Tyler.

Demorei um momento, mas quando as portas do elevador se abriram eu lembrei.

— Tyler Spanos. — Falei enquanto a seguia elevador adentro. — A garota que sumiu junto com, hum... Samantha Aldovar.

— Isso. — As portas se fecharam, e o elevador desceu. — O Tonto falou com Tiffany a respeito da irmã. — Imaginei que o Tonto fosse o Deke, por isso só assenti. — Ela disse que Tyler esteve no meio daquelas merdas góticas um tempo e então conheceu um cara numa festa que era, tipo, gótico conservador.

Imagino que eu viva uma vida muito inocente, pois achava que “Gótico” era uma espécie de manifesto da moda para os adolescentes de aparência ruim e uma forma particularmente repulsiva de insegurança. Até onde eu sabia, a coisa envolvia cultivar um visual com roupas pretas e pele bem pálida e talvez ouvir músicas euro-tech pops enquanto olhavam perdida e desejosamente para um DVD de *Crepúsculo*. Aquilo me parecia algo bem difícil de enquadrar no conceito de conservador. Mas a imaginação de Deborah não conhecia limites.

— Posso perguntar o que significa ser um “Gótico conservador”?

— Quis saber eu humildemente.

Deborah olhou para mim.

— O cara é um vampiro.

— Jura? — Respondi, e admito que estava surpreso. — Hoje em dia, em Miami?

— É! — Respondeu ela, e as portas do elevador se abriram. — Até mandou aumentar os caninos. — E continuou saindo em direção à porta.

Apressei-me novamente atrás dela.

— E vamos falar com esse cara? Qual o nome dele?

— Vlad. Um nome forte, não?

— Vlad de quê? — Perguntei.

— Não sei.

— Mas sabe onde ele mora? — Perguntei, esperançoso.

— Vamos descobrir! — Falou, ao chegar à saída, e finalmente decidi que aquilo era demais. Segurei-lhe o braço, e ela se virou e olhou para mim.

— Deborah, que diabos estamos fazendo?

— Mais um minuto com o saco de músculos sem cérebro e vou perder a cabeça. Preciso sair daqui. — Ela tentou se soltar, mas a segurei firme.

— Estou tão disposto a fugir aterrorizado do seu parceiro quanto qualquer um. Mas estamos indo achar alguém e não sabemos o nome completo dele nem onde pode estar. Então, aonde vamos?

Ela tentou soltar o braço mais uma vez e conseguiu.

— A um cibercafé. Não sou idiota. — E, ao que parece, eu era, pois estava brincando de novo de siga o chefe quando ela se apressou pela porta para o estacionamento.

— Você paga o café. — Falei tolamente enquanto corria atrás dela.

Havia um cibercafé a umas dez quadras dali, então pouco depois eu estava sentado com um teclado à minha frente, uma ótima xícara de café e uma impaciente Deborah dedilhando meu cotovelo. Minha irmã é uma excelente atiradora e com certeza tem outros ótimos traços de caráter, mas colocá-la em frente a um computador é como pedir a um macaco que dance polca, por isso, inteligentemente, ela deixa toda a sua parte de uso do Google para mim.

— Muito bem! — Falei. — Posso procurar pelo nome “Vlad”, mas...

— Odontologia cosmética. — Soltou ela. — Não dê uma de cuzão.

Assenti. Era a coisa certa a fazer, mas também ela era uma investigadora treinada. Em minutos eu tinha uma lista com dúzias de dentistas em Miami que praticavam odontologia cosmética.

— Devo imprimir?

Ela olhou para a longa lista e mordeu o lábio tão forte que achei que em breve ela própria precisaria de um dentista.

— Não. — Respondeu Debs, pegando o celular. — Tive uma ideia.

Deve ter sido uma ideia muito secreta, pois ela não contou para mim, discou um número da discagem rápida e em alguns segundo

eu a ouvi dizer:

— Aqui é a Morgan. Me dê o número do dentista forense.

Ela levantou a mão pedindo uma caneta, e eu achei uma ao lado do teclado e a passei a ela junto com um pedaço de papel que peguei na lixeira próxima.

— Isso. O doutor Gutmann, isso mesmo. Certo. — Ela escreveu o número e desligou.

Deborah teclou imediatamente o número que escrevera, e depois de um minuto falando com a recepcionista e, a julgar pelo jeito que começou a bater com o dedo, ouvindo um pouco de música de espera, o doutor Gutmann surgiu na linha.

— Doutor Gutmann. Aqui é a sargento Morgan. Preciso do nome do dentista local que pode ter afiado o dente de um cara para que ele se parecesse com um vampiro.

Gutmann disse algo, e Deborah pareceu surpresa. Ela pegou a caneta de novo e escreveu enquanto dizia:

— Certo. Entendi. Obrigada. — E então desligou. — Ele disse que só tem um dentista na cidade estúpido o bastante para fazer isso. O doutor Lonoff, em South Beach.

Achei fácil na página dos dentistas que eu já pesquisara.

— É perto da Lincoln Road.

Deborah já estava fora da cadeira e indo em direção à porta.

— Vamos logo. — Disse ela, e mais uma vez o Prestativo Dexter se apressou e a seguiu.

Capítulo Doze



O ESCRITÓRIO DO DOUTOR LONOFF FICAVA NO PRIMEIRO ANDAR de um prédio de dois andares relativamente antigo em uma rua lateral a dois quarteirões do shopping da Lincoln Road. Era um desses predinhos meio art déco que no passado haviam infestado South Beach e fora restaurado e pintado de um verde-limão bem claro. Eu e Deborah entramos, passando por uma escultura que parecia uma lição de geometria transando numa caixa de ferramentas, e fomos direto para os fundos onde uma porta anunciava: DR. J. LONOFF: DENTISTA COSMÉTICO.

— Acho que é aqui. — Falei, tentando soar igual ao David Caruso.

Deborah apenas me lançou um olhar rápido e mal-humorado e abriu a porta.

A recepcionista era um afro-americano bem magrinho com a cabeça raspada e muitos piercings nas orelhas, sobrancelhas e nariz. Ele usava um avental azul-escuro e um colar de ouro. Um placa em sua mesa dizia Lloyd. Ele olhou para nós quando entramos, abriu um grande sorriso.

— Olá! Posso ajudar? — Disse, como quem diz *Vamos começar a festa!*

Deborah mostrou o distintivo e falou:

— Sou a sargento Morgan, da polícia de Miami. Quero falar com o doutor Lonoff.

O sorriso de Lloyd ficou ainda maior.

— Ele está com um paciente agora. Pode esperar apenas alguns minutos?

— Não. — Respondeu Debs. — Preciso falar com ele agora.

Lloyd pareceu um pouco indeciso, mas não parou de sorrir. Os dentes dele eram grandes, muito brancos e perfeitos. Se o doutor Lonoff trabalhara nos dentes de Lloyd, fizera um trabalho excelente.

— Pode me dizer qual seria o assunto?

— É sobre eu voltar aqui com um mandado para olhar o registro para drogas dele se o doutor não estiver aqui em trinta segundos. — Falou Deborah.

Lloyd lambeu os lábios, hesitou por dois segundos e então se levantou.

— Vou dizer a ele que estão aqui. — Falou e então sumiu atrás da parede curva indo para a parte de trás do consultório.

O doutor Lonoff conseguiu cumprir o tempo limite de trinta segundos com dois de folga. Ele veio bufando, limpando as mãos numa toalha de papel e parecendo irritado.

— Quem diabos são vocês... Que papo é esse sobre o meu registro para os medicamentos?

Deborah apenas observou enquanto ele parava na frente dela. Ele parecia jovem para ser dentista, talvez uns trinta anos, e sendo bem honesto, parecia muito malhado também, como se estivesse malhando pesado quando deveria estar tratando cáries.

Deborah deve ter pensado o mesmo. Ela o mediu dos pés a cabeça e disse:

— Você é o doutor Lonoff?

— Sim, sou. — Respondeu ele ainda um pouco irritado. — Quem diabos é você?

Mais uma vez Deborah mostrou a credencial.

— Sargento Morgan, da polícia de Miami. Preciso perguntar sobre um de seus pacientes.

— O que você precisa mesmo... — Falou ele, com peso de autoridade médica na voz — É parar de brincar de Stormtrooper** e me dizer por que veio aqui. Estou com um paciente lá na cadeira.

Vi a mandíbula de Deborah endurecer e, conhecendo-a como conheço, me preparei para um ou dois assaltos de frases duras: ela se recusaria a dizer algo a ele, pois era assunto policial, e ele se recusaria a deixar que ela visse seus registros, pois a lei garante a confidencialidade médico-paciente, então eles iriam para a frente e para trás até as cartas pesadas serem jogadas, e, enquanto isso, eu teria de ficar olhando e imaginando porque não íamos direto ao assunto e depois poderíamos fazer uma pausa para o almoço.

Estava quase pegando uma cadeira e me ajeitando com uma *Golf Digest* para ler quando Deborah me surpreendeu. Ela respirou fundo e disse:

— Doutor, tenho duas adolescentes desaparecidas e a única pista que tenho é um cara com os dentes arrumados para que se pareça com um vampiro. — Ela respirou fundo de novo e segurou o olhar. — Preciso da sua ajuda.

Se o teto tivesse se derretido e revelado um coro de anjos cantando *Achy breaky heart* eu não teria ficado mais surpreso. Deborah se abrir e parecer vulnerável daquele jeito era algo nunca visto antes e imaginei se deveria ajudá-la a procurar ajuda profissional. E o doutor Lonoff pareceu estar pensando no mesmo. Ele piscou por vários e longos segundos e então olhou para Lloyd.

— Eu não deveria... — Falou ele, parecendo ainda mais jovem que seus prováveis trinta anos. — Os registros são confidenciais.

— Eu sei. — Respondeu Deborah.

— Vampiro? — Falou Lonoff, puxando os próprios lábios e apontando. — Aqui? Nos caninos?

— Isso mesmo. — Falou Deborah. — Como presas.

— É uma coroa especial. — Disse Lonoff, satisfeito. — Faço com um cara no México, um verdadeiro artista. Depois é como colocar uma coroa simples, e o resultado é impressionante.

— E você fez isso para muitas pessoas? — Perguntou Deborah, parecendo um pouco surpresa.

Ele fez que não com a cabeça.

— Fiz umas duas dúzias.

— Um jovem — começou Deborah —, com não mais de vinte anos provavelmente.

O doutor Lonoff apertou os lábios e pensou.

— Talvez uns três ou quatro com esse perfil.

— Ele chama a si mesmo de Vlad.

Lonoff sorriu e fez que não com a cabeça.

— Nenhum com esse nome. Mas não me surpreenderia se todos se chamassem por esse nome, quer dizer, é um nome bem popular nessa turma.

— E é mesmo uma turma? — Acabei falando. A ideia de um grande número de vampiros em Miami, falsos ou verdadeiros, era um pouco alarmante, mesmo que apenas por motivos estéticos. Falando sério: todas aquelas roupas pretas? Totalmente moda passada de Nova York .

— Sim. — Respondeu ele. — Existem alguns sim. Eles não querem aumentar os caninos. — Falou com certo pesar, depois deu de ombros. — Mas têm seus clubes, raves e assim por diante. É uma grande subcultura.

— Só preciso encontrar um deles. — Falou Deborah com um pouco de sua antiga impaciência.

Lonoff olhou para ela, concordou com a cabeça e movimentou inconscientemente os músculos do pescoço. Seu colarinho não estourou. Ele empurrou os lábios para fora, depois para dentro e então, tomando uma decisão, falou:

— Lloyd, ajude-os a encontrar o que precisam nos arquivos.

— Pode deixar, doutor.

Lonoff esticou a mão para Deborah.

— Boa sorte, hã... Sargento?

— Isso. — Respondeu Debs enquanto apertava a mão dele.

O doutor Lonoff segurou a mão dela um pouco demais, e quando pensei que Deborah ia puxar sua mão, ele sorriu e acrescentou:

— Sabe, eu poderia consertar essa mordida profunda.

— Obrigada. — Disse Debs soltando a mão. — Eu meio que gosto assim.

— Certo. — Respondeu ele. — Bom, então... — Ele pôs a mão no ombro de Lloyd e falou: — Ajude eles. Tenho um paciente esperando. — E com mais um longo olhar para a mordida profunda de Deborah, ele se virou e desapareceu rumo à sala dos fundos de novo.

— É ali, no computador. — Lloyd apontou para a escrivaninha onde estava sentado quando entramos, e o seguimos até lá.

— Vou precisar de alguns parâmetros. — Falou ele. Deborah piscou e olhou para mim, como se aquela palavra fosse de uma língua estrangeira. O que imagino que fosse mesmo, já que ela não

falava a linguagem dos computadores. Então, mais uma vez, entrei no vazio constrangedor e a salvei.

— Menos de vinte e quatro anos. Masculino. Dentes caninos pontudos.

— Beleza. — Falou Lloyd enquanto digitava por alguns momentos. Deborah observava, impaciente. Virei-me e olhei para o outro lado da sala de espera. Um enorme aquário de água salgada ficava a um canto ao lado de uma prateleira com revistas. Parecia um pouco abarrotado para mim, mas talvez os peixes gostassem assim.

— Consegui! — Falou Lloyd, e me virei para ver uma folha saindo da impressora. Ele a pegou e foi entregá-la a Deborah, que a arrancou da mão dele e olhou. — São só quatro nomes. — Falou num tom de pesar igual ao que o doutor Lonoff mostrara antes, e imaginei se ele ganhava comissão com as presas.

— Droga. — Falou Deborah, ainda olhando para a lista.

— Droga por quê? — Perguntei. — Queria mais nomes?

Ela deu um peteleco na folha.

— O primeiro nome aqui. Por acaso, o nome Acosta significa algo para você?

Assenti com a cabeça.

— Significa problemas. — Falei. Joe Acosta era um figura importante no governo municipal, uma espécie de chefe de departamento das antigas que ainda tinha o tipo de influência que se encontrava cinquenta anos antes em Chicago. Se nosso Vlad fosse o filho dele, talvez estivéssemos entrando num chuveiro de fezes. — Talvez seja um Acosta diferente?

Deborah fez que não com a cabeça.

— Mesmo endereço. Merda!

— Talvez não seja ele. — Disse Lloyd, querendo ajudar, mas Deborah olhou para ele, apenas por um segundo, e seu sorriso brilhante desapareceu como se ela tivesse lhe acertado o saco.

— Vamos. — Falou ela e saiu voando em direção à porta.

— Obrigado pela ajuda. — Falei para Lloyd, mas ele só assentiu, e apenas uma vez, como se Deborah tivesse sugado toda a alegria da vida dele.

Ela já estava no carro com o motor ligado quando consegui alcançá-la.

— Vamos logo! — Falou ela pela janela. — Entre.

Entrei no lado do passageiro, e ela partiu antes que eu fechasse a porta.

— Sabe — falei, colocando o cinto — , podemos deixar Acosta por último. Pode ser qualquer um deles.

— Tyler Spanos estuda na Ransom Everglades. Por isso ela anda com a alta sociedade. E os porras dos Acostas são a alta sociedade. É ele.

Era difícil discutir com a lógica dela, então não falei mais nada. Apenas me ajeitei e a deixei dirigir rapidamente através do trânsito do meio da manhã.

Fomos até a ponte MacArthur e nos deixamos levar pela 836 até a LeJeune, onde entramos a esquerda na Coral Gables. A casa dos Acostas era numa travessa da Gables que seria uma comunidade murada se fosse construída hoje. As casas eram amplas e muitas delas, como a dos Acostas, tinham sido construídas num estilo espanhol com grandes blocos de pedra-coral. O gramado parecia um campo de golfe e havia uma garagem de dois andares do lado da casa, com um corredor no meio.

Deborah parou em frente à casa e fez uma pausa depois de desligar o motor. A vi respirar fundo e imaginei se ainda estava passando pelo estranho deterioramento molecular que ultimamente a deixara meiga e emocional.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Perguntei. Ela olhou para mim, e não parecia a Deborah poderosa e concentrada que eu conhecia tão bem. — Quero dizer que o Acosta pode tornar sua vida bem difícil. Ele é um chefe de departamento.

Ela voltou a seu foco normal como se tivesse sido estapeada, e vi o sinal familiar de seus músculos da mandíbula trabalhando.

— Não ligo nem se ele for Jesus! — Bufou, e era muito bom ver o velho veneno de volta. Ela saiu do carro e marchou pela calçada até a porta da frente. Eu saí e a segui, alcançando Debs bem na hora em que tocou a campainha. Não houve resposta, e ela ficou trocando o peso do corpo de um pé para o outro impacientemente.

Bem quando levantou a mão para tocar de novo a porta se abriu, e uma mulher baixa e quadrada, usando um uniforme de empregada, olhou para nós.

— Sim? — Perguntou ela com um forte sotaque da América Central.

— Robert Acosta está, por favor?

A empregada umedeceu os lábios, e seus olhos foram de um lado para o outro por um momento. Então ela tremeu e fez que não com a cabeça.

— O que *quieren* com Bobby?

Deborah mostrou o distintivo, e a empregada inspirou o ar pesadamente.

— Preciso fazer algumas perguntas a ele. — Respondeu Debs. — Ele está?

A empregada engoliu em seco, mas não disse nada.

— Só preciso conversar com ele. É muito importante.

A empregada engoliu de novo e olhou para trás de nós.

Deborah se virou e olhou também.

— Na garagem? — Perguntou ela, virando-se para empregada de novo. — Ele está na garagem?

Finalmente, a mulher concordou com a cabeça.

— *El garaje.* — Disse suave e muito rapidamente, como se estivesse com medo de ser ouvida. — *Bobby vive en el piso segundo.*

Deborah olhou para mim.

— Na garagem. Ele mora no segundo andar. — Traduzi. Por alguma razão, apesar de ter nascido e crescido em Miami, Debs escolheu aprender francês na escola.

— Ele está aqui agora? — Perguntou Deborah.

A empregada acenou forte com a cabeça positivamente.

— *Creo que sí.* — Respondeu. Depois umedeceu os lábios novamente e então, com uma guinada meio espasmódica, fechou a porta, quase batendo.

Deborah ficou olhando para a porta fechada por um momento e então sacudiu a cabeça.

— Por que será que ela estava tão assustada?

— Medo de ser deportada?

Debs bufou.

— Joe Acosta não contrataria alguém ilegal. Não quando pode conseguir um visto de permanência tranquilamente para quem quiser.

— Talvez esteja com medo de perder o emprego.

Deborah se virou e olhou para a garagem.

— Pode ser. — Falou. — Ou talvez esteja com medo de Bobby Acosta.

— Bom... — Falei, mas Debs já estava em movimento e ia para o lado da casa antes que eu pudesse falar mais alguma coisa. Eu a alcancei quando chegou à entrada de carros. — Ela vai dizer ao Bobby que estamos aqui — Avisei.

Deborah deu de ombros.

— É o trabalho dela. — Debs parou junto à porta dupla da garagem. — Deve ter outra porta, talvez uma escada.

— Talvez na parte lateral? — Sugeri, e estava dando dois passos para a esquerda para olhar quando ouvi um barulho alto, e então a porta da garagem começou a abrir para cima. Virei-me e olhei. Podia ouvir um ronronar baixo vindo lá de dentro, e o som ficou mais alto enquanto a porta ia subindo. Quando subira o bastante para enxergarmos a garagem, vi que o som era de uma moto. Um cara magro de uns vinte anos estava sentado na moto, mantendo-a parada e olhando para nós.

— Robert Acosta? — Chamou Deborah. Ela deu um passo à frente e esticou a mão para pegar o distintivo e mostrar para ele.

— Malditos policiais! — Falou ele. Depois acelerou uma vez e então engatou a marcha, mirando a moto deliberadamente em Deborah. A moto foi em frente em direção a ela, que mal conseguiu jogar-se para o lado. Então a moto já estava na rua e acelerando para longe, e quando Deborah se levantou, ela já desaparecera.

** Stormtroopers são a tropa de base do Império Galático na série de filmes *Guerra nas estrelas*. (N. T.)

Capítulo Treze



DURANTE MEUS ANOS DE TRABALHO NO DEPARTAMENTO DE polícia de Miami, ouvi a expressão tempestade de merda ser usada em mais de uma ocasião. Mas, sendo sincero, tenho de dizer que nunca vi de verdade aquele evento meteorológico acontecer até Debs marcar como foragido o único filho de um poderoso chefe de departamento do condado. Em cinco minutos, tínhamos três carros de polícia e uma van da TV parando em frente à casa e ao lado do carro de Debs, e, na marca dos seis minutos, minha irmã já estava ao telefone com o capitão Matthews. Eu a ouvi dizer “Sim, senhor. Sim, senhor. Não, senhor”, e não muito mais que isso durante os dois minutos de conversa, e quando desligou o telefone, sua mandíbula parecia fechada com tanta força que não achei que ela conseguiria comer coisas sólidas pelo resto da vida.

— Merda! — Falou ela através dos dentes bem apertados uns contra os outros. — O Matthews retirou meu pedido de busca.

— Sabíamos que isso iria acontecer.

Deborah assentiu.

— Está aqui. — Falou ela, e então, olhando por cima de meus ombros, acrescentou: — Ah, merda!

Virei-me e segui a direção do olhar dela. Deke estava saindo do carro, arrumando a calça e abrindo um enorme sorriso para a mulher que estava em frente à van da reportagem penteando os cabelos e se preparando para filmar. Ela parou de pentear-se por um momento e olhou boquiaberta para ele, que fez um cumprimento de cabeça e depois partiu em nossa direção. Ela ainda o observou por um momento e então voltou a pentear os cabelos com um vigor renovado.

— Tecnicamente, ele é seu parceiro. — Falei.

— Tecnicamente, ele é um cuzão sem cérebro. — Respondeu ela.

— Ei! — falou Deke quando chegava perto de nós. — O capitão disse que tenho de ficar de olho em você para garantir que não ferre

ainda mais com as coisas.

— E como diabos *você* vai saber se estou ferrando com algo? — Rosnou Deborah para ele.

— Ah, bom, *você* sabe. — Falou ele dando de ombros. Depois olhou novamente para a repórter. — Apenas não fale com a imprensa ou algo assim, certo? — Ele piscou para Deborah. — Enfim, preciso ficar com *você* a partir de agora. Manter as coisas nos trilhos.

Por um momento achei que ela soltaria um jato com sete comentários matadores diferentes que derrubariam Deke no lugar onde estava e manchariam a grama impecável dos Acostas, mas Debs recebera claramente a mesma mensagem do capitão e ela era um bom soldado. A disciplina venceu, e ela olhou para Deke por um longo momento e por fim disse:

— Está bem. Vamos checar os outros nomes da lista. — E andou calmamente até seu carro.

Deke arrumou as calças outra vez e ficou olhando ela ir.

— Certo, muito bem. — Falou ele e a seguiu. A repórter o observou com uma expressão distraída até que o produtor dela quase a acertou com o microfone.

Consegui carona com um dos carros de polícia dirigido por um policial chamado Willoughby que parecia obcecado pelo Miami Heat. Apreendi bastante sobre os armadores no basquete e algo chamado *pick and roll**** quando cheguei na central. Tenho certeza de que aquelas informações serão muitíssimo valiosas e úteis um dia, mas, por outro lado, fiquei muito grato por sair do carro no calor da tarde e arrastar-me de volta ao meu cubículo.

E lá estava eu, deixado em paz com meus brinquedos pelo resto do dia. Fui almoçar e experimentei um lugar novo próximo especializado em *falafels* . Infelizmente, o lugar também era especializado em cabelos pretos nadando num molho estranho, então voltei do almoço com o estômago bem infeliz. Fiz o trabalho de rotina do laboratório, preenchi alguns formulários e aproveitei a solidão até umas quatro da tarde, quando Deborah entrou em meu cubículo. Ela carregava uma pasta grossa e parecia aflita como meu estômago. Puxou uma cadeira com o dedão do pé e se largou sem

dizer nada. Baixei o relatório que estava lendo e dei toda a minha atenção a ela.

— Você parece acabada, mana.

Ela assentiu e olhou para as mãos.

— O dia foi longo. — Falou.

— Você checkou os outros nomes da lista do dentista? — Perguntei, e mais uma vez ela apenas concordou com a cabeça, porque quero ajudá-la a ser um pouco mais sociável, acrescentei: — Com o seu parceiro, o Deke...

A cabeça dela se ergueu, e Debs olhou para mim.

— Aquele idiota de merda. — Falou, deu de ombros e se largou novamente na cadeira.

— O que ele fez?

Ela deu de ombros.

— Nada. Ele não é tão terrível nas coisas de rotina. Ele faz todas as perguntas básicas.

— Então qual a causa dessa cara desanimada?

— Eles me tiraram o suspeito, Dexter. — Falou, e mais uma vez fiquei pasmo com a vulnerabilidade cansada que transparecia em sua voz. — O moleque dos Acostas sabe algo, tenho certeza. Ele pode não estar escondendo as garotas, mas sabe quem está, mas não me deixam ir atrás dele. — Ela sacudiu a mão em direção ao corredor. — Eles até botaram o cuzão do Deke como minha babá, para garantir que eu não faça nada que envergonhe o chefe de departamento da prefeitura.

— Bom... — Falei. — Bobby Acosta pode não ser culpado de nada.

Deborah me mostrou seus dentes. Teria sido um sorriso se ela não estivesse tão mal.

— Ele é culpado pra caralho! — Falou e levantou a pasta em suas mãos. — Ele tem uma ficha inacreditável... Mesmo sem as coisas bloqueadas de quando era menor de idade.

— Uma ficha de delinquência juvenil não quer dizer que ele é culpado.

Deborah se inclinou para a frente e por um momento achei que fosse me acertar com o prontuário de Bobby Acosta.

— O caralho que não! — Disse ela e então, felizmente para mim, abriu a pasta em vez de jogá-la em minha cabeça. — Agressão. Agressão com motivo. Agressão. Roubo de carro. Foi preso duas vezes por estar num local onde alguém morreu em circunstâncias suspeitas, o que deveria dar pelo menos homicídio culposo, mas nas duas vezes o pai livrou a cara dele. — Ela fechou a pasta e bateu nela com as costas da mão. — E tem muito mais. Mas tudo acaba do mesmo jeito, com sangue nas mãos de Bobby e o pai livrando a pele dele. — Ela sacudiu a cabeça. — Este é um moleque mau e pirado, Dexter. Ele matou pelo menos duas pessoas e não tenho a menor dúvida de que sabe onde estão aquelas garotas. Isso se já não as matou.

Pensei que Deborah provavelmente estava certa. Não que um arquivo de crimes passados significasse culpa no presente, mas eu sentira uma agitação leve e sonolenta de interesse do Passageiro, um levantar de sobrancelhas internas especulativo enquanto Deborah lia o arquivo, e o antigo Dexter com certeza teria adicionado o nome de Bobby Acosta a seu pequeno livro negro de potenciais amiguinhos de brincadeiras noturnas. Mas é claro que o Dexter 2.0 não fazia aquele tipo de coisas. Em vez disso, simplesmente concordei com a cabeça.

— Talvez você tenha razão.

Deborah levantou a cabeça.

— Talvez? — Respondeu. — Eu tenho certeza. Bobby Acosta sabe onde estão aquelas garotas, e não posso encostar nele por causa do pai.

— Bom, — falei com toda a consciência do mundo de que diria um clichê, mas sem ter mais nada a dizer — você não tem como lutar contra a prefeitura, não é mesmo?

Deborah me encarou por um momento com o rosto completamente sem expressão.

— Uau. Pensou nisso sozinho?

— Bom, você entendeu, Debs. — Falei e admito que estava um pouco irritado. — Você sabia que isso ia acontecer, então aconteceu, porque ficar chateada?

Ela expirou longamente e depois colocou as mãos no colo e olhou para elas, o que de algum jeito foi muito pior que a resposta mal-educada que eu esperava receber.

— Não sei. Talvez não seja só isso... — Falou ela, virou as mãos e olhou para a parte de trás delas. — Talvez seja... Não sei. Tudo.

Se *tudo* estava mesmo incomodando minha irmã, era muito mais fácil entender sua angústia cansada. Estar encarregada de tudo era mesmo um fardo esmagador. Mas em minha pequena experiência com os humanos, aprendi que se alguém diz que está sendo oprimido por tudo, em geral significa um tudo bem pequeno e bem específico. E no caso de minha irmã, apesar de ela agir como se estivesse no comando de tudo, pensei no seguinte: algo bem particular a estava consumindo e a fazendo agir assim. E me lembrando sobre o que disse a respeito de seu namorado e companheiro, Kyle Chutsky, provavelmente era ele o problema.

— É o Chutsky?

Ela levantou a cabeça.

— Quê? Está perguntando se ele me bate? Ou se está me traindo?

— Não, claro que não. — Respondi, com os braços para trás para o caso de ela querer me dar um soco. Eu sabia que ele não ousaria trair a Debs, sem falar de que a ideia de alguém tentando bater em minha irmã era algo risível. — É sobre o que você estava falando no outro dia. Sobre o, você sabe, tique-taque, relógio biológico?

Ela se largou de novo e ficou olhando para as mãos no colo.

— É, eu falei isso mesmo, né? — Ela sacudiu a cabeça devagar. — Bom, e é verdade. E o maldito Chutsky nem quer falar disso.

Olhei para minha irmã, e admito que meus sentimentos não me deram nenhum crédito àquela situação, pois a minha primeira reação consciente de verdade à explosão sentimental de Debs foi pensar: *Uau, estou sentindo mesmo empatia com uma emoção humana verdadeira!* A descida contínua dela até chegar a um pudim mole de autopiedade me tocara de verdade, lá no fundo de minha nova camada humana que acabara de ser aberta por Lily Anne, e descobri que não precisava procurar por uma resposta que vira em alguma novela antiga. Eu realmente sentia algo e aquilo era muito impressionante para mim.

Então, sem pensar em todas as possibilidades, levantei-me e fui até ela. Coloquei a mão em seu ombro, apertei gentilmente e disse:

— Desculpe, mana. Posso ajudar em algo?

E, naturalmente, Deborah endureceu e deu um tapa em minha mão. Ela se levantou e olhou para mim com uma expressão que era pelo menos metade de seu rosno natural.

— Para começar, pode parar de agir como o padre Flanagan — Falou ela.**** — Jesus, Dex. O que aconteceu com você?

E antes que eu pudesse pensar numa sílaba para uma resposta completamente lógica, ela saiu de minha sala e desapareceu no corredor.

— Fico feliz em ter ajudado! — Falei para as costas dela.

Talvez eu ainda fosse muito novo nesse negócio de ter sentimentos para entendê-los de verdade e agir de acordo. Ou talvez fosse levar um tempinho para que Debs se acostumasse com o novo e compassivo Dexter. Mas o que estava começando a parecer mais provável para mim é que alguém colocara algo sinistro na água de Miami.

E quando eu estava me preparando para ir embora, o nível de bizarrice subiu mais um degrau. Meu celular tocou, e olhei para a tela. Vendo que era Rita, atendi.

— Alô?

— Dexter, oi, hã... Sou eu.

— É claro que é você! — Falei de forma encorajadora.

— Ainda está no trabalho?

— Estou me preparando para sair.

— Ainda bem, porque... Quer dizer, em vez de buscar Cody e Astor... — Falou ela. — Porque não precisa hoje.

Uma tradução mental rápida me disse que eu não precisava buscar Cody e Astor por alguma razão.

— Ah, e por que não?

— É que, eles já foram. — Falou ela, e por um terrível momento, enquanto me esforçava para entender o que ela dissera, pensei que algo horrível acontecera com eles.

— O quê... Aonde eles foram? — Consegui dizer.

— Ah! — falou Rita. — O seu irmão buscou eles. O Brian. E vai levá-los para comer comida chinesa.

Mas que mundo maravilhoso de novas experiências eu estava tendo agora que era humano. Agora, por exemplo, estava parado sem saber o que dizer, tomado pela perplexidade. Sentia uma onda atrás da outra de pensamentos e sensações passarem por mim: coisas como raiva, surpresa e desconfiança, e ideias, como pensar no que Brian estava querendo de verdade, por que Rita concordara com aquilo, e o que Cody e Astor fariam quando se lembrassem de que não gostavam de comida chinesa. Mas independentemente do quanto meus pensamentos fossem copiosos e específicos, nada saiu de minha boca a não ser um:

— Aham!

E enquanto lutava para dizer algo coerente, Rita disse:

— Olha, preciso desligar. Lily Anne está chorando. Tchau.

Tenho certeza de que foram apenas alguns segundos que fiquei ali parado ouvindo o som de absolutamente nada, mas pareceu um tempo bem mais longo. Eventualmente acabei percebendo que minha boca estava seca, afinal eu estava com ela aberta, e minha mão estava suada no lugar onde eu segurava o celular. Fechei a boca, desliguei o celular e fui para casa.

A hora do rush estava com tudo e rumei na direção sul e, estranhamente, em todo o caminho para casa não vi atos aleatórios de violência, ninguém costurando loucamente, dedos médios levantados ou gritos disparados. O tráfego seguia lento como sempre, mas ninguém parecia importar-se. Imaginei se deveria ter lido meu horóscopo, talvez isso explicasse o que estava acontecendo. Poderia muito bem haver, em algum lugar de Miami, pessoas com muito conhecimento, talvez sacerdotes, sacudindo suas cabeças e murmurando: “Ahhh, Júpiter está retroagindo numa lua de Saturno”, e servindo outra xícara de chá de ervas enquanto andavam com suas sandálias. Ou talvez fosse um grupo dos vampiros que Deborah estava procurando, podemos chamá-los de bando? Talvez se vários deles tivessem afiado seus dentes, uma nova era de harmonia cairia sobre nós. Ou pelo menos sobre o doutor Lonoff, o dentista.

Passei um começo de noite calmo em casa, vendo TV e segurando Lily Anne sempre que era possível. Ela dormia bastante, mas não se importava se estava em meu colo ou não para dormir, então eu aproveitava. Parecia-me que aquilo requeria um grau incrível de confiança da parte dela. Por um lado, eu esperava que ela não crescesse assim, pois não era muito bom confiar tanto nos outros. Mas, por outro pequenino e perfeito lado, aquilo me preencheu com uma sensação de admiração e com a resolução de protegê-la de todos os outros monstros noturnos.

Percebi que cheirava a cabeça de Lily Anne o tempo todo, um comportamento bem antigo, eu sei, mas pelo que percebi, combinava completamente com minha nova pessoa humana. E aquele cheiro era incrível, diferente de tudo o que eu já sentira. Era um odor que quase não tinha cheiro de nada, e também não se encaixava em nenhuma categoria como “doce” ou “almiscarado”, apesar de conter elementos desses dois, e mais. Mas eu cheirava e não conseguia dizer que cheiro era, e então eu cheirava de novo só porque queria, e de repente um novo odor surgiu da região da fralda, um que era bem fácil de identificar.

Trocar uma fralda não é tão ruim quanto parece, e eu não me importava de fazer. Não estou dizendo que abraçaria aquilo como uma carreira, mas pelo menos no caso das fraldas de Lily Anne, era algo que não me causava nenhum sofrimento, aliás, de certa forma, era até bacana, já que eu estava fazendo um serviço bem específico e necessário para ela. E a coisa ficava ainda melhor porque Rita surgia como um bombardeiro, provavelmente para garantir que eu não queimasse o bebê acidentalmente, e então parava e apenas assistia quando via minha competência silenciosa, e eu senti o brilho quente da satisfação quando terminei e ela pegou o bebê da mesinha de trocar e disse apenas:

— Obrigada, Dexter.

Enquanto Rita alimentava Lily Anne, voltei para a TV e assisti a um jogo de hóquei por alguns minutos. Fiquei desapontado: primeiro, o Panthers já perdia por três gols, e depois, não teve nenhuma briga. Comecei a gostar daquele esporte por causa da sede de sangue honesta e salutar que os jogadores demonstravam. Agora, porém,

ocorreu-me que eu tinha de fazer cara feia para aquele tipo de coisas. O Novo Eu, o Papai Fralda Dexter, era totalmente contra a violência e não poderia apoiar um esporte como hóquei. Talvez eu devesse mudar para o boliche. Parecia muito chato, mas não havia sangue, e com certeza era mais excitante do que o golfe.

Antes que eu chegasse a uma decisão final, Rita voltou com Lily Anne.

— Quer fazê-la arrotar, Dexter? — Disse ela com um sorriso parecido com o da Virgem, aquela dos quadros.

— Não gostaria de fazer mais nada além disso. — Respondi e, estranhamente, quis dizer aquilo mesmo. Coloquei uma pequena toalha no ombro e segurei o bebê com a cabeça para trás. E mais uma vez, por alguma razão, aquilo não era tão terrível, mesmo quando Lily Anne fez sons delicados de vômito e pequenas bolhas de leite saíram e caíram na toalha. Me vi murmurando parabéns a ela a cada arroto que dava até que finalmente dormiu de novo, e eu a mudei de posição, segurando-a contra meu peito e balançando-a gentilmente de um lado para o outro.

Estava nessa posição quando Brian trouxe Cody e Astor para casa por volta das nove da noite. Tecnicamente, aquilo era forçar um pouco a barra, pois aquela era a hora de eles dormirem, e agora demorariam pelo menos uns quinze minutos para irem para cama. Mas Rita não pareceu ligar, e teria sido rude de minha parte dizer algo, já que todos pareciam ter se divertido tanto. Até Cody estava quase sorrindo, e fiz uma nota mental de tentar descobrir em qual restaurante chinês Brian poderia ter levado eles para conseguir aquele tipo de reação.

Eu estava um pouco em desvantagem já que segurava Lily Anne, mas enquanto Rita apressou os dois mais velhos para que colocassem os pijamas e escovassem os dentes, levantei-me para uma conversa amigável com meu irmão.

— Bom... — Falei, enquanto ele ficava parado à porta com ar de silenciosa satisfação. — Eles parecem ter se divertido.

— Ah, se divertiram mesmo! — Falou ele, com um sorriso terrivelmente falso. — São crianças incríveis.

— Eles comeram os rolinhos primavera? — Perguntei, e Brian pareceu completamente sem resposta por um instante.

— Os rolinhos... Ah sim, eles devoraram tudo o que coloquei na frente deles. — Falou, e havia uma alegria tão agourenta no jeito que falou que eu tive certeza absoluta de que não estávamos falando de comida.

— Brian... — Comecei, mas não pude continuar porque Rita veio rodopiando.

— Ah, Brian! — Falou ela, arrancando Lily Anne de minhas mãos. — Não sei o que você fez, mas as crianças se divertiram muitíssimo. Nunca os vi assim.

— Ah, foi um grande prazer! — Falou ele, e aquilo fez se formarem pequenos pedaços de gelo em minha espinha.

— Não quer entrar um pouco? — Falou Rita. — Posso fazer um café, ou tomamos uma taça de vinho...?

— Ah, não. — Disse ele, feliz. — Muito obrigado, minha cara, mas eu realmente preciso ir. Acredite ou não, ainda tenho um compromisso esta noite.

— Ah! — Falou, Rita, corando de culpa. — Espero que você não tenha... Quero dizer, com as crianças, você poderia... Não devia ter...

— Não foi nada. — Falou Brian, como se tudo fizesse sentido. — Tenho muito tempo, mas agora preciso me despedir.

— Bom — falou Rita —, se tem certeza... E não posso agradecer o suficiente porque foi...

— Mãe! — chamou Astor do corredor.

— Ah, nossa, com licença, mas... Muito obrigada mesmo, Brian. — Ela se inclinou e beijou a bochecha dele.

— O prazer foi todo meu. — Disse ele mais uma vez, e Rita sorriu e se apressou para ver Astor e Cody.

Brian e eu olhamos um para o outro por um momento e, enquanto havia um monte de coisas que queria dizer a ele, não sabia o que era necessário dizer.

— Brian... — Comecei de novo, mas parei ali, e ele abriu um sorriso terrivelmente falso e compreensivo.

— Eu sei — disse ele —, mas eu realmente tenho um compromisso. — Ele se virou e abriu a porta da frente, dando uma

olhada para trás. — Eles são mesmo crianças incríveis. Boa noite, irmão.

E então ele saiu para a noite, deixando-me com não mais que a lembrança de seu sorriso e uma sensação muito desconfortável de que algo muito errado estava acontecendo.

*** Bloqueio na bola — esquema ofensivo muito usado no basquete.

**** Referência a Edward Joseph Flanagan, sacerdote católico que dedicou sua vida à educação de crianças e jovens delinquentes abandonados.

Capítulo Catorze



EU ESTAVA MAIS QUE CURIOSO PARA SABER O QUE ACONTECERA no encontro de meu irmão com as crianças, mas Rita os colocou rapidamente para dormir antes que eu pudesse falar com eles. Fui dormir descontente, e de manhã não houve nenhuma chance de falar com eles sem a mãe por perto. E aquela era uma condição muito necessária, pois se mais alguma coisa tivesse acontecido além de comida chinesa, eu com certeza não ia querer que Rita soubesse. E as crianças provavelmente tinham sido alertadas para não dizer nada, se eu bem conhecia o Brian — e, pensando bem, eu não conhecia. Quer dizer, acho que sei como ele pensaria e agiria em certas circunstâncias, mas, fora isso, quem era ele? O que queria da vida além de uma brincadeira ocasional de fatiar? Eu não tinha ideia, e não encontrei nem uma, apesar de ponderar durante todo o café da manhã e o caminho até o trabalho.

Felizmente para minha autoestima, não consegui muito mais tempo para me preocupar com minha inabilidade em entender meu irmão, pois quando cheguei no trabalho o segundo andar onde os peritos forenses ficavam estava zunindo com o tipo de frenesi maluco que apenas um crime interessante pode causar. Camilla Figg, uma técnica forense de trinta e poucos anos passou voando por mim segurando seu kit e mal corou quando encostou em meu braço. E quando entrei no laboratório, Vince Masuoka já estava pulando e colocando coisas em sua sacola.

— Você tem um chapéu de safári? — Perguntou ele.

— Com certeza não. Que pergunta estúpida.

— Talvez precise de um. — Falou ele. — Vamos para um safári.

— Ah, Kendall de novo?

— Everglades. — Respondeu ele. — Algo totalmente selvagem aconteceu ontem à noite.

— Ungawa!***** — Falei. — Vou pegar o repelente.

E apenas uma hora depois saí do carro de Vince e fiquei parado ao lado da Route 41 nos pântanos de Everglades, a apenas alguns quilômetros de Fortymile Bend. Harry me trouxera para acampar naquela área quando eu era adolescente, e por acaso eu tinha muitas lembranças felizes dali envolvendo pequenos animais que colaboraram para minha educação.

Fora os veículos oficiais parados na estrada, havia duas grandes vans paradas na pequena área de estacionamento de terra. Um pequeno trailer estava preso a uma delas. Um bando de uns quinze adolescentes e três homens em uniforme de escoteiro andavam incertos próximos às vans, e vi dois detetives conversando com eles, um de cada vez. Havia um policial uniformizado parado ao lado da estrada e gesticulando para que os carros seguissem em frente e não parassem, e Vince deu um tapinha no ombro dele.

— Ei, Rosen! Qual é a dos escoteiros?

— Foram eles que encontraram. Vieram aqui esta manhã para uma excursão. — Falou Rosen e acrescentou: — Siga em frente — para um carro que diminuía a velocidade para olhar.

— Encontraram o quê? — Perguntou Vince.

— Eu só fico agitando as mãos para as porras dos carros. — Disse Rosen amargamente. — Vocês é que podem brincar com os corpos. Sigam em frente, vamos lá. — Falou ele para outro motorista curioso.

— Aonde temos de ir? — Perguntou Vince.

Rosen apontou para o lado mais distante da área de estacionamento e se virou. Imagino que se tivesse de ficar parado no tráfego enquanto outras pessoas brincavam com os corpos eu também ficaria amargurado.

Caminhamos em direção à trilha, passando pelos escoteiros. Eles deviam ter descoberto algo terrível, mas não pareciam muito chocados ou assustados. E na verdade estavam rindo e empurrando uns aos outros como se fosse algum feriado especial, e aquilo me fez sentir triste por nunca ter entrado para os escoteiros. Talvez eu tivesse ganhado uma medalha de mérito por reciclar partes de um corpo.

Descemos pela trilha que ia para o sul por entre as árvores e depois por uma curva para oeste por mais ou menos uns oitocentos metros até chegar a uma clareira. Quando chegamos lá, Vince suava muito e respirava pesado, mas eu estava quase ansioso, pois uma voz suave vinha sussurrando que havia algo me esperando que valia a pena eu ver.

Mas à primeira vista parecia haver pouca coisa para ver, a não ser uma área cheia de pegadas cercado uma fogueira apagada e, à esquerda da fogueira, uma pequena pilha de algo que não dava para ver direito por causa da figura de Camilla Figg agachada. O que quer que fosse, causou um movimento de interesse do Passageiro das Trevas, então fui em frente com apenas uma ligeira ansiedade, esquecendo por um instante que eu renegara aqueles Prazeres Sombrios.

— Oi, Camilla — falei quando me aproximava —, o que temos aqui? — Ela ficou enrubescida muito instantaneamente, o que era, por alguma razão, o jeito normal dela quando falava comigo.

— Ossos. — Falou baixo.

— Alguma chance de serem de um porco ou de uma cabra?

Ela negou veementemente com a cabeça e, com uma mão enluvada, levantou o que pensei reconhecer como um úmero humano, o que não era nem um pouco divertido.

— Nenhuma chance. — Respondeu.

— Certo, bom... — Falei, notando as marcas de queimado nos ossos e ouvindo o risinho sibilante e feliz que veio depois. Não dava para dizer se tinham sido queimados depois da pessoa já estar morta como forma de livrar-se da evidência, ou...

Olhei em volta da clareira. O chão fora alisado, e havia centenas de pegadas, indicando uma grande festa, e não acho que tenham sido os escoteiros. Eles chegaram apenas de manhã e não tinham tido tempo de fazer algo assim. A clareira estava de um jeito que indicava que muitas pessoas haviam estado ativas ali por várias horas. Não apenas paradas, mas andando, pulando muito e fazendo bagunça. E tudo mais centralizado em torno da fogueira, onde os ossos estavam, como se...

Fechei os olhos e quase pude ver enquanto ouvi um som reptiliano crescer vindo de minha voz interior e mortal. *Veja*, disse-me e, pela pequena janela, me mostrou um grupo grande e festivo. Havia uma vítima solitária amarrada perto do fogo. Não era uma tortura, mas sim uma execução, feita por uma pessoa... Enquanto todas as outras assistiam e festejavam? Será possível?

E o Passageiro riu e respondeu. *Sim*, falou ele. *Oh, com certeza*. Dançando, cantando e seguindo em frente. Muita cerveja, muita comida. Um velho e bom churrasco.

— Ei! — Falei para Camilla ao abrir os olhos. — Tem algo nos ossos que se pareça com marcas de dentes?

Camilla se encolheu e olhou para mim com uma expressão bem próxima de medo.

— Como sabe disso?

— Ah, foi um chute de sorte — falei, mas ela não se convenceu, então acrescentei: — alguma ideia do sexo da pessoa?

Ela ainda me encarou por um momento e só depois pareceu ouvir minha última pergunta.

— Hã... — Falou, virando-se para os ossos. Depois levantou a mão enluvada e apontou para um dos ossos grandes. — A cintura pélvica indica que é mulher. Provavelmente jovem.

Uma coisinha se encaixou no poderoso supercomputador que era o cérebro de Dexter e uma carta saiu pela abertura. *Mulher jovem*, estava escrito na carta.

— Ah, tá, obrigado. — Falei para Camilla, e fui me afastando para olhar para a pequena e interessante ideia que tivera. Camilla apenas assentiu e se abaixou de novo em direção aos ossos.

Olhei em volta da clareira. No canto onde a trilha desaparecia mais para dentro do pântano estava o tenente Keane conversando com um homem que reconheci ser do Departamento de Aplicação da Lei da Flórida, que era uma versão estadual do FBI. Eles tinham jurisdição na Flórida toda. E parado ao lado deles estava um dos maiores homens que já vi na vida. Ele era negro, media uns dois metros de altura e pesava uns duzentos quilos, o que não parecia fazer dele nem um pouco gordo, provavelmente por causa da ferocidade concentrada em seu olhar. Mas como o cara do

Departamento de Aplicação da Lei estava falando com ele, e não chamando reforços, tive de assumir que ele deveria estar mesmo ali, apesar de não ter ideia do porquê. Se ele estivesse representando o Departamento de Polícia comum ou o Condado de Broward, eu decerto já o teria visto antes, ou pelo menos ouvido os rumores a respeito de um cara daquele tamanho.

Mas por mais interessante que fosse ver um gigante de verdade, não era o suficiente para segurar minha atenção, então olhei para o outro lado da clareira. Depois do amontoado de policiais havia uma área livre na clareira onde vários detetives estavam reunidos. Fui até lá e coloquei meu kit no chão enquanto pensava bastante. Eu sabia de uma mulher jovem que estava desaparecida e sabia de alguém que estava procurando por uma mulher jovem desaparecida e que ficaria muito feliz em fazer aquela conexão. Mas qual era o jeito certo de fazer aquilo? Não sou um animal político, apesar de entender bem do assunto; a política é só um jeito de praticar meu antigo hobby usando facas metafóricas em vez das verdadeiras. Mas não parecia nem um pouco divertido para mim. Todas as manobras cuidadosas e as facadas pelas costas eram tão óbvias e sem sentido que não levavam a nada excitante. Mas eu sabia que era muito importante num ambiente estruturado como o Departamento de Polícia do condado de Miami-Dade. E Deborah não era muito boa nisso, apesar de ela dar um jeito de seguir em frente como um touro, numa combinação de trabalho duro e bons resultados.

Mas Deborah estava tão diferente do normal ultimamente, com seu beicinho e sua autopiedade, que eu não sabia se estaria pronta para um confronto duro que provavelmente se provaria muitíssimo político. Um detetive diferente está a frente desse caso, e, para ela, tentar arrancar isso dele seria bem difícil, mesmo com ela em seu auge. Ainda assim, talvez um bom desafio fosse o que ela precisava para voltar a ser o que era. Então talvez o mais simples seria ligar para ela e contar tudo, soltar os cães de guerra e deixar as fichas caírem onde deviam cair. Que metáfora maravilhosamente bizarra, o que fez a coisa parecer mais convincente ainda, então me afastei do grupo de policiais e peguei o celular.

Deborah deixou tocar várias vezes, e mais uma vez, aquilo não era de seu feitio. Quando já estava pronto para desistir, ela atendeu.

— Quê?

— Estou nos Everglades, numa cena de crime.

— Bom para você.

— Debs, acredito que a vítima foi morta, cozida e comida na frente de uma multidão.

— Uau, que horror! — Falou ela sem entusiasmo, o que achei um pouco irritante.

— Por acaso eu mencionei que a vítima parece ser uma mulher jovem?

Ela não disse nada por um momento.

— Debs?

— Estou a caminho. — Falou com um pouco do antigo fogo na voz, e fechei meu celular satisfeito. Mas antes que eu pudesse guardá-lo e voltar ao trabalho, ouvi alguém gritar atrás de mim, *Caraaaalho*! e então uma saraivada de tiros começou. Abaixei e tentei esconder-me atrás de meu kit de análise de borrifos de sangue, o que era um pouco difícil, considerando que ele tem o tamanho de uma lancheira. Mas me protegi com o que dava e olhei por cima em direção aos tiros, meio que esperando ver uma horda de guerreiros maoris nos atacando com suas lanças esticadas e a língua para fora. O que vi, em vez disso, era quase ou tão improvável.

Os policiais que estavam ali em volta um momento antes agora estavam agachados em posição de combate e atirando sem parar num arbusto próximo. Ao contrário do muito bem estabelecido pelos procedimentos policiais, seus rostos não eram máscaras sérias e frias, tendo expressões selvagens e de olhos arregalados. Um dos detetives já estava ejetando o clipe de sua arma e procurando freneticamente pelo reserva, enquanto os outros continuavam atirando com uma fúria cega.

E o arbusto que aparentemente eles estavam tentando matar começou a agitar-se espasmodicamente, e vi o brilho de algo prateado e amarelo. Aquilo brilhou uma vez com o sol e então desapareceu, mas os policiais ainda continuaram atirando por vários

segundos até que finalmente o tenente Keane correu gritando para que parassem de atirar.

— Quando o problema de vocês, seus idiotas? — Gritou Keane.

— Tenente, juro por Deus. — Começou a falar um deles.

— Uma cobra! — Continuou o segundo. — Uma porra de uma cobra gigante.

— Uma cobra! — Repetiu Keane. — Quer que eu pise nela para você?

— O seu pé é bem grande? — Perguntou um terceiro cara. — Porque era uma píton birmanesa de uns seis metros.

— Ah, merda! — Falou Keane. — Elas são protegidas?

Percebi que ainda estava agachado e me levantei bem na hora que o homem do Departamento de Aplicação da Lei entrou no papo.

— Na verdade, estão pensando em oferecer uma recompensa por essas malvadas. — Falou ele. — Pena que nenhum de vocês, Wyatt Earps, tenha tido sorte em acertá-la.

— Eu acertei! — Falou solenemente o terceiro cara.

— Porra nenhuma! — Disse um dos outros. — Você não acerta merda nenhuma nem com um sapato.

O homem negro gigante foi até o arbusto e olhou, virando-se depois para o grupo de atiradores e sacudindo a cabeça negativamente. Percebendo que a excitação acabara, peguei meu kit e fui até o local da fogueira.

Havia um surpreendente volume de borrifos de sangue para mim, e em poucos minutos eu já estava trabalhando feliz, fazendo as coisas nojentas terem sentido. O sangue ainda não estava completamente seco, provavelmente por causa da umidade, mas uma boa parte fora absorvido pelo solo, pois não chovia já havia algum tempo e, apesar da umidade do ar, as coisas no chão estavam relativamente ressecadas. Peguei duas boas amostras para levar comigo para análise e comecei a ter uma ideia do que provavelmente ocorrera ali.

A maior parte do sangue estava numa área específica, bem ao lado da fogueira. Fiz uma medição com um círculo se expandindo, mas o único traço que encontrei a mais de dois metros parecia ter sido levado para lá pelo sapato de alguém. Marquei aqueles pontos

na vã esperança de que alguém fosse capaz de identificar uma das pegadas e voltei para a poça principal. O sangue fora derramado da vítima e não espirrado, como aconteceria com um ferimento feito por um corte. E não havia nenhum derramamento secundário por perto, o que indicava que houvera apenas um corte, como quando se tira o sangue de um carneiro, ninguém mais da multidão pulou ali e esfaqueou ou cortou a vítima. Aquela fora uma morte lenta e deliberada, uma carnificina feita por apenas uma pessoa muito controlada e profissional, e me peguei admirando relutantemente o profissionalismo do trabalho. Aquele tipo de controle era bem difícil, como eu bem sabia, e com uma multidão assistindo e provavelmente gritando encorajamentos por causa das bebidas e oferecendo sugestões selvagens era pior ainda. Aquilo era impressionante, e eu fiz as coisas com calma, utilizando o profissionalismo recíproco que a coisa merecia.

Estava com um joelho no chão terminando de examinar a última provável pegada quando ouvi vozes alteradas, ameaças desagradáveis de desmembramento íntimo e expressões profanas sortidas de impossibilidades anatômicas. Só podia significar uma coisa. Levantei-me e olhei na direção da trilha e, é claro, eu tinha razão.

Deborah havia chegado.

***** Palavra usada por Tarzã para comunicar-se com os animais.

Capítulo Quinze



FOI UMA LUTA MUITO BOA, COMO EM GERAL ERA, E TERIA durado muito mais tempo se não fosse o cara do Departamento de Aplicação da Lei. Eu o conhecia pela reputação, seu nome era Chambers, e ele ficou literalmente entre Deborah e o outro detetive, um cara grande chamado Burris. Colocando uma mão no peito de Burris e a outra educadamente no ar na frente de Deborah, Chambers disse:

— Parem com isso!

Burris parou de falar na hora. Vi Deborah respirar para dizer algo, e Chambers olhou para ela. Debs olhou de volta e segurou a respiração, soltando-a depois, silenciosamente.

Fiquei impressionado e andei para o lado para ver melhor o homem do Departamento de Aplicação da Lei. Ele tinha a cabeça raspada e não era alto, mas quando se virou um pouco eu pude ver seu rosto e sabia porque Deborah fechara a boca, antes mesmo do pequeno aviso que veio do Passageiro. O homem tinha olhos de pistoleiro do tipo que você vê em fotos de homens da lei do Velho Oeste. Não se discute com olhos como aqueles. Era como olhar para dois frios canos de revólver.

— É o seguinte — dizia Chambers —, queremos resolver o caso, não brigar por ele. — Burris assentiu, e Deborah não disse nada. — Então vamos deixar os técnicos forenses terminarem o trabalho e tentarem identificar a vítima. Se o trabalho do laboratório disser que é a sua garota — falou ele, apontando para Deborah com a cabeça —, o caso é seu. Se não — disse e deitou a cabeça em direção a Burris —, fique à vontade. Será todo seu. Até lá — continuou, olhando diretamente para Debs e, dando crédito a minha irmã, ela olhou diretamente de volta sem chorar —, fique calma e deixe Burris trabalhar. Certo?

— Mas quero acesso. — Falou Deborah, mal-humorada.

— Acesso — falou Chambers —, não controle.

Debs olhou para Burris. Ele deu de ombros e desviou o olhar.

— Está bem. — Falou ele.

E assim a Batalha de Everglades chegava ao termo, com um final feliz para todos, a não ser, é claro, para o Dexter Burro de Carga, pois Debs parece ter interpretado “acesso” como sinônimo de me seguir para todos os lados e me encher de perguntas. Eu já quase terminara, mas as coisas não ficavam mais fáceis com uma sombra a meu lado, especialmente uma como Deborah, que era capaz de me atacar com um de seus agonizantes socos no braço a qualquer momento se eu falhasse em responder satisfatoriamente a uma de suas perguntas. Eu a inteirei sobre o que eu sabia e o que adivinhara enquanto pulverizava o líquido de encontrar sangue nos últimos locais necessários, procurando por algo que tivesse escapado. Aquele spray revelaria até mesmo os menores traços de sangue, a menor gota, e não afetava em nada o DNA que estivesse lá.

— O que é? — Quis saber Deborah. — O que encontrou?

— Nada. — Respondi. — Mas você está em cima de uma pegada.

— Ela andou para o lado se sentindo culpada, e peguei a câmera da mochila. Fiquei em pé e me virei, trombando com Deborah. — Debs, por favor. Não consigo fazer as coisas com você presa à minha cintura.

— Está bem. — Falou e se arrastou até um lugar do lado oposto à fogueira.

Acabara de tirar a última foto da grande poça de sangue quando ouvi Deborah me chamando.

— Dex. Ei, traga o seu spray aqui.

Olhei para o local onde ela estava. Vince Masuoka estava ajoelhado pegando uma amostra de algo. Peguei meu spray Bluestar e me juntei a eles.

— Pulverize bem aqui. — Falou Deborah, e Vince fez que não com a cabeça.

— Não é sangue. — Falou ele. — Não desta cor.

Olhei para o local que ele estava examinando. Havia uma área limpa e reta, como se um objeto pesado tivesse ficado ali de costas para a vegetação. As folhas estavam murchas por causa do calor, e

nelas e no canto da área afundada do chão havia pequenas manchas marrons. Algo espirrara de um recipiente que estivera ali.

— Pulverize! — Falou Deborah.

Olhei para Vince que deu de ombros.

— Já tenho uma amostra limpa. Não é sangue.

— Está bem. — Falei e pulverizei um pequeno local num dos arbustos.

Quase que imediatamente um brilho azul fraco ficou visível.

— Não é sangue... — Falou Debs, desdenhosa. — É o que então, porra?

— Merda! — Murmurou Vince.

— Não é muito sangue. — Falei. — O brilho está bem fraco.

— Mas tem sangue aí, né? — Perguntou Deborah.

— Bom, tem sim. — Respondi.

— Então é alguma outra merda com sangue misturado nela?! — Falou Debs.

Olhei para Vince.

— Bom — falou ele —, acho que sim.

Deborah assentiu e olhou em volta.

— Então temos uma festa — falou ela, apontando para o local da fogueira. — E lá na frente temos a vítima. E aqui, do outro lado da festa, temos isso. — Ela olhou para o Vince. — Que contém sangue. — Depois se virou para mim. — Então o que é isso?

Eu não deveria ter ficado surpreso por de repente aquilo ter virado problema meu, mas fiquei.

— Sei lá, Debs.

— Sei lá nada. Preciso de um daqueles seus palpites especiais agora.

— Tenho um palpite especial lá no departamento. — Falou Vince.

— O nome dele é Ivan.

— Cala a boca, pinto mole. Vamos Dexter.

Aparentemente eu não tinha como escapar, então fechei os olhos, respirei fundo e escutei...

E quase imediatamente recebi uma resposta divertida do Passageiro.

— Jarra de ponche. — Falei abrindo os olhos.

— O quê? — Perguntou Deborah.
— Era uma daquelas grandes tigelas com ponche para a festa.
— Com sangue dentro? — Perguntou ela.
— Ponche? — Falou Vince. — Jesus, Dex, você é um doente.
— Ei — respondi inocentemente. — Não bebi nem um pouco dele.
— Você é um maluco filho-da-mãe. — Acrescentou Deborah, prestativa.

— Debs, preste atenção. É longe do fogo e temos esta marca no chão. — Ajoelhei perto de Vince e apontei para o pequeno afundado no chão. — Tinha algo pesado aqui, com líquido caindo pelos lados, tem um monte de pegadas em volta... Não precisa chamar de ponche se isso os deixa nervosos. Mas era a bebida.

Deborah observou o local que eu apontei, olhou para a fogueira do outro lado da clareira e depois para o chão a seus pés. Ela sacudiu a cabeça devagar, agachou-se a meu lado e disse:

— Jarra de ponche. Caralho.

— Você é doente! — Repetiu Vince.

— É — falou Deborah. — Mas acho que ele está certo. — Então ela ficou em pé. — Aposto uma dúzia de rosquinhas que também vai achar traços de drogas nele. — Concluiu ela, com um tom de visível satisfação.

— Vou checar. Tenho um ótimo teste para ecstasy — falou Vince, lançando seu terrível olhar sensual, e então acrescentou: — Gostaria de fazer o teste do ecstasy comigo?

— Não, obrigada. — Respondeu Debs. — Você não tem lápis suficiente para isso. — Ela se virou e saiu andando antes que ele tentasse uma de suas terríveis respostas. Eu a segui. Levei três passos para perceber que havia algo de muito forte nela e, quando registrei o que era, parei e a virei de frente para mim.

Olhei para o rosto de minha irmã, surpreso.

— Debs, você está sorrindo.

— Estou, pois acabamos de provar que este caso é meu.

— Como assim?

Ela me deu um soco forte. Pode ter sido um soco de felicidade para ela, mas ainda assim doeu em mim.

— Não seja idiota. Quem bebe sangue?

— Ai, ai... — Respondi. — Bela Lugosi?

— Ele e todos os outros vampiros. Quer que eu soletre a palavra vampiro?

— Mas por quê... Ah! — Falei.

— Sim, ah. Descobrimos alguém que queria ser um vampiro, Bobby Acosta. E agora temos uma enorme festa de fraternidade de vampiros. Acha que é coincidência?

Eu não achava que fosse, mas meu braço estava doendo demais para eu falar aqui, então apenas respondi:

— Vamos ver.

— Sim, vamos ver mesmo. Pegue suas coisas. Eu levo você de volta.

Já era definitivamente a hora do almoço quando retornamos à civilização, mas nenhuma das dicas sutis que lancei para Deborah pareceram ser registradas, por isso ela foi direto para nossa central, sem paradas, apesar da Rota 41 virar Calle Ocho, o que nos propiciaria fazer uma parada num dos excelentes restaurantes cubanos que haviam ali. Só de pensar neles, meu estômago roncou, e achei que podia sentir o cheiro dos *plátanos* quentes na frigideira. Mas se dependesse de Deborah, as rodas da justiça já estavam em movimento, rangendo em seu caminho inexorável em direção a um veredito de culpado e a um mundo mais seguro, o que aparentemente significava que Dexter deveria ficar sem almoçar pelo bem da sociedade.

E foi um Dexter faminto que caminhou fracamente de volta ao laboratório, incomodado a cada passo pelas exigências da irmã para uma identificação rápida da vítima do crime em Everglades. Abri minhas amostras e deslizei para a cadeira, procurando respostas para a pergunta que não queria calar: será que eu deveria voltar à Calle Ocho? Ou ir simplesmente ao Café Relâmpago que era muito mais próximo e tinha sanduíches excelentes?

Como a maioria das questões importantes da vida, esta não tinha uma resposta fácil, e pensei muito em todas as implicações. Era melhor comer rápido ou bem? Se eu escolhesse a gratificação instantânea aquilo faria de mim uma pessoa fraca? E por que tinha de ser comida cubana hoje? Por que não churrasco, por exemplo?

No momento em que aquele pensamento surgiu, eu comecei a perder a fome. Tinham feito um churrasco com a garota lá em Everglades e, por alguma razão, aquilo me incomodou bastante. Não conseguia tirar as imagens da cabeça: a pobre garota presa a um lugar, sangrando devagar, enquanto o fogo ia ficando mais alto, a multidão gritando, e o cozinheiro jogando molho barbecue nela. Podia quase sentir o cheiro de carne queimada, e aquilo tirou completamente de minha cabeça os pensamentos sobre *ropa vieja* e almoço.

Será que era assim que a vida seria a partir de agora? Como poderia fazer meu trabalho se sentia empatia pelas vítimas que via todos os dias? E pior, como poderia permanecer num trabalho que ficava entre mim e meu almoço?

Eram muitas coisas terrivelmente tristes e por isso deixei a autopiedade me dominar por alguns minutos. Dexter no Fundo do Poço, que figura absurda. Eu, que mandara dezenas de pessoas que mereciam para o outro lado da vida, estava agora choramingando a perda de uma garota insignificante e unicamente porque quem quer que a tenha matado não desperdiçou a carne.

Absurdo. Mas, em todo caso, a máquina poderosa de meu ser precisava de algum tipo de combustível. Então empurrei os pensamentos tristes para longe e me dirigi pelo corredor até as máquinas de venda de comida. Olhar através do vidro para a escassa seleção de lanches também não me trouxe alegria. No hospital, uma barra de *Snickers* parecera um maná dos deuses. Agora parecia uma punição. Mais nada me chamou a atenção ou prometeu satisfação. Apesar de todas as embalagens coloridas e slogans felizes, tudo que eu conseguia ver era uma caixa cheia de conservantes e cores melhoradas quimicamente. Era tudo aromatizado artificialmente com réplicas sintéticas genuínas, e parecia tão apetitoso como comer um kit de química.

Mas o dever me chamava e eu precisava comer algo para poder funcionar no alto nível necessário. Então escolhi a coisa menos ofensiva, bolachas com um recheio que a embalagem dizia ser pasta de amendoim. Coloquei dinheiro na máquina e apertei o botão. O pacote caiu na bandeja, e, quando me inclinei para pegar, uma

figura pequena e sombria abriu a porta e colocou a cabeça para fora do porão escuro do Castelo Dexter. Congelei na posição inclinada e escutei. Não ouvi nada a não ser o tremular sedoso de uma bandeira de aviso, as coisas não eram o que pareciam, então me endireitei devagar e me virei com cuidado.

Não havia nada atrás de mim: nenhum maníaco com uma faca, nenhum caminhão descontrolado vindo em minha direção, nenhum gigante de turbante com sua azagaia, nada. Ainda assim, a vizinha dizia para eu tomar cuidado.

Parecia que o Passageiro estava brincando comigo. Talvez fosse uma desavença por eu ter falhado alimentar-me e fazer exercícios.

— Fique quieto. — Falei. — Vá embora e me deixe em paz.

Ele continuou sorrindo maliciosamente para mim, então o ignorei e entrei no corredor.

Caminhei diretamente para o sargento Doakes, ou pelo menos a maior parte dele.

Doakes sempre me odiara, mesmo antes de um médico louco ter cortado suas mãos, pé e a língua quando eu falhei em resgatá-lo. E digo que realmente tentei, mas as coisas não deram certo e, como consequência direta disso, Doakes perdeu algumas partes superestimadas do corpo. Mas mesmo antes disso ele já me odiava, pois de todos os policiais que já conheci, ele foi o único que desconfiou de quem eu era de verdade. Eu não dera nenhuma razão ou provas para isso, mas de algum jeito ele sabia.

E lá estava ele, em pé com sua prótese, me encarando com todo o veneno de mil cobras. Por um momento eu desejei que o médico mau também tivesse arrancado os olhos dele, mas logo percebi que aquele não era um bom pensamento, que não combinava com meu novo eu humano, então tirei aquilo da cabeça e lancei um sorriso amistoso.

— Sargento Doakes. É bom vê-lo. E se movimentando tão bem, que ótimo.

Doakes não fez nada, apenas ficou me encarando, e eu olhei para as garras de metal que tinham substituído suas mãos. Ele não estava carregando a pequena caixa de voz do tamanho de um notebook que usava para falar. Provavelmente queria as duas garras

livres para poder me estrangular, ou talvez, o mais provável é que também quisesse usar as máquinas de venda de comida. E como não tinha mais a língua, suas tentativas de falar sem a máquina eram tão embaraçosas, cheias de sons como “nhá” e outros parecidos, que ele provavelmente não queria parecer um bobo. Então ele só me encarou por um momento até que finalmente a expectativa de um encontro alegre se esvaiu de mim.

— Bom, foi ótimo falar com você. Tenha um bom dia. — Caminhei de volta para o laboratório, virando-me uma vez mais para olhar para trás. Doakes ainda me observava com seu olhar venenoso.

Eu te disse, gabou-se a vizinha suave do Passageiro, mas apenas acenei para Doakes e entrei no laboratório.

Quando Vince e os outros voltaram, por volta das três da tarde, o gosto das bolachas ainda se prolongava no fundo de minha boca.

— Uau! — Falou Vince quando entrou e soltou sua mochila no chão. — Acho que me queimei no sol.

— O que você fez em relação ao almoço? — Perguntei.

Ele piscou como se eu tivesse feito uma pergunta maluca e talvez fosse mesmo.

— Um dos policiais foi até o Burger King. Por quê?

— Você não perdeu a fome pensando que a menina foi assada e comida lá?

Vince olhou para mim ainda mais surpreso.

— Não. — Respondeu, sacudindo a cabeça devagar. — Comi um Whopper duplo com queijo e fritas. Você está bem?

— Só estou com fome. — Falei, e ele me olhou por mais um momento e, em vez de entrar num concordo de olhares, me virei e continuei a trabalhar.

Capítulo Dezesseis



O TELEFONE ME ACORDOU QUANDO AINDA ESTAVA ESCURO, e girei para olhar o rádio-relógio ao lado da cama. Ele marcava quatro e quarenta e sete em detestáveis dígitos alegres. Eu tivera vinte minutos de sono real desde a última vez que Lily Anne chorara e não gostei nem um pouco daquele telefonema me acordar. Mas na esperança de que os toques não a acordassem, peguei o telefone.

— Alô?

— Preciso de você mais cedo por aqui. — Declarou a voz de minha irmã. Ela não parecia nem um pouco cansada apesar da hora, e achei aquilo tão irritante quanto ser acordado assim, no meio da noite.

— Deborah. — Falei, com aquela rouquidão do sono ainda na voz. — Ainda faltam duas horas e meia para que seja dia.

— Fizemos a comparação da amostra de DNA que você colheu. — Falou ela, ignorando o que fora um comentário bem inteligente, considerando a hora. — É Tyler Spanos.

Pisquei rapidamente algumas vezes, tentando fazer meu cérebro chegar a um estado próximo da vigília.

— A garota que estava em Everglades? Era Tyler Spanos? Não era Samantha Aldovar?

— Isso. — Falou ela. — Por isso esta manhã será montada uma força tarefa. Chambers está coordenando, mas eu sou a investigadora principal. — Pude ouvir a excitação em sua voz quando ela disse aquelas palavras.

— Que ótimo! — Falei. — Mas por que precisa de mim tão cedo?

Ela baixou a voz como se estivesse com medo de alguém ouvir.

— Preciso da sua ajuda, Dex. Isso está se tornando algo muito grande e não posso estragar tudo. E está ficando político, sabe como é, não? — Ela limpou a garganta de leve, parecendo-se um pouco com o capitão Matthews. — Então eu coloquei você para ser o perito forense chefe na força tarefa.

— Preciso levar as crianças à escola. — Protestei e senti algo se mexendo a meu lado.

A mão de Rita tocou meu braço, e ela disse:

— Eu posso levar as crianças.

— Você ainda não deveria dirigir — protestei —, Lily Anne é muito pequena.

— Ela vai ficar bem. E eu também. Dexter, já fiz isso antes, e sem ajuda nas outras duas vezes.

Nunca falávamos do ex de Rita, o pai biológico de Cody e Astor, mas sabia o suficiente sobre ele para saber que não deve ter sido de grande ajuda mesmo. Era óbvio que ela fizera mesmo isso antes. E Rita de fato parecia bem, bastante saudável, mas era com Lily Anne, naturalmente, que eu me preocupava.

— Mas e a cadeirinha...

— Está tudo bem de verdade, Dexter. Vá fazer seu trabalho.

Ouvi algo que pode ter sido um resfolegar de Deborah.

— Diga a Rita que a agradeço muito. — Falou Debs. — Até daqui a pouco. — E então desligou.

— Mas... — Falei para o telefone, mesmo não tendo ninguém do outro lado.

— Vá se vestir — falou Rita e depois repetiu: — Nós vamos mesmo ficar bem, juro.

Nossa sociedade tem muitas leis e direitos para proteger as mulheres da força bruta do homem, mas quando duas mulheres decidem algo e atacam um homem, não há nada que ele possa fazer a não ser concordar. Talvez um dia elejamos presidente uma mulher com compaixão, e ela aprovará novas leis sobre esse assunto, mas até lá, eu seria uma vítima indefesa. Levantei-me, tomei banho, e, quando me troquei, Rita já tinha um sanduíche de ovo frito pronto para eu ir comendo no carro, e café numa pequena caneca de metal para viagem.

— Trabalhe bastante — disse ela, com um sorriso cansado. — Espero que pegue essas pessoas. — Fiquei surpreso. — Deu nos jornais. — Falou. — Disseram que foi... Que a pobre garota foi comida. — Ela tremeu e tomou um gole de café. — Em Miami. Nos dias atuais, nesta era moderna. Eu não... Quer dizer, canibais? E um

grupo deles? Como você pode... — Ela sacudiu a cabeça, tomou outro gole de café e baixou a xícara, e, para minha surpresa, vi uma lágrima formar-se no canto de seu olho.

— Rita.

— Eu sei. — Falou, limpando a lágrima. — São só os hormônios, tenho certeza, por que... E eu nem... — Ela fungou. — É só o bebê. E agora a menininha de alguém... Vá logo, Dexter. Isso é importante.

E eu fui. Ainda não estava acordado de verdade e ainda sofria com o chicoteamento mental recebido de Rita e Deborah, mas fui. E, estranhamente, estava tão surpreso quanto Rita com o que ela falou entre lágrimas. *Canibais*. Parecia bem estúpido dizer aquilo, mas não pensara naquela palavra ainda. Quer dizer, Dexter não é tonto: sabia que a pobre garota fora comida por pessoas e sabia que pessoas que comem outras pessoas são chamadas de canibais. Mas juntar aqueles pensamentos e dizer que canibais tinham comido Tyler Spanos, aquilo elevava a coisa do novo nível de realidade diário de dedões machucados para um patamar um pouco estranho e assustador. Sei que o mundo está cheio de pessoas más, afinal, sou uma dessas pessoas. Mas um grupo de gente festejando e comendo uma jovem num churrasco a céu aberto? Isso faz deles verdadeiros canibais contemporâneos, aqui em Miami, e senti que o nível de maldade subira alguns pontos.

E tinha ainda mais um toque de estranheza na coisa toda, como se um livro de contos de fada assustadores tivesse ganhado vida: primeiro vampiros e agora canibais. Mas que lugar interessante Miami se tornara de repente. Talvez em seguida eu me encontrasse com um centauro, um dragão ou quem sabe até um homem honesto.

Dirigi para o trabalho no escuro e com pouco tráfego. Um grande pedaço da lua ainda estava no céu me repreendendo por minha preguiça. *Vá trabalhar, Dexter*, sussurrou ela. *Vá cortar algo*. Mostrei o dedo para ela e fui em frente.

Uma das salas de reunião do segundo andar fora transformada no centro de comando para a força tarefa de Deborah e já estava borbulhando com atividades quando entrei. Chambers, o homem da cabeça raspada do Departamento de Aplicação da Lei, estava

sentado em frente a uma mesa grande repleta de pastas, relatórios do laboratório, mapas e xícaras de café. Ele tinha uma pilha de seis ou sete celulares a seu lado e falava em outro.

E infelizmente para todos os interessados, exceto talvez o fantasma de J. Edgar Hoover,***** que devia estar pairando protetoramente num manto espectral, sentada ao lado de Chambers, estava a agente especial Branda Recht. Ela trazia um par de óculos de leitura muito chiques na ponta do nariz que ela baixava ainda mais para olhar para mim com desaprovação. Sorri de volta para ela e olhei para o canto da sala, onde um homem com o uniforme da polícia estadual estava parado ao lado do negro gigante que eu vira na cena do crime. Ele se virou e olhou para mim, então apenas fiz um aceno com a cabeça e segui em frente.

Deborah dava instruções para dois detetives de nossa delegacia, Miami-Dade, enquanto seu parceiro, Deke, sentado ao lado dela, passava fio dental. Ela levantou a cabeça e fez um aceno para eu me juntar ao grupo. Puxei uma cadeira para perto deles e me sentei quando um dos detetives, um cara chamado Ray Alvarez, a interrompeu.

— Sim, ei, me escute. Não gosto nem um pouco disso. Quer dizer, o cara é fodão da prefeitura... Você já foi colocada de lado uma vez.

— Mas agora é diferente. — Falou Deborah. — Temos um assassinato que ninguém nunca viu igual e a imprensa está alucinada.

— Sim, claro — respondeu Alvarez —, mas você sabe muito bem que o Acosta só está esperando pra chutar o saco de alguém.

— Não se preocupe com isso. — Respondeu Deborah.

— É fácil para você. Não tem um saco para ser chutado.

— Isso é o que você pensa. — Falou Hood, o outro detetive que parecia o Hulk e que eu conhecia um pouco. — Ela tem duas vezes mais colhão que você, Ray.

— Vá se foder. — Falou Alvarez. Deke bufou, não sei se rindo ou se uma pequena partícula de comida saiu do dente e acabou alojada em seu nariz.

— Trate de encontrar Bobby Acosta — falou Debs, afiada — ou não terá saco nenhum com que se preocupar. — Ela ficou olhando

para ele, que deu de ombros e olhou para o teto como perguntando por que Deus estava brigado com ele. — Comece pela moto. — Falou ela e depois olhou uma pasta em seu colo. — É uma Suzuki Hayabusa vermelha e tem um ano.

Deke assobiou, e Alvarez disse:

— Uma o quê?

— Hayabusa. — Falou Deke, parecendo impressionado. — É uma moto quente.

— Certo, entendi. — Respondeu Alvarez, olhando para Deke com resignação, e Debs se virou para Hood.

— Você procura o carro de Tyler Spanos. É um Porsche azul conversível. Ele vai aparecer em algum lugar.

— Provavelmente na Colômbia. — Falou Hood e, quando Deborah abriu a boca para responder, ele acrescentou — Sim, eu sei, se ainda não sumiram com o carro, vou achá-lo. — Ele deu de ombros. — Não que vá resolver algo.

— Ei! — Falou Deke. — Temos de fazer o trabalho de rotina, sabia?

Hood olhou para ele com uma expressão divertida.

— Sim, Deke, eu sei.

— Muito bem. — Disse Chambers em voz alta, e todos os olhos da sala se voltaram para ele como se estivessem ligados pelo mesmo fio. — Se puder ter a atenção de todos um minuto...

Ele ficou em pé e recuou até um lugar de onde podia ver todos.

— Primeiro quero agradecer ao major Nelson. — Ele apontou com a cabeça para o homem com o uniforme da polícia estadual. — E ao Detetive Weems, da Polícia Tribal Miccosukee. — Então o gigante levantou uma mão, acenou e, estranhamente, sorriu para todos.

Encostei em Deborah e sussurrei:

— Veja e aprenda, Debs. Política.

Ela me deu uma cotovelada e sussurrou:

— Cale a boca.

Chambers continuou.

— Eles estão aqui porque este negócio está se tornando um evento classe A e nota 10 em atenção, e talvez precisemos da ajuda deles. Temos uma possível conexão em Everglades — falou, fazendo

outro aceno de cabeça para Weems, — e vamos precisar de toda a ajuda que pudermos para cobrir as estradas estaduais. — O major Nelson nem piscou com aquela menção.

— E a federal? — Disse Hood, apontando para a agente especial Recht. E Chambers o encarou por um momento.

— O FBI está aqui — falou ele cuidadosamente — porque estamos procurando por um grupo, e se eles forem bem organizados, talvez até nacionais, o FBI vai querer saber a respeito. Além disso, ainda temos uma garota desaparecida, e isso pode vir a ser um sequestro. E, falando sério, como este caso é uma coisa bizarra e complicada, vocês têm sorte de não ter o Tesouro, o ATF***** e a inteligência naval aqui também, então cale a boca e vamos ao trabalho.

— Sim, senhor. — Falou Hood num tom meio sarcástico.

Chambers olhou para ele tempo suficiente para que Hood se contorcesse e então começou a falar de novo.

— Muito bem. A sargento Morgan comanda a operação aqui na área de Miami. Qualquer coisa que aponte em outra direção deve passar por mim primeiro.

Deborah assentiu.

— Perguntas? — Falou Chambers, estendendo o olhar pela sala. Ninguém disse nada. — Certo. A sargento Morgan fará um resumo do que sabemos até agora.

Deborah se levantou e caminhou até onde Chambers estava enquanto ele se sentava, abrindo espaço para ela. Debs limpou a garganta e começou seu resumo. Era doloroso assistir; ela não é boa para falar em público e, além disso, tem muita consciência do que sabe ou não fazer. Para mim, parece que ela sempre se sentiu mal por estar no corpo de uma bela mulher, já que sua personalidade combina mais com Dirty Harry, e odeia ter pessoas olhando para ela. Então, para qualquer um que se importasse de verdade, era uma experiência desconfortável vê-la tropeçar nas palavras, limpar a garganta repetidamente e apoiar-se em clichês policiais como se estivesse se afogando.

Mesmo assim, tudo tem de acabar alguma hora, não interessa quão desagradável seja, e depois de um longo e nervoso interlúdio, Debs terminou e disse:

— Perguntas? — Então ficou vermelha e olhou para Chambers, como se ele fosse ficar chateado por ela usar a mesma palavra.

O detetive Weems levantou o dedo.

— O que quer que façamos em Everglades? — Perguntou com uma voz incrivelmente suave e forte.

Deborah limpou a garganta mais uma vez.

— Apenas... Conversem com as pessoas. Se alguém vir algo, se esses caras tentarem dar outra festa. Ou se houve alguma outra festa da qual não sabemos ainda, um local onde pode haver alguma evidência. — Ela limpou a garganta. Imaginei se devia oferecer uma pastilha para ela.

Felizmente, para a imagem de investigadora com dois punhos de Deborah, Chambers decidiu que já era o suficiente. Ele se levantou antes que Deborah derretesse de uma vez e disse:

— Muito bem. Vocês sabem o que fazer. A única coisa que quero acrescentar é que fiquem de boca fechada. A imprensa já está se divertindo muito com isso e não quero dar mais nada que possam ficar chutando por aí. Entenderam?

Todos assentiram, inclusive Deborah.

— Certo. — Continuou ele. — Vamos pegar os bandidos.

A reunião terminou com o som de cadeiras rangendo, pés se arrastando e conversas policiais, enquanto todos se levantavam e se juntavam em pequenos grupos de conversa com os que já estavam em pé, a não ser o major Nelson, da Patrulha Estadual, que apenas colocou seu chapéu na cabeça de cabelos bem curtos e marchou para a porta como se a "Marcha do Coronel Bogey" estivesse tocando. Gigante da polícia tribal, Weems, foi conversar com Chambers, e a agente especial Recht ficou sentada sozinha, olhando em volta, desaprovando tudo em silêncio. Hood viu aquilo e sacudiu a cabeça.

— Merda. Eu odeio os porras dos federais.

— Aposto que eles estão muito preocupados com isso. — Falou Alvarez.

— Ei, Morgan, falando sério, tem algum jeito da gente ferrar a vagaba federal?

— Claro que tem. — Falou Debs num tom de voz tão razoável que significava problemas para alguém. — Você pode achar a porra da garota e depois pegar o puto do assassino e fazer a porra do seu trabalho e assim ela não terá uma desculpa para fazer no seu lugar. — Ela mostrou os dentes para ele; não era um sorriso, muito embora Bobby Acosta provavelmente achasse que era. — Acha que pode fazer isso, Richard?

Hood olhou para ela por um momento e então sacudiu a cabeça.

— Merda! — Falou ele.

— Ei, olha só isso, você tinha razão. — Falou Alvarez. — Ela tem mais colhão que você.

— Merda! — Repetiu Hood e, procurando claramente um alvo mais fácil para recuperar alguns pontos, falou:

— E você, Deke?

— Eu o quê?

— O que você vai fazer?

Deke deu de ombros.

— Ah, você sabe, o capitão quer que eu fique com a, hã... Morgan.

— Uau! — Falou Alvarez. — Realmente bem perigoso.

— Somos parceiros — falou, Deke, parecendo um pouco magoado.

— Tome cuidado, Deke. — Falou Hood. — A Morgan é linha-dura com seus parceiros.

— É, ela meio que perde eles de vez em quando. — Completou Alvarez.

— Os dois cuzões querem que eu leve vocês de mãos dadas até a base de dados do Departamento de Trânsito? — Falou Deborah. — Ou conseguem tirar a cabeça de dentro de seus rabos a tempo de acharem o caminho?

Hood se levantou e disse:

— Estou indo, chefe! — E foi para a porta, seguido por Alvarez. — Tome cuidado, Deke. — Falou antes de sair.

Deke os viu partir com a testa franzida, e quando a porta se fechou ele disse:

— Por que eles ficam me detonando? É porque sou o cara novo ou algo assim? — Deborah o ignorou, e ele se virou para mim. — Quer dizer, e aí? O que falo? Hein?

Eu não tinha nenhuma resposta para ele além do óbvio, que era dizer que os policiais são iguais a todos os outros grupos, eles pegam no pé de qualquer membro que pareça diferente ou que mostre fraqueza. Com a beleza absurda dele e sua habilidade mental limitada, Deke era as duas coisas, e por isso também era o alvo óbvio. Mas me parecia uma ideia dura ir em frente falando coisas desagradáveis e procurando palavras simples, então apenas dei um sorriso consolador a ele.

— Tenho certeza de que vão pegar mais leve com você quando virem do que é capaz.

Ele sacudiu a cabeça devagar.

— Mas como posso mostrar algo? — Disse ele, apontando com a cabeça para Deborah. — Tenho de ficar com ela como a porra de uma sombra.

Ele ficou me olhando como se eu tivesse de dar uma resposta, então falei:

— Bom, tenho certeza de que logo aparecerá uma chance de você mostrar iniciativa.

— Iniciativa! — Falou, e por um momento achei que teria de dizer-lhe o que isso significava. Mas para minha sorte ele apenas sacudiu a cabeça tristemente e disse: — Merda! — E antes que pudéssemos explorar todas as nuances daquele pensamento, Chambers veio até nós e pôs a mão no ombro de Deborah.

— Muito bem, Morgan. Sabe o que tem de fazer. Lá embaixo daqui a noventa minutos.

Debs olhou para ele com uma expressão mais próxima do terror do que qualquer coisa que eu já tenha visto em seu rosto.

— Não posso. — Falou ela. — Quer dizer, achei que você ia... Não pode ser você?

Chambers fez que não com a cabeça com algo próximo de um brilho malicioso ao sorrir. Aquilo o fez parecer um elfo mau e muito mortal.

— Não posso. Você lidera a operação. Sou só o coordenador. O seu capitão quer que você faça isso. — Ele deu um tapinha no ombro dela e saiu andando.

— Merda! — Falou Deborah e por um momento senti uma enorme irritação por aquela ser a única palavra que as pessoas conseguiam pensar naquela manhã. Então ela passou a mão pelo cabelo, e percebi que sua mão estava trêmula.

— O que foi Debs? — Perguntei, imaginando o que diabos poderia fazer com que minha destemida irmã tremesse como uma folha frágil numa tempestade.

Ela respirou fundo e ajeitou os ombros.

— Coletiva de imprensa. Querem que eu fale com a imprensa. — E então engoliu em seco e umedeceu os lábios como se tudo dentro dela tivesse ficado seco de repente. — Merda! — Ela disse outra vez.

***** John Edgar Hoover (1895-1972) foi chefe do FBI (Federal Bureau of Investigation) por 48 anos e é considerado seu patrono.

***** Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives, órgão ligado ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

Capítulo Dezessete



UMA DAS COISAS QUE ACHO MAIS RECOMPENSADORAS DE MEU trabalho é que sempre há uma boa variação do que fazer. Alguns dias me acostumo com o maquinário grande e caro, fazendo vários testes científicos e bem modernos; outros dias apenas olho o microscópio. E quando não é isso, o cenário muda quando vou até a cena do crime. E é claro que os crimes são diferentes uns dos outros, indo do comum e vulgar crime passional até eviscerações realmente interessantes às vezes.

Mas com toda a minha vasta experiência no departamento, nunca tinham me pedido para usar meu vasto treinamento científico e perspicácia para preparar minha aterrorizada irmã para uma coletiva de imprensa, e devo dizer que isso foi bom, pois, se fosse uma parte regular de meu trabalho, eu pensaria seriamente em desistir de ser técnico forense e conseguir um emprego de professor de educação física numa escola.

Deborah me arrastou até seu cubículo e começou imediatamente com um suor frio nem um pouco atrativo. Ela se sentou, se levantou, deu três passos em cada direção, se sentou de novo e começou a apertar uma mão contra a outra. E apenas para aumentar o já muito alto Quociente de Irritação, começou a dizer:

— Merda. Merda, merda, merda, merda, merda. — Sem parar e em vários volumes e inflexões, até eu achar que ela perdera o poder de falar algo coerente.

— Debs... — Falei por fim. — Se essa é sua declaração, o capitão Matthews vai ficar bem chateado.

— Merda. — Falou ela, e pensei se deveria estapeá-la. — Meu Deus, Dexter, por favor, o que devo falar?

— Qualquer coisa menos "merda". — Respondi.

Ela ficou em pé de novo e caminhou até a janela, ainda apertando as mãos. Cada garotinha que já viveu e cresceu querendo ser atriz, dançarina ou fazer algum tipo de performance, todas, menos

Deborah. Tudo que ela sempre quis, mesmo quando tinha 5 anos, era uma arma e um distintivo. E com trabalho duro, inteligência, obstinação e socos muito dolorosos no braço, ela conseguiu atingir sua meta, apenas para descobrir que para manter-se ali teria de ser uma atriz. A palavra "ironia" é terrivelmente superutilizada, mas mesmo assim, a situação parecia pedir por pelo menos um pouco de divertimento irônico.

Mas também pedia por certa quantidade da nova compaixão de Dexter, descoberta com o nascimento de Lily Anne, já que eu percebia que sem minha ajuda, minha irmã ia provar de uma vez por todas que realmente existe o que chamam de combustão espontânea. Então, quando decidi que Deborah sofrera o bastante, levantei-me da cadeira e fui ficar ao lado dela.

— Debs. — Falei. — Isso é algo tão fácil que até o capitão Matthews é bom em fazer.

Acho que ela quase disse "merda" de novo, mas se segurou e apenas mordeu o lábio.

— Não consigo. — Falou. — Todas aquelas pessoas... Repórteres, câmeras, não consigo, Dexter.

Fiquei contente em ver que ela se recuperara um pouco, o suficiente para separar as pessoas dos repórteres, mas era claro que eu ainda tinha trabalho a fazer.

— Consegue sim, Deborah. — Falei com firmeza. — E vai ser bem mais fácil do que imagina. É capaz até de você gostar.

Ela rangeu os dentes e acho que teria me dado um soco se não estivesse tão distraída.

— Pode esperar sentado. — Falou.

— É fácil. — Repeti. — Vamos escrever alguns parágrafos curtos e tudo que precisará fazer será ler em voz alta. É como fazer o relatório de um livro na época da escola.

— Eu detestava relatórios de livros. — Rosnou Debs.

— Você não tinha minha ajuda na época. — Falei com muito mais confiança do que sentia de verdade. — Venha, vamos sentar e escrever o que precisamos.

Ela rangeu os dentes e apertou as mãos por mais alguns segundos, parecendo pensar em jogar-se pela janela. Mas era

apenas o segundo andar e as janelas eram seladas, então Debs finalmente se virou e sentou na cadeira.

— Está bem. — Disse ela entredentes. — Vamos lá!

Existem alguns poucos clichês que já são suficientes para dizer quase tudo para a imprensa. Esta é uma das razões pelas quais um falador como o capitão Matthews pode tornar-se bom o suficiente nisso para subir na profissão baseando-se apenas em sua habilidade de memorizar todos os dados e colocá-los na ordem certa ao ficar na frente de uma câmera. Não era nem uma habilidade, pois era muito mais fácil do que fazer o mais simples dos truques com cartas.

Ainda assim era um talento que Deborah não possuía, nem mesmo um pouquinho, e tentar explicar a ela era como tentar descrever um xale escocês para um cego. No fim, aquele foi um intervalo chato e ruim, e quando nos dirigimos para a coletiva eu estava quase tão suado e cansado quanto minha irmã. Nenhum de nós se sentiu melhor quando vimos a sala cheia de predadores salivando e esperando por nós. Por um momento Deborah congelou no lugar com um pé parado no ar. Mas então, como se alguém tivesse ligado um interruptor, os repórteres se viraram para ela e começaram a rotina normal de gritar perguntas e tirar fotos, e quando vi Deborah travar a mandíbula e fazer uma careta, respirei fundo. *Ela vai ficar bem*, pensei, e assisti a ela subir no palco com algum orgulho de minha criação.

Mas é claro que aquilo durou só até ela abrir a boca, e depois disso começou um dos mais miseráveis discursos de quinze minutos que já vi. Deborah tentando falar numa sala cheia de policiais foi profundamente desconfortável, tentando fazer uma declaração numa coletiva de imprensa foi uma tortura tão dolorosa que tenho quase certeza de que o homem do capuz preto que trabalhava na Inquisição teria tremido e se recusado a participar. Ela gaguejou, a voz falhou, tropeçou, suou e pulou de uma frase para outra com uma polidez cuidadosa e num emaranhado tão completo que parecia estar confessando o estupro de uma criança, e quando finalmente terminou a declaração que eu preparara com tanto trabalho para ela houve um silêncio atordoado na sala por vários segundos. Então, meu Deus, os repórteres sentiram o cheiro de sangue na água e

atacaram Deborah num frenesi selvagem. Tudo que ocorrera antes era docinhos e gatinhos em comparação àquilo, e assisti a Deborah amarrar a corda em volta de seu pescoço devagar e cuidadosamente e jogar-se, retorcendo-se ao vento e agonizando até que finalmente, e por misericórdia, o capitão Matthews, que já sofrera bastante, pôs-se à frente e disse:

— Sem mais perguntas. — Ele não tirou Deborah do palco, mas estava claro que teria que pensar em fazê-lo.

O capitão olhou energicamente para a multidão de linchadores reunidos como se pudesse vencê-los com seu olhar másculo, e eles realmente se acalmaram um pouco.

— Muito bem. — Disse ele depois de um momento. — Os, hã... Membros da família. — Ele pôs a mão na boca e limpou a garganta, e pensei se Deborah era contagiosa. — O senhor e a senhora Aldovar. Gostariam de fazer uma declaração rápida. — Ele fez um aceno de cabeça, e eles deram os braços um ao outro.

Um atordoado senhor Aldovar levou a esposa até os microfones. Ela parecia exausta e muitos anos mais velha, mas quando ficaram em frente à plateia, ela visivelmente se controlou, afastou o marido e pegou uma folha de papel. E os repórteres, bizarramente, fizeram silêncio por um momento.

— Para a pessoa ou as pessoas que pegaram nossa garotinha — começou ela, teve que parar por um momento e, apenas por coerência, limpou a garganta. — Nossa Samantha... Não temos muito dinheiro, mas o quanto tivermos ou conseguirmos será seu. Apenas não machuque nossa filhinha, por favor... Apenas... — E foi o mais longe que ela conseguiu ir. Ela cobriu o rosto com as mãos, e o papel caiu no chão. O senhor Aldovar deu um passo à frente e a abraçou, olhando para a multidão como se eles soubessem onde Samantha estava e se recusassem a contar.

— Ela é uma boa garota. — Falou ele, nervoso. — Não há motivo no mundo para, para... Por favor — falou num tom mais suave —, solte ela, por favor. O que quer que você queira, apenas solte ela, por favor... — Então seu rosto se enrugou, e ele se virou. O capitão Matthews foi até a frente e olhou novamente para a multidão.

— Muito bem. — Falou ele. — Vocês todos têm uma foto da garota. Samantha. Estamos pedindo que nos ajudem a divulgar, e, hã... Se as pessoas a virem, vocês, cidadãos, podem ligar para o número especial da força tarefa, vocês também têm o número no kit de imprensa. E se pudermos, hã... Circular o número de telefone, e a foto, vamos conseguir trazê-la de volta. Viva. — Ele lançou seu olhar de cinema para o público, um olhar viril e determinado diretamente para as câmeras, e o manteve por um segundo antes de dizer: — Muito obrigado por sua ajuda. — Então ficou ali parado por um momento com a mandíbula fechada, dando aos fotógrafos uma última boa foto de suas expressões faciais de comando e depois disse: — Certo, era isso. — E se virou.

Previsivelmente, a sala irrompeu num enorme caos, mas Matthews apenas fez um aceno com a mão e se virou para confortar os Aldovar e pronto, a coisa terminara mesmo. Fui em frente para resgatar Deborah e distribuí várias cotoveladas nas costelas pelo caminho. Encontrei minha irmã em pé ao lado do palco, abrindo e fechando os punhos. Um pouco de cor retornara à suas bochechas e ela parecia estranhamente amarrotada, como se alguém tivesse acabado de acordá-la de um pesadelo.

— Se tiver que fazer algo assim de novo — disse ela entredentes — vou devolver meu maldito distintivo.

— Se você tentar fazer algo assim de novo — falei — o capitão Matthews pegará ele mesmo o seu distintivo.

— Jesus. Foi tão ruim quanto eu senti que foi?

— Ah, não. Foi muito pior.

Imagino que meu mau humor impediu que eu previsse o que aconteceria, mas Debs me acertou com um soco no braço. Por um lado era bom vê-la recuperar-se de sua provação. Mas, por outro lado, aquilo doeu pacas.

— Obrigada pelo apoio. — Disse ela. — Vamos sair daqui. — Virou e começou a empurrar e passar nervosamente por entre a multidão, e eu a segui, esfregando meu braço.

Os repórteres são criaturas estranhas. Eles devem se achar o máximo para poder fazer seus trabalhos, e claramente alguns dos que tinham visto a triste performance de Deborah deviam ser muito

bons no quesito enganar a si mesmos, pois aparentemente acreditaram que, se colocassem microfones em direção a Debs e gritassem uma pergunta, ela cederia à pressão de seus cabelos e dentes perfeitos e daria uma resposta. Infelizmente para a autoestima profissional deles, Deborah continuou apenas indo em frente, empurrando tudo o que colocavam na frente dela e qualquer idiota o bastante para ficar em seu caminho. E mesmo os repórteres que estavam no fundo, perto da saída, e que tinham visto claramente o que ocorrera aos colegas, pensavam ser tão bons que tentaram fazer exatamente o mesmo e ainda ficaram surpresos por conseguirem os mesmos resultados.

Por eu estar seguindo Deborah, muitos deles me olhavam especulativamente, mas depois de muitos anos de manutenção aplicada, meu disfarce era bom demais para eles, que decidiam que eu era exatamente o que queria parecer, uma entidade inexistente com nenhuma resposta para nada. E então, relativamente pouco molestado e machucado apenas no braço que recebeu o soco de Deborah, saí da sala da entrevista e, junto com minha irmã, voltei à sala de comando da força tarefa, no segundo andar.

Em alguma parte do caminho, Deke se juntou a nós, andando no fim da fila. Alguém pusera uma máquina de café por ali, e Deborah pegou um copinho. Ela deu um gole e fez cara feia.

— Este café é pior que o nosso do dia a dia.

— Poderíamos sair para tomar café da manhã. — Falei, esperançoso.

Debs largou o copo e se sentou.

— Temos muita coisa a fazer. Que horas são?

— Oito e quarenta e cinco — falou Deke, e Deborah olhou para ele com uma cara amarga, como se tivesse escolhido dizer uma hora ruim. — Que foi? A hora é essa!

A porta se abriu, e o detetive Hood entrou.

— Sou tão bom que até me assusto. — Falou, enquanto se virava e afundava na cadeira em frente a Deborah.

— E me assusta também, Richard. — Falou Deborah. — O que conseguiu?

Hood pegou uma folha de papel do bolso e a desdobrou.

— Em tempo recorde, o Porsche azul conversível de Tyler Spanos.
— Ele deu um peteleco no papel. — Um dono de um desmanche me devia um favor. Dei uma chance a ele no ano passado. — Ele deu de ombros. — Teria sido o terceiro erro dele, por isso ele me ligou. — Hood deu outro peteleco no papel. — Está em um lugar que faz pinturas em Opa-Locka. Estou com uma viatura no local segurando os caras que estavam pintando, dois haitianos. — Ele jogou o papel em frente a Deborah. — Quem é o maioral aqui?

— Sai daqui. — Falou Debs. — Quero saber quem vendeu o carro e não quero saber como vai conseguir.

Hood deu a ela um belo sorriso de comedor de carne.

— Valeu. — Falou ele. — Às vezes eu adoro esse trabalho. — Ele se levantou da cadeira com um movimento surpreendentemente gracioso e saiu pela porta assobiando *Here comes the sun*.

Deborah ficou olhando-o sair e, quando a porta se fechou, falou:

— Nossa primeira pista boa, e é logo esse tonto que a consegue para mim.

— Hã, uma pista? Duvido. — Falou Deke. — Como estão pintando o carro já não vai ter mais impressões digitais ou algo assim.

Debs olhou para ele com uma expressão que me faria correr e esconder-me embaixo da mesa.

— Alguém fez uma burrada, Deke. — Falou ela, com grande ênfase na palavra "burrada". — Deviam ter colocado o carro num buraco, mas alguém quis fazer um dinheiro rápido com ele, por isso o venderam. E se acharmos quem o vendeu...

— Acharemos a garota. — Falou Deke.

Deborah olhou para ele, e o rosto dela quase demonstrava afeição.

— Isso mesmo, Deke. Encontramos a garota.

— Muito bem. — Falou ele.

A porta se abriu de novo, e o detetive Alvarez entrou.

— Você vai adorar isso. — Falou ele, e Deborah olhou esperançosa.

— Achou Bobby Acosta?

Alvarez fez que não com a cabeça.

— A família Spanos está aqui para falar com você.

Capítulo Dezoito



SE O HOMEM QUE ENTROU PRIMEIRO PELA PORTA ERA O SENHOR Spanos, então o pai de Tyler era um marombado de 28 anos com rabo de cavalo e uma protuberância suspeita embaixo do braço esquerdo. Isso significaria que ele foi pai de Tyler aos 10 anos, o que me parecia meio forçado, mesmo para Miami. Mas quem quer que fosse aquele homem, era sério, e olhou a sala toda com cuidado, o que incluiu a mim e a Deke, antes de colocar a cabeça de volta no corredor e assentir.

O próximo homem que entrou era um que parecia um pouco mais ser o pai de uma adolescente. Era de meia-idade, relativamente baixo e um pouco gordinho, cabelos rareando e uns óculos de armação dourada. Tinha o rosto suado e cansado, e a boca ficava meio aberta, como se precisasse respirar por ela. Ele se arrastou para dentro da sala parecendo perdido por um momento, e então parou em frente a Deborah, piscando e respirando pesado.

Uma mulher entrou apressada atrás dele. Ela era mais jovem e vários centímetros mais alta, com cabelos loiros avermelhados e com joias boas e exageradas. Ela foi seguida por outro jovem marombado, mas este tinha o cabelo bem curto em vez do rabo de cavalo. Ele carregava uma maleta média de alumínio e fechou a porta atrás de si e depois ficou encostado lá mesmo. A mulher marchou até onde Deborah estava, puxou uma cadeira e guiou o senhor Spanos até ela.

— Senta. — Falou ela. — E feche a boca. — O senhor Spanos olhou para ela, piscou ainda mais e depois a deixou colocá-lo na cadeira, segurando-o pelo ombro, mas não fechou a boca.

A mulher olhou em volta e achou outra cadeira na mesa de reuniões, colocando-a ao lado do senhor Spanos. Ela se sentou, olhou para ele e sacudiu a cabeça antes de voltar sua atenção para Deborah.

— Sargento... Morgan? — Falou ela sem ter certeza do nome.

— Isso mesmo. — Respondeu Deborah.

A mulher olhou para Deborah com uma expressão dura por um momento, como esperando que minha irmã se transformasse no Clint Eastwood. Ela apertou os lábios, respirou fundo e disse:

— Sou Daphne Spanos. A mãe de Tyler.

Deborah assentiu.

— Sinto muito pela sua perda.

O senhor Spanos soluçou. Foi um som bem úmido, e pegou Deborah de surpresa, pois ela arregalou os olhos como se ele tivesse começado a cantar.

— Pare com isso. — Falou Daphne Spanos. — Você tem de se controlar.

— Minha garotinha. — Falou ele, e ficou bem claro que ainda não conseguia se controlar.

— Ela é minha garotinha também, caramba. — Sibilou Daphne para ele. — Agora pare de besteiras.

O senhor Spanos olhou para o chão e sacudiu a cabeça, mas pelo menos não fez mais nem um som molhado. Em vez disso, respirou fundo, fechou os olhos, sentou-se o mais ereto que pôde e olhou para Deborah.

— Você é a responsável por encontrar os animais que fizeram isso.

— Disse ele para Debs. — Que mataram a minha garotinha. — Pensei que ele ia começar a choramingar de novo, mas ele fechou bem a mandíbula e nada mais saiu dela a não ser sua respiração pesada.

— É uma força tarefa, senhor Spanos. Temos uma equipe de policiais em várias áreas de atuação e...

O senhor Spanos fez um aceno com a mão para que ela parasse com aquilo.

— Não ligo para a equipe. Me disseram que você está no comando. Está ou não?

Deborah olhou para Alvarez, que desviou o olhar fazendo um rosto de inocente. Ela olhou de novo para o senhor Spanos.

— Sim, é isso mesmo.

Ele a encarou por um longo momento.

— Por que não um homem? — Perguntou ele. — É por causa daquelas coisas politicamente corretas, por isso colocaram uma mulher no comando?

Pude ver Alvarez se esforçando para controlar-se. Deborah não precisou se controlar. Ela já estava acostumada com aquilo, o que não é o mesmo que dizer que ela gostava.

— Estou no comando porque sou a melhor e conquistei isso. Se tem algum problema com isso, azar seu.

Spanos olhou para ela e sacudiu a cabeça.

— Não gosto disso. Devia ser um homem.

— Senhor Spanos. — Falou Deborah. — Se tem algo a dizer, diga logo. Se não... Estou tentando pegar um assassino aqui, e o senhor está me fazendo perder tempo. — Ela o encarou, e ele pareceu em dúvida. Ela deu uma olhada para a esposa, que comprimiu os lábios e assentiu, então Spanos se virou para o senhor Rabo-de-Cavalo.

— Esvazie a sala. — Falou ele, e o Rabo-de-Cavalo deu um passo em direção a Deke.

— Pode parar aí. — Rugiu Deborah, e o Rabo-de-Cavalo se congelou. — Não vamos esvaziar sala nenhuma. Esta é uma delegacia de polícia.

— Tenho algo a dizer apenas para você. — Falou Spanos. — Tem de ser confidencial.

— Sou uma policial. Se quer que seja confidencial, arrume um advogado.

— Não. — Falou ele. — Isto é apenas para você, a chefe da investigação, não para esses outros caras.

— Não é assim que as coisas funcionam.

— Só dessa vez. — Disse Spanos num tom urgente. — É a minha garotinha.

— Senhor Spanos. — Falou Deborah.

A senhora Spanos se inclinou para frente.

— Por favor, levará só um minuto. — Ela esticou o braço, segurou a mão de Deborah e a apertou. — É importante. Para a investigação. — Ela viu Deborah ficar em dúvida, só por um segundo, e então apertou a mão dela de novo. — Vai ajudá-la a encontrá-los — falou com um sussurro sedutor.

Deborah soltou sua mão e olhou para os dois. Então olhou para mim pedindo uma opinião e, admito, estava curioso, então dei de ombros.

— O seu pessoal espera no corredor. — Deborah acabou falando.
— E mandarei dois dos meus para fora.

Spanos fez que não com a cabeça.

— Só você e nós. Assim fica só a família.

Deborah girou a cabeça em minha direção.

— O meu irmão fica. — Falou ela, e os dois olharam para mim.

— Seu irmão?! — Falou ele, depois olhou para a senhora Spanos, e ela assentiu. — Está bem.

— Mackenzie. — Falou o senhor Spanos, levantando uma das mãos. — O cara de cabelo curto veio e deu a maleta para ele. — Você e Harold vão esperar lá fora. — Falou, colocando a maleta no colo, e os dois marombados marcharam para a porta e saíram. — Sargento? — Falou para Deborah, e ela acenou com a mão para Deke.

— Deke, Alvarez, fiquem de olhos naqueles caras no corredor.

— Mas tenho de ficar de olho em você. — Disse Deke. — O capitão que disse.

— Sai logo. — Falou Debs. — Só dois minutos.

Deke fez cara de teimoso por um momento, e então Alvarez foi até ele e colocou a mão em suas costas.

— Vamos, cara. A chefe diz para irmos, e a gente vai.

Deke ainda apontou seu queixo com covinha para Deborah e, por um segundo, se pareceu muito com um herói de televisão de desenhos e seriados.

— Dois minutos. — Falou ele, encarou-a mais um pouco, como se fosse dizer algo mais, mas, ao que parece, não conseguiu pensar em nada, então apenas se virou e saiu. Alvarez lançou um olhar debochado para Deborah e saiu também.

A porta se fechou, e por um segundo ninguém se moveu. Então o senhor Spanos soltou um grunhido e colocou a pasta de alumínio no colo de Deborah.

— Abra. — Falou ele.

Deborah o encarou.

— Pode abrir, não vai explodir. — Falou ele.

Ela o encarou mais um segundo, e então olhou para baixo. A maleta tinha duas travas, e ela as abriu devagar e, com um último olhar para o senhor Spanos, levantou a tampa.

Deborah olhou o conteúdo e congelou, com sua mão imóvel numa trava levantada e seu rosto preso entre expressões. Ela então olhou para Spanos com uma das feições mais frias que já vi.

— Mas que porra é essa? — Falou entredentes.

Ter sentimentos humanos era novo para mim, mas a curiosidade não, então me inclinei para ver e não precisei examinar muito para ver que porra era aquela.

Era dinheiro. Muito dinheiro.

Na camada visível de cima pareciam maços de notas de cem dólares com a fita do banco neles. A maleta estava bem cheia, tão cheia que nem sei como Spanos conseguiu fechar, a não ser que o senhor Rabo-de-Cavalo tenha sentado em cima dela para que ele a fechasse.

— Meio milhão de dólares. — Falou ele. — Em dinheiro. Não rastreável. Posso entregar onde quiser. Um banco nas ilhas Cayman, qualquer lugar.

— Para quê? — Falou ela, numa voz sem emoção, e, se ele a conhecesse como eu conhecia, deveria ter ficado bem nervoso.

Mas Spanos não conhecia Deborah e pareceu ganhar confiança por ela perguntar para que era o dinheiro. Ele sorriu, mas não um sorriso feliz, mais como se quisesse mostrar que o rosto dele ainda fazia isso.

— Para quase nada. Apenas isso. — Ele levantou a mão e depois um dedo no ar. — Quando encontrar os animais que mataram a minha garotinha... — A voz dele falhou um pouco, e ele parou, tirou os óculos e os limpou na manga. Depois os colocou de novo, limpou a garganta e olhou novamente para Deborah. — Quando os encontrar, me avise primeiro. Só isso. Dez minutos antes de fazer alguma coisa. Um telefonema para mim e todo este dinheiro será seu.

Deborah o encarou. Ele encarou Deborah e, por alguns segundos, ele não era aquele homem choroso que fungava, e sim um que sabia

exatamente o que queria e como conseguir.

Olhei para o dinheiro na maleta ainda aberta. Meio milhão de dólares. Parecia dinheiro demais. Eu nunca fora motivado por dinheiro, afinal, não fizera direito. Dinheiro para mim fora algo usado meramente pelos tolos para mostrarem quão incríveis eles eram. Mas agora, olhando para as pilhas de notas na maleta, aquilo não me parecia marcadores abstratos que as pessoas contam. Pareciam aulas de balé para Lily Anne. A faculdade dela. Passeios de pônei, vestidos novos, aparelhos dentários e conchas encontradas numa praia nas Bahamas. E tudo isso estava ali, dentro de uma pequena maleta, piscando seus olhos verdes e dizendo *Por que não? Que mal vai fazer?*

E então percebi que o silêncio fora um pouco além do confortável, tirei meus olhos do futuro confortável de Lily Anne e olhei para o rosto de Deborah. Pelo que podia ver, nem ela nem o Spanos tinham mudado de expressão. Mas Deborah finalmente respirou fundo, pôs a maleta no chão e olhou de novo para Spanos.

— Pegue. — Falou Debs e empurrou a maleta com o pé.

— É sua. — Respondeu ele, sacudindo a cabeça.

— Senhor Spanos... — Disse ela. — Tentar subornar um policial é crime.

— Que suborno? É um presente, pegue.

— Pegue logo e saia daqui. — Falou ela.

— É só um telefonema. Isso é crime?

— Sinto muito por sua perda. — Disse Deborah bem devagar. — Se pegar a maleta e for embora agora, esquecerei que isso aconteceu. Mas se ainda estiver aqui quando os outros detetives entrarem, o senhor irá para a cadeia.

— Entendo. — Falou Spanos. — Não pode dizer nada agora, tudo bem. Mas fique com meu cartão, me ligue quando encontrá-los, e o dinheiro é seu. — Ele deu um cartão para Deborah, e ela se levantou, deixando o cartão cair no chão.

— Vá para casa, senhor Spanos. E leve a maleta com o senhor. — Então ela passou por ele e abriu a porta.

— Apenas me ligue. — Falou para as costas dela, mas sua esposa foi mais prática outra vez.

— Não seja idiota. — Falou ela, inclinando-se para baixo e pegando a maleta. Com uma batida forte, ela a fechou bem a tempo de ver Deke e Alvarez entrarem de volta junto com os guarda-costas do senhor Spanos. A senhora Spanos deu a maleta para o de cabelos curtos e se levantou.

— Vamos. — Falou para o marido. Ele olhou para ela e depois para Deborah, que estava na porta.

— Me ligue.

Ela manteve a porta aberta.

— Tchau, senhor Spanos.

Ele olhou para ela por mais alguns segundos, e então a senhora Spanos o pegou pelo braço e o levou para fora.

Deborah fechou a porta e soltou uma respiração barulhenta, então se virou e voltou para a cadeira. Alvarez ficou olhando-a sentar com um sorriso malicioso. Ela levantou a cabeça antes que ele parasse de sorrir.

— Engraçado pra caralho, Alvarez. — Rosnou ela.

Deke veio e encostou-se na parede no mesmo lugar que estava antes da interrupção.

— Quanto tinha? — Perguntou ele.

Deborah olhou surpresa para ele.

Deke deu de ombros.

— Eu perguntei quanto tinha. — Falou ele. — Quanto tinha na maleta?

Deborah sacudiu a cabeça.

— Meio milhão.

Deke bufou.

— Um trocado. Um cara em Syracuse tentou dar dois milhões ao meu camarada Jerry Kozanski, e era apenas um estupro.

— Isso não é nada. — Interrompeu Alvarez. — Alguns anos atrás, um dos cowboys da cocaína me ofereceu três milhões pelo viciado que roubara o carro dele.

— Três milhões, e você não pegou? — Falou Deke.

— Ah, eu estava esperando quatro. — Respondeu Alvarez.

— Certo. — Deborah falou. — Já perdemos tempo demais com essa merda. Vamos voltar para o caso. — Ela apontou para Alvarez.

— Não tenho tempo para suas besteiras. Quero Bobby Acosta. Vá pegá-lo.

E enquanto Alvarez se apressava porta afora, pensei que meio milhão já não parecia tanto dinheiro, pelo menos não para uma filha que fora comida. E porque era uma quantia tão pequena, também não me pareceu um grande problema aceitá-la dos Spanos em troca de algo tão trivial como um simples telefonema. Mas Deborah não parecia sentir nenhuma tentação, e mesmo Deke agia como se fosse algo engraçado e comum, nem um pouco extraordinário.

E parecia que Deborah concordava. Ela se endireitou e olhou diretamente para mim.

— Vamos fazer isso. Quero saber mais daquela coisa que você chamou de ponche. O negócio que encontramos em Everglades. Tem um pouco de sangue, mas os outros ingredientes podem nos levar a algum lugar. Resolva isso.

— Está bem. — Falei. — O que você e Deke farão?

Ela me olhou com uma repetição do olhar de limão azedo que dirigira a Deke.

— Nós?! — Falou ela, com um desgosto que combinava com sua expressão. — Vamos atrás dos últimos três nomes da lista do dentista. Os caras que colocaram presas de vampiros. Ela deu uma olhada para Deke e depois desviou o olhar e travou a mandíbula. — Alguém sabe de algo. Caramba, um desses moleques sabe de algo e vamos arrancar isso deles.

— Isso mesmo. — Falou Deke suavemente.

— Muito bem. — Falei. — Vou voltar ao meu laboratório e pôr as mãos na massa.

— Ótimo. — Falou Deborah. — Faça isso.

E foi o que fiz, deixando minha imã com seu indesejado parceiro.

Capítulo Dezenove



VINCE MASOUKA JÁ ESTAVA SE MEXENDO QUANDO VOLTEI ao laboratório.

— Ei?! — Falou ele. — Fiz o teste para ecstasy no negócio que achamos em Everglades.

— Maravilha. — Respondi. — Exatamente o que eu ia sugerir que fizesse.

— E deu positivo. Mas tem algo mais lá, e é uma grande parte da coisa. — Ele deu de ombros e levantou as mãos como se não pudesse fazer nada. — É algo orgânico, mas foi tudo o que consegui.

— Persistência. — Falei. — Nós vamos descobrir, *mon frère*.

— Isso é francês de novo? Quanto tempo vai continuar falando essas coisas em francês?

— Até as rosquinhas chegarem aqui? — Falei, esperançoso.

— Bom, elas não estão vindo, então *zoot alours* para você. — Falou, sem saber que aquilo não fazia sentido em língua nenhuma, muito menos em francês. Mas não era meu o papel de educá-lo, então deixei passar e me ocupei com a amostra do ponche da festa dos canibais.

Na hora do almoço, já tínhamos feito praticamente todos os testes possíveis em nosso pequeno laboratório e encontrado apenas uma ou duas coisas inúteis. Primeiro, o caldo básico fora feito por um drinque energético de alta octanagem famoso e popular. Sangue humano foi adicionado e, apesar de ser muito difícil ter certeza com uma amostra tão pequena, eu estava quase certo de que viera de várias fontes. Mas o último ingrediente, a coisa orgânica, permanecia desconhecido.

— Certo. — Falei por fim. — Vamos olhar para isso de um jeito diferente.

— Como? — Perguntou Vince. — Um tabuleiro Ouija?

— Quase. — Falei. — Que tal tentarmos lógica indutiva?

— Está bem, Sherlock. É sempre mais divertido que usar cromatografia em fase gasosa.

— Comer os seus colegas humanos não é normal. — Falei, tentando colocar-me no lugar de alguém na festa, mas Vince interrompeu meu transe que ia se formando devagar.

— Sério, você está brincando? Nunca leu nada de história? O canibalismo é a coisa mais natural do mundo.

— Não no século XXI e em Miami. E não interessa o que digam no *Enquirer*.

— Ainda assim, isso é algo cultural. — Falou ele.

— Exatamente. Temos um enorme tabu cultural contra isso que você teria de transpor.

— Bom, você fez as pessoas beberem sangue, então o próximo passo não é tão difícil assim.

— Você tem uma multidão. — Falei, tentando calar Vince e imaginar a cena. — E eles estão ficando animados com o energético e o ecstasy, e assistindo empolgados, e você provavelmente tem uma música hipnótica tocando... — Parei um segundo quando ouvi o que dissera.

— O que foi? — Perguntou Vince.

— Hipnótica. — Falei. — O que está faltando é algo que deixasse a multidão num estado mental receptivo, algo que, hã... Trabalhe com a música e com o resto para deixá-los sugestionáveis do modo correto.

— *Marijuana!* — Falou Vince. — Isso sempre me dá larica.

— Merda. — Falei, quando uma pequena lembrança surgiu.

— Não, merda não funcionaria. E o gosto é péssimo.

— Não quero nem saber como você sabe que merda tem gosto ruim. — Falei. — Cadê o livro com os boletins da DEA?*****

Achei o livro, um grande fichário no qual colocávamos avisos importantes mandados pela DEA. Depois de virar as páginas por alguns minutos, achei o que procurava.

— Aqui. É isso aqui.

Vince olhou para o que apontei.

— *Salvia divinorum*. Acha mesmo?

— Acho. E puramente através do ponto de vista da lógica indutiva.

Vince assentiu devagar com a cabeça.

— Talvez você deva dizer “elementar”, né?

— É algo relativamente novo. — Falei para Deborah. Ela estava sentada à mesa na sala da força tarefa e eu, Vince e Deke estávamos em pé atrás dela. Inclinei-me e dei um tapinha na página do livro da DEA. — Eles só tornaram a sálvia ilegal aqui no condado de Dade há uns dois anos.

— Eu sei o que é sálvia, porra! — Estourou ela. — E nunca ouvi que fazia nada além de deixar as pessoas estúpidas por uns cinco minutos de cada vez.

Concordei com a cabeça.

— É verdade, mas não sabemos o que faz em doses maiores, especialmente combinada com todas as outras coisas.

— E, pelo que sabemos — acrescentou Vince —, ela realmente não faz nada. Talvez alguém tenha achado que seria bacana misturar um pouco na bebida.

Deborah encarou Vince por um longo momento.

— Tem alguma ideia de quão ridículo isso soou?

— Um cara em Syracuse fumou um pouco. — Falou Deke. — Ele tentou dar descarga em si mesmo. — Ele olhou para nós três, que o encarávamos, e deu de ombros. — Tipo dentro da privada.

— Se eu morasse em Syracuse, também tentaria descer pela privada. — Falou Deborah.

Deke levantou as duas mãos num eloquente gesto de tanto faz.

— Aham! — Falei, numa tentativa válida de nos manter focados no assunto. — O ponto aqui não é porque eles usaram, mas se eles usaram. Considerando o tamanho da multidão, eles tiveram de usar muito. E provavelmente mais de uma vez. E se alguém está usando numa quantidade dessas...

— Ei, deve ser fácil encontrarmos o traficante. — Falou Deke.

— Sei fazer a porra da matemática. — Cuspiu Deborah. — Deke, vá até o departamento de narcóticos e pegue uma lista dos maiores traficantes de sálvia com o sargento Fine.

— Deixa comigo. — Falou Deke, e depois piscou para mim. — Mostrando um pouco de iniciativa, hein? Ele apontou a mão para mim imitando uma arma e atirou. — Bang. — Falou, sorrindo, e se

virou. Quando saía pela porta quase trombou com Hood, que passou por ele e veio juntar-se a nosso pequeno grupo com um grande sorriso malicioso e pouco atrativo no rosto.

— Você está na presença do maioral. — Disse ele para Deborah.

— Estou na presença de dois nerds e um cuzão. — Respondeu Deborah.

— Ei! — Objetou Vince. — Não somos nerds. Somos geeks.

— Espere só até ver isso. — Falou Hood.

— Ver o que, Richard? — Perguntou Debs, azeda.

— Peguei os dois haitianos. E garanto que alegrarão seu dia.

— Espero que sim, Richard, pois estou mesmo precisando de algo que melhore a porra do dia. Onde estão?

Hood voltou e abriu a porta, acenando para alguém no corredor.

— Aqui. — Falou ele, e um grupo de pessoas foi passando por ele e entrando.

Os dois primeiros eram negros e bem magros. Suas mãos estavam algemadas para trás, e um policial uniformizado os fazia andar. O primeiro prisioneiro mancava um pouco, e o segundo exibia um olho inchado quase fechado. O policial os empurrou gentilmente para que ficassem em frente a Deborah, e então Hood pôs a cabeça de novo no corredor, olhou para os dois lados, parece que viu algo e gritou:

— Ei, Nick! Por aqui! — E um momento depois, a última pessoa entrou.

— É Nichole. — Falou ela para Hood. — Não Nick. — Hood sorriu com afetação para ela, que sacudiu a cabeça numa negativa, chacoalhando uma massa de cabelos negros e enrolados. — Na verdade, para você é senhorita Rickman. — Ela olhou bem nos olhos dele, mas Hood continuou com o sorriso malicioso, então ela desistiu e veio para a mesa. Ela era alta, se vestia bem e carregava um grande caderno de desenho numa mão e vários lápis na outra, e eu a reconheci do departamento de artes forenses. Deborah fez um cumprimento de cabeça e disse:

— Oi, Nichole. Como vai?

— Sargento Morgan. — Respondeu ela. — É bom desenhar alguém que não está morto. — Ela arqueou uma sobrancelha para Debs. — Ele não está morto, está?

— Espero que não. Ele é a minha melhor chance de encontrar a garota.

— Bom, então vamos tentar. — Falou Nichole. Ela colocou o caderno e os lápis na mesa, sentou-se numa cadeira e começou a se aprontar para o trabalho.

Enquanto isso, Deborah olhava para os dois homens que Hood trouxera.

— O que aconteceu com os dois? — Perguntou para Hood.

— Ele deu de ombros e fez cara de completa inocência.

— O que quer dizer?

Debs olhou mais um pouco para Hood. Ele deu de ombros e encostou na parede, e ela voltou sua atenção para os presos.

— *Bonjour*. — Falou ela. Nenhum deles disse nada, apenas olharam para os pés, até que Hood limpou a garganta. Então o que estava com o olho roxo e inchado levantou a cabeça e olhou nervoso para Hood, que fez um aceno de cabeça em direção a Deborah e o preso se virou para ela e começou a falar num Creole rápido.

Por alguma razão extravagante, Deborah estudara francês na escola, e por alguns segundos ela achou que aquilo a ajudaria a entender o homem. Ela assistiu enquanto ele corria por vários parágrafos e então finalmente sacudiu a cabeça.

— *Je ne comprend...* Maldição, não lembro como fala. Dexter, traga alguém aqui que traduza.

O outro homem, o da perna machucada, finalmente levantou a cabeça.

— Não precisa. — Falou ele. Suas palavras tinham um sotaque forte, mas pelo menos eram mais fáceis de entender que as tentativas de Deborah com o francês.

— Ótimo. — Falou Deborah. — E seu amigo? — Ela indicou com a cabeça o outro.

O Perna Machucada deu de ombros.

— Eu falarei pelo meu primo.

— Está bem. — Falou Debs. — Vamos pedir que descreva o homem que vendeu o Porsche para você... Era um homem, certo?

Ele deu de ombros outra vez.

— Um garoto.

— Certo, um garoto. Como ele era? — Perguntou Deborah.
Deu de ombros de novo.

— Um *blanc*. Ele era jovem...

— Quão jovem? — Interrompeu Deborah.

— Não sei dizer. Velho o suficiente para se barbear, pois não o fazia havia uns três ou quatro dias.

— Certo. — Falou Deborah, franzindo a testa.

Nichole se inclinou para a frente.

— Deixe fazer isso, sargento.

Deborah olhou para ela por um momento e então se recostou na cadeira e assentiu.

— Muito bem. — Falou. — Vá em frente.

Nichole sorriu para os dois haitianos.

— O seu inglês é muito bom. Só preciso fazer algumas perguntas simples para vocês, está bem?

O Perna Machucada olhou para ela meio desconfiado, mas Nichole continuou sorrindo, e, depois de um momento, ele deu de ombros.

— Está bem. — Falou ele.

Nichole entrou no que me pareceu uma série de perguntas bem vagas. Observei interessado, pois ouvi dizer que ela era boa no que fazia. Primeiro pensei que a reputação dela era exagerada; ela só perguntava coisas como “O que se lembra sobre o cara?” E enquanto o Perna Machucada respondia, ela apenas assentia, escrevia em seu caderno e dizia “Certo, bom”. Ela o levou a fazer um descrição completa de alguém vindo até a garagem deles com o Porsche de Tyler, o que tinham dito e por aí ia, todos os detalhes chatos da coisa. Eu não via como aquilo pudesse levar à imagem de alguém, vivo ou morto, e Deborah decerto pensava a mesma coisa. Ela começou a dedilhar na mesa imediatamente e depois a limpar a garganta como se estivesse tentando interromper. Cada vez que fazia isso os haitianos olhavam nervosos para ela.

Mas Nichole a ignorou e continuou com suas perguntas desesperadamente gerais, e, bem devagar, comecei a perceber que ela estava conseguindo uma ótima descrição. E exatamente nesse ponto ela mudou para coisas mais específicas, como: “E como era o formato externo do rosto dele?”, ela perguntou.

O prisioneiro olhou para ela sem entender.

— Formato externo...?

— Responda logo. — Falou Hood.

— Não sei. — Falou o homem, e Nichole encarou Hood. Ele sorriu e se encostou de volta na parede, e ela voltou para o Perna Machucada.

— Gostaria de mostrar alguns formatos a você. — Falou ela, e pegou uma folha grande de papel com vários formatos ovais simples desenhados nela.

— Algum desses lembra a você o formato do rosto dele? — Perguntou ela, e o preso se inclinou e estudou os formatos. Depois de um momento, seu primo também se inclinou para olhar e disse algo baixinho. O primeiro homem concordou e disse:

— Aquele ali, em cima.

— Este? — Falou Nichole, apontando para um com seu lápis.

— Isso. Este mesmo.

Ela assentiu e começou a desenhar, usando movimentos rápidos e certos, parando apenas para fazer algumas perguntas e mostrar mais imagens. E como era a boca? E as orelhas? Algumas dessas formas? E assim por diante até que um rosto começou a se formar na página. Deborah ficou em silêncio e deixou Nichole guiar os presos durante o processo. A cada questão eles se inclinavam juntos, confabulavam em creole, e então o que falava inglês respondia, e seu primo concordava com a cabeça. Juntando tudo, com os dois homens algemados fazendo suas conferências quase silenciosas em creole, e a aparição quase mágica de um rosto na página, aquela era uma performance muito interessante e fiquei chateado de vê-la acabar.

Mas ela finalmente acabou. Nichole levantou o caderno para os dois homens estudarem, e o que não falava inglês olhou compenetrado e então começou a assentir.

— *Oui*. — Falou ele.

— É ele. — Confirmou o outro, e então abriu um grande sorriso para Nichole. — Parece mágica. — Ele na verdade disse *majeeka*, mas o significado estava claro.

Deborah ficou recostada na cadeira e deixou Nichole trabalhar. Agora estava em pé e deu a volta na mesa de reuniões, olhando por cima do ombro de Nichole para ver o desenho.

— Filho da puta. — Falou ela. Depois olhou para Hood, que ainda estava perto da porta com um sorriso malicioso já sumindo. — Traga aquela pasta para mim. A que tem as fotos.

Hood foi até a ponta da mesa onde a pilha de pastas se encontrava amontoadas ao lado do telefone. Ele procurou pelas cinco ou seis primeiras, enquanto Deborah esperava inquieta.

— Vamos logo, droga! — Disse para ele, e Hood assentiu com a cabeça, pegou uma pasta e trouxe para ela.

Deborah espalhou um monte de fotos na mesa, procurou rapidamente entre elas, pegou uma e deu para Nichole.

— Nada mal. — Falou ela, enquanto a artista pegava a foto e segurava ao lado do desenho.

Nichole concordou.

— É, nada mal mesmo. — Falou e olhou para Deborah com um sorriso feliz. — Caramba, como sou boa. — Ela deu a foto de volta para Deborah, que a pegou e mostrou aos haitianos.

— É este o homem que vendeu o Porsche a vocês? — Perguntou Deborah a eles.

O homem com o olho inchado já estava fazendo que sim com a cabeça e dizendo "Oui". Seu primo ficou um bom tempo olhando para a foto, inclinando-se para frente para estudar com cuidado, antes de finalmente dizer com enorme autoridade.

— Sim, é ele.

Deborah olhou para os dois e falou:

— Vocês têm certeza? Os dois?

E os dois assentiram vigorosamente.

— *Bon.* — Falou Debs. — *Très beaucoup bon.*

Os dois haitianos sorriram e o que estava com o olho roxo disse algo em creole.

Deborah olhou para o primo, esperando a tradução.

— Ele disse para você, por favor, falar em inglês, assim ele consegue entendê-la. — Disse o homem, com um sorriso ainda maior no rosto, e Vince e Hood riram em silêncio.

Mas Deborah estava contente demais com a foto para deixar um golpe tão simples incomodá-la.

— É Bobby Acosta. — Falou, e olhou para mim. — Pegamos o filho da mãe.

***** Drug Enforcement Administration, órgão de combate às drogas, ligado ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

Capítulo Vinte



O POLICIAL UNIFORMIZADO LEVOU EMBORA OS PRESOS PARA uma cela. Nichole pegou suas coisas e partiu, e Deborah se sentou e ficou olhando para a foto de Bobby Acosta. Vince olhou para mim com um dar de ombros e uma expressão de *"E agora vem o quê?"*, e Deborah olhou para ele.

— Ainda está aqui?

— Não, fui embora faz dez minutos. — Falou Vince.

— Cai fora. — Falou ela.

— Não precisaria cair se você segurasse só por um minuto...

— Vá cagar na sua orelha. — Falou Debs, e Vince foi embora com uma de suas horríveis risadas falsas seguindo atrás dele. Deborah ficou o observando ir e, como a conheço muito bem, sabia o que viria a seguir, então não me surpreendi quando veio.

— Muito bem. — Disse ela para mim depois de uns trinta segundos da partida dele. — Vamos nessa.

— Ah! — Falei, me esforçando para parecer que eu não esperava aquilo. — Está dizendo que não vai esperar pelo seu parceiro, como a política do departamento e uma ordem direta do capitão Matthews sugerem?

— Apenas pegue essa bunda gorda e saia pela porta. — Falou ela.

— E o que faço com a minha bunda? — Perguntou Hood.

— Vá ferver a sua. — Falou Deborah, pulando de sua cadeira e indo para a porta.

— O que digo ao seu parceiro? — Perguntou Hood.

— Fale para ele checar os traficantes de sálvia. Vamos, Dex.

Ocorreu-me que eu passava muito de meu tempo seguindo obedientemente minha irmã. Mas não me ocorreu como eu podia evitar isso, então a segui.

No carro, Deborah nos levou pela Dolphin Expressway e depois para o norte pela 95. Ela não me deu nenhuma informação, mas não

era muito difícil descobrir onde estávamos indo, então, pelo bem das conversas jogadas fora, falei:

— Por acaso você descobriu como encontrar Bobby Acosta apenas olhando para a foto dele?

— Claro. — Falou ela, com o velho mau humor de volta. Deborah nunca lidara bem com o sarcasmo. — Para falar a verdade, descobri sim.

— Uau! — Falei, e pensei naquilo por um momento. — Foi a lista do dentista? Com os caras que têm presas de vampiro?

Deborah concordou com a cabeça enquanto se desviava de uma picape velha com um trailer atrás.

— Isso mesmo.

— Mas você não checkou todos com o Deke?

Ela olhou para mim, o que achei uma má ideia, já que estávamos indo a 140 quilômetros por hora.

— Faltou um. Mas é ele, tenho certeza. — Falou.

— Cuidado! — Falei, e Debs olhou para frente bem a tempo de desviar de um grande caminhão de gasolina que decidiu mudar de pista sem motivo aparente.

— Então você acha que este último nome da lista pode nos dizer onde encontrar Bobby Acosta? — Perguntei, e Deborah assentiu vigorosamente com a cabeça.

— Tive uma sensação sobre este desde o começo. — Falou, e foi se encaminhando para a última pista da direita apenas com um dedo.

— E então guardou para o final? Deborah! — Falei quando duas motos nos cortaram e começaram a diminuir para pegar a saída.

— Isso. — Respondeu, deslizando novamente para a pista do meio.

— Por que queria criar um suspense?

— Por causa do Deke. — Falou, e fiquei emocionado ao ver que ela manteve os olhos na pista dessa vez. — É que ele... — Ela hesitou um momento, e depois continuou — Ele dá azar.

Eu havia passado a vida toda cercado por policiais e esperava passar o resto dela do mesmo jeito, especialmente se fosse pego um dia. Então sei que algumas superstições podem aparecer nos

momentos e lugares mais estranhos. Mas mesmo assim, fiquei surpreso ao ouvir aquilo de minha irmã.

— Azar? Debs, quer que eu chame um pai de santo? Talvez ele possa matar uma galinha e...

— Mas que droga, sei que isso soa estranho. — Falou. — Mas o que mais pode ser?

Pensei em muitas outras coisas que poderiam ser, mas achei que não seria político dizer, então, depois de um momento, Deborah continuou.

— Está certo, talvez eu seja mesmo uma idiota. Mas preciso de um pouco de sorte nesse caso. O tempo está passando, e aquela garota... — Ela fez uma pausa quase como se estivesse sentindo uma emoção forte, e olhei para ela surpreso. Emoção? A sargento Coração de Ferro?

Deborah não olhou para mim, apenas sacudiu a cabeça.

— Sim, eu sei, não deveria deixar isso me abalar. É só que... — Ela deu de ombros e ficou mal-humorada de novo, o que produziu certo alívio. — Acho que tenho estado meio... Sei lá... Estranha ultimamente.

Pensei nos últimos dias e percebi que era verdade. Minha irmã vinha sendo estranhamente vulnerável e emocional.

— Sim, está mesmo. — Falei. — Por que acha que está assim?

Deborah suspirou pesadamente, outra ação que não era nem um pouco característica dela.

— Acho que... Sei lá. Chutsky diz que é a facada que levei. — Ela sacudiu a cabeça. — Disse que é tipo uma depressão pós-parto, que você sempre se sente mal por um tempo depois de um ferimento grave.

Concordei com a cabeça. Fazia sentido. Deborah fora esfaqueada recentemente e chegou tão perto da morte pela perda de sangue que a diferença foi uma questão de segundos na ambulância. E é claro que Chutsky, o namorado dela, sabia sobre o assunto, ele fora de alguma agência de inteligência antes de ficar aleijado e seu corpo era como um mapa de estradas feito de cicatrizes.

— Ainda assim — falei —, você não pode deixar esse caso te abalar.

Assim que falei aquilo já me preparei, pois aquilo era uma frase perfeita para causar um soco no braço, mas mais uma vez Deborah me surpreendeu.

— Eu sei... — Falou ela. — Mas não consigo evitar. É só uma garota. Uma criança. Boas notas, família legal e esses caras... Canibais... — Ela caiu num silêncio reflexivo que contrastava completamente com o fato de estarmos acelerando em meio a um tráfego pesado. — É complicado, Dexter. — Disse ela por fim.

— Imagino que seja. — Falei.

— Acho que criei uma empatia com a garota. Talvez pelo fato de ela estar tão vulnerável no mesmo momento que eu. — Ela ficou olhando direto para a frente, mas não parecia estar mesmo prestando atenção, o que era um pouco alarmante. — E todas essas outras coisas. Sei lá.

Talvez fosse porque eu estava arriscando minha querida vida num veículo que costurava pelo tráfego a uma velocidade de quebrar espinhas, mas não entendi o que ela quis dizer.

— Que outras coisas?

— Ah, você sabe... — Falou, apesar de eu ter dito claramente que não sabia. — A porra da família. Quer dizer... — Ela fez uma careta de repente e olhou para mim. — Se você disser uma palavra para o Vince ou alguém sobre o meu relógio biológico estar correndo eu juro que mato você.

— Mas ele está correndo? — Perguntei, sentindo-me meio surpreso.

Deborah me olhou por mais um momento e, para o bem de minha vida e de membros, olhou de volta para a pista.

— Sim. Acho que está. Eu realmente quero uma família, Dex.

Imagino que pudesse ter dito a ela algo que a confortasse baseado em minha experiência. Talvez que as famílias são superestimadas e que as crianças são apenas aparelhos sinistros para nos deixar velhos e enlouquecidos prematuramente. Mas, em vez disso, pensei em Lily Anne, e de repente também queria que minha irmã tivesse sua própria família, assim poderia sentir todas as coisas que eu estava aprendendo a sentir.

— Bom... — Falei.

— Merda, é essa saída. — Falou Deborah, virando rápido para pegar a rampa de saída, matando todo o clima, garantindo também que eu perdesse todo o sentido do que iria dizer. A placa que passou voando diante de meus olhos me disse que estávamos indo para Miami Beach ao norte, uma área de casas modestas e lojas que haviam mudado muito pouco nos últimos vinte anos. Parecia uma vizinhança bem estranha para um canibal.

Deborah reduziu e entrou no tráfego do bairro no final da rampa, mas ainda andando rápido. Ela passou por vários quarteirões indo para leste e então mais alguns para o norte, levando-nos enfim para seis ou sete quarteirões onde os moradores tinham plantado várias fileiras de sebes para fechar as ruas que entravam lá, deixando apenas uma rua como entrada principal. Era uma prática que se tornara comum nesta área da cidade, e teoricamente servia para diminuir a criminalidade. Ninguém nunca me disse se funcionava ou não.

Passamos pela entrada daquela minicomunidade e rodamos dois quarteirões até que Deborah parou na grama em frente a uma casa amarela clara modesta e desligou o carro.

— É aqui. — Falou, olhando para o papel a seu lado. — O nome dele é Victor Chapin. Tem 22 anos. A dona da casa é o senhora Arthur Chapin, de 63 anos. Ela trabalha no centro.

Olhei para aquela casinha. Era um pouco apagada e bem comum. Não tinha crânios nem estacas do lado de fora, nenhum sinal de feitiçaria pintado nas paredes amarelas, nada que indicasse que o mal vivia ali. Um Mustang de uns dez anos estava parado à porta, e tudo naquele lugar era calmo e suburbano.

— Ele mora com a mãe? — Perguntei. — Os canibais podem fazer isso?

Ela sacudiu a cabeça.

— Este aí pode. — Falou, e abriu a porta. — Vamos lá.

Deborah saiu do carro e marchou determinada em direção à porta da frente, e não pude deixar de lembrar que eu estava sentado no carro e assistindo quando ela foi sozinha até outra porta e acabou sendo esfaqueada, por isso saí rapidamente e me juntei a ela quando Debs apertava a campainha. De dentro da casa pudemos

ouvir que o som da campainha era bem elaborado, parecendo algo bem dramático, mas não consegui lembrar o que era.

— Bem legal. — Falei. — Acho que é Wagner.

Deborah só sacudiu a cabeça e bateu o pé com impaciência na rampa de cimento.

— Talvez os dois estejam no trabalho. — Sugeri.

— Provavelmente, não. O Victor trabalha à noite num clube noturno. — Falou Debs. — Um lugar em South Beach chamado Canino. Eles nem abrem antes das onze da noite.

Por um momento eu senti uma contração em algum lugar do subsolo das masmorras mais profundas e sombrias. *Canino*. Já ouvira aquele nome antes, mas onde? No *New Times*? Numa das histórias de Vince sobre clubes noturnos? Não conseguia me lembrar, e aquilo saiu de minha cabeça quando Deborah rosnou e apertou a campainha de novo.

Lá dentro, a música tocou novamente, mas dessa vez, sobre o acorde mais deslumbrante, ouvimos alguém gritar: “Porra! Tô indo!”, e segundos depois a porta se abriu. A pessoa que presumivelmente era Victor Chapin estava ali em pé, olhando para nós. Ele era magro, quase um metro e oitenta, cabelos pretos e vários dias de barba no rosto. Usava uma calça de pijama e uma regata colada.

— Sim, o que querem? — Perguntou ele num tom rude. — Estou tentando dormir!

— Victor Chapin? — Perguntou Deborah, e o tom de voz oficial dela deve ter penetrado no esqueleto dele, que se enrijeceu de repente e olhou para nós com mais atenção. Sua língua saiu da boca e molhou os lábios, e por um segundo eu pude ver um dos caninos feitos pelo doutor Lonoff, enquanto os olhos dele iam de Debs até mim e de volta para ela.

— O que você... Por quê?

— Você é Victor Chapin? — Repetiu Deborah.

— Quem são vocês? — Perguntou ele.

Deborah esticou a mão para pegar o distintivo. Assim que ficou óbvio que aquilo era mesmo um distintivo, e antes que ela o abra, Chapin disse “Merda!” e tentou bater a porta. Por puro reflexo,

coloquei o pé no caminho, e, quando a porta bateu e voltou na direção de Chapin, ele se virou e correu para os fundos da casa.

— Porta dos fundos! — Falou Deborah já correndo e dando a volta na casa. — Fique aqui! — Ela falou e desapareceu pelo lado da casa. Ao longe escutei uma porta batendo e Deborah gritando para Chapin parar e depois mais nada. Comecei a pensar de novo na vez em que minha irmã fora esfaqueada e na desolação impotente que senti ao ver sua vida se esvaindo na calçada. Debs não tinha como saber se Chapin ia mesmo para a porta dos fundos, ele podia muito bem ter ido buscar um lança-chamas. Ele podia estar atacando Debs nesse instante. Olhei para a casa meio escura, mas não havia nada para ver e nenhum som a não ser o barulho de um ar-condicionado central.

Dei alguns passos para trás e esperei fora da casa. E então esperei um pouco mais. E nada aconteceu e não ouvi nada de novo. À distância passou uma sirene. Depois vi um avião. Em algum lugar próximo alguém começou a tocar guitarra e a cantar "Abraham, Martin and John".

Bem, quando decidi que não poderia esperar mais e que devia ir dar uma olhada, ouvi uma voz petulante surgindo na lateral da casa, e então Victor Chapin apareceu com as mãos algemadas nas costas, e Debs bem atrás dele, empurrando-o em direção ao carro. Havia marcas de grama no pijama na altura dos joelhos e um dos lados do rosto parecia vermelho.

— Você não pode... Porra... Advogado... Merda! — Falou Chapin. Aquilo era provavelmente uma linguagem abreviada usada por canibais, mas não pareceu impressionar Deborah. Ela apenas continuou empurrando-o para a frente e, quando me apressei a juntar-me a ela, Debs me lançou um olhar o mais próximo de feliz que eu vira em algum tempo nela.

— Mas que porra! — Disse Chapin, voltando sua eloquência para mim.

— É mesmo, não é? — Falei, concordando.

— Isso é um saco! — Gritou ele.

— Entre no carro, Victor — Falou Deborah.

— Você não pode... Droga! Aonde vão me levar?

— Vamos levar você para a delegacia.

— Não podem simplesmente me prender assim, porra.

Deborah sorriu para ele. Não me encontrei com muitos vampiros antes, mas achei o sorriso dela mais assustador que qualquer coisa que os bebedores de sangue pudessem fazer.

— Victor, você se recusou a seguir uma ordem de um agente da lei e tentou fugir de mim. Isso quer dizer que posso levar você sim, porra. E vou levá-lo, e você vai responder as porras das perguntas que eu fizer e não vai ver o lado de fora da cadeia por muito tempo.

Ele abriu a boca e apenas respirou por um momento. Suas presas brilhantes não pareciam mais tão intimidadoras.

— Que tipo de pergunta?

— Tem ido a festas boas ultimamente? — Perguntei.

Tenho ouvido falar ou lido sobre o sangue desaparecer do rosto de alguém, mas aquela era a primeira vez que eu via aquilo, a não ser, é claro, no sentido literal da coisa, no curso daquelas minhas brincadeiras noturnas. Victor ficou mais pálido que sua camiseta e antes que Deborah pudesse olhar feio por eu ter falado antes do tempo ele se entregou:

— Juro por Deus que não comi nem um pouco!

— Nem um pouco do que, Victor? — Falou Deborah, animada.

Ele agora tremia e sacudia a cabeça para a frente e para trás.

— Eles vão me matar. Jesus, puta merda, eles vão me matar, porra.

Deborah me lançou um olhar rápido de triunfo absoluto e alegria. Então colocou a mão no ombro de Victor e o empurrou gentilmente para o carro.

— Entre no carro, Victor.

Capítulo Vinte e Um



DEBORAH NÃO FALOU QUASE NADA NO CAMINHO ATÉ a delegacia. Ela tentou ligar para o Deke para que ele nos encontrasse lá, mas por alguma razão ele não estava atendendo o rádio nem o celular. Debs deixou um recado na central para que ele nos encontrasse e, fora isso, fomos em silêncio, se é que essa é a palavra certa quando você é obrigado a ouvir um monólogo desarticulado durante dez minutos que consiste basicamente da palavra “porra”. Chapin estava preso no banco de trás, pois os carros do pessoal da polícia tinham uns anéis chumbados no chão exatamente para isso, e ele ficou sentado em sua miniprisão resmungando, vociferando, ameaçando e utilizando demais aquele mesmo palavrão. De minha parte, fiquei animado por chegar a nosso destino, mas Debs parecia feliz em continuar rodando para sempre. Ela tinha uma expressão no rosto muito próxima a um sorriso sempre que olhava para Chapin pelo retrovisor e estava muito animada ao estacionar e tirá-lo do carro.

Quando terminamos de preencher a papelada Victor já estava confortavelmente confinado numa sala de interrogatório, e Chambers chegara para ver nosso prêmio. Ele parou do nosso lado enquanto observávamos Chapin, que colocara os braços sobre a mesa e depois se deitara sobre eles, com a cabeça quase encostando nas algemas.

— Muito bem. — Falou Chambers. — Sei que não preciso lembrá-la de que isto tem de ser feito absolutamente dentro da lei. — Deborah lançou um olhar surpreso para ele, que continuou sem olhar para ela. — Você fez um bom trabalho, Morgan. Pegou um ótimo suspeito e, se prestarmos atenção às regras e tivermos um pouco de sorte, vamos conseguir pegá-lo por alguns delitos.

— Estou pouco me ferrando para a condenação. — Falou Deborah. — Eu quero achar a garota.

— Todos queremos. — Disse Chambers. — Mas também seria ótimo tirar esse cara das ruas.

— Ouça. — Retrucou Debs. — Isto não é por causa de política ou relações públicas.

— Sei disso. — Respondeu ele, mas Deborah continuou em frente.

— Tenho um cara ali dentro que sabe de algo. E o deixei se sentindo sozinho, nu, assustado pacas e pronto para abrir o bico, e vou fazer o filho da mãe contar tudo.

— Morgan, você precisa fazer seu trabalho corretamente e...

Deborah olhou para Chambers como se ele estivesse escondendo Samantha Aldovar.

— O meu trabalho é encontrar a garota. — Disse ela, cutucando o peito dele com o dedo indicador. — E aquele cuzão lá dentro vai me dizer como.

Chambers pegou o dedo dela com muita calma e o empurrou para baixo, devagar e deliberadamente. Depois pôs a mão no ombro dela e chegou mais perto do seu rosto.

— Espero que ele nos diga o que precisamos saber, mas com ele falando ou não, você fará isso de acordo com a lei e não deixará seus sentimentos a dominarem e a fazerem voar pelo abismo. Entendeu?

Deborah o encarou, e ele sustentou o olhar para ela também. Nenhum deles piscou, respirou ou disse palavra e, por vários e longos segundos, foi a raiva dela contra o olhar de pistoleiro dele, fogo contra gelo. Era um duelo absolutamente fascinante, e em outras circunstâncias eu teria assistido o dia todo apenas para ver quem venceria. Mas do jeito que estavam as coisas, achei que a coisa já fora longe demais, então limpei a garganta de um jeito bem artificial.

— Aham... — Falei, e os dois olharam para mim. — Detesto ter de interromper. — Falei e apontei com a cabeça em direção ao vidro e para Chapin. — Mas nosso *tempus* está meio que se *esvaindu*, não?

Os dois me encararam, e senti que um lado de meu rosto estava derretendo e o outro congelando. Então Chambers olhou para Debs com uma sobrancelha levantada, ela olhou para ele e finalmente assentiu, e então o feitiço foi quebrado.

— Onde está o seu parceiro? Ele deveria estar aqui para isso.

Deborah sacudiu a cabeça de forma negativa.

— Ele não está atendendo e não tenho tempo para esperar.

— Muito bem. — Falou Chambers. — Farei isso com você. — Ele se virou para mim e o impacto de seus olhos azuis e frios quase doeu. — Fique aqui. — Falou ele, e não senti nenhuma vontade de argumentar.

Fiquei olhando pelo vidro os dois entrarem na sala com Chapin. Podia ouvir pelo alto-falante tudo o que diziam, mas baseado no que falaram, aquilo não valeu o preço de terem posto microfones na sala. Deborah disse:

— Você está atolado numa montanha de problemas, Chapin. — E ele nem levantou a cabeça. Então ela ficou em pé um metro atrás dele, cruzou os braços e falou: — O que quis dizer quando falou para mim que não tinha comido nem um pouco?

— Quero um advogado. — Disse Chapin.

— Sequestro, assassinato e canibalismo. — Falou Deborah.

— É o Vlad. O Vlad fez tudo. — Falou ele.

— O Vlad obrigou você? Quer dizer o Bobby Acosta?

Chapin levantou a cabeça com a boca aberta e então a abaixou de novo.

— Quero um advogado.

— Se nos entregar o Bobby, eles vão pegar leve com você. Senão... Serão uns quinhentos anos de prisão. — Falou Debs. — Isso se deixarem você ficar vivo.

— Quero um advogado. — Disse Chapin. E então levantou a cabeça novamente e se concentrou em Chambers, que estava do outro lado da mesa. — Quero um advogado. — Repetiu, e depois ergueu-se de um salto e gritou: — Quero a porra de um advogado!

Ainda houve mais um pouco nos dois minutos seguintes, mas nada muito instrutivo. Chapin gritou cada vez mais alto que queria um advogado e mais uns palavrões, e aquilo era tudo o que tinha a dizer. Chambers tentou acalmá-lo e fazer com que se sentasse enquanto Deborah ficou de braços cruzados só olhando. Quando Chambers finalmente fez Chapin se sentar de novo, pegou Debs pelo braço e a levou para fora da sala.

Eu me juntei a eles no corredor bem a tempo de ouvir Chambers dizer:

— ... E você sabe muito bem que temos de arranjar um para ele agora.

— Foda-se, Chambers. — Falou Deborah. — Posso dar um jeito na papelada e segurar ele por vinte e quatro horas!

— Ele pediu um advogado. — Falou Chambers, como se tivesse falando para uma criança que ela não pode comer um chocolate antes do jantar.

— Você está acabando comigo. — Falou Debs. — E está matando aquela garota.

Pela primeira vez eu vi um flash de calor passar pelo rosto de Chambers, e ele deu um passo curto para ficar bem na cara de Deborah. Achei que estava prestes a testemunhar outro atentado contra a vida da minha irmã e fiquei tenso, preparando-me para pular e separar os dois. Mas Chambers respirou fundo, colocou as mãos nos braços de Deborah e falou com cuidado:

— O seu suspeito pediu um advogado, e por lei temos de arranjar um para ele, agora. — Ele a encarou, ela o encarou, e então Chambers soltou os braços dela e se virou.

— Vou buscar um defensor público. — Falou e desapareceu pelo corredor.

Deborah ficou vendo ele ir com uma série de pensamentos desagradáveis passando por sua cabeça. Depois olhou pelo vidro da porta para dentro da sala. Chapin estava sentado de novo em sua pose inicial, inclinado sobre a mesa.

— Droga. — Falou Debs. — Maldito Chambers. — Ela sacudiu a camisa. — Isso não teria acontecido se aquele cuzão do Deke estivesse aqui.

— Ele estaria aqui se você não o tivesse abandonado. — Falei.

— Vá se foder Dexter. — Disse ela, então se virou e foi atrás de Chambers.

Miami é uma cidade com um sistema penal mais que sobrecarregado, e o escritório dos defensores públicos provavelmente é o mais requisitado e onde mais falta gente. Essa é uma das razões de Dexter ser cuidadoso e guardar dinheiro ao longo

dos anos. É claro que os casos de pena capital têm prioridade, mas atualmente existem tantos desses casos que alguém acusado de um simples assassinato se dará melhor se puder contratar seu próprio advogado, pois a defensoria pública, que já foi um ninho de idealistas liberais e trabalhadores, se tornou uma pequena parada explosiva para jovens advogados querendo aparecer. É preciso algo muito especial para conseguir a atenção rápida e de meio período deles.

Então foi uma boa indicação do quão importante era nosso caso quando, menos de uma hora depois, uma jovem esperta e recém-formada da Escola de Direito de Stetson apareceu para representar Victor Chapin. Ela usava um belo terninho executivo, um Hillary Clinton original. Caminhava com uma ginga que dizia que era o avatar da justiça americana e carregava uma pasta que provavelmente custara mais que meu carro. Ela levou a pasta e sua postura para a sala de interrogatório e se sentou na frente de Chapin, colocando a maleta na mesa.

— Quero todos os microfones e gravadores desligados, e quero agora! — Disse ela, séria, para o guarda.

Ele era um cara mais velho, que parecia não ter ligado para mais nada desde que Nixon renunciara, então apenas deu de ombros e disse:

— Sim, claro, pode deixar. — E saiu da sala, desligou o interruptor, e o alto-falante ficou mudo.

Atrás de mim alguém falou “Merda!”, e percebi que minha irmã voltara. Olhei por cima do ombro e lá estava ela, olhando pelo vidro para a sala agora sem som. Não tinha certeza se estávamos de mal, já que desobedecera uma ordem direta e não fora me foder, então me virei e assisti ao show. E, na verdade, não havia muito para ver: a nova advogada de Chapin inclinada para frente e falando rápido com ele por alguns minutos. Ele levantou a cabeça e olhou para ela com um interesse crescente e respondeu algumas coisas. Ela pegou um caderno, fez algumas anotações e depois algumas perguntas, que ele respondeu cada vez mais animado.

Depois de apenas dez ou quinze minutos, a advogada se levantou e foi até a porta, e Deborah foi se encontrar com ela no corredor. A

advogada olhou Debs dos pés à cabeça com algo que não era aprovação.

— Você é a sargento Morgan? — Perguntou ela, com pedaços de gelo se formando no ar quando falava.

— Sou. — Respondeu Deborah seriamente.

— Você é a policial que fez a prisão? — Perguntou a advogada, mas aquele era apenas outro termo para “estupradora de bebês”.

— Sou. E você é?

— DeWanda Hoople, da defensoria pública. — Falou ela como se todos conhecessem seu nome. — Acho que vamos ter de liberar o senhor Chapin.

Deborah fez que não com a cabeça.

— Acho que não.

A senhorita Hoople revelou um conjunto de dentes frontais de primeira classe, apesar de ser um exagero chamar aquilo de sorriso.

— Não interessa o que acha, sargento Morgan. Simples e direto, em palavras fáceis, VOCÊ NÃO TEM UM CASO.

— Aquele merdinha é um canibal. — Rosnou Deborah. — E sabe onde posso encontrar a garota desaparecida.

— Ah, nossa! — Falou ela. — Imagino que tenha alguma prova disso.

— Ele fugiu de mim. — Falou Deborah, meio aborrecida. — E depois disse que não tinha comido nada daquilo.

Hoople levantou as sobrancelhas.

— Ele disse o que exatamente? — Perguntou ela, com a doce razão escorrendo-lhe da língua.

— O contexto é bem claro.

— Me desculpe. Não estou familiarizada com as disposições estatutárias relativas ao contexto.

Conhecendo minha irmã tão bem quanto conheço, pude ver que estava prestes a explodir, e, se eu fosse a senhorita Hoople, me afastaria com as mãos levantadas em frente a mim. Deborah respirou bem fundo e falou entredentes:

— Senhorita Hoople, o seu cliente sabe onde Samantha Aldovar está. Salvar a vida dela é o mais importante aqui.

Mas a senhorita Hoople apenas sorriu ainda mais.

— Não é mais importante que a Declaração de Direitos Humanos. Você precisa soltá-lo.

Deborah olhou para a moça, e pude ver que ela estava quase tremendo enquanto lutava para se controlar. Se existia uma situação clara que requeria um soco direto no nariz, aquela era a situação, e não era normal minha irmã ignorar um chamado desses. Mas ela se segurou e conseguiu.

— Senhorita Hoople! — Acabou falando.

— Sim, sargento?

— Quando tivermos que contar aos pais de Samantha Aldovar que a filha deles está morta e que este cara poderia tê-la salvado, mas tivemos que soltá-lo — falou Deborah —, eu gostaria que você fosse comigo.

— Mas não é o meu trabalho. — Falou ela.

— E não deveria ser o meu também. — Disse Deborah. — Mas você está garantindo que seja.

A senhorita Hoople não tinha mais nada a dizer, então Deborah se virou e foi embora.

Capítulo Vinte e Dois



FUI PARA CASA NA HORA DO RUSH NO TRADICIONAL RITMO DE lesma, e devo admitir que estava meditando. Tantas coisas estranhas e desconcertantes estavam acontecendo de uma vez: Samantha Aldovar, canibalismo em Miami, o derretimento emocional de Deborah e a preocupante reaparição de meu irmão, Brian. E talvez o mais estranho de tudo fosse o Novo Dexter, que tinha de enfrentar todos esses desafios. Não mais o Mestre Astuto das Delícias Sombrias, mas incrivelmente transformado em o Homem-Pai, o Campeão das Crianças e da Estrutura Familiar.

... E ainda sim lá estava eu, passando meu tempo longe da família e numa busca sem sentido por pessoas más e uma garota que eu nem conhecia. Quer dizer, ter um trabalho é uma coisa, mas será que eu devia negligenciar minha nova filha com todas aquelas horas extras apenas para dar apoio à busca freudiana de Deborah por uma família? Não era meio uma contradição?

E então, ainda mais bizarro e inquietante, enquanto ponderava sobre aquelas coisas, comecei a me sentir mal. Eu, o Sombrio e Morto por Dentro Dexter, não apenas sentindo algo, mas me sentindo mal. Aquilo realmente confundia os pensamentos. Eu vinha me congratulando pela minha incrível transformação, quando na verdade só mudara de Retalhador Feliz para pai ausente, o que não era muito diferente de outros tipos de abuso. Fora o fato de não ter matado ninguém ultimamente, do que mais poderia me orgulhar?

Sentimentos de culpa e vergonha me dominaram. Então era isso que era ser um pai humano. Eu tinha três crianças maravilhosas e tudo o que elas tinham era eu. Mas elas mereciam muito mais. Elas precisavam de um pai que guiasse seus passos e as ensinasse sobre a vida, mas acabaram com alguém que aparentemente se importava mais em achar a filha desaparecida de outras pessoas do que em brincar com seus próprios filhos. Era horrível e inumano. Eu não havia me reformado, só virei outro tipo de monstro.

E os dois mais velhos, Cody e Astor, ainda viviam voluntariamente desejando a escuridão. Eles queriam que eu os ensinasse a caçar nas sombras. E eu não só negligenciei aquilo como ainda fiz pior, nem havia começado a guiá-los para longe do desejo de fazer aquilo. Culpa atrás de culpa: sabia que precisava passar mais tempo com eles, trazê-los de volta à luz e mostrar que a vida tem alegrias muito maiores que as que uma faca pode dar. E para fazer tudo isso eu tinha de estar lá, fazer coisas com eles, e eu falhei nisso.

Mas talvez não fosse tarde demais. Talvez eu ainda pudesse deixar minha marca neles. Afinal, eu não podia mudar completamente apenas querendo sair de meu casulo do mal e já virar um pai humano completo. Leva tempo para aprender a ser humano, quanto mais pai, e eu ainda era muito novo em tudo isso. Eu precisava dar um pouco de crédito a mim mesmo, ainda tinha muito que aprender, mas estava tentando. E crianças são bem compreensivas. Se eu realmente começasse agora e fizesse algo raro e especial como forma de mostrar a eles que as coisas tinham mudado e que o Pai Verdadeiro deles chegara, é claro que responderiam com alegria e respeito.

E com aquilo resolvido eu me senti instantaneamente melhor, o Papai Dex estava de volta aos eixos. E como para provar que as coisas estavam se encaixando da forma que o universo sábio e compassivo queria que fosse, vi uma enorme loja de brinquedos numa rua de comércio à minha esquerda e, sem hesitar, virei no estacionamento, parei e entrei na loja.

Olhei em volta, e o que vi não era muito encorajador. Havia fileiras e mais fileiras de brinquedos violentos, quase como se eu caminhasse numa loja que fora feita para as crianças do Antigo Dexter. Havia espadas, facas, sabres de luz, metralhadoras, bombas, pistolas e fuzis que atiravam balas de plástico, paintballs, nerf, foguetes que explodiam seus amigos ou a cidade deles, vários corredores cheios de dispositivos de treinamento para matanças recreativas. Não era à toa que nosso mundo era um lugar tão mau e violento, e não era à toa que existiam pessoas como eu era antes. Se ensinarmos às crianças que matar é divertido, vamos mesmo

ficar surpresos se uma hora ou outra alguém acabar sendo esperto o bastante para aprender aquilo?

Caminhei pela fábrica de massacre até que finalmente encontrei um canto com a placa: EDUCATIVOS. Havia várias prateleiras de coisas para montar, kits de ciência e alguns jogos de tabuleiro. Olhei tudo com cuidado, procurando por algo que passasse a mensagem correta. Tinha de ser algo educativo, claro, mas não tonto ou nerd demais, e nem algo que você fazia sozinho, como os kits. Precisava de algo que fosse inspirador, mas divertido para todos nós.

Finalmente me decidi por um jogo de perguntas e respostas chamado "O Dono da Escola". Uma pessoa faz perguntas e os outros vão se revezando para responder. Perfeito. Aquilo nos uniria como uma família e ainda aprenderíamos muito, além de nos divertirmos também. Cody teria até que falar frases completas. Sim, era aquele jogo mesmo.

Quando ia para o caixa passei junto a uma prateleira cheia de livros falantes, aqueles com botões que você aperta e ele faz sons. Havia vários com contos de fadas, e pensei imediatamente em Lily Anne. Mas que ótimo jeito de fazê-la apreciar uma vida de leituras divertidas, eu poderia ler as histórias enquanto ela apertava o botão certo quando eu desse a dica, tudo isso durante um belo conto de fadas. Era bom demais para deixar para depois, por isso peguei três com os contos de fadas mais promissores.

Levei o jogo e os livros até o caixa e paguei. O jogo custou quase vinte dólares já com os impostos, mas senti que valia cada centavo, era dinheiro bem gasto, então não me arrependi nem um pouco.

Já estava escuro quando descii com o carro a rua da minha casa. Três quartos de uma lua solitária surgiam baixo no horizonte e me chamavam numa voz saudosa e chorosa, fazendo sugestões de brincadeiras que o Dexter poderia realizar com uma faca numa noite como aquela. *Sabemos onde o Chapin mora, sussurrou ela. Podemos cortá-lo até os caninos e fazê-lo contar-nos coisas úteis, e todos ficariam felizes...*

Por um momento, fui levado por aquele puxão sedutor, o redemoinho intoxicante da maré sombria que fluía a minha volta e puxava meus pés. Mas então senti o peso do jogo e dos livros que

comprara e aquilo me arrancou da tensão crescente da luz da lua e me trouxe de volta à terra árida do Novo Dexter. Chega: não cederia mais àquela voz lunar que me instigava. Com algumas palavras duras, empurrei o Passageiro de volta ao lugar dele, o depósito frio e profundo. *Vá embora*, falei, e, com um soluço reptiliano, ele se enrolou e sumiu. Ele tinha de entender que eu não era mais aquele homem. Eu era o Papai Dex, o homem que chega em casa com saudade de Lily Anne e dos confortos comuns da vida doméstica. Eu era o arrimo de família, o guia para os pés pequenos, o escudo contra todos os males. Eu era o Papai Dex, a rocha na qual o futuro de Lily Anne seria construído, e tinha "O Dono da Escola" para provar.

Quando reduzi para parar em frente de casa, vi que o carro de Brian já estava estacionado lá. Percebi que, aparentemente, eu era o Estúpido Dexter, pois não sabia o que meu irmão estava fazendo ali e não gostava daquilo, fosse o que fosse. Ele representava tudo o que eu fora e não queria mais ser, e não queria nada daquilo perto de Lily Anne.

Saí do carro, dei a volta devagar no pequeno carro vermelho de Brian e me peguei olhando para ele como se fosse o verdadeiro perigo. Aquilo foi estúpido, claro. O estilo de Brian não passava por carros-bomba, mas sim por cortes rápidos com uma faca afiada, igualzinho ao velho eu. Mas eu não era mais assim, não importava o quanto eu sentia aquilo me empurrando quando me aproximei da porta da frente e ouvi gritos infantis alegres vindo lá de dentro. De todos os absurdos que estavam acontecendo, aquele era o pior; que eu devia ter ressentimento, desconfiança e até a tão humana raiva, pois as crianças estavam claramente se divertindo sem mim.

Então foi um Papai Dexter muito confuso que abriu a porta e viu sua pequena família mais seu irmão reunidos em frente à TV. Rita estava numa ponta do sofá segurando Lily Anne, Brian se sentava na outra com Astor entre eles, todos com grandes sorrisos no rosto. Cody estava entre eles e a TV e segurava alguma coisa de plástico cinza que sacudia em direção à TV enquanto pulava para cima e para baixo e os outros torciam por ele.

Quando entrei, todos os olhos menos os de Cody se viraram para mim e depois de volta para a TV, sem reconhecerem de verdade quem eu era, todos menos os de Brian, que continuou me olhando com seu sorriso falso aumentando enquanto me via tentar (e falhar) entender o que estava acontecendo em minha sala de estar no coração de minha família.

Então um estouro de gritos animados da torcida terminou num “aaaaaaahhh...”, com Cody fazendo uma careta e se afastando da TV.

— Boa tentativa, Cody, — Falou Brian, sem tirar os olhos de mim.
— Realmente muito boa.

— Consegui bater o recorde. — Falou Cody, numa frase surpreendentemente longa para ele.

— Sim, você conseguiu. — Respondeu Brian. — Vamos ver se sua irmã consegue fazer mais.

— É claro que consigo! — Gritou Astor, pulando em pé e sacudindo outra daquelas coisas de plástico. — Você está frito, Cody!

— Alguém pode me dizer o que é que está acontecendo aqui? — Falei, e mesmo para mim aquilo soou triste.

— Ah, Dexter... — Falou Rita, olhando para mim como se eu fosse algo muito comum mas ela estivesse me vendo pela primeira vez em seu carpete. — O Brian só está... Seu irmão trouxe um Wii para as crianças, e é muito... Mas ele não pode apenas — continuou, virando-se para olhar para a TV. — Quer dizer, é muito caro e... Pode perguntar a ele? É que... Ah! Muito bom, Astor! — Rita deu até um pulinho de excitação, fazendo com que a cabeça de Lily Anne rodasse um pouco, e ficou claro que eu poderia tirar as roupas e botar fogo em mim mesmo que ninguém, além de Brian, notaria.

— É muito bom para eles. — Disse Brian, dirigindo-se a mim com seu sorriso do Gato de Alice. — Um ótimo exercício, e eles desenvolvem suas habilidades motoras. E também — acrescentou, dando de ombros — é divertido pra caramba. Devia experimentar, irmão.

Olhei para meu irmão e seu enorme sorriso malicioso e falso e ouvi a lua me chamando lá de fora, me prometendo uma realização feliz e limpa, então desviei o olhar dele e vi Rita e as crianças

envolvidos na alegria daquela nova experiência maravilhosa e de repente a caixa embaixo de meu braço, “O Dono da Escola”, quase vinte dólares com os impostos, pareceu tão pesado e velho quanto um antigo tambor de óleo cheio de cabeças de peixe. Deixei o jogo cair no chão, e surgiu na minha cabeça um desenho animado de Dexter correndo aos prantos da sala e caindo de cara na cama, continuando chorando por causa de seu coração despedaçado.

E felizmente, para a imagem mundial de durão-mas-que-se-importa dos pais, aquela imagem mental era tão ridícula que tudo que fiz foi respirar fundo e dizer:

— Ops! — Depois me inclinei e peguei o pacote.

Não tinha lugar para mim no sofá, então passei pelo grupo acolhedor sentado nele vendo-os se retorcerem para continuar olhando e não perder nenhum segundo excitante da épica batalha de Astor na televisão. Coloquei meu jogo no chão e sentei inquieto na poltrona. Podia sentir os olhos de Brian em mim, mas não olhei para ele. Simplesmente me concentrei em manter uma fachada de excitação educada, e, depois de alguns segundos, ele desviou o olhar de volta para a TV, e para o resto das pessoas na sala eu desaparecera por completo, como se nunca tivesse estado ali.

Assisti enquanto Cody e Astor se revezavam com o novo vídeo game caro deles. De algum jeito, não importava quão animados eles ficavam, não conseguia sentir um entusiasmo verdadeiro. Eles mudaram para outro jogo, que envolvia matar coisas com uma espada em vez de uma arma e mesmo o uso de uma lâmina não fez surgir nenhuma fagulha em meu peito. E é claro que eles estavam tão felizes que só alguém muito mesquinho poderia ter alguma objeção, o que meramente queria dizer que agora eu podia acrescentar “mesquinho” a meu currículo. *Dexter Morgan. Analista de Borrifos de Sangue, Retalhador Aposentado; atualmente trabalhando como desmancha-prazeres.* Quase torci para Deborah estar aqui, desde o começo, pois assim Brian iria embora, mas mais importante que isso, eu poderia dizer: “Está vendo o que está perdendo? Filhos, família... rá!” E soltaria um riso amargo que sublinharia a versatilidade de todas as famílias.

Astor disse:

— Oooooooooohhhhhhhh! — Numa voz bem alta, e Cody levantou-se de um pulo para jogar. Ficou claro para mim que não importava o que eu fizesse, eles nunca me apreciariam de verdade ou aprenderiam o que eu tinha a oferecer. Eles estavam muito além da instabilidade, eles eram insensíveis, como gatinhos, pequenos predadores, distraídos pelo primeiro pedaço de fio ou bugiganga brilhante que rolasse pelo chão, e nada que eu dissesse ou fizesse iria deixar alguma marca na teimosa ignorância deles.

E iriam crescer e virariam o quê? Assassinos enganadores como o Brian e eu, prontos num piscar de olhos para esfaquear um ao outro pelas costas, literal ou figurativamente. Qual era o objetivo? Porque eles faziam barulho durante a infância deixando certo caos aleatório e quando tivessem idade suficiente para entender o que eu tinha a dizer já seriam velhos demais para mudar. Era o bastante para me fazer renunciar a minha nova humanidade e apenas sair para aqueles raios lunares líquidos e achar alguém para desmembrar, nada de finesse, escolha cuidadosa, apenas uma selvageria repentina, purificante e libertadora, tal como Brian fazia.

Olhei para o meu irmão e o lugar onde estava sentado, meu sofá, com minha esposa e fazendo minhas crianças ficarem mais felizes do que aparentemente eu era capaz de fazer. Era isso que ele queria fazer? Virar eu, mas um eu melhor do que eu jamais conseguiria ser? Algo começou a surgir em mim com aquele pensamento, algo entre a bile e a raiva, e decidi que iria confrontá-lo naquela noite e exigiria saber o que ele achava que estava fazendo e faria com que parasse. E se ele não me ouvisse, bem, sempre se podia falar com Deborah.

Então fiquei sentado ereto com um meio sorriso falso e educado costurado no rosto por mais meia hora de dragões, punhos mágicos e gritos de alegria. Até Lily Anne parecia contente, o que me pareceu a traição definitiva. Ela piscava e agitava as mãozinhas no ar quando Astor gritava e então voltava a encostar no peito de Rita, mais entusiasmo que eu a vi demonstrar para qualquer coisa antes, a não ser comer. E finalmente quando eu já achava que não conseguiria manter minha postura artificial por nem mais um segundo, limpei a garganta e disse:

— Ei, Rita? Você tem alguma ideia para o jantar?

— Quê? — Respondeu ela, sem olhar para mim e ainda totalmente envolvida com o jogo. — Por acaso você... Ah, Cody! Desculpe, Dexter, o que você disse?

— Eu disse... — Falei com silabas bem pronunciadas — Você Tem Alguma Ideia Para o Jantar?

— É claro que sim. — Respondeu ela, ainda sem tirar os olhos da TV. — Só tenho que... Ah! — Falou com um susto verdadeiro, e dessa vez não era por algo no jogo, pois ela olhou para cima e viu o relógio. — Ah, meu Deus, já passa das oito! Eu nem... Astor, arrume a mesa! Ah, meu Deus, e amanhã tem aula!

Assisti com uma ligeira satisfação Rita pular finalmente do sofá e, confiando Lily Anne a mim, correu para a cozinha ainda falando.

— Pelo amor de... Ah, sei que queimou, o que eu estava... Cody, pegue os talheres! Nunca fui uma... Astor, não se esqueça de colocar um lugar para o Tio Brian! — E então houve barulhos sem parar enquanto ela abria o fogão, espalhava panelas e frigideiras por lá e fazia a vida voltar aos trilhos.

Cody e Astor olharam um para o outro claramente relutantes em deixar o novo mundo deles até mesmo para comer, e então, ainda sem palavras, olharam em uníssono para o Tio Brian.

— Bom, vamos lá. — Falou ele, com sua alegria terrivelmente falsa. — Vocês têm de fazer o que sua mãe pediu.

— Quero jogar mais um pouco. — Disse Cody com muito mais palavras do que eu estava acostumado a ouvir ele falar em muito tempo.

— É claro que quer. — Falou Brian. — Mas agora não pode. — Ele abriu seu grande sorriso para eles, e percebi que estava se esforçando muito para parecer solidário, mas não era muito convincente, não chegando nem perto de mim. Mas Cody e Astor aparentemente aceitaram como uma expressão facial válida; eles olharam um para o outro, assentiram e se mandaram para a cozinha para ajudar a mãe.

Brian ficou olhando eles irem e depois se virou para mim com as sobrancelhas levantadas numa educada e artificial expectativa. Mas naturalmente não poderia antecipar nenhuma das coisas que eu

queria dizer a ele, mas quando respirei fundo para começar me ocorreu que eu também não sabia. Senti que deveria acusá-lo de algo, mas do quê? Comprar um brinquedo caro quando eu comprara outro muito mais barato? Ou levar as crianças para comer comida chinesa e provavelmente para algum lugar um pouco mais sinistro? Ou por tentar ser eu quando eu estava ocupado demais para esse papel? Imagino que o antigo e morto por dentro Dexter diria apenas: “O que quer que esteja fazendo, pare agora”. Mas meu novo eu não conseguia fazer sua língua enrolar-se naquele monte de coisas complicadas, sentimentos, que rodopiavam através de mim. E para tornar as coisas ainda mais complicadas, enquanto estava ali sentado com meu cérebro em marcha lenta e minha boca aberta, Lily Anne fez um som borbulhante, e de repente minha camisa estava coberta de pudim de leite coalhado de vômito de bebê.

— Oh, nossa. — Falou Brian, com uma simpatia igual a todas as suas outras emoções.

Levantei-me e entrei no corredor segurando Lily Anne numa posição de apresentar armas. Havia um trocador no quarto com uma pilha de toalhas exatamente para ocasiões como aquela numa prateleira embaixo. Peguei duas, uma para secar a sujeira, e outra para colocar embaixo do bebê e preservar o que tinha sobrado da minha camisa.

Voltei para a poltrona e me sentei, esticando a segunda toalha no ombro e colocando Lily Anne virada para ela, batendo gentilmente em suas costas. Brian olhou novamente para mim, e abri a boca para começar a falar.

— Jantar. — Falou Rita, entrando na sala segurando uma assadeira entre um par de luvas térmicas. — Mas infelizmente não... Quer dizer, não chegou a queimar, mas eu não... Está apenas um pouco seco e, Astor, ponha o arroz na tigela azul. Sente-se, Cody.

Jantar era uma ocasião feliz, pelo menos era o que achavam os guerreiros do vídeo. Rita continuava se desculpando pelo Frango Suco de Laranja, o que era algo realmente necessário. Era um dos pratos que mostravam quem ela era, e Rita acabou deixando assar demais e ficar seco. Mas Cody e Astor acharam muito engraçado o

fato de ela estar envergonhada e começaram a brincar com ela com um pequeno toque de crueldade.

— Está seco. — Falou Cody depois de Rita se desculpar pela terceira vez. — Diferente do de sempre. — E depois sorriu maliciosamente para Brian.

— Sim, eu sei, mas... Eu sinto muito mesmo, Brian.

— Ah, está delicioso. Não pense mais nisso, minha cara. — Falou Brian.

— Não se importe mesmo com isso, mãe. — Ecoou Astor, altivamente, e ela e Brian riram. E assim foi até o fim do jantar, e as crianças pularam para limpar a mesa, animadas com a promessa de mais quinze minutos de Wii antes de dormir. Rita levou Lily Anne para trocar a fralda e, apenas por um momento, Brian e eu nos encaramos na mesa. Aquela era a hora de falar, de passar as coisas a limpo entre nós e me inclinei para frente para aproveitar o momento.

— Brian.

— Sim? — Falou ele, levantando a sobrancelha, ansioso.

— Por que você voltou? — Falei, esforçando-me para não parecer que o estava acusando de algo.

Ele me lançou um olhar de espanto de desenho animado.

— Ora, para ficar com minha família, é claro. O quê mais poderia ser?

— Não sei o quê mais. — Falei, ficando ainda mais irritado. — Mas deve haver algo.

Ele fez que não com a cabeça.

— Por que pensaria que há algo mais, irmão?

— Porque conheço você.

— Não de verdade. — Falou, e olhou bem em meus olhos. — Conhece apenas uma pequena parte de mim. E eu pensei que... Ah, droga. — Disse ele quando as notas de Cavalgada das Valquírias tocaram em seu bolso. Ele pegou o celular, olhou para a tela e disse: — Nossa, acho que terei de dar uma de cachorro magro. Apesar de ter adorado falar com você. É melhor eu me desculpar com a sua senhora. — E então ele se ergueu de um pulo e correu para a cozinha, de onde pude ouvi-lo usar seus elogios e desculpas floridas.

A família toda o levou até a porta, mas consegui cortá-los ao sair com ele e fechar a porta firmemente entre minha família e nós.

— Brian, precisamos conversar mais um pouco.

Ele parou e se virou para mim.

— Vamos sim, irmão. O velho e bom bate-papo. Saber o que está rolando em nossas vidas. Me conte como está indo seu trabalho de encontrar a garota desaparecida?

Fiz que não com a cabeça.

— Não é disso que estou falando. — Disse eu, determinado a ir até o fim e esclarecer as coisas. Mas mais uma vez o telefone dele começou a gritar o coro de Wagner, e ele olhou de novo e depois desligou.

— Outra hora, Dexter. Eu realmente tenho de ir.

E antes que eu pudesse reclamar ele me deu um desajeitado tapinha no ombro e se apressou até o carro.

Fiquei vendo-o ir embora, e meu único consolo foi que o ombro em que ele deu o tapinha ainda estava um pouco sujo do vômito de Lily Anne.

Capítulo Vinte e Três



FIQUEI PARADO VENDENDO O FAROL TRASEIRO DE BRIAN DESAPARECER na distância. Mas minha infelicidade não foi embora com meu irmão. Ela continuou rodopiando dentro de mim e cresceu ainda mais quando a luz da lua surgiu e se misturou com a irritação, e mais uma vez a voz de serpente começou a me adular e a me seduzir dando sugestões ardilosas. *Venha conosco*, sussurrou ela em tons melosos de uma razão pura e perfeita. *Saia para a noite, venha brincar e irá se sentir muito melhor.*

E eu empurrei a voz para longe, ficando firme na praia de minha nova terra, a paternidade humana, mas a luz da lua voltou mais forte e pegando pesado, então fechei os olhos só por um momento para tentar fazer com que se calasse. Pensei em Lily Anne. Pensei em Cody e Astor e no grande prazer que demonstravam em estar com Brian, e outra pequena onda de irritação surgiu. Eu a abafei e pensei em Deborah e em sua tristeza profunda. Ela ficara tão feliz em pegar Victor Chapin e tão miserável quando teve de deixá-lo partir. Queria que ela fosse feliz. E também queria que as crianças fossem felizes, e então a vozinha má surgiu novamente e disse: *Sei como fazê-los felizes e a você também.*

Ouvi apenas por um momento e tudo se encaixou com exatidão e clareza perfeitas, e me vi saindo para a noite com fita adesiva e uma faca...

Empurrei aquilo para longe mais uma vez, com força, e a imagem se partiu. Respirei fundo e abri os olhos. A lua ainda estava lá, sorrindo para mim com expectativa, mas fiz que não com a cabeça de forma firme. Eu ia ser forte e ia prevalecer. Virei-me de costas para a noite com uma vontade de ferro e caminhei resoluto para dentro de casa.

Lá dentro, Rita estava limpando a cozinha. Lily Anne borbulhava no bercinho, e Cody e Astor já estavam de volta ao sofá, em frente à TV e brincando com o Wii. Agora era a hora de começar a acertar as

coisas entre nós, de apagar o fogo da influência de Brian e fazer aquelas crianças se afastarem da escuridão. Aquilo era possível. E eu conseguiria. Fui direto a Cody e Astor e fiquei parado entre eles e a tela da TV. Eles olharam para mim e pareceram me ver de verdade pela primeira vez naquela noite.

— Que foi? — Falou Astor. — Você está atrapalhando.

— Precisamos conversar. — Falei.

— Nós precisamos jogar Dragon Blade. — Falou Cody.

E eu não gostei do que ouvi em sua voz. Olhei para ele e para Astor e os dois me olharam de volta com uma irritação presunçosa e hipócrita, e aquilo foi demais para mim. Inclinei-me para o Wii e arranquei o fio da tomada.

— Ei! — Falou Astor. — Perdemos aquele jogo. Agora teremos de começar da primeira fase!

— O jogo vai para o lixo. — Falei. E eles ficaram boquiabertos juntos.

— Não é justo. — Falou Cody.

— Justiça não tem nada a ver com isso. Estou fazendo o que é certo.

— Isso não faz sentido. — Disse Astor. — Se a coisa é certa ela é justa, e você disse que... — E ela ia continuar, mas viu meu rosto e então parou. — O que foi?

— Vocês nem gostam de comida chinesa. — Falei, bem sério. — Dois rostos pequenos e vazios me olharam, depois um para o outro e ouvi o eco do que acabara de dizer. Não fazia sentido nem para mim. — Estou falando de... — Falei e os olhos deles se voltaram para mim — ... Quando saíram com o Brian. Meu irmão. O Tio Brian.

— Entendemos o que quis dizer. — Disse Astor.

— Vocês disseram para sua mãe que foram comer comida chinesa. E isso é mentira.

Cody sacudiu a cabeça, e Astor falou:

— Ele disse isso para ela. Nós teríamos dito pizza.

— E também teria sido uma mentira. — Falei.

— Mas Dexter, você já falou isso para nós. — Ela falou, e Cody concordou. — A mamãe não pode saber sobre, você sabe. As outras coisas. Por isso temos de mentir para ela.

— Não, não têm. O que precisam é não fazer mais isso. — Falei.

Vi a surpresa brotar e crescer em seus rostos. Cody sacudiu a cabeça, espantado, e Astor balbuciou:

— Mas isso não... Quer dizer, você não pode... O que quer dizer?

— E, pela primeira vez na vida, ela falou igual à mãe.

Sentei-me no sofá entre eles.

— O que fizeram com o Tio Brian naquela noite? Quando ele falou que iam comer comida chinesa?

Eles olharam um para o outro, e uma longa conversa se deu sem que trocassem uma sílaba sequer. Então Cody olhou para mim.

— Vira-lata. — Falou.

Assenti, e uma raiva começou a crescer em mim. Brian os levava e encontrara um vira-lata para que aprendessem e treinassem. Sabia que seria algo assim, claro, mas ouvir a confirmação aumentou o ultraje de meu senso moral, com meu irmão e com as crianças. E, estranhamente, quando eu entrava em uma majestosa torre de indignação justificada, uma vozinha fraca e maliciosa sussurrava que deveria ter sido eu a levá-los para fazer aquilo. Devia ter sido minha mão a guiar seus inexperientes golpes de faca, minha voz sábia e paciente os guiando, explicando e ensinando como pegar, cortar e então limpar tudo quando a brincadeira acabasse.

Mas aquilo era absurdo. Eu estava ali para guiá-los para longe das sombras, não para ensinar como poderiam se divertir com aquilo. Sacudi a cabeça e deixei a sanidade voltar.

— O que fizeram foi errado. — Falei, e mais uma vez os dois não entenderam.

— Como assim? — Perguntou Astor.

— Quero dizer que vocês precisam parar...

— Ah, Dexter. — Falou Rita, enquanto entrava na sala secando as mãos num pano de prato. — Não pode deixar que joguem mais, amanhã tem aula. Olhem só a hora, Deus do céu, vocês ainda nem... Vamos, os dois, se aprontem para a cama. — Ela os apressou para fora da sala antes que eu pudesse piscar. Cody se virou para olhar para mim um momento antes de sua mãe empurrá-lo pelo corredor, e seu rosto era uma mistura de confusão, dor e irritação.

Quando os três entraram no banheiro, e o som de água corrente e escovação de dentes chegou a meus ouvidos, me vi rangendo os dentes de frustração. Nada estava indo bem. Tentara unir minha família e descobri que meu irmão estava lá antes de mim. Quando tentei confrontá-lo, ele fugiu com as palavras que ainda se formavam em minha língua. E eu finalmente começara meu importante trabalho de guiar as crianças para longe do caminho da maldade, apenas para ser interrompido num ponto crucial. Agora elas estavam bravas comigo, e eu ainda não sabia o que Brian estava tramando.

Trabalhei o mais duro que sabia para ser o novo e completamente limpo e honesto homem de família que devia ser, e em cada tentativa eu fora desiludido, desanimado e destruído. A irritação começou a crescer e se transformar em raiva e então aquilo também começou a mudar e senti um banho frio e ácido de desprezo efervescente dentro de mim: desprezo por Brian, Rita, Deborah, Cody e Astor e por todos os idiotas babões no mundo todo. E mais que tudo, desprezo por mim mesmo. Dexter o Dummkopf,***** que queria caminhar pela luz do sol sentindo o perfume das flores e olhando o arco-íris cruzar o céu róseo. Mas eu me esquecera de que o sol está quase sempre coberto pelas nuvens, as flores têm espinhos, e os arco-íris estão sempre fora de alcance. Você pode sonhar o sonho impossível quando quiser, mas ele sempre vai sumir quando você acordar. Eu estava descobrindo aquilo do jeito mais difícil, com cada novo lembrete afundando meu nariz cada vez mais na terra, e tudo o que eu queria agora era pegar algo pelo pescoço e apertar...

O zumbido monótono de Rita e as crianças fazendo suas preces chegou até onde eu estava. Ainda não sabia as palavras e era apenas mais um lembrete irritante de que eu não era o Papai Dex e provavelmente nunca seria. Pensei que seria o primeiro leopardo da história a mudar seus gostos, mas na verdade era apenas um gato vadio forçado a jantar lixo.

Levantei-me. Precisava apenas andar um pouco, tentar me acalmar, botar meus pensamentos em ordem, domar aquelas emoções novas, estranhas e selvagens antes que elas me

carregassem numa inundação de estupidez. Fui até a cozinha onde a lava-louças já trabalhava duro nos pratos do jantar. Passei a geladeira que clicava fazendo gelo. Fui até o quartinho dos fundos onde ficavam as máquinas de lavar e secar. A minha volta, na casa toda, tudo estava limpo e funcional, todos os maquinários da felicidade doméstica em seus lugares e prontos para fazer exatamente o que deviam fazer, todos, menos eu. Não fora feito para caber debaixo da pia desta ou de qualquer outra casa. Fora feito para o brilho da lua numa faca bem afiada e o barulho macio da fita adesiva saindo de seu rolo e do horror abafado dos maus presos de forma limpa e correta na hora de encontrarem seu destruidor...

Mas eu virara as costas para aquilo, deixara para trás tudo o que eu realmente era, tentando me encaixar numa imagem de algo que nem mesmo existia, como colocar um demônio na capa do *Saturday Evening Post*, e tudo o que conseguira era me fazer parecer um completo idiota. Por isso Brian conseguiu ganhar minhas crianças tão facilmente. Eu jamais conseguiria afastá-los do lado negro se nem conseguia ter uma performance convincente de normalidade virtuosa.

E com a enorme quantidade de maldade que existia no mundo, como eu poderia transformar minha lâmina brilhante num arado chato e funcional? Havia tantas coisas a serem feitas, tantos brigões de escola que precisavam aprender as novas regras do jogo, as regras de Dexter, havia até mesmo canibais em minha própria cidade. Será que eu poderia mesmo apenas sentar no sofá e tricotar enquanto eles exerciam suas vontades terríveis nas "Samanthas Aldovar" do mundo? Ela, afinal, era a filha de alguém, que sentia por ela o que eu sentia por Lily Anne.

E quando aquele pensamento chegou onde devia, a onda de raiva quente rugiu dentro de mim, queimando todo o meu cuidadoso controle. *Podia ter sido Lily Anne*. Um dia poderia ser ela, e eu não estava fazendo nada para protegê-la. Eu era um tolo e estava me iludindo. Estava sendo atacado por todos os lados e simplesmente deixando acontecer. Estava deixando os predadores perseguirem e matarem e se um dia viessem atrás de Lily Anne, ou Cody ou Astor,

a culpa seria minha. Eu tinha o poder de proteger minha família de um mundo muito mau, mas, em vez disso, estava fingindo que bons pensamentos manteriam o dragão longe, quando na verdade ele já estava urrando em minha porta.

Fiquei parado à porta dos fundos e olhei pela janela para o quintal escuro. As nuvens tinham coberto a lua e trazido a escuridão completa. Pronto, aquilo era a imagem perfeita de tudo o que era real: apenas escuridão escondendo alguns poucos caminhos de grama e terra marrons. Nada funcionava. Nada nunca funcionou, para ninguém e em nenhum lugar. Era tudo escuridão, deterioração e sujeira, e tentar fingir que alguma coisa trazia a você mais do que tristeza, e não tinha nada que eu pudesse fazer a respeito. Nada.

E então as nuvens se moveram e deixaram um pequeno raio de luar iluminar a escuridão, e o sussurro sibilante surgiu e provocou mais uma vez: *Tem uma coisa que pode fazer...*

E aquele pensamento tão simples fez todo o sentido do mundo.

— Eu já volto. — Dissemos para Rita, que estava sentada no sofá segurando o bebê no colo. — Esqueci umas coisas no trabalho.

— Voltar? — balbuciou ela, confusa. — Está dizendo que vai para... Mas é de noite!

— Sim, é mesmo. — Respondemos e deixamos um sorriso frio aparecer em nosso rosto ao pensarmos na bem-vinda escuridão aveludada ali do outro lado da porta.

— Bom, mas você não... Não pode esperar até de manhã?

— Não. — Dissemos, e a loucura alegre daquilo ecoou em nossa voz. — Isso não pode esperar. É algo que preciso fazer esta noite.

A sinceridade daquilo apareceu claramente em nosso rosto. Rita fez uma careta, mas não disse mais que:

— Bom, espero que você... Oh! Mas esvaziei o balde de fraldas e está bem... Pode pegar o saco e... — Ela se ergueu de pulo e entrou no corredor enquanto o ácido frio começou a corroer-me por causa da interrupção, mas ela voltou em poucos segundos segurando o saco de lixo, que me deu e disse:

— Quando sair, se puder... Precisa ir mesmo? Quero dizer, vai demorar muito? Porque, tipo, dirija com cuidado, mas...

— Não vou demorar muito. — Dissemos, e a impaciência nos invadiu e saímos pela porta para a acolhedora noite com seus dedos finos de luar surgindo por entre as nuvens e prometendo que uma coisa maravilhosa poderia lavar toda a terrível dor de tentar ser algo que não éramos e que nunca seríamos. Com pressa, jogamos o saco de lixo no chão do banco de trás do carro junto com nossos brinquedos e entramos nele.

Dirigimos na direção norte com tráfego leve, em direção ao trabalho, exatamente como dissemos que faríamos, mas não o trabalho diário de escritório e desordem; fomos fazer uma tarefa muito mais feliz, nem um pouco chata e muito gratificante, fomos para o norte, passando o aeroporto, depois pegamos a saída para Miami Beach Norte e então reduzimos, indo cuidadosamente pelo caminho que lembrávamos até certa casa amarela numa vizinhança modesta.

O clube noturno nem abre antes das onze, disse Deborah. Passamos por ela com cuidado e vimos luzes acesas dentro e fora da casa e um carro na frente que não estava lá antes. O carro da mãe dele, claro, e fazia todo o sentido, já que ela trabalhava de dia. Mais perto da casa e meio nas sombras estava o Mustang. Ele ainda estava lá. Ainda não eram nem dez da noite, e o caminho até South Beach não era longo. Ele estava lá dentro curtindo sua injusta liberdade e pensando que tudo estava bem de novo em seu mundinho, e era exatamente isso que queríamos. Tínhamos chegado com tempo de sobra e sentíamos uma certeza gelada e agradável de que não seríamos desapontados.

Demos uma volta no quarteirão procurando algum sinal de que as coisas não eram o que pareciam e não achamos nada. Tudo estava quieto e seguro, e todas as casinhas estavam limpas, iluminadas e fechadas para se protegerem das presas afiadas da noite.

Continuamos dirigindo. Quatro quarteirões à frente achamos uma casa com uma caçamba de lixo em seu gramado e era bem o que queríamos. As casas próximas também estão apagadas e há uma luz acesa duas casas adiante, mas, fora isso, é tudo uma boa parte de nossa noite e a casa com a caçamba é perfeita. Vazia por causa da hipoteca e esperando que alguém chegue com um novo sonho, e

logo alguém chegará, mas não seria um sonho belo. Achamos uma luz de rua queimada e estacionamos perto dela, ao lado de uma cerca viva. Saímos devagar, aproveitando a antecipação e nos divertindo com a feliz tarefa de preparação, fazendo as coisas direito para o que tinha que acontecer e que agora aconteceria mais uma vez e seria muito em breve.

A porta dos fundos da casa vazia é protegida de qualquer curioso que pudesse estar olhando e se abria silenciosamente, rapidamente. Dentro, ela está vazia e escura, a não ser pela cozinha onde a luz derrama seus raios numa bancada apropriada para um açougueiro, e quando a vemos o sussurro interno vira um coro de satisfação. Ali estava um sinal de que aquela noite era a noite apropriada e fora feita para nós. Aquele cômodo era perfeito para o que tínhamos de fazer e, como para sublinhar o fato de que tudo estava bem no mundo da maldade, também havia meia caixa de sacos de lixo no balcão.

Agora é agir rápido, o tempo pressiona, mas deixar tudo em ordem é importante. Corte as pontas dos sacos e os transforme em folhas de plástico. Espalhe-as com cuidado pela bancada, no chão em volta e nas paredes próximas, qualquer lugar onde um borrifo de sangue ao acaso poderia cair sem querer e sem ser visto na alegria da brincadeira, e logo tudo está pronto.

Respiramos fundo. Estamos prontos também.

É uma caminhada rápida de volta até a casa amarela. De mãos vazias agora, não precisamos de nada, apenas um pequeno laço de náilon. Uma linha de pesca grossa e testada, perfeita para puxar um peixe lutador e mais ainda para fazer um colega de brincadeira mau segui-lo. Ele ouviria o assobio do fio voando pelo ar e se enrolando em sua garganta e o ouviria falar diante de sua surpresa *Venha conosco agora. Venha e aprenda seus limites.* E ele nos seguiria, pois não teria escolha, e o mundo ficaria mais escuro e turvo e mesmo sua respiração seria dada a ele com dor e só quando nós desejássemos.

E se ele se contorcesse e lutasse mais que o previsto, puxaríamos o fio um pouco mais até a respiração não entrar mais e ele conseguir ouvir apenas o bater rápido de seu coração e o sussurro

do náilon dizendo: *Viu só? Tiramos sua voz e seu ar, e logo tiraremos mais, muito mais, tiraremos tudo, e então o devolveremos ao pó e à escuridão e à alguns sacos de lixo bem arrumados...*

E aquele pensamento vem junto com uma respiração rápida e fazemos uma pausa para nos acalmar, para deixar dedos gelados soltarem nervos tensos e acariciá-los em direção ao prazer que virá em breve.

Firme agora: respirar fundo de novo até ficar calmo e seguro e saber que está tudo brilhantemente pronto, e deixamos aquela consciência limpa crescer e entender a única verdade da noite: *Aquilo vai acontecer agora. Naquela noite.*

Agora.

Nossos olhos se abrem para uma paisagem de sombras e toda a nossa consciência calma desliza e se estica por todos os cantos da escuridão, procurando um movimento ou qualquer traço de alguém observando. Não há nada, ninguém, humano, animal ou algo como eu. Nada se movendo ou à espreita. Somos o único caçador no caminho naquela noite e tudo era como devia ser. Estávamos prontos.

Um pé cuidadoso depois do outro, uma perfeita imitação de uma caminhada casual dando a volta no quarteirão até a modesta casa amarela. Tão cuidadosos que passamos a casa e vamos para as sombras de uma cerca viva do vizinho e então esperamos. Não surge nenhum som para nos desafiar. Nada se mexe ou nos espera.

Estamos sós, invisíveis e prontos para chegar mais perto, em silêncio e com cuidado, até estarmos no escuro canto da casa amarela e respirarmos fundo, em silêncio, e nos tornarmos uma pequena parte das sombras.

Mais perto, ainda com cuidado e em silêncio, e tudo está como deve ser, e logo estamos na porta de trás do Mustang.

Destrancada, o monstrinho desprezível deixou tudo fácil demais para nós e deslizamos para o banco traseiro tão cuidadosamente silencioso e nos fundimos às sombras do chão do carro, e então esperamos.

Segundos, minutos, o tempo passa e esperamos. Esperar é fácil, natural, parte da caçada. Nossa respiração leve e constante vai e

volta e tudo em nós está bem e preparado, esperando pelo momento que está por vir.

E ele vem.

Um grito distante. A porta da frente se abre, e o final de uma discussão pode ser ouvido por nós.

— ... Advogada disse para fazer. — Diz ele em sua vozinha má e petulante. — Tenho de ir trabalhar agora, está bem? — Ele bate a porta e se apressa até o Mustang. Murmura algo com aquela vozinha ao abrir a porta e sentar-se atrás do volante, põe a chave na ignição, liga o carro e as sombras do chão atrás dele cospem uma forma, e nos levantamos com nossa velocidade silenciosa e o assobio do laço de náilon, que se prende ao pescoço dele e acaba com os pensamentos e com o ar.

— Nenhum som, nenhum movimento. — Dizemos em nossa Outra Voz terrivelmente fria, e ele fica parado, duro. — Ouça com cuidado, faça exatamente o que dissermos e viverá um pouco mais. Entendeu?

Ele concorda com a cabeça, olhos esbugalhados, aterrorizados, e o rosto ficando roxo pela falta de ar, e o deixamos sentir, sentir como é deixar de respirar, só um gostinho do que está por vir, uma amostra da eternidade que se aproxima, a escuridão infinita que surge quando a respiração acaba.

E quando apertamos um pouquinho, só o suficiente para ele saber que poderíamos apertar muito mais forte, apertar até que tudo acabe agora mesmo, e o rosto dele vai ficando ainda mais roxo e seus olhos começam a saltar das órbitas e a ficar mais brilhantes com o sangue. E então o deixamos respirar um pouco, deixando a um afrouxar descer por nosso braço e passar à linha de náilon, só um pouco, só o suficiente para um suspiro seco em busca do ar e então apertamos de novo, antes que ele possa tossir ou falar.

— Você pertence a mim. — Dizemos a ele. E a verdade fria daquilo está em nossa voz, e apenas por um momento ele se esquece que não pode respirar quando a imagem de seu futuro chega a sua mente e ele sacode os braços por um segundo antes de apertarmos de novo, um pouco mais forte agora.

— Chega. — Falamos, e o sibilar glacial em nossa voz de comando o faz parar imediatamente. Deixamos o mundinho mau dele ficar mais escuro de novo, não tanto dessa vez, só o suficiente para que, quando soltarmos de novo, ele tenha uma pequena esperança, algo frágil, uma esperança feita do luar, uma que se manterá viva apenas o suficiente para que ele fique dócil e quieto até que esse silêncio se torne eterno.

— Dirija. — Falamos, fazendo uma leve torção no nó e o deixamos respirar um pouco. Por um momento, ele não se move e puxamos o nó. — Agora. — Falamos, e com um espasmo de movimento que nos mostra que ele está ansioso para agradar, a marcha é engatada e saímos devagar e começamos a nos afastar da casa amarela e da pequena e suja vida dele na terra, entrando no futuro sombrio e alegre dessa maravilhosa noite de lua.

Nós o levamos para a casa vazia com o fio de náilon amarrado em seu pescoço, marchando rápido e cuidadosamente pela escuridão e para o cômodo que tínhamos preparado, o cômodo envolto em plástico onde os raios de luar cortam o céu e iluminam a bancada como se fosse um altar numa catedral de dor. E é mesmo um verdadeiro templo do sofrimento, e esta noite somos o pregador do templo e iremos guiá-lo através de nosso ritual até a epifania final, a libertação divina.

Seguramo-no ao lado da bancada e o deixamos respirar, só por um momento, tempo suficiente para que veja o que o espera, e seu medo cresce quando ele compreende que aquilo tudo é para ele, e então se vira para ver se é alguma piada de mau gosto...

— Ei! — Diz ele, numa voz já meio arruinada. O reconhecimento surge em seu rosto, e ele sacode a cabeça de leve, o máximo que o nó permite. — Você é aquele policial. — Diz, e agora há uma nova esperança em seus olhos, e ela se transforma em coragem que ele usa em sua nova voz rouca. — Você é a porra do policial que estava com aquela outra policial louca e vagabunda! Você está fodido, seu filho da puta! Vou fazer com que seja preso por isso seu merda...

E então apertamos o laço, bastante agora, e o som de seus palavrões some como se fosse cortado com uma faca, e mais uma vez seu mundo fica escuro e ele se debate debilmente contra o

náilon em sua garganta até que se esquece de para que servem seus dedos, e suas mãos caem quando ele fica de joelhos e se debate ali por um momento enquanto continuo puxando mais e mais até seus olhos rolarem e ele desmaiar, caindo inerte no chão.

Trabalhamos rápido agora, colocando-o no balcão, cortando suas roupas e prendendo-o com fita adesiva para que não possa se mexer quando acordar, o que acontece rápido. Ele abre os olhos, e os braços se movem um pouco lutando contra a fita enquanto ele explora sua posição nova e final. Ele arregala os olhos e faz o máximo que pode para se mexer, mas não consegue. E o assistimos por apenas um momento, deixando o medo crescer, e com ele nossa diversão também cresce. É isso que somos. E para isso que existimos, conduzir o balé sombrio, e esta noite haverá concerto.

E a música sobe, e nós o levamos para onde começa a dança, a bela coreografia do Fim, com os mesmos passos afiados, movimentos familiares e o cheiro do medo por entre os sons suaves da fita e do terror; e, esta noite, a faca é afiada, veloz e certa quando corre no ritmo conhecido da acolhedora música da lua, que cresce, chegando ao coro final de realização até o júbilo, o regozijo; o prazer está de volta ao mundo.

Logo antes do fim, fazemos uma pausa. Uma pequenina e terrível dúvida apareceu em meio ao prazer e atrapalhou nossa felicidade, então olhamos para ele, ainda com seu olhar de terror pelo que acontecera e com a certeza de que viria mais por aí.

Está quase no fim, um sussurro falou. Não pare agora...

E não paramos, nem poderíamos. Mas fazemos uma pausa. Olhamos para a coisa que se contorce embaixo de nossa faca. Está quase pronto, e sua respiração está mais fraca agora, mas ainda se mexe contra as amarras, com uma última bolha de esperança se formando e lutando para crescer por trás do terror e da dor. E tem uma coisinha só que temos de saber antes de estourar a bolha, um pequeno detalhe que precisamos ouvir para deixar isso completo, para explodir as comportas e deixar o nosso prazer espalhar-se pela terra.

— Bom, Victor. — Falamos em nosso sibilar gelado. — Qual era o gosto da Tyler Spanos? — E arrancamos a fita adesiva de sua boca.

Ele sente dor de verdade e não liga para a fita sendo arrancada, mas respira fundo e devagar e seus olhos me encontram. — Qual era o gosto dela? — Perguntamos de novo, e ele assente com a cabeça com a aceitação final de como as coisas devem ser.

— Uma delícia. — Respondeu, numa voz rouca que sabia não ter tempo para mais nada, a não ser a verdade. — Melhor que as outras. Foi... Divertido... — Ele fecha os olhos por um momento e quando os abre novamente, a pequena esperança ainda flutua neles. — Vai me deixar ir agora? — Pergunta, em sua voz rouca de garotinho perdido, apesar de saber qual será a resposta.

O bater de asas nos cerca e quase nem ouvimos nossa voz quando respondemos:

— Sim, pode ir agora. — Dizemos, e logo em seguida ele vai.

Deixamos o Mustang de Chapin atrás de uma loja de conveniência Lucky 7 a quase um quilômetro da casa, com a chave dentro. Era tentador demais para permanecer em Miami; pela manhã já estaria pintado e num barco para a América do Sul. Tivemos que apressar as coisas com o Victor um pouco mais do que gostaríamos por causa da situação, mas nos sentíamos muito melhores agora, como sempre, e eu estava quase assobiando quando saí de meu carro fiel e entrei em casa.

Lavei-me cuidadosamente, sentindo o brilho começar a desaparecer. Debs ficaria um pouco mais feliz, não que eu fosse contar-lhe alguma coisa, claro. Mas Chapin merecera o papel em nosso drama noturno, e o mundo ficara um pouquinho melhor.

E eu também. Muito mais calmo, sem nenhuma tensão, muito mais pronto para enfrentar a rapidez e o baque dos eventos recentes. É verdade que eu tentara deixar esse tipo de coisa para trás, e também era verdade que falhara, mas foi uma falha pequena e necessária, e eu teria muito cuidado para que fosse a última. Um pequeno passo para trás, uma vez, não era um grande problema, afinal, ninguém para de fumar de uma vez, né? Estava muito mais centrado e tranquilo agora e não deixaria aquilo acontecer de novo. Fim do incidente, de volta à pele de cordeiro, permanentemente dessa vez.

E enquanto aquele pensamento se plantava na luz do sol da minha nova personalidade, senti um mexer de garras vindo do passageiro e o pensamento quase falado: *Claro que sim... Até a próxima vez...*

A afiada e repentina reação que tive surpreendeu a nós dois. Um flash rápido de raiva e um grito pensado de *Não! Nada de próxima vez... Vá embora!* E eu queria mesmo dizer aquilo dessa vez, tão claramente que houve um silêncio surpreendente seguido da sensação de grande dignidade retrocedendo pela escadaria até desaparecer. Respirei fundo e soltei o ar devagar. Chapin foi a última vez, um pequeno contratempo em meu novo e brilhante caminho para o futuro de Lily Anne. Não aconteceria de novo. E só para ter certeza, acrescentei: *E não volte mais!*

Não houve resposta, apenas uma porta batendo à distância em uma das torres do Castelo de Dexter. Olhei para o espelho em cima da pia enquanto esfregava as mãos. Aquele era o rosto de um novo homem olhando para mim. Agora acabara de verdade, e eu não voltaria àquele lugar sombrio nunca mais.

Sequei as mãos, coloquei as roupas no cesto e entrei no quarto em silêncio. O rádio relógio mostrava duas e cinquenta e nove quando deslizei para a cama.

Comecei a sonhar imediatamente após ter dormido praticamente em um segundo. Estou sobre Chapin de novo, levantando a faca para um corte perfeito... Mas então não é mais Chapin na mesa. É Brian, deitado e preso com as fitas embaixo de mim. Ele me lança um sorriso tão grande e falso que posso ver sua boca através da fita adesiva e levanto a faca ainda mais alto, mas então Cody e Astor estão a meu lado. Eles levantam seus controles plásticos do Wii e apontam para mim, clicando furiosamente, e começo a me mover controlado por eles, baixando a faca, afastando-me de Brian e apontando a faca para mim mesmo até que a lâmina está em minha própria garganta e um choro terrível surge na mesa atrás de mim e me viro e vejo Lily Anne presa com a fita, esticando seus dedinhos perfeitos para mim...

... E então Rita está me cutucando com o cotovelo e dizendo:

— Dexter, vamos, por favor, acorde — e eu finalmente acordo. O relógio mostra três e vinte e oito, e Lily Anne está chorando.

Rita grunhe a meu lado e diz:

— É a sua vez. — Antes de virar de lado e colocar o travesseiro sobre a cabeça. Levanto-me sentindo que meus membros são feitos de chumbo e me arrasto até o berço. Lily Anne está sacudindo os pés e mãos no ar, e, por um sombrio e assustador momento, a cena se parece muito com a do sonho, e então fico ali parado estupidamente esperando as coisas fazerem sentido. Mas a expressão do rostinho lindo de Lily Anne começa a mudar e vejo que está pronta para lançar-se na gritaria suprema no volume máximo, então sacudo a cabeça, tentando limpá-la da névoa do sono. Sonho estúpido... Todos os sonhos são estúpidos.

Pego Lily Anne e a coloco gentilmente no trocador, balbuciando negativas para ela que soam estranhas e bem longe de serem confortadoras quando saem de minha garganta rouca. Mas ela ficou quieta quando troquei sua fralda e me sentei com ela na cadeira de balanço ao lado, ela tremelicou algumas vezes e voltou a dormir. A sensação de medo que havia ali por causa de meu sonho idiota começou a desaparecer, e eu a balancei e fiz sons suaves para ela por mais alguns minutos, aproveitando muito mais do que parecia certo, e, quando tive certeza de que Lily Anne estava mesmo dormindo, levantei-me, coloquei-a no berço e a enrolei no cobertor, fazendo daquilo um ninho aconchegante.

Acabara de me aconchegar em meu pequeno ninho quando o telefone tocou. Lily Anne começou a chorar na mesma hora, e Rita disse:

— Ah, Jesus! — O que era algo meio chocante vindo dela.

Não houve uma dúvida de verdade sobre quem poderia estar telefonando àquela hora. Claro que era Deborah ligando para falar de alguma emergência terrível e fazendo com que me sentisse culpado se não pulasse da cama e corresse para ajudá-la. Por um momento, pensei em não atender, afinal, ela era adulta e já era hora de aprender a ficar em pé sozinha. Mas o dever e o hábito falaram mais alto, combinados com o cotovelo de Rita.

— Atenda logo, Dexter, pelo amor de Deus. — Disse, e eu finalmente atendi.

— Sim? — Falei, deixando o mau humor transparecer.

— Preciso de você aqui, Dex. — Falou ela. Havia uma fadiga verdadeira em sua voz e mais alguma coisa, um traço de dor que ela vinha mostrando ultimamente, mas era um refrão antigo, e eu estava cansado daquela música.

— Desculpe, Deborah. — Falei com firmeza. — O horário de trabalho já acabou e preciso ficar com minha família.

— Acharam o Deke. — Falou ela, e, pelo seu tom de voz, eu sabia que não queria ouvir o resto, mas ela continuou mesmo assim. — Ele está morto, Dexter. Morto e parcialmente comido.

***** Em alemão, idiota ou tonto. (N. T.)

Capítulo Vinte e Quatro



É UMA VERDADE CONHECIDA QUE OS POLICIAIS VÃO FICANDO calejados, um clichê tão comum que aparece até nas séries de TV. Os policiais enfrentam todos os dias coisas tão terríveis, brutais e bizarras que nenhum ser humano poderia lidar com elas diariamente e permanecer são. Então eles aprendem a não sentir, a criar e a manter uma cara de blefe para todas as coisas surpreendentes que seus colegas humanos acabam fazendo uns com os outros. Todos os policiais praticam o não sentir, e é possível que os de Miami sejam melhores nisso que os outros, já que têm tantas oportunidades de treinar.

Então é sempre meio inquietante chegar a uma cena de crime e ver rostos sérios e chocados nos policiais uniformizados que guardam o perímetro. E pior ainda é passar por baixo da fita e ver os ases forenses Vince Masuoka e Angel Batista parados, pálidos e mudos a um canto. Aquelas são pessoas que acham a visão de um fígado humano exposto uma rara oportunidade de brincar, mas o que quer que tenham visto era aparentemente tão horrível que falhara em fazer cócegas neles.

Todos os policiais criam uma camada de não sentimento na presença da morte, mas, por alguma razão, se a vítima é outro policial, a camada calosa se parte e as emoções correm como a seiva de uma árvore. Mesmo que seja um policial para quem ninguém liga, como Deke Slater. O corpo dele fora largado atrás de um cinema na Lincoln Road ao lado de uma pilha de madeira velha, lona e um barril lotado de sacos de lixo. Estava deitado de costas numa pose teatral, sem camisa, com as mãos dobradas sobre o peito e segurando a ponta do que parecia ser uma simples estaca de madeira, colocada na área aproximada de seu coração.

Seu rosto se congelara numa máscara de agonia, provavelmente pela estaca atravessando a pele viva e os ossos, mas era sem dúvida Deke, mesmo com os pedaços de carne arrancados de seu rosto e

braços com as marcas de dentes visíveis a três metros de distância. E até mesmo eu senti uma pontada de pena dele enquanto estava ali parado olhando para o que sobrara do ex-parceiro irritante e ridiculamente bonito de minha irmã.

— Encontramos isso. — Falou Debs, aparecendo a meu lado e segurando um saco plástico de evidências com uma folha de papel branco dentro. Havia uma mancha vermelho-escura de sangue seco num canto, e eu peguei a sacola para olhá-la melhor. Havia uma mensagem curta escrita no papel numa fonte grande e adornada que poderia ter saído de qualquer computador do mundo. E dizia: *Ele não concordou com alguém que o comeu.*

— Não sabia que os canibais eram tão inteligentes. — Falei. Deborah me olhou, e o desespero suave com o qual ela vinha lutando ultimamente parecia ter se alojado em seu rosto e começado a ficar por lá.

— É, muito engraçado. Especialmente para alguém como você, que se diverte com esse tipo de coisas.

— Debs... — Falei, olhando em volta para ver se alguém ouvira. Não havia ninguém por perto, mas, a julgar pela expressão do rosto dela, duvido que estivesse se importando.

— E é por isso que preciso de você aqui, Dexter. — Continuou, e agora havia fogo em sua voz, subindo e ficando mais forte. — Porque perdi a paciência com essa merda e também perdi outro parceiro... E a Samantha Aldovar está ficando sem tempo, e eu preciso entender essa merda toda. — Ela fez uma pausa, respirou fundo e voltou a falar num tom mais baixo. — Para que eu possa achar esses cuzões e prendê-los. — Ela cutucou meu peito com o dedo e falou ainda mais baixo, mas sem perder a intensidade. — E é onde você entra. Você — cutucou, cutucou —, entre em transe ou fale com o seu guia estúpido ou pegue uma tábua Ouija ou o que quer que seja... — Ela me cutucou em cada sílaba seguinte — ... E faça isso agora.

— Deborah, olha... — Falei. — Não é tão simples assim. — Minha irmã era a única pessoa viva para quem eu tentara falar sobre o Passageiro das Trevas, e acho que ela deliberadamente não entendeu direito minha descrição desastrada de um sussurro que

não era bem uma voz que espreitava no porão logo abaixo de minha consciência. É claro que ajudara no passado com bons conselhos, mas Deborah parecia achar que era tipo um Sherlock sombrio, que eu podia invocar quando quisesse.

— Faça ficar simples! — Falou, e caminhou de volta para perto do perímetro demarcado com a fita amarela.

Não muito antes eu pensara que era sortudo por ter uma família. Agora, numa noite, fora ignorado por minha mulher e filhos, substituído por meu irmão e enfiado numa sessão da madrugada de expectativas impossíveis por minha irmã. Minha amada família... Teria trocado todos por uma boa rosquinha de geleia.

Mesmo assim, eu estava no local do crime e tinha de tentar. Então respirei fundo e tentei botar de lado minhas novas emoções. Botei meu kit no chão e me ajoelhei ao lado do corpo detonado de Deke Slater, olhando com cuidado os ferimentos no rosto e nos braços, quase certamente causados por dentes humanos e com um pouco de sangue seco, o que significava que os ferimentos tinham sido feitos enquanto o coração dele ainda estava batendo. Comido vivo.

Havia traços de sangue saindo de onde a estaca fora enfiada no peito e descendo pelo torso exposto, indicando que esteve vivo ainda por um breve período enquanto a estaca era enfiada. Provavelmente, o sangue encharcara sua camisa, e por isso que eles a removeram. Ou talvez eles gostassem do abdômen definido dele. Isso explicaria porque vários pedaços dele haviam sumido.

Em volta das marcas de dentes na barriga havia uma mancha marrom bem fraca. Eu não achava que era sangue e, depois de um momento, me lembrei da coisa que encontramos em Everglades. A bebida da festa feita com ecstasy e sálvia. Peguei algumas coisas de meu kit e esfreguei com cuidado as manchas marrons, colocando depois o cotonete numa saco de evidências.

Olhei mais para cima em volta do ferimento do peito e depois para as mãos, que seguravam firmes a estaca de madeira. Não havia muito que ver ali. Um pedaço comum de madeira que podia ter vindo de qualquer lugar. Embaixo de várias das unhas visíveis eu vi algo escuro, possivelmente coletado numa resistência a algo e quando observei e tentei analisar aquilo, percebi que estava agindo

exatamente como um Sherlock Sombrio, e aquilo era perda de tempo. O resto da equipe forense colhia amostras e analisaria bem melhor que eu poderia fazer apenas olhando. O que precisava fazer, que era o que Deborah esperava de mim, era uma de minhas sacadas especiais a respeito das mentes más e distorcidas que resolveram matar Deke daquele jeito tão particular. Eu sempre consegui ver as coisas de uma maneira mais clara que os outros técnicos, pois também era distorcido e mau.

Mas agora? Bem quando eu me reformei e me transformei em Papai Dex? Havia ignorado e até mesmo esnobado o passageiro? Será que ainda conseguiria?

Não sabia se conseguiria nem queria descobrir, mas parecia que minha irmã não me deixara muita escolha, igual a todas as outras situações envolvendo a família, minhas opções eram limitadas ao impossível ou ao desagradável.

Então fechei os olhos e ouvi, esperando por uma dica num sussurro ardiloso. Nada. Nenhum bater de asas, nenhuma sugestão indelicada e ofensiva, nem mesmo uma recusa ofendida quase silábica. O Passageiro estava tão silencioso como se nunca tivesse estado lá.

Ah, vamos, falei em silêncio para o lugar onde ele ficava. Você só está mal-humorado.

Houve enfim um farfalhar de desdém desinteressado, como se não fosse digno de resposta.

Por favor...? Pensei.

Por um momento não houve resposta, e então, bem claramente, ouvi um "hum" reptiliano, um rearranjar de asas, e depois um eco malicioso de minha própria voz dizendo "E fique longe", e depois silêncio, como se ele tivesse desligado o telefone.

Abri os olhos. Deke ainda estava morto, e, depois de minha rápida sessão espírita, eu não tinha nenhuma ideia de como aquilo ocorreria. E estava claro que, se fosse ter alguma ideia, teria de fazê-lo sozinho.

Olhei em volta. Deborah estava parada em pé uns dez metros atrás de mim e com um olhar de expectativa nervosa. Não tinha nada para dizer a ela e, apesar de não saber o que faria quando eu

contasse aquilo, tinha a sensação de que num território acima do local do soco no braço, algo novo e potencialmente bem mais doloroso, viria.

Muito bem então: a ciência forense era para os outros, não havia tempo para uma diligência, e o Passageiro estava em hiato melindrado que me deixava a minha própria sorte. Olhei em volta do corpo. Não havia pegadas de sapato feitos especialmente para um canhoto, ninguém deixara ali uma agenda pessoal ou um cartão, e, ao que parecia, Deke não conseguira escrever o nome do assassino com o próprio sangue. Olhei à volta do local, e algo enfim chamou minha atenção. Na montanha de sacos de lixo empilhados por cima da lixeira perto da porta, todos eram sacos de lixo industriais amarelos semitransparentes. Menos um, enfiado no meio da pilha, que era branco.

Muito provavelmente não significava nada. Talvez a equipe de limpeza tenha ficado sem sacos de lixo ou alguém tenha trazido o próprio saco de lixo de casa. Mesmo assim, se eu tinha de me apoiar na sorte, poderia também jogar os dados. Levantei-me tentando lembrar-me do nome da velha deusa romana da sorte... Fortuna? Não interessava. Tinha quase certeza de que ela só falava latim, e eu não.

Aproximei-me com cuidado da montanha de lixo, não querendo estragar nenhuma evidência que pudesse estar no chão, e me abaixei de novo, colocando o rosto a apenas alguns centímetros do saco de lixo branco. Ele também era menor que os outros, um saco de lixo doméstico comum que qualquer um poderia ter em casa. E o mais interessante é que ele não estava nem pela metade. Quem jogaria fora um saco de lixo quase vazio? No fim do dia, tudo bem, mas aquele estava embaixo de três ou quatro dos outros. Ou foi jogado assim na mesma hora que os outros... Ou alguém o enfiou no meio da pilha mais tarde. E por que não colocar em cima da pilha? Porque alguém com pressa quis esconder o saco e acabara fazendo um trabalho meia-boca?

Peguei uma caneta do bolso e cutuquei o saco com lado achatado. O que quer que estivesse lá dentro era macio, maleável... Tecido? Empurrei um pouco mais forte, e a parte de dentro do saco

encostou em algo, perto o suficiente para que eu visse manchas vermelho-escuras do que quer que estivesse lá dentro, e estremeci involuntariamente. Era sangue, eu tinha certeza. E mesmo não sendo uma das dicas dadas pelo Passageiro, estava quase certo de que o sangue não viera de alguém do cinema que cortara o dedo na máquina de pipoca.

Levantei-me e procurei minha irmã. Ela estava no mesmo lugar, ainda olhando para mim.

— Deborah. Venha ver isso.

Ela cruzou rapidamente o espaço que havia entre nós e, quando me agachei, Debs fez o mesmo.

— Veja. — Falei. — Este saco é diferente de todos os outros.

— Grande merda. É o melhor que você pode fazer? — Perguntou.

— Não. Isso é o melhor. — Cutuquei o saco de novo, e mais uma vez as manchas vermelhas apareceram contra o plástico branco. — Provavelmente é só coincidência, né? — Falei.

— Merda! — Disse ela, de um jeito meio violento. Então se levantou e olhou para a barricada. — Masuoka! Venha até aqui! — Vince olhou para ela como um cervo pego pelas luzes de um farol, então ela gritou — Anda logo! — Ele começou a mover-se e foi até nós.

Os procedimentos básicos estavam apenas um passo atrás dos rituais, por isso sempre achei que fossem reconfortantes. Gosto muito de fazer coisas que têm regras definidas e uma ordem bem estabelecida, o que significa que não tenho de me preocupar em como fingir algo apropriado para a ocasião. Posso apenas relaxar e seguir os passos certos. Mas dessa vez a rotina parecia boba, sem sentido e frustrante. Queria rasgar aquela sacola e percebi que estava atormentado pela impaciência enquanto Vince procurava lenta e metodicamente por digitais; na lixeira inteira, no muro atrás dela e em cada um dos sacos de lixo que estavam em cima do saco branco. Tivemos de levantar cada um deles delicadamente com nossas mãos enluvadas, passar o pó e depois examiná-los com luz normal e depois a UV e então abri-los com cuidado e examinar cada item minuciosamente. Lixo, sobras, dejetos. Quando finalmente

chegamos ao saco branco, eu estava pronto para gritar e jogar o lixo na cabeça de Vince.

Mas pelo menos chegamos a ele, e a diferença ficou óbvia de imediato mesmo para Vince no momento em que ele passou o pó para procurar digitais.

— Está limpo. — Falou, levantando a cabeça, surpreso. Os outros eram mosaicos de digitais engorduradas e sujas. Este estava imaculado, como se tivesse acabado de sair da caixa.

— Luvas. — Falei, com minha impaciência explodindo. — Vamos, abra logo. — Ele me olhou como se eu tivesse sugerido algo indecente. — Abra! — Repeti.

Vince deu de ombros e começou a desfazer o nó do plástico com cuidado.

— Muito impaciente. — Falou ele. — Precisa aprender a esperar, gafanhoto. Tudo se resolve para aqueles que...

— Abra logo o maldito saco. — Falei, e aquilo surpreendeu a mim muito mais que a Vince. Ele só deu de ombros de novo e abriu o nó. Percebi que estava inclinado muito perto, então me endireitei e trombei com Deborah, que estava inclinada sobre mim. Ela nem piscou, apenas assumiu a posição que eu deixara livre.

— Vamos, caramba! — Falou ela.

— Vocês são parentes ou algo assim? — Disse Vince. Mas antes que eu pudesse responder, ele abriu o saco e começou a olhar dentro. Depois, pôs a mão devagar e com uma irritante lerdeza começou a tirar...

— A camisa de Deke. — Falou Deborah. — Ele estava usando esta camisa ontem à tarde. — Ela olhou para mim, e concordei com a cabeça. Lembrava da guayabera bege com palmeiras verde-claras. Mas tinha um padrão novo nela agora, uma terrível mancha de sangue molhado mantida úmida dentro do saco selado.

Devagar e com cuidado, Vince tirou a camisa ensanguentada da sacola, e quando ela saiu inteira, algo caiu no chão e rolou em direção à porta dos fundos do prédio.

— Merda. — Falou Deborah, e ergueu-se para seguir a coisa que acabou parando um pouco depois. Fui logo atrás dela e, como estava usando luvas, me abaixei e peguei.

— Deixa eu ver. — Ordenou Deborah, e segurei a coisa na palma de minha mão.

Não havia muito o que ver. A coisa parecia uma ficha de pôquer, perfeitamente redonda e com as bordas sulcadas, como uma engrenagem. Mas era preta e num dos lados tinha um símbolo dourado em relevo. Parecia uma lua crescente ou algo assim.

— Que porra é essa? — Perguntou Deborah, olhando para o símbolo.

— Talvez seja uma lua crescente. — Falei. — As pessoas gostam desse tipo de simbolismo.

— Está bem, e o que significa uma lua crescente aqui, porra?

— Não é uma lua crescente. — Falou Vince. Ele tinha se juntado a nós e estava olhando por cima do ombros de Deborah. Olhamos para ele. — É um C cursivo. — Explicou ele, como se fosse uma verdade óbvia.

— Como você sabe? — Quis saber Debs.

— Já vi antes. Em baladas, sabe?

— Como assim em baladas? — Perguntou Debs, e Vince deu de ombros.

— Ah, você sabe. A vida noturna de South Beach. Já vi esse símbolo. — Ele então olhou de novo para o símbolo, esticou a mão no meio de nós dois e bateu com o dedo na ficha. — C. — Falou ele.

— Vince... — Falei, com muita educação e me segurando para não colocar minhas mãos na garganta dele e apertar até seus olhos saltarem. — Se sabe o que é isso, é melhor dizer logo antes que Deborah atire em você.

— Ele fez uma careta e depois levantou as mãos com as palmas para frente.

— Ei, calminha aí, caramba. — Ele tocou com o dedo a coisa mais uma vez. — É uma ficha de entrada, ele falou. "C" é de Canino. — Ele olhou para nós e sorriu. — Sabem o Canino? O clube noturno?

Algo coçou lá no fundo de minha cabeça quando ele falou aquilo, mas antes que eu pudesse coçar, Vince tocou de novo na ficha e continuou a falar.

— Não se pode entrar lá sem uma destas, e elas são bem difíceis de conseguir. Eu tentei. Mas é um clube privativo e eles ficam

abertos a noite toda, depois de todas as outras casas noturnas, e ouvi falar que as coisas são muito loucas lá dentro.

Deborah ficou olhando para a ficha como se estivesse esperando que ela falasse.

— O que o Deke estava fazendo com um desses? — Disse ela.

— Talvez ele gostasse de ir para a balada? — Respondeu Vince.

Deborah olhou para ele e depois para o corpo de Deke.

— É mesmo. — Falou. — Parece que ele esteve mesmo numa rave. — Então se virou novamente para Vince. — Até que horas esse lugar fica aberto?

Vince deu de ombros.

— Acho que a noite toda. É tipo um clube de vampiros, sabe? Por isso chama Canino e abre a noite toda. Mas é privativo, apenas membros podem entrar. Por isso fazem fichas como esta.

Deborah assentiu e pegou em meu braço.

— Vamos.

— Vamos aonde?

— Aonde você acha? — Rosnou Deborah.

— Não, espere um minuto. — Falei. — Aquilo não fazia sentido. — Como a ficha foi parar lá dentro junto com a camisa de Deke?

— Como assim?

— Não tem bolso na camisa. E não é algo que você fica segurando enquanto está se livrando de um corpo. Alguém colocou a ficha lá de propósito. — Falei.

Deborah ficou totalmente imóvel por um momento, nem mesmo podia respirar.

— Poderia ter caído, e... — Ela parou, e eu esperava que fosse porque percebera quão estúpido aquilo soava.

— Não poderia. — Falei. — Você não acredita nisso. Alguém quer que a gente vá até o clube noturno.

— Muito bem. — Falou ela. — Então vamos.

Fiz que não com a cabeça.

— Isso é loucura, Debs. Só pode ser uma armadilha.

Ela travou a mandíbula e fez cara de mau humor.

— Samantha Aldovar está lá e eu vou resgatá-la.

— Você não sabe onde ela está. — Falei.

— Ela está lá. — Falou Debs entredentes. — Sei que está.

— Deborah...

— Que se dane, Dexter. É a única pista que temos.

E mais uma vez parecia que eu era o único que via a locomotiva que vinha em nossa direção.

— Pelo amor de Deus, Debs, é perigoso demais. Alguém pôs essa coisa aí para nos fazer ir até o clube. Ou é uma armadilha ou uma tática para nos atrasar.

Mas Deborah apenas sacudiu a cabeça e me puxou pelo braço para fora do perímetro do crime.

— Foda-se se for uma tática para nos atrasar. É a única pista que temos.

Capítulo Vinte e Cinco



O CLUBE NOTURNO FICAVA NA OCEAN DRIVE, EM SOUTH BEACH, nos limites de uma área que os programas de TV sempre mostravam quando queriam um cartãopostal da parte mais descolada e brilhante do cenário noturno de Miami. Em qualquer dia da semana as calçadas estavam lotadas de pessoas vestindo roupas mínimas e mostrando partes do corpo que faziam aquilo parecer mesmo uma boa ideia.

Elas caminhavam e passavam de carro pelos hotéis Deco, iluminados por dentro com neon, com música alta e toneladas de pessoas que eram iguais àquelas de fora, entrando e saindo dos prédios de uma maneira ultrachique. Alguns anos atrás aqueles mesmos prédios eram hotéis baratos transformados em casas de repouso e estavam cheias de idosos que mal conseguiam andar e tinham vindo para o sul para morrer num lugar ensolarado. Agora, um quarto que antes custava cinquenta dólares por noite valia dez vezes mais e a única diferença era que os inquilinos eram mais bonitos e os prédios tinham aparecido na TV.

Mesmo àquela hora da noite havia pessoas na calçada, mas eram as sobras, os que tinham exagerado nas festas e não se lembravam de como voltar para casa ou aqueles que não queriam ir embora e deixar o brilho para trás, mesmo com os bares e danceterias fechados.

Todos menos um: o Canino ficava no fim do quarteirão, num predinho que não estava escuro e silencioso como os outros, apesar da frente dele ter sido dominada por South Beach. Mas no beco que dava para os fundos havia um brilho de luz negra e um pequeno luminoso escrito CANINO num tipo de letra gótica moderna, e é claro que o "C" inicial batia com o da ficha preta que encontramos junto com a camisa de Deke. O luminoso ficava em cima de uma porta escura que parecia ter sido pintada de preto e era presa com

pinos metálicos prateados, como se fosse a ideia de um adolescente de como uma porta de masmorra deveria ser.

Deborah nem se importou em procurar um lugar para estacionar. Ela subiu na calçada com o carro e pulou para fora dele para juntar-se à pequena multidão que diminuía. Saí rápido, mas ela já estava na metade do beco antes que eu pudesse alcançá-la. Quando fomos chegando perto, comecei a sentir uma batida ritmada nas dobras de meu cérebro. Era um som irritante e insistente que parecia vir de dentro de mim e exigia *faça algo, agora*, sem dar nenhuma sugestão concreta do que fazer. Aquilo martelava sem parar com uma velocidade que era o dobro da batida do coração, e se tornou uma música quando finalmente chegamos na frente da porta preta e brilhante.

Havia um pequeno aviso em letras douradas com a mesma fonte da ficha e do luminoso que dizia: CLUBE PARTICULAR. EXCLUSIVO PARA MEMBROS. Deborah não ficou impressionada. Ela segurou a maçaneta e a girou, mas a porta permaneceu fechada. Ela bateu com o ombro nela, e a porta nem se mexeu.

— Com licença. — Falei, inclinando-me para a frente dela e apertando o pequeno botão que havia no batente embaixo do aviso. Ela tremeu os lábios de raiva, mas não disse nada.

Depois de alguns segundos, a porta se abriu, e eu tive um momento de desorientação bem desagradável. O homem que abriu a porta e olhou para nós era uma cópia exata do Tropeço, o mordomo da Família Addams da série de TV. Ele tinha uns dois metros e dez e vestia uma roupa clássica de mordomo, incluindo o fraque. Mas, felizmente para meu senso de realidade, quando ele falou, sua voz era grossa com sotaque cubano forte.

— *Ustedes* tocaram?

Deborah mostrou o distintivo. Ela precisou levantar o braço ao máximo para chegar mais ou menos perto do rosto do Tropeço.

— Polícia. Nos deixe entrar.

Tropeço apontou um longo e fino dedo para o aviso CLUBE PARTICULAR.

— *Es* um clube particular.

Deborah olhou para ele e, apesar de ele ter quase um metro a mais e usar uma roupa bem mais legal, o Tropeço acabou dando meio passo para trás.

— Me deixe entrar, senão voltarei com um mandado e *la migra*, e você vai desejar nunca ter nascido.

Não sei se foi a ameaça da imigração ou apenas a mágica do olhar de Deborah, mas ele deu um passo para o lado e segurou a porta para nós. Debs guardou o distintivo e se apressou, passando o homem, e eu a segui.

Lá dentro, o som de batida que era irritante lá de fora se transformou num som esmagador e de pura agonia. Por cima daquela batida torturante havia um som eletrônico agudo, duas notas tocadas juntas que não harmonizavam totalmente, mas seguiam um padrão de dez segundos e repetiam a mesma coisa sem parar. A cada duas ou três vezes que o padrão se repetia, uma voz muito distorcida eletronicamente sussurrava algo por cima da música, baixinho, de forma maliciosa e sugestiva e muito parecida com a voz quase audível do Passageiro.

Descemos por um corredor curto até o lugar de onde vinha aquele barulho terrível e quando nos aproximamos eu pude ver o brilho refletido do que parecia ser uma luz estroboscópica, mas com uma luz negra. Alguém gritou “Urruuu!” e as luzes ficaram cor de vinho, piscaram rapidamente, e então uma “música” nova e mais horrível ainda começou, a luz ficou branca e brilhante e depois voltou para o ultravioleta. A batida não parou nem mudou, mas as duas notas musicais agudas mudaram para outro padrão, acompanhada agora por um guincho meio quebrado que poderia ser uma guitarra elétrica distorcida eletronicamente. E então a voz de novo, mas dessa vez audível: “Bebam agora”, ela dizia, e era respondida por várias vozes dizendo “Urruuu!” e outras sílabas de encorajamento moderno, e quando chegamos à porta de entrada, a voz profunda e maligna soltou uma daquelas risadas más de filmes antigos, “rá-rá-rá-rá-rá”, e então estávamos olhando para o salão principal do clube.

Dexter nunca foi um cara festeiro. Grandes amontoados e pessoas em geral me fazem sentir agradecido por não ser comandado por impulsos humanos. Mas eu nunca antes vira um exemplo mais

convincente de tudo o que está errado em tentar divertir-se com os outros, e mesmo Deborah parou por um momento tentando entender tudo aquilo.

Através de uma névoa de incenso pudemos ver um lugar lotado de gente, todos aparentando ter por volta de 30 anos e vestidos de preto. Eles se contorciam para a frente e para trás no ritmo daquele som horrível, com seus rostos distorcidos por expressões de delírio hipnótico e, quando a luz negra piscava, acendia as presas afiadas que muitos deles tinham e fazia com que seus dentes brilhassem de forma estranha.

A minha direita havia uma plataforma alta e, paradas no meio dela e rodando devagar em dois toca-discos, estavam duas mulheres. As duas tinham cabelo preto longo e pele branca muito pálida que fica meio esverdeada com as luzes que piscavam sobre elas. Elas usavam vestidos pretos tão justos que pareciam ter sido pintados nelas, com golas altas que lhes cobriam totalmente o pescoço e um decote em forma de diamante que deixava ver a área entre os seios. Elas estavam bem perto uma da outra e quando giravam e ficavam de frente uma para a outra seus rostos se tocavam gentilmente e elas passavam as costas dos dedos uma sobre a outra.

Nas laterais daquela sala havia três cortinas grossas de veludo e, enquanto eu estava olhando, uma delas se abriu e revelou uma alcova com um homem mais velho também vestido de preto. Ele segurava uma mulher mais jovem pelo braço e limpava a boca com a outra mão. Por um momento, o flash de luz fez brilhar algo no ombro nu da mulher, e uma vozinha sussurrou para mim que aquilo era sangue, mas a mulher sorriu para o homem e encostou a cabeça no braço dele, e então ele a levou para fora da alcova e de volta à pista de dança. Eles desapareceram no meio da multidão.

No canto mais distante daquele salão havia uma enorme fonte. Um líquido escuro borbulhava nela e se acendia com uma luz colorida por baixo dele que pulsava e apagava, mudando de uma cor para outra no mesmo ritmo daquela batida interminável. E, em pé atrás da fonte, iluminado de baixo para cima por uma luz azul terrivelmente teatral, estava Bobby Acosta. Ele segurava um enorme cálice dourado antigo com uma gema vermelha enorme na frente e

despejava um pouco de seu conteúdo para cada um que passava com seu copo erguido. Ele exagerava um pouco no sorriso também, obviamente exibindo suas coroas caras feitas pelo doutor Lonoff, e, quando deu uma olhada em volta do salão, seus olhos alcançara Deborah, e ele congelou, o que infelizmente fez o que quer que estivesse no cálice cair na cabeça dele e escorrer por seus olhos. Várias pessoas levantaram seus copos, esperando e pulando no lugar, mas Bobby ficou só olhando para Deborah, depois soltou o cálice e correu pelo corredor dos fundos.

— Filho da puta! — Falou Deborah, e partiu em direção à pista de dança lotada, e não tive escolha a não ser segui-la no meio daquele rebanho enlouquecido.

As pessoas se moviam numa onda generalizada, e Deborah tentava passar bem no meio delas para chegar ao corredor onde Bobby desaparecera. Mãos pegavam em nós, e uma mão fina com as unhas pintadas de preto segurou um copo em frente a meu rosto e derrubou algo na parte da frente de minha camisa. Olhei para baixo e vi que pertencia a uma jovem esbelta que vestia uma camiseta onde estava escrito EQUIPE EDWARD. Ela lambeu os lábios negros para mim, e então recebi um tranco forte por trás e me virei para minha irmã. Um cara grande e com cara de estúpido, sem camisa e com uma capa pegou Debs e tentou abrir-lhe a camisa. Ela diminuiu a marcha apenas o suficiente para equilibrar-se no pé de apoio e lançar um cruzado perfeito de direita na boca do cara, que caiu. Várias pessoas em volta gritaram de felicidade e começaram a empurrar mais. O resto da multidão ouviu, virou-se para nós, e, num piscar de olhos, estavam todos vindo em nossa direção e dizendo “Ai! Ai! Ai!” ou palavras que soavam como aquilo, e aos poucos fomos forçados a ir para trás e de volta para a porta que era guardada pelo Tropeço quando entramos.

Deborah resistiu e pude ver seus lábios se movendo seguindo o desenho das sílabas dos palavrões preferidos dela, mas não adiantou. Devagar e inevitavelmente, fomos sendo empurrados para fora da pista de dança e então nos agarraram pelos ombros e nos puxaram para cima e para longe daquele salão como se fôssemos criancinhas, colocando-nos de volta no corredor.

Virei-me para ver quem eram nossos salvadores e vi dois homens absurdamente grandes, um branco e outro negro, os dois com músculos esculpidos e gigantes explodindo de suas camisas sem manga. O negro tinha um longo rabo-de-cavalo preso para trás com o que parecia ser uma pulseira feita de dentes humanos. O branco era careca e tinha uma caveira de ouro bem grande numa das orelhas, e os dois pareciam prontos para arrancar nossas cabeças se alguém desejasse isso.

E entre eles, enquanto os dois ficavam parados meio atentos e meio entediados, surgiu alguém que poderia sugerir exatamente o que eu pensara. Se o porteiro era o Tropeço, ali estava o próprio Gomez Addams: quarenta e poucos anos, cabelo preto, terno risca de giz, uma rosa vermelha presa à lapela e um bigodinho fino. Mas aquele era um Gomez muito bravo, que botou o dedo na cara de Deborah enquanto falava por cima da música.

— Vocês não têm direito de estar aqui! Isso é assédio, e eu vou processar e ferrar vocês!

Ele deu uma olhadela para mim e depois afastou o olhar, mas então voltou, e olhamos um nos olhos do outro por apenas um momento, e, de repente, o abafado prédio antigo ficou gelado, e um leve farfalhar de asas surgiu quando o Passageiro se sentou e sussurrou um aviso, e algo negro e reptiliano se formou no ar entre nós e um pequeno pedaço esquecido de quebra-cabeça surgiu em minha mente. Lembrei de onde ouvira falar do Canino antes. O clube estava em meu arquivo de potenciais amigos de brincadeira. E agora eu sabia quem era aquele outro predador.

— George Kukarov, eu presumo? — Pude ver Deborah olhar para mim surpresa, mas isso não importava. O importante era que dois Passageiros Sombrios estavam se encontrando e trocando advertências sibilantes.

— Quem diabos é você? — Perguntou, Kukarov.

— Estou com ela. — Falei, e apesar daquilo soar leve, havia uma mensagem que apenas outro predador conseguiria ouvir, e a mensagem era: *deixe-a em paz ou vai se ver comigo.*

Kukarov me encarou e houve um rosnado de monstros distante e sem som, e então Deborah falou:

— Diga pra esse cuzão tirar as mãos de mim. Sou da polícia! — Então o momento foi quebrado, e Kukarov virou a cabeça de volta para Deborah.

— Vocês não têm direito de estar aqui, porra. — Sibilou ele. E, apenas para dar um efeito maior, gritou de novo: — Este é um clube privado, e vocês não foram convidados!

Deborah igualou o tom de voz dele e aumentou o veneno em sua voz:

— Tenho razões para acreditar que um crime foi cometido nesta propriedade. — Falou ela, mas Kukarov a cortou.

— Você tem provas? — Perguntou ele. — Você não tem provas. — Deborah mordeu o lábio. — Tenho advogados que comerão você viva! — Disse. O fortão bombado achou aquilo bem engraçado, mas Kukarov olhou para ele, e o sorriso sumiu de seu rosto e ele voltou a olhar diretamente para a frente. — Agora é hora de saírem do meu clube, porra! — Falou e apontou para a porta.

Os dois leões de chácara nos pegaram pelo ombro e meio que nos carregaram pelo corredor. O Tropeço segurou a porta aberta, e eles nos jogaram na calçada. Nós dois conseguimos evitar cair de cabeça, mas foi por pouco.

— E fiquem longe do meu clube, porra! — gritou Kukarov, e me virei bem a tempo de ver o Tropeço sorrir e bater a porta.

— Uuuu. — Disse minha irmã. — Parece que você estava errado. — E falou isso com tanta calma que olhei para ela preocupado de verdade, pensando que talvez tivesse batido a cabeça naquela confusão toda, pois as duas coisas que ela mais prezava no mundo eram a autoridade de seu distintivo e não deixar ninguém mandar nela, e essas duas coisas tinham sido pisoteadas. Mas aqui estava ela, em pé na calçada tirando o pó da roupa como se nada tivesse acontecido, e fiquei tão surpreso que não registrei suas palavras por um momento. E quando as entendi, elas não pareciam fazer sentido.

— Errado? — Falei, sentindo que estava participando da conversa errada. — Como assim eu estava errado?

— Quem é jogado para fora de uma armadilha? — falou, e levei um segundo para entender o que ela queria dizer, mas nesse

momento ela já voltara a falar. — Que tipo de distração tem leões de chácara que nos jogam na calçada depois de dois minutos?

— Bom...

— Maldição, Dexter! Tem alguma coisa acontecendo lá!

— Muita coisa, na verdade. — Admiti, e ela me deu um soco no braço, e bem forte. Era bom ver que ela estava recuperando seu espírito, mas por outro lado, aquilo doía pacas.

— Estou falando sério! Ou alguém se enganou e aquela ficha caiu lá sem querer, o que seria algo estúpido, ou então... — Ela fez uma pausa e entendi o que queria dizer. Havia com certeza um “ou então” ali, mas o que era? Esperei educadamente que ela me fornecesse a resposta, mas quando não aconteceu, acabei dizendo:

— Ou então... Alguém ligado a isso tudo queria que viéssemos dar uma olhada aqui sem que mais ninguém soubesse disso.

— Isso. — Falou ela, e se virou para olhar a porta preta e brilhante. A porta nem piscou. — O que quer dizer... — Disse pensativa. — Que você vai ter de voltar lá.

Abri a boca, mas nada saiu além de ar, e depois de um momento tive de acreditar que não ouvira aquilo.

— Como? — Falei, e admito que a voz saiu meio esganiçada.

Debs pegou meus dois braços e me sacudiu.

— Você vai ter de voltar lá para o clube e descobrir o que estão escondendo.

Soltei meus braços das mãos dela.

— Aqueles dois leões de chácara vão me matar. E, sendo sincero, acho que só um deles já será o suficiente.

— É por isso que você virá aqui mais tarde. — Falou, quase como se estivesse sugerindo algo razoável. — Quando o clube estiver fechado.

— Ah, ótimo. — Falei. — Então não apenas estarei entrando sem permissão e por isso tomarei uma surra, mas também estarei invadindo o estabelecimento, e eles poderão atirar em mim. Ótima ideia, Deborah.

— Dexter... — Falou e olhou para mim com mais intensidade do que me lembro num bom tempo. — Samantha Aldovar está lá dentro. Tenho certeza.

— Você não tem como saber.

— Mas eu sei. — Falou. — Posso sentir. Maldição, acha que é o único com uma voz interna? Samantha Aldovar está lá dentro e o tempo dela acabou. Se desistirmos, eles a matarão e a comerão. E se demorarmos, usando os canais legais e tudo o mais, ela vai desaparecer e estará morta. Tenho certeza. Ela está lá, Dex. Tenho uma sensação muito forte disso. Nunca tive tanta certeza de algo.

Era tudo muito atrativo, e a não ser por um detalhe ou outro em sua argumentação, como o fato de ela *saber* com certeza, havia apenas uma grande falha na coisa toda.

— Debs... — Falei. — Se tem tanta certeza, por que não fazer tudo certo, conseguindo um mandado? Por que tem de ser eu?

— Não tem como eu conseguir o mandado em tempo, não tenho uma causa provável. — Falou, e fiquei feliz em ouvir aquilo, pois significava que ainda não ficara completamente louca. — Mas posso confiar em você. Ela deu um tapinha em meu peito e senti algo molhado.

Olhei para baixo e vi uma grande marca marrom em minha camisa e lembrei da garota que derrubara a bebida em mim na pista de dança.

— Veja isso. — Falei, apontando para a mancha. — É o mesmo líquido que encontramos em Everglades, sálvia e ecstasy. — E apenas para mostrar que outra pessoa podia brincar também, falei: — Sei que é o mesmo líquido. E é ilegal, com esta amostra você tem a prova que precisa, Debs.

Mas ela já estava sacudindo a cabeça.

— Obtida de forma ilegal. — Falou. — E quando conseguirmos discutir isso em frente a um juiz será tarde demais para Samantha. Só tem uma saída, Dexter.

— Então faça isso você.

— Não posso, perderia meu emprego se fosse pega, talvez até fosse presa. Você só levará uma multa, e eu pago se precisar.

— Não Debs, não vou fazer isso.

— Mas precisa fazer, Dex.

— Não. Definitivamente não.

Capítulo Vinte e Seis



E FOI ASSIM QUE ME ENCONTREI SENTADO NO CARRO DE Deborah algumas horas depois vigiando a porta do Canino. No começo não havia muito que ver. Saíam poucas pessoas de cada vez e ou desciam a rua ou entravam num carro e iam embora. Até onde eu vi, ninguém virou morcego ou saiu voando numa vassoura. Ninguém reparou na gente, pois Deborah estacionara o carro num local escuro do outro lado da rua, à sombra de uma van de entrega embicada na calçada. Ela não tinha muito a dizer, e eu ainda estava muito mal-humorado para conversa mole.

Aquele era o caso de Deborah e o palpite dela, mas lá estava eu me preparando para fazer a parte estúpida. Nem mesmo concordei com ela de que devia ser feito, mas só por ser irmão dela, e adotado, teria de fazer aquilo. Não peço que as coisas sejam justas, sei bem que isso não existe. Mas elas não deveriam pelo menos fazer sentido? Passo pela vida e pelo trabalho tentando me misturar, seguindo as regras e sendo um bom sujeito, mas quando chega a vez do cigarro explodir, de alguma forma é sempre quando eu estou dando uma tragada.

Mas não havia mais razão para discutir. Se eu me recusasse a invadir o clube, Deborah faria isso e ela tinha razão: sendo uma policial juramentada, poderia ir para a prisão, ao passo que eu provavelmente pagaria a pena com serviços comunitários, recolhendo lixo no parque ou ensinando crianças a tricotar. E a estada de Debs na UTI por causa da facada ainda era recente demais para que eu a deixasse correr qualquer tipo de risco, o que eu tenho certeza de que era uma parte dos cálculos dela. Portanto, o negócio era o Dexter pela janela e pronto.

Um pouco antes de amanhecer, o luminoso acima da porta se apagou e muita gente saiu do clube noturno de uma vez e depois nada aconteceu por meia hora. Lá no fim do oceano o céu começou a ficar mais claro, e em algum lugar um pássaro começou a cantar, o

que mostrava quão pouco ele sabia. O primeiro maratonista surgiu na Ocean Drive, e um caminhão de entrega passou trovejando. E por fim a porta preta se abriu, e o Tropeço saiu, seguido pelos dois leões de chácara, depois Bobby Acosta e dois outros empregados que eu nunca vira antes. Alguns minutos depois, o próprio Kukarov saiu, trancou a porta e entrou no Jaguar parado na metade do quarteirão. O carro ligou em seguida, o que contradizia tudo o que já ouvira sobre os Jaguares, e Kukarov foi embora encontrar-se com a Mortícia e ter um dia de paz em sua cripta.

Olhei para Deborah, mas ela apenas sacudiu a cabeça, então esperei mais um pouco. Um dedo de luz alaranjada e brilhante surgiu sobre o oceano, e então de repente era um novo dia. Três jovens trajando sunga passaram andando falando em alemão e foram em direção à praia. Examinei o sol que nascia e, numa onda de otimismo inspirado pela alvorada, decidi que havia uma chance em três daquele não ser meu último dia na terra.

— Certo! — Falou Deborah finalmente, e olhei para ela. — Está na hora.

Olhei para o clube noturno. Eu não sentia que estava na hora, talvez na hora de dormir, mas não na hora de esgueirar-me para a toca do dragão, não à luz do dia. Dexter precisava de sombras, escuridão, da encorajadora luz da lua. Não de uma manhã ensolarada na Capital das Rosquinhas do Mundo Ocidental, mas, como sempre, não recebera alternativa.

— Pode haver alguém lá dentro. Um guarda ou sei lá... — Falou ela. — Por isso tome cuidado.

Não senti que aquele comentário era digno de resposta, então apenas respirei fundo e tentei fazer a escuridão surgir para me preparar.

— Está com seu celular, né? — Continuou. — Se houver algum problema ou se você a vir e, sei lá, tiver um guarda, ligue 911 e saia logo de lá. Deve ser algo simples.

— Não tão simples quanto ficar sentado no carro. — Falei, e admito que estava irritado. Além de todo o resto, agora Deborah tinha um motor na boca. Como um cara pode chamar seu Passageiro quando a outra pessoa quer conversar?

— Está bem. — Falou. — Apenas tome cuidado, é só o que eu queria dizer, está bem?

Ficou bem claro para mim que a conversa mole não ia parar, então coloquei uma mão na porta e disse:

— Tenho certeza de que ficarei bem. O que poderia dar errado quando se invade o ninho de vampiros e canibais que já sequestraram e mataram várias pessoas?

— Meu Deus, Dexter! — Falou Deborah, mas não senti clemência na voz dela.

— Afinal, estou com o meu celular. Se me pegarem, eu posso ameaçá-los com mensagens de texto.

— Está bem. Merda! — Falou, e eu abri porta do carro.

— Abra o porta-malas. — Falei.

Ela piscou.

— Quê?

— Abra o porta-malas do carro. — Repeti. Ela abriu a boca para dizer algo, mas eu já estava fora do carro e indo para o porta-malas. Ela o destravou, e eu o abri, encontrei a chave de roda e a coloquei no bolso, deixando a camisa por cima da ponta para escondê-la. Fechei o porta-malas e fui até a janela de Deborah. Ela abaixou o vidro.

— Adeus, mana. Diga a mamãe que morri lutando.

— Pelo amor de Deus, Dexter. — Falou.

Eu atravessei a rua, deixando Debs murmurando algumas palavras profanas de preocupação.

Na verdade, eu esperava que aquilo fosse tão simples quanto Deborah queria acreditar que era. Entrar seria fácil para alguém com minhas modestas habilidades; para satisfazer meu inocente passatempo, eu já invadira muitos lugares que pareciam bem mais temíveis que aquele, e a maioria deles era habitada por monstros de verdade, não por moleques que brincavam de Dia das Bruxas com suas capas de ópera e seus dentes falsos. À luz do sol da manhã que agora brilhava em South Beach, parecia bem difícil levar a sério os jogos de festinhas adolescentes deles.

E também foi surpreendentemente difícil fazer o Passageiro das Trevas ficar online. Eu precisava muito da voz suave me guiando, o

manto invisível de escuridão interna que só o Passageiro poderia dar, mas, afora o pequeno aviso lá dentro do clube, parecia que a irritação dele não acabara. Parei do outro lado da rua e fechei os olhos, coloquei a mão num poste telefônico e pensei: *Alô? Tem alguém em casa?* Tinha alguém em casa, mas ele não estava com vontade de receber visitas. Senti um bater de asas vagaroso, como se ele estivesse apenas cruzando as pernas e esperando que algo de bom acontecesse. *Vamos lá,* pensei. Ainda nada.

Abri os olhos. Um caminhão passou pela Ocean Drive com o rádio tocando salsa no último volume. Mas foi a única música que ouvi. Pelo visto, eu teria de fazer aquilo sozinho.

Muito bem. Quando as coisas ficam difíceis a ajuda surge. Coloquei as mãos nos bolsos e comecei a andar em volta do prédio como se não tivesse aonde ir e estivesse apenas caminhando desajeitadamente. Nossa, olhe as palmeiras. Não tem nada assim lá em Iowa. Meus Deus.

Dei a volta no prédio uma vez, observando sem fazer mais nada a não ser andar e parecer estúpido. Até onde vi, ninguém pareceu se importar com minha representação incrivelmente inocente, mas não custava nada ser cuidadoso, então me fingi de turista por uns cinco minutos. Aquele prédio ocupava o quarteirão inteiro e caminhei pelos quatro lados dele. O ponto vulnerável era óbvio: no beco curto e estreito do lado mais distante da porta da boate, havia uma lixeira. Ela ficava ao lado de uma entrada que obviamente levava à cozinha do lugar. A porta não ficava à vista a menos que alguém ficasse parado bem na entrada do beco.

Tirei a mão direita do bolso e “acidentalmente” deixei cair um monte de moedas no chão e, parando para pegá-las, olhei em volta em todas as direções. A menos que houvesse alguém no alto de um prédio com um binóculo, ninguém estava me observando. Deixei trinta e sete centavos na calçada e entrei rapidamente no beco.

Estava bem mais escuro no beco estreito, mas aquilo não encorajou o Passageiro a começar uma conversa, e me apressei para a lixeira sozinho. Cheguei à porta dos fundos e a examinei. Ela tinha duas trancas grandes, o que era um pouco desencorajador. Eu poderia abri-las facilmente com um pouco de tempo e minhas

ferramentas especiais, mas não dispunha de nenhuma das duas coisas, e a chave de roda não serviria para nada. A porta estava fora de questão. Teria de entrar de algum outro jeito menos gentil.

Olhei para o prédio. Diretamente acima da porta, havia uma fileira de janelas, uma a cada dois metros, que ia pela lateral do prédio até a rua. A segunda a minha esquerda era facilmente alcançável se eu subisse na lixeira, e uma pessoa ágil conseguiria entrar por ela sem muita dificuldade. Sem problema: Dexter é habilidoso e, imaginando que eu consiga abrir a janela, a coisa não deve ser difícil.

A lixeira tinha duas tampas, e uma delas estava aberta. Coloquei as duas mãos na que estava fechada... e algo voou da parte que estava aberta fazendo um som horrível, passando ao lado de minha orelha e me deixando absolutamente paralisado de terror antes de perceber que era um gato. Ele estava estropiado, sujo e detonado, mas pousou perto de mim, arqueou as costas e cuspiu em minha direção numa pose toda Dia das Bruxas. Olhei para trás e por um segundo achei que a música do clube começara a tocar de novo, até perceber que as batidas vinham de meu coração. O gato se virou e foi embora pelo beco, e eu me encostei na lixeira, respirei fundo, e o Passageiro se mexeu o suficiente para soltar um riso no estilo bem-feito-para-você.

Levei um minuto para recuperar e, apenas para garantir, olhei dentro da lixeira. Não parecia haver mais nada lá a não ser o lixo, o que já era uma boa coisa. Subi na tampa fechada e, olhando de novo para os lados para ter certeza de que ninguém olhava, estiquei a mão e toquei na janela. Eu a empurrei, e ela se sacudiu de leve. Boa notícia. Queria dizer que a janela não estava pregada ou selada por anos de pinturas malfeitas.

Eu não conseguia enxergar a parte de cima da moldura da janela, mas até onde podia ver, não havia nenhum sensor de alarme por ali, o que era uma boa notícia, mas não era surpresa. A maioria dos lugares economiza fingindo que qualquer invasão ocorrerá no térreo. Era bom saber que até mesmo os vampiros eram econômicos.

Peguei a chave de roda e quase a derrubei quando ela saiu toda do bolso. Se tivesse batido na tampa da lixeira faria barulho suficiente para acordar toda a vizinhança, e percebi que minhas

mãos estavam suadas e escorregadias. Aquela era uma experiência nova. Em todas as vezes anteriores eu fora frio e calmo, mas entre a irritação do Passageiro e o voo feroz do gato, eu parecia estar dentro de um ensopado. O suor era algo certamente compreensível, pois estávamos em Miami. Mas suor de medo? Justamente no Dexter Sombrio e Desafiador, o Rei da Calma? Aquilo não era bom sinal, e fiz outra pausa para respirar fundo antes de esticar o braço e colocar a chave de roda entre a janela e o batente.

Puxei a chave de roda para baixo, gentilmente para começar e depois aumentando um pouco a força quando a janela se recusou a se abrir. Não queria puxar forte demais senão o batente poderia ceder e com isso o vidro se quebraria e faria tanto barulho quanto se eu jogasse umas dez chaves de roda na tampa da lixeira ao mesmo tempo. Puxei por uns dez segundos, aumentando a força aos poucos, e bem quando achei que teria de tentar outra coisa houve um *pop!*, e a janela se abriu. Fiquei imóvel por um momento tentando ouvir qualquer movimento, grito ou alarme. Nada. Subi, entrei pela janela e a fechei atrás de mim.

Fiquei em pé e olhei em volta. Estava num corredor que terminava sem saída para o lado da rua e para o outro lado fazia uma curva para a direita. Havia uma porta nele, e fui em silêncio até ela. Havia uma fechadura na porta, mas nenhuma maçaneta. Eu a empurrei gentilmente, e ela se abriu. O lugar estava totalmente escuro, mas havia um cheiro de desinfetante e urina no ar, por isso desconfiei que fosse um banheiro. Entrei, fechei a porta e, tateando a parede, encontrei um interruptor. Eu o liguei e, de fato, era um pequeno banheiro com pia, uma privada e um armário construído na parede. Apenas para garantir, abri o armário e achei apenas papel higiênico. Não havia mais nada lá e nenhum lugar onde poderiam ter escondido um corpo, vivo ou morto, então apaguei a luz e saí de novo para o corredor.

Andei como um gato até a virada para a direita, onde parei e então olhei devagar e com cuidado. O corredor estava vazio, iluminado apenas por uma luz de segurança acima de uma porta no meio dele. Havia mais duas portas no corredor e o que parecia ser o alto de uma escada no fim dele.

Caminhei até a primeira porta a minha esquerda, virei a maçaneta lentamente, e ela girou. Empurrei a porta e entrei, mais uma vez fechando-a atrás de mim e procurando pelo interruptor na parede. Encontrei e o acendi. A luz era mais fraca que a luz de segurança do corredor, mas o suficiente para mostrar que era um quarto de festas privativo. Havia uma TV de tela plana na parede da esquerda, um sofá grande e baixo na parede da direita e uma mesa de centro à frente dele. Atrás do sofá, havia um bar de mármore esverdeado com um pequeno frigobar embaixo dele. Na parede de trás, havia uma cortina grossa de veludo vermelho pendurada.

Fui até o bar. Havia algumas garrafas, mas em vez de copos uma prateleira continha o que pareciam ser tubos de ensaio. Peguei um e era mesmo uma proveta Pyrex. A lateral estava estampada com PRIMEIRO BANCO NACIONAL DE SANGUE em letras douradas.

Abri a cortina que dava para a parede. Havia uma porta atrás dele e eu a abri, segurando a cortina para cima para poder enxergar lá dentro. Era apenas um pequeno closet que só tinha coisas de limpeza: vassoura, rodo, balde e uma sacola de panos. Fechei a porta e soltei a cortina.

A próxima porta do corredor estava à direita, embaixo da luz de segurança. Ela estava trancada, então protelei sua abertura e fui em frente no corredor até a última porta a minha esquerda. Estava destrancada. Deslizei para dentro e encontrei outro quarto privativo de festa, praticamente uma duplicata do primeiro.

Aquilo fazia que restasse apenas a porta trancada. A razão me dizia que qualquer coisa que valesse a pena estaria trancada, mas também me dizia que a tranca seria boa, e eu não conseguiria abrir sem deixar algumas pistas óbvias de que estive lá ou provavelmente até disparasse um alarme. Eu queria ter uma passagem invisível para lá ou, imaginando que eu encontrasse Samantha Aldovar, não interessava se as pessoas soubessem que estive lá? Não falei com Deborah sobre aquilo e agora se tornara uma pergunta importante. Pensei a respeito e apenas um momento depois de pensamentos importantíssimos, decidi que estava lá para encontrar Samantha e precisava procurar em todos os lugares, especialmente naqueles que

eles não queriam que ninguém visse, como atrás daquela porta trancada.

Então, com minha coragem parafusada no lugar certo, fui trabalhar na porta com a chave de roda. Tentei ser silencioso e deixar o mínimo de marcas possível, mas fui melhor em controlar o barulho do que os danos na moldura da porta, e quando acabei e ela estava aberta, parecia ter sido atacada por castores raivosos. Mas a porta estava aberta, e eu entrei.

Pensando em segredos cuidadosamente escondidos, a sala teria sido uma grande decepção para todos, menos para um contador. Era o escritório do clube noturno e continha uma grande escrivaninha de madeira, um computador e um armário com quatro gavetas. O computador ficara ligado, então me sentei e vasculhei seu conteúdo. Havia alguns arquivos em Quicken mostrando que eles estavam tendo um bom lucro, alguns arquivos em Word, cartas padrão para membros do clube e para possíveis futuros membros. Havia um grande arquivo com o nome Irmandade.wpd que era criptografado com senha num programa tão antigo que eu conseguiria abrir em dois minutos. Mas como não tinha dois minutos, apenas admirei a ingenuidade deles e fui em frente.

Não havia mais nada minimamente interessante, nenhum arquivo chamado Samantha.jpg ou algo similar que me dissesse onde ela estava. Olhei rapidamente as gavetas da escrivaninha e do arquivo e mais uma vez não encontrei nada.

Muito bem, eu detonara a porta por nada. Não sentia nenhuma culpa por isso, o que era um alívio, mas perdera bastante tempo e precisava começar a pensar em terminar minha missão e sair daqui. Poderia haver uma equipe de limpeza a caminho ou Kukarov poderia voltar para admirar o batente da porta de seu escritório.

Saí de lá e fechei a porta, indo em seguida em direção às escadas. Tinha quase certeza de que não precisava olhar as áreas maiores e mais públicas do clube. Era impossível que todos que viessem aqui estivessem na onda do canibalismo, não tinha como centenas de pessoas manterem um segredo daqueles. Então, se Samantha estava mesmo lá, seria num lugar que a maioria das pessoas não via.

Desci as escadas e cruzei a pista de dança sem parar para examinar nada. Nos fundos, atrás da área elevada onde Bobby ficara com seu cálice, havia um pequeno corredor, e desci por ali. Ele dava na área da cozinha e na porta dos fundos que eu admirara pelo lado de fora. Não era uma cozinha elaborada, tinha apenas um forno pequeno, micro-ondas, pia com um gabinete de metal com panelas e belas facas. No fundo dela, havia uma grande porta de metal que parecia levar a um contêiner refrigerado. Só isso, não tinha nem mesmo uma despensa trancada.

Seguindo a compulsão de me certificar de tudo e apenas por isso, resolvi ir até o freezer. Havia uma pequena janela de vidro grosso à altura dos olhos, que, para minha surpresa, me revelou haver uma luz acesa lá de dentro. Como sempre acreditei que a luz se apaga quando você fecha a geladeira, coloquei o nariz no vidro e olhei lá dentro.

O freezer media dois metros de largura por uns três de comprimento. Havia prateleiras dos dois lados, a maioria delas cheia de galões grandes, e lá na parede do fundo havia algo que não se vê normalmente numa geladeira: uma cama dobrável.

E, mais estranho que isso, ela estava ocupada. Sentada, quieta e encolhida dentro de um cobertor, estava o que parecia ser uma jovem fêmea humana. Sua cabeça estava virada para baixo e não estava se movendo, mas enquanto eu observava, ela levantou a cabeça lentamente, como se estivesse esgotada ou drogada, e seus olhos encontraram os meus. Era Samantha Aldovar.

Sem parar e pensar peguei a maçaneta e a puxei. Não estava trancada, embora não pudesse ser aberta por dentro.

— Samantha. — Chamei. — Você está bem?

Ela me lançou um sorriso fraco.

— Muito bem. — Respondeu. — Já está na hora?

Não tinha ideia do que aquilo significava, então apenas sacudi a cabeça.

— Estou aqui para resgatar você. Para levá-la de volta para seus pais.

— Por quê? — Perguntou ela.

E percebi que ela estava mesmo drogada. Fazia sentido. As drogas a manteriam calma e reduziriam o trabalho de vigiá-la. Mas também significava que eu precisaria carregá-la daqui.

— Muito bem. — Falei. — Espere um segundo. — Procurei por algo para manter a porta aberta e vi uma panela enorme de 18 litros pendurada sobre o fogão. Eu a agarrei e a coloquei entre a porta e o batente e então entrei no freezer.

Depois de apenas dois passos, percebi o que continham todos aqueles potes que enchiam as prateleiras do refrigerador.

Sangue.

Pote atrás de pote, galão após galão, eles estavam cheios de sangue e por um longo momento, eu olhei para o sangue, e ele para mim, e não consegui me mover. Mas inspirei fundo, expirei, e a realidade voltou ao foco. Era apenas um fluido bem guardado e que não poderia ferir ninguém, e o importante era pegar Samantha e dar o fora dali. Então dei mais alguns passos até a cama e olhei para ela.

— Vamos, você vai para casa.

— Eu não quero ir.

— Eu sei. — Falei suavemente, pensando que aquele era um exemplo claro da síndrome de Estocolmo. — Vamos. Passei o braço por ela e a levantei. Ela veio sem resistir. Passei seu braço por meu ombro e caminhei com ela até a porta, em direção à liberdade.

— Espera aí. — Falou ela, e as palavras saíram um pouco arrastadas. — Preciso da minha bolsa. Na cama. — Falou, apontando com a cabeça, soltando o braço de mim e se apoiando numa prateleira.

— Certo. — Falei e voltei até a cama e olhei para baixo. Não vi nenhuma bolsa, mas ouvi uma batida e me virei para ver que Samantha tinha chutado a panela e, enquanto eu olhava, fechava a porta do freezer.

— Pare! — Falei, e pareceu mais estúpido ainda do que soou, e acho que Samantha pensou a mesma coisa, porque ela não parou e, antes que eu pudesse chegar até lá, ela bateu a porta e se virou para me olhar com uma expressão de triunfo no rosto.

— Eu falei pra você. Não quero ir para casa.

Capítulo Vinte e Sete



ESTAVA FRIO DENTRO DO FREEZER. VOCÊ PODE PENSAR QUE isso era óbvio, mas a obviedade não fornece nenhum calor e comecei a tremer assim que o choque da traição de Samantha passou. Estava frio, aquele pequeno lugar estava cheio de potes de vidro e não havia saída, nem mesmo com a ajuda de minha chave de roda. Tentei quebrar o vidro da porta, o que mostrava que eu descera em meu pânico irracional. O vidro era bem grosso e reforçado com fios, e mesmo que eu tivesse conseguido quebrá-lo, a abertura mal dava para eu passar uma das pernas.

É claro que eu tentara ligar para Deborah, e é mais claro ainda que não havia sinal dentro da caixa térmica de metal com paredes espessas. Sei que eram grossas porque depois de tentar quebrar a janela de vidro e ter torcido a chave de roda tentando arrombar a porta, eu martelei a parede por alguns minutos, o que foi tão efetivo quanto girar meus polegares nela. A chave de roda entortou mais um pouco, as prateleiras de sangue pareceram ficar mais próximas de mim e comecei a respirar pesado, enquanto Samantha apenas ficava sentada e sorria.

Falando em Samantha, por que será que ela ficava ali sentada com um sorriso de Monalisa de perfeito contentamento? Ela tinha de saber que em algum ponto do futuro não muito distante ela viraria um prato de entrada. E, mesmo assim, quando cheguei com meu cavalo branco em armadura impecável, ela chutou a porta e nos prendeu lá. Será que eram as drogas que obviamente eles haviam dado a ela? Ou era tão maluca que acreditava que não fariam com ela o que já tinham feito com sua melhor amiga, Tyler Spanos?

Aos poucos, depois que a vontade de martelar as paredes sumiu e os tremores de frio me dominaram, comecei a pensar mais e mais naquilo. Ela não prestava atenção a meus ridículos esforços para arrombar a enorme porta de metal com uma fraca chave de roda, que devia ser chamada de "chave inútil" nesse acaso, e até mesmo

quando desisti e me sentei a seu lado e deixei o frio me dominar, de olhos meio fechados, ela apenas sorria.

Aquilo começou a me irritar de verdade, aquele sorriso. Era o tipo de expressão de quem tomou muitas drogas recreativas depois de fazer uma grande venda de imóvel, uma sensação relaxada de completa satisfação consigo mesma, com tudo que realizara, e com o mundo que moldara, e comecei a desejar que eles a tivessem comido primeiro.

Então me sentei ao lado dela e tremi e alternei ansiedade com pensamentos terríveis a respeito de Samantha. E como se não tivesse se comportado mal o suficiente até agora, ela nem mesmo se ofereceu para dividir o cobertor. Tentei bloquear a existência dela, algo meio difícil de fazer num lugar pequeno e frio e quando se está sentado ao lado da coisa que você quer esquecer, mas tentei.

Olhei para os potes de sangue. Eles ainda me faziam sentir um pouco enjoado, mas pelo menos tiravam minha atenção da traição de Samantha. Havia tanto daquele líquido terrível e pegajoso... Virei para o outro lado e finalmente encontrei uma parede de metal para ficar olhando que não estava cheia de sangue ou de Samantha.

Fiquei pensando no que Deborah iria fazer. Era egoísta de minha parte pensar naquilo, eu sei, mas torci para que estivesse começando a ficar muito preocupada comigo. Já estava sem dar notícias havia um bom tempo agora, e ela devia estar sentada no carro rangendo os dentes, batendo os dedos na direção, olhando para o relógio e imaginando se estava cedo demais para fazer algo e, se não fosse, o que poderia ser esse algo. Aquilo me animou um pouco, não o pensamento de que ela iria fazer algo, mas que estava se preocupando com aquilo também. Ela merecia. Torci para que rangesse os dentes tão forte que acabasse precisando ir ao dentista. Talvez ela pudesse ir no doutor Lonoff.

Por nenhuma outra razão além de eu estar ansioso e entediado, peguei meu celular e tentei ligar para ela novamente. E de novo não funcionou.

— Não vai funcionar aqui. — Falou Samantha, com sua voz lenta e feliz.

— Sim, eu sei.

— Então deveria parar de tentar. — Falou.

Sabia que era novo em ter sentimentos humanos, mas tinha quase certeza de que o que ela me inspirava era o incômodo que beirava o ódio.

— Foi isso que você fez? Desistiu?

Ela fez que não devagar com a cabeça, mantendo um risinho curto.

— Não mesmo, eu não desisto.

— Então por que está fazendo isso, pelo amor de Deus? Por que me prendeu aqui e fica aí parada com esse sorriso mau no rosto?

Ela se virou para mim, e tive a impressão de que foi a primeira vez que realmente prestou atenção em mim.

— Qual o seu nome?

Não vi razão para não dizer, e é claro, também não vi razão para não dar um tapa nela, mas deixei isso para depois.

— Dexter. — Falei. — Dexter Morgan.

— Uau. — Falou, com outra risadinha curta bem irritante. — Que nome estranho.

— Sim, completamente bizarro.

— Mas então, Dexter, você tem alguma coisa na vida que quer muito?

— Gostaria muito de sair daqui.

Ela fez que não com a cabeça.

— Não, algo que você, sei lá. Tipo, muito, muito... Ah, proibido? Tipo muito errado? Mas você quer mesmo assim, tanto, mas tanto que é como... Você nem consegue falar a respeito com ninguém, mas você só consegue pensar nisso algumas vezes?

Pensei no Passageiro das Trevas, e ele se mexeu um pouco, como para me lembrar de que nada daquilo teria acontecido se eu o tivesse escutado.

— Não, nada. — Falei.

Ela me olhou por um longo momento, com seus lábios meio abertos, mas ainda sorrindo.

— Certo. — Falou, como se soubesse que eu estava mentindo, mas não importava de verdade. — Mas eu tenho. Quer dizer, existe algo para mim.

— É maravilhoso ter um sonho. — Falei. — Mas não seria muito mais fácil de realizar se saíssemos daqui?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ah, não! — Falou. — Isto é o sonho. Tenho de estar aqui. Ou então... Não vou conseguir... — E ela mordeu o lábio de um jeito engraçado e sacudiu a cabeça negativamente outra vez.

— O quê? — Falei. E seu ato de provocação me levou mais perto ainda de uma vontade incontrolável de quebrar-lhe os dentes.

— É bem difícil de dizer, mesmo agora. É meio que... — Ela fez uma careta, o que foi uma mudança agradável. — Você não tem um segredo que, tipo, você não pode evitar, mas ele o faz ficar meio... Envergonhado?

— É claro. — Respondi. — Assisti a uma temporada inteira de *American Idol*.

— Mas isso é com todo o mundo. — Disse ela, acenando com a mão meio que desdenhando daquilo e fazendo uma cara de limão azedo. — Todo o mundo faz isso. Quero dizer algo que... Você sabe, as pessoas querem se encaixar, ser como todas as outras. E se tem algo dentro de você que faz com que, você sabe, que é totalmente errado, estranho. Você nunca será como o resto das pessoas, mas ainda quer muito ser. E isso dói, e também faz com que seja mais cuidadoso talvez... Tentando se enturmar. O que é ainda mais importante quando se tem a minha idade.

Olhei para ela com certa surpresa. Tinha me esquecido de que ela tinha 18 anos e era, teoricamente, brilhante. Talvez estivesse passando o efeito das drogas que haviam lhe dado, e talvez estivesse feliz em conversar com alguém pela primeira vez em algum tempo. Qualquer que fosse o caso, ela finalmente mostrava alguma profundidade, o que removeu uma pequena camada da tortura daquela prisão vil.

— Não é não. — Falei. — Isso é importante a vida toda.

— Mas parece tão mais doloroso. Quando você é jovem, parece que está acontecendo uma festa a sua volta, mas você não foi convidado. — Ela desviou o olhar, não para o sangue, mas para a parede vazia.

— Certo. — Falei. — Sei o que você quer dizer. — Ela me olhou de forma encorajadora. — Quando tinha sua idade eu também era diferente. Tinha de me esforçar muito para fingir que era igual a todo o mundo.

— Você está falando isso por falar.

— Não, é verdade. Tive de aprender a agir igual aos jovens descolados, como fingir ser durão e até mesmo como rir.

— Quê? — Falou ela, dando o risinho de duas sílabas. — Você não sabe rir?

— Agora eu sei.

— Me mostre.

Fiz um de meus rostos perfeitamente felizes e lancei um riso perfeito do tipo essa-foi-boa.

— Ei, muito bom.

— São anos de prática. — Falei, sendo modesto. — Era bem ruim no começo.

— Ah, sim. — Disse ela. — Bom, ainda estou praticando. E, para mim, é bem mais difícil do que apenas aprender a rir.

— Isso é apenas o autoenvolvimento adolescente. — Falei. — Você acha que tudo é mais difícil para você porque é para você. Mas o fato é que ser humano é algo bem difícil, e sempre foi assim. Especialmente se você sente que não é um.

— Eu penso que sou humana. — Disse ela, suavemente. — Apenas acho que de um tipo muito diferente.

— Certo. — Falei, e admito que comecei a me sentir um pouco intrigado. Quem poderia dizer que ela seria uma pessoa tão interessante? — Mas isso não é algo ruim. Se puder dar tempo ao tempo, pode até acabar sendo uma coisa boa.

— Ah, claro.

— E você não poderá fazer isso se não sair daqui, ficar aqui é uma solução permanente para um problema temporário.

— Que bonitinho.

Ela estava voltando a ser petulante de novo, o que cansava meu novo temperamento humano. Ela começou a parecer interessante, eu me abri, comecei a gostar dela e até mesmo senti certa empatia, e agora ela estava voltando o seu disfarce reservado, adolescente e

você-não-sabe-das-coisas, e aquilo me deixou meio irritado e cheio de vontade de dar uma sacudida nela.

— Pelo amor de Deus! — Falei. — Não entende por que está aqui? Essa pessoas vão cozinhar e depois comer você!

Ela desviou o olhar de novo.

— Sim, eu sei. É o que quero. — Então olhou de novo para mim com os olhos úmidos e arregalados. — É o meu grande segredo.

Capítulo Vinte e oito



É ENGRAÇADO COMO SE OUVES VÁRIOS PEQUENOS SONS quando você acha que está sentado em absoluto silêncio. Por exemplo, conseguia ouvir as batidas de meu coração em meus ouvidos, e, bem a meu lado, Samantha respirou fundo lenta e longamente, e além disso havia um som metálico vindo do ventilador girando e jogando mais ar frio naquele freezer, e ouvi até mesmo algo se mexendo num pedaço de papel embaixo da cama de armar, o que provavelmente era um inseto ou algo assim.

Mesmo com todo aquele barulho estrondoso, o som mais impressionante era o ruído envolvente das últimas palavras de Samantha, que caíram e ecoaram pela sala pequena, e depois de um tempo pararam de fazer sentido para mim, mesmo as sílabas individuais, e virei a cabeça para olhar para ela.

Samantha continuava sentada, imóvel, com um sorriso irritante mais uma vez em seu rosto. Seus ombros estavam curvados, e ela olhava diretamente para a frente, não exatamente evitando olhar para mim, apenas esperando para ver o que aconteceria em seguida, e, por fim, foi mais do que eu podia suportar.

— Me desculpe. — Falei. — Quando eu disse que iam cozinhar e comer você e sua resposta foi que era o que queria, o que diabos quis dizer?

Ela ficou em silêncio por vários segundos, mas então o sorriso desapareceu, e seu rosto mostrou uma expressão sonhadora.

— Quando eu era bem pequena, meu pai estava sempre fora, em conferências ou algo assim. Quando finalmente vinha para casa, ele lia histórias para compensar sua ausência. Contos de fada, sabe? E então chegava a parte em que o ogro ou a bruxa comia alguém. E ele fazia, tipo, os sons de comer e fingia que comia meu braço ou minha perna. E tipo, bom, eu era criança, mas adorava, e tipo, faça de novo, faça de novo. E ele fazia, e dizia “devorar, devorar”, e eu ria muito e...

Samantha fez uma pausa e tirou uma mecha de cabelo da testa.

— Depois — continuou num tom mais baixo —, fui ficando mais velha. E... — Ela sacudiu a cabeça o que fez que o cabelo caísse no rosto outra vez, e ela o tirou de novo. — Percebi que não era das histórias que eu gostava tanto. Era do meu pai mordendo o meu braço. E quanto mais pensava nisso, mais via que era apenas a ideia de alguém me comendo. De ter uma bruxa ou, sei lá, alguém, apenas assando meu corpo bem devagar, cortando pequenos pedaços e comendo, e realmente... Gostando. Gostando de mim e do meu gosto e...

Ela respirou fundo e estremeceu, mas não de medo.

— E então cheguei a puberdade e tudo o mais. E todas as outras garotas falavam tipo “Oh, esse garoto, e aquele, gostaria de fazer tal coisa com ele, deixaria ele fazer qualquer coisa comigo...”, e eu não conseguia me animar com aquilo, todos os gritinhos e comparações dos meninos... Pois só o que consigo pensar, só o que quero de verdade, *quero ser comida*. — Ela começou a assentir com a cabeça de forma ritmada e a falar numa voz baixa e meio rouca. — Quero ser assada lentamente ainda viva e poder ver as pessoas me mastigando e dizendo “hum, nham”, e voltar e pegar mais, até que...

Ela estremeceu de novo e apertou o cobertor contra os ombros e se abraçou mais forte, e tentei pensar em algo melhor para dizer que perguntar se ela pensou em procurar ajuda. Mas não surgiu nada em minha mente, a não ser um dos comentários favoritos de Deborah.

— Puta merda. — Falei.

Ela assentiu.

— É, eu sei.

Além daquilo, ela não me pareceu ter muito mais o que dizer, mas, depois de um momento, me lembrei que era pago pela cidade de Miami para investigar coisas, então perguntei:

— E a Tyler Spanos?

— O quê?

— Vocês eram amigas, mas não pareciam ter nada em comum. — Falei.

Ela assentiu, e aquele sorriso meio de sonho voltou a seus lábios.

— Sim. Nada, a não ser isto aqui.

— Isto foi ideia dela?

— Ah, não. — Falou. — Essas pessoas estão aqui há, sei lá, anos.

— Ela apontou com a cabeça para os potes de sangue e sorriu. — Mas a Tyler era meio louca, sabe? — Ela deu de ombros, e o sorriso ficou ainda maior. — Ela era meio louca. E conheceu um cara numa rave gótica.

— Bobby Acosta?

— Bobby, Vlad, tanto faz. Então ele estava tentando impressioná-la, pra ficar com ela, sabe? E então ele diz: “Faço parte de um grupo e você não vai acreditar no que fazemos. Nós comemos pessoas”. E ela responde: “Você pode me comer”, e ele acha que ela não entendeu e diz: “Não, sério, quis dizer comer de verdade”. E Tyler responde: “Sim, claro, foi o que falei. Eu e a minha amiga”.

Samantha tremeu de novo e se abraçou ainda mais, sacudindo-se um pouco para a frente e para trás.

— Tínhamos conversando sobre achar alguém assim. Quer dizer, chegamos a conversar por chat no Yahoo Grupos e tal, mas a maioria das coisas lá é falsa ou pornô, além disso, como confiar em alguém que você conheceu na Internet? E então aquele cara aparece e diz “Nós comemos pessoas”. — Ela estremeceu bem forte dessa vez. — A Tyler chega para mim e diz: “Não vai acreditar no que aconteceu ontem à noite”, que era algo que ela falava bastante, e eu digo “tá, de novo?”, e ela “Não, sério”, e então me conta sobre o Vlad e o grupo dele...

Samantha fechou os olhos e umedeceu os lábios antes de continuar.

— Era um sonho se realizando. Tipo, era bom demais para ser verdade. Não acreditei no começo, pois Tyler é... Era meio fácil, e os caras viam isso e falavam o que ela queria ouvir apenas para, tipo, transar com ela, sabe? E tenho certeza de que ela tinha tomado ecstasy ou algo assim, então como podia ter certeza de que o cara era real? Mas ela me leva para conhecer o Vlad, e ele nos mostra fotos e coisas, e penso “Bom, agora sim”.

Samantha olhou diretamente para mim e tirou o cabelo do rosto. Era um belo cabelo, castanho-claro, limpo e brilhante, e ela parecia uma adolescente comum contando a um adulto interessado o que acontecera na aula de francês... Até começar a falar de novo.

— Sempre soube que faria algo assim um dia. — Falou. — Que encontraria alguém que me comeria. É o que mais queria. Mas achei que seria mais tarde, tipo depois da faculdade ou algo assim... — Ela deu de ombros e sacudiu a cabeça. — Mas lá estava a chance, e Tyler e eu pensamos: por que esperar? Por que devia gastar o dinheiro de meus pais com a faculdade quando posso ter o que quero sem isso, e agora? Então dissemos para o Vlad: “Está bem, estamos dentro”, e ele nos leva para conhecer o cabeça do grupo e... — Ela sorriu. — Aqui estou eu.

— E a Tyler não. — Falei.

Samantha concordou com a cabeça.

— Ela sempre teve sorte e conseguiu ir primeiro. — Então o sorriso cresceu. — Mas sou a próxima. Em breve.

E sua ansiedade por seguir Tyler no caldeirão secou todo o meu zelo profissional, e não consegui falar mais nada. Samantha apenas me observou para ver o que eu faria, e, pela primeira vez na vida, eu não tinha a menor ideia do que seria. Qual é a expressão facial correta a usar quando alguém conta que sua grande fantasia de vida é ser comida? Devo usar choque? Incredulidade? Que tal indignação moral? Tinha quase certeza de que o assunto jamais surgira nos filmes ou programas de TV que eu estudei, e mesmo sendo considerado uma pessoa criativa e inteligente em alguns círculos, não consegui imaginar nada que seria apropriado.

Então apenas a encarei, e Samantha me encarou de volta, e lá estávamos nós: um homem perfeitamente normal, casado, com três filhos, uma carreira promissora e que por acaso gostava de matar pessoas, encarando uma garota de 18 anos, perfeitamente normal, que frequentava uma boa escola, gostava de *Crepúsculo* e queria ser comida, sentados um ao lado do outro num contêiner refrigerado que ficava num clube noturno de vampiros em South Beach. Eu tentara tanto nos últimos tempos me aproximar de uma vida normal, mas se era algo assim, acho que preferia outra coisa. Fora Salvador

Dalí, não acredito que a mente humana possa lidar com algo mais extremo.

E, por fim, até a troca de olhares começou a parecer um pouco estranho, mesmo para dois não humanos tão dedicados quanto nós, então nós dois piscamos e desviamos o olhar.

— Afinal. — Falou. — Isso não interessa.

— O que não interessa? Querer ser comida?

Ela deu de ombros, um estranho gesto genuinamente adolescente.

— Tanto faz. Eles estarão aqui em breve.

Senti como se alguém cutucasse minha espinha com cubos de gelo.

— Quem?

— Alguém da irmandade — falou, e olhou de novo para mim. — É como eles chamam. O, sei lá, grupo que... Hã... Come pessoas.

Pensei no arquivo que vira no computador. Irmandade. Queria ter copiado e corrido para casa.

— Como sabe que estão vindo?

Ela deu de ombros outra vez.

— Eles têm de me alimentar. Tipo três vezes por dia, sabe?

— Por que deveriam? Se vão matá-la, porque teriam de cuidar de você?

Ela me lançou um olhar de como-você-é-idiota, combinando com um sacudir de cabeça.

— Eles vão me comer, não me matar. Não querem que eu fique doente ou muito magra. Tenho de ser, tipo, engordada. Marmorizada. Para ficar saborosa.

Entre meu trabalho e meu passatempo, posso dizer sem me gabar que tenho um estômago bem forte, mas aquilo era um verdadeiro teste para ele. A ideia dela feliz comendo três refeições saudáveis por dia para que sua carne ficasse com um gosto melhor era um pouco demais para antes do café da manhã, e desviei meu olhar novamente. Mas para sorte de meu apetite, uma ideia mais prática surgiu em minha mente.

— Quantos deles virão?

Ela olhou para mim e depois desviou o olhar.

— Não sei. Normalmente são dois caras, para o caso de, tipo, eu mudar de ideia e fugir. Mas... — Ela olhou para mim de novo. E depois para seus pés. — Acho que o Vlad virá com eles dessa vez. — Disse finalmente, e não pareceu um comentário feliz.

— Por que acha isso?

Ela sacudiu a cabeça, mas não olhou para mim.

— Quando estava chegando a vez de Tyler, ele começou a vir com eles. E ele... Hã, fazia coisas com ela. — Ela umedeceu os lábios mas não levantou a cabeça. — Não só, tipo... Sexo. Quero dizer, não sexo normal. Ele, hã, ele machucou ela, realmente machucou. Era assim que ele conseguia gozar, e... — Ela estremeceu e finalmente olhou para mim. — Acho que é por isso que eles põem coisas na minha comida, algum tipo de calmante, não sei. Isso me deixa, sei lá, mais calma e quieta. Porque senão... — Ela desviou o olhar de novo. — Talvez ele não venha.

— Mas pelo menos dois caras vêm?

Ela assentiu.

— Isso.

— E eles vêm armados? — Perguntei, e ela me olhou sem entender. — Tipo com facas, armas, bazucas? Eles trazem alguma arma?

— Não sei. — Falou. — Sei lá, eu traria.

Pensei que eu também viria armado, e apesar de ser algo meio inclemente, também pensei que perceberia que armas os meus captores estariam carregando. Mas é claro que eu não pensava em mim como um banquete, pois isso com certeza afetaria meu poder de observação.

Então seriam dois deles, provavelmente armados, o que talvez quisesse dizer armas de fogo, já que estávamos em Miami. E podia significar que Bobby Acosta também teria alguma arma, já que era um fugitivo rico. E eu estava num lugar pequeno sem ter onde me esconder e ainda tinha o fardo de Samantha, que provavelmente gritaria "cuidado!" para eles se eu tentasse surpreendê-los. Por outro lado, meu coração era puro, e eu tinha uma chave de rodas torta.

Não era muito, mas eu aprendi que, se você examinar a situação com cuidado, sempre pode achar um jeito de melhorar suas

chances. Levantei-me e olhei em volta, pensando que alguém poderia ter esquecido um fuzil de assalto numa das prateleiras. Até me obriguei a tocar nos potes e olhar atrás deles, mas não tive sorte.

— Ei. — Falou Samantha. — Se está pensando em, tipo, você sabe, eu... Hã, não quero ser resgatada ou algo assim.

— Acho isso maravilhoso. — Falei. — Mas eu quero. Olhei para ela sentada ali e enrolada em seu cobertor. — Não quero ser comida. Tenho uma vida, uma família e uma bebê recém-nascida. E quero vê-la de novo. Quero vê-la crescer e ler contos de fadas para ela.

Ela se encolheu um pouco e pareceu indecisa.

— Qual o nome dela?

— Lily Anne.

Samantha olhou para o lado novamente, e eu podia vê-la tentar nadar através da dúvida, então dei uma força.

— Samantha. — Falei. — Seja o que for que você quer, não tem o direito de me obrigar à mesma coisa. — Me senti extremamente hipócrita pregando para ela, mas afinal de contas, havia muita coisa em jogo e, em todo caso, eu vinha praticando hipocrisia a minha vida adulta toda.

— Mas... Eu quero isso. — Falou. — Quero dizer, a vida inteira eu...

— Quer o suficiente para me matar? — Falei. — Porque é isso que está fazendo.

Ela me olhou e depois desviou o olhar rapidamente.

— Não. — Disse ela. — Mas...

— Sim, mas... — Respondi — ... Mas se eu não escapar dos caras que virão alimentá-la, vou morrer, e você sabe disso.

— Não posso simplesmente desistir disso.

— É, não precisa. — Falei, e ela me olhou com atenção. — Tudo o que tem de fazer é me deixar escapar, e então pode ficar aqui. Ela mordeu o lábio inferior por alguns segundos.

— Não sei. Quero dizer, como posso confiar que você não vai, tipo, chamar a polícia, e eles virão rapidamente para me buscar?

— Quando eu conseguir voltar aqui com a polícia, eles já terão levado você para outro lugar.

— Sim. — Falou, assentindo devagar. — Mas como vou saber que você não vai, tipo, me arrastar daqui e tipo, hã, me salvar de mim mesma?

Me ajoelhei em frente dela. Foi melodramático, eu sei, mas ela era adolescente e pensei que provavelmente compraria aquilo.

— Samantha, tudo o que tem de fazer é me deixar tentar. Não faça nada e não tentarei tirar você daqui contra sua vontade. Tem a minha solene palavra de honra.

Não houve estrondo de trovão, nem mesmo o som de risos distantes e apesar da minha recente epidemia de emoções desagradáveis, não sentia vergonha. E acredito que fiz isso de maneira muito convincente. Na verdade, acho que foi a representação de uma vida inteira. Nenhuma daquelas palavras era verdade, é claro, mas naquelas circunstâncias, ficaria feliz em ter prometido a ela uma carona em meu disco voador se isso fosse me tirar dali.

E Samantha começou a parecer mais que meio convencida.

— Então... Não sei. Quer dizer, tipo, só preciso ficar sentada aqui e não dizer nada? É só isso?

— Só isso. — Falei, peguei a mão dela e olhei profundamente em seus olhos. — Por favor, Samantha. Por Lily Anne. — Totalmente sem vergonha, eu sei, mas para minha surpresa, queria mesmo dizer aquilo e, pior, senti certa umidade surgir no canto de meus olhos. Talvez fosse apenas um recurso artístico do momento, mas se misturou com minha visão e era extremamente desconcertante.

E, aparentemente, muitíssimo eficaz.

— Tudo bem. — Falou, e apertou minha mão. — Não vou dizer nada.

Eu apertei de volta.

— Obrigado. — Falei. — A Lily Anne agradece.

Mais uma vez, um pouco exagerado, eu sei, mas havia muito poucas diretrizes nesse tipo de situação. Levantei e peguei minha chave de roda. Não era muito, mas era melhor que nada. Fui até a porta e tentei me enfiar ao lado do batente, onde ficaria invisível se olhassem pela janelinha da porta. Escolhi o lado mais próximo da maçaneta. A porta abria para fora e seria muito mais fácil eles me

verem do outro lado. Tinha de torcer para que não notassem nada e, após verem Samantha em seu lugar na cama, simplesmente entrassem despreocupados. Então, com um pouco de sorte, seria apenas um, dois, *pá-pum*, e Dexter caminharia para fora.

Estava achatado em meu lugar fazia uns cinco minutos quando ouvi vozes bem baixas vindo da porta grossa. Respirei fundo, soltei o ar devagar e tentei me fazer ficar ainda menor em meu canto. Olhei para Samantha e ela umedeceu os lábios, mas fez um aceno de cabeça para mim. Retribuí e então ouvi alguém puxar a maçaneta e a grande porta se abriu.

— Aquiiii, porquinho. — Alguém falou, enquanto soltava um risinho bem malvado. — Coin, coin.

Um homem entrou carregando uma sacola térmica de náilon vermelho. Acertei o ferro em sua cabeça com força, e ele caiu para frente sem falar nada. Como um raio, passei por cima dele e fui para a porta, segurando a chave de roda e preparado para tudo...

... A não ser o enorme braço que já vinha em direção a meu rosto e me varreu de volta para a parede, me dando tempo apenas para uma rápida olhada no enorme leão de chácara careca quando ele me prendeu, pondo seu antebraço em minha garganta, e para ouvir Bobby Acosta atrás dele gritando:

— Mate esse puto!

Então o leão de chácara acertou meu queixo com um punho do tamanho de um piano e mergulhei na escuridão.

Capítulo vinte e nove



EU ESTAVA NUM LUGAR DISTANTE ONDE PEQUENAS FAÍSCAS de luz surgiam no grande mar escuro, e Dexter nadava nele com pernas de chumbo e braços que não se mexiam e uma vivacidade desagradável que parecia flutuar acima do enjoo que eu sentia em meu âmago, e não havia nenhum outro pensamento ou sensação de nenhum tipo a não ser o de meramente *ser* por um longo tempo, até que finalmente, ao longe, um som urgente chegou até mim carregando uma ideia muito forte nas costas que se materializou muito claramente numa palavra: *ai!* E fiquei consciente que o *ai!* Não era uma palavra mística usada em meditação nem uma terra perdida na Bíblia, mas sim o único jeito de descrever sucintamente o Estado de Dexter dos ombros para cima. *Ai...*

— Vamos Dexter, acorda! — Chamou uma voz feminina suave, e senti uma mão fria em minha testa. Não tinha ideia de a quem pertencia a mão ou a voz, e na verdade aquilo nem parecia algo minimamente importante enquanto minha cabeça era um enorme oceano de dor, e eu não conseguia mexer o pescoço.

— Dexter, por favor. — A voz insistiu, e a mão fria bateu em minha bochecha bem mais forte do que seria educado, falando estritamente, e cada pequeno tapinha mandava uma onda ecoante de *ai* por minha cabeça, então finalmente encontrei o controle de meus braços e levantei um deles para afastar a mão que me batia.

— *Ai!* — Falei alto, e aquilo pareceu o choro distante de um pássaro grande e cansado.

— Você está vivo. — Falou a voz, e então aquela maldita mão começou a bater em minha bochecha de novo. — Estava muito preocupada. — Pensei já ter ouvido aquela voz antes, mas não sabia onde, e aquilo não era prioridade máxima no momento, considerando que minha cabeça estava cheia de mingau de aveia pelando.

— Aaaiii. — Falei de novo, agora com um pouco mais de força. Era de fato a única coisa que conseguia pensar em dizer, mas não importava, pois realmente exprimia completamente o que estava acontecendo.

— Vamos lá. — Falou a voz. — Abra os olhos, Dexter. Vamos.

Pensei naquela palavra, “olhos”. Tinha certeza de que conhecia. Tinha algo a ver com... Hã, enxergar? Localizava-se no rosto ou perto dele? Acho que sim, e senti um brilho fraco e bobo de satisfação. Acertei uma. Bom garoto.

— Dexter, por favor. — Disse de novo a voz. — Abra logo, vamos. — Senti a mão dela mover-se de novo, provavelmente para bater em minha bochecha, e a intensidade irritante daquela ideia aguçou minha memória, posso abrir meus olhos assim. Então tentei. O direito se abriu, enquanto o esquerdo enrolou um pouco até também se abrir para aquele mundo borrado. Pisquei os dois muitas vezes, e uma imagem começou a se formar, mas não fazia sentido.

Estava olhando para cima para um rosto a apenas alguns centímetros do meu. Não era um rosto ruim, e eu tinha certeza de que já o vira antes. Era jovem, feminino e estava cheio de preocupação naquele momento, mas enquanto eu piscava e tentava me lembrar de onde eu conhecia aquele rosto, ela abriu um sorriso.

— Ei, aí está você. Fiquei muito preocupada. — Pisquei de novo. Era algo muito trabalhoso e era só o que eu conseguia fazer. Tentar pensar ao mesmo tempo era difícil demais, então parei de piscar.

— Samantha. — Murmurei, e fiquei muito satisfeito comigo mesmo. Aquele era o nome que combinava com aquele rosto, que estava perto demais do meu porque minha cabeça estava deitada em seu colo.

— Primeira e única. — Falou. — É bom ter você de volta com a gente.

Aos poucos, as coisas foram surgindo em meu cérebro confuso: Samantha, canibais, freezer, punho gigante... Deu um pouco de trabalho, mas comecei a conectar os pensamentos separados, e aos poucos o quadro foi ficando completo e virando uma memória do que aconteceu... E era muito mais doloroso que minha cabeça, então fechei os olhos novamente.

— Aaaiiii... — Falei.

— Sim, você já falou isso. Não tenho nenhuma aspirina ou algo assim, mas isso deve ajudar. Tome. — Senti ela se virar um pouco embaixo de mim e abri os olhos. Ela segurava uma garrafa de água, e a abriu. — Tome um gole. Devagar e não muito, você pode engasgar.

Dei um gole. A água estava gelada e com um gosto fraco de algo que não consegui identificar, e quando engoli percebi o quão ressecada e dolorida minha garganta estava.

— Mais. — Falei.

— Um pouco de cada vez. — Falou ela, e me deixou dar outro pequeno gole.

— Ótimo. Estava com sede.

— Uau. — Falou. — Três palavras de uma vez? Você está mesmo se recuperando. — Ela tomou um gole e depois pôs a garrafa no chão.

— Posso tomar mais um pouco? — Falei e acrescentei. — Foram cinco palavras.

— Foram mesmo. — Respondeu, e pareceu feliz com meu novo e maravilhoso talento de usar múltiplas palavras. Ela levou a garrafa a meus lábios e tomei outro gole. Aquilo parecia soltar os músculos de minha garganta e aliviar um pouco minha dor de cabeça, além de aumentar a consciência de que as coisas não eram exatamente como deveriam ser.

Virei a cabeça para olhar em volta e fui recompensado com uma punhalada eletrificante de dor subindo do pescoço até o alto da cabeça. Mas também podia ver um pouco mais do mundo além do rosto e da camiseta de Samantha, e a imagem não era encorajadora. Havia uma luz fluorescente no teto, e ela iluminava uma parede verde. No lugar onde a razão dizia que houve uma janela, ficava apenas um pedaço liso de compensado sem pintura. E eu não conseguiria ver mais nada a menos que mexesse mais minha cabeça, o que eu definitivamente não queria fazer, considerando a dor lancinante que experimentara apenas movendo-a um pouco.

Voltei devagar com a cabeça à posição original e tentei pensar. Não reconhecia o que me cercava, mas pelo menos não estava mais

no freezer. Podia ouvir um barulho mecânico próximo e sabia que era o som de um ar-condicionado, como qualquer morador da Flórida saberia. Mas nem aquilo nem a madeira fechando a janela me diziam nada de importante.

— Onde estamos? — Perguntei para Samantha.

Ela deu um gole na água.

— Num trailer. Em algum lugar de Everglades, não sei bem. Um dos caras da irmandade tem uns dezesseis mil hectares nesta região com isto aqui, um trailer, para caçar. E nos deixaram aqui, tipo, totalmente isolados. Ninguém nunca nos encontrará. — Ela parecia feliz com aquilo, mas pelo menos se lembrou de parecer um pouco culpada, e tentou esconder aquilo tomando outro gole de água.

— Como? — Perguntei, e o som saiu rouco novamente. Eu estiquei a mão para pegar a água e tomei outro gole, um grande dessa vez. — Como nos tiraram do clube noturno? Sem que ninguém nos visse, quero dizer.

Ela sacudiu a mão, e o movimento sacudiu minha cabeça, bem de leve, mas produzindo uma enorme dor.

— Eles nos enrolaram em tapetes. Dois caras usando macacões vieram e levaram os tapetes com a gente dentro, colocaram numa van e nos trouxeram pra cá. “Limpa Tapetes Gonzales” estava escrito na van. Fácil. — Ela deu um meio sorriso, deu de ombros e tomou um gole de água.

Pensei naquilo. Se Deborah ainda estava vigiando, ver dois pacotes grandes sendo carregados para fora certamente a faria suspeitar de algo, e, sendo Debs, se suspeitou de algo, ela teria pulado do carro com sua arma e detido eles lá mesmo. Então ela não devia estar vigiando, mas por que não? Será que me abandonaria, seu único e querido irmão? Será que me deixaria a mercê de um destino pior que a morte, apesar disso também estar incluído no pacote? Não acho que ela faria isso, pelo menos não por vontade própria. Tomei outro gole de água e tentei desvendar aquilo.

Ela não estava disposta a me abandonar. Por outro lado, não poderia chamar reforços, pois seu parceiro estava morto e tecnicamente ela estava fazendo algo um pouquinho fora do

regulamento do departamento e, se é que interessa, do Código Penal da Flórida. Então, o que poderia ter feito?

Tomei outro gole. A garrafa já estava mais para vazia que cheia, mas ela parecia melhorar a minha dor de cabeça, não que a dor sumisse, mas pelo menos não doía tanto. Quer dizer, a dor significava que eu estava vivo, e quem foi que disse uma vez "Onde há vida há esperança"? Talvez Samantha soubesse, mas quando abri a boca para perguntar, ela pegou a garrafa e tomou um grande gole, e me lembrei que estava tentando pensar no que minha irmã teria feito e porque aquilo me levou a estar ali.

Peguei a garrafa de volta e dei um gole. Deborah não me abandonaria assim. É claro que não. Deborah me amava. E aquela revelação me inundou... Eu também a amava. Tomei outro gole de água. Que coisa engraçada é o amor. Quer dizer, perceber isso na minha idade é algo estranho, mas eu estava mesmo cercado por tanto amor, e a vida toda, de meus pais adotivos, Harry e Doris, eles não tinham de me amar, eu não era filho deles de verdade, mas eles me amavam, igual a tantos outros desde lá até agora, como Debs, e Rita, Cody, Astor e Lily Anne. Bela, incrível e milagrosa Lily Anne, a portadora suprema do amor. Mas todos aqueles outros também, cada um me amou de seu jeito...

Samantha pegou a garrafa e tomou outro gole, e tive uma revelação incrível: até Samantha demonstrara amor por mim. Ela provou isso arriscando tudo o que era mais importante para ela, tudo o que queria, apenas para me dar uma chance de escapar! Aquilo não era um ato de amor puro?

Tomei outro gole e me senti completamente cercado por todas aquelas pessoas maravilhosas, pessoas que me amavam mesmo eu tendo feito coisas muito ruins... Mas e daí? Eu tinha parado, não? Não estava tentando viver uma vida de amor e responsabilidade num mundo que de repente se tornara um lugar cheio de alegria e admiração?

Samantha pegou a garrafa e deu um grande gole. Ela me devolveu e terminei com a água ansiosamente, deliciosa, a melhor água que eu já tomei. Ou talvez eu só estivesse apreciando mais as coisas agora. Sim. O mundo era um lugar realmente incrível, afinal

de contas, e eu me encaixava perfeitamente nele. E Samantha também. Que pessoa incrível. Ela cuidou de mim e não precisava fazer isso. E estava cuidando de mim agora! Nutrindo-me e acariciando meu rosto com o que só poderia ser chamado de amor, que garota incrível ela era! E se ela queria ser comida, uau, acabei de ter uma epifania. Comida é amor, então querer ser comida era apenas outra maneira de repartir o amor! E aquele era o jeito que Samantha escolheu pois ela estava tão cheia de amor que não conseguiria expressar tudo aquilo a não ser de uma forma extrema como aquela! Incrível!

Eu olhei para seu rosto com uma nova apreciação. Aquela era uma pessoa maravilhosa, que se doava. E mesmo que meu pescoço estivesse doendo, eu tive de mostrar a ela que entendia o que estava fazendo e realmente apreciava a pessoa linda e maravilhosa que ela era, então levantei o braço para cima e com minha mão o seu rosto. Senti sua pele macia, quente, vibrante e viva, e esfreguei a palma de minha mão suavemente em seu rosto por um momento. Ela olhou para mim, sorrindo, e pôs a mão em meu rosto.

— Você é tão bonita. — Falei. — Só dizer a palavra “bonita” não explica exatamente, a não ser de um jeito superficial que só fala a respeito do exterior e não chega exatamente à verdade, à absoluta profundidade do que quero dizer com o “bonita”, especialmente em seu caso, pois acho que entendi o que você estava fazendo nesse negócio todo de “me comam”, quer dizer, você também é bela por fora, não foi o que quis dizer, não quis tirar isso de você, pois sei que é importante para uma garota. Uma mulher. Você tem 18 anos, já é uma mulher, sei disso porque fez uma escolha muito adulta do que fazer com sua vida, e não há como voltar atrás, então isso torna a escolha muito adulta, e tenho certeza de que entende as consequências de sua decisão, e não pode haver uma definição melhor do que é ser adulto, tomar uma decisão com consequências extremas e saber que não pode voltar atrás, e eu realmente admiro você por isso. E também porque como eu disse antes, você é realmente muito bonita.

Sua mão acariciava meu rosto e depois deslizou por meu pescoço, entrou pela gola de minha camisa e acariciou meu peito. Aquilo era

bom.

— Entendo perfeitamente o que está dizendo, e você é a primeira pessoa que acho que realmente entendeu o que significa para mim passar por tudo isso. — Ela tirou a mão de meu peito e a sacudiu no ar, mostrando tudo em torno de nós, e peguei a mão dela e a puxei de volta para meu peito, pois me sentia muito bem e queria que ela continuasse. Ela sorriu e o acariciou suavemente outra vez. — Porque não é algo que é fácil de compreender, sei disso, e essa é a razão pela qual eu nunca pensei que poderia falar sobre isso com ninguém e por que, você sabe, fui tão completamente sozinha a maior parte da vida, e tudo isso porque, sabe, quem poderia entender algo assim? Quer dizer, se digo para alguém: “Eu quero ser comida”, então esse alguém ficará todo “Ó meu Deus, vamos levar você a um psiquiatra”, e ninguém te olhará como uma pessoa normal, nunca mais, e sinto que isso é totalmente normal, uma expressão totalmente normal de...

— Amor. — Falei.

— Você me entende mesmo! — Falou e passou a mão mais para baixo, pela minha barriga, e então voltou para o peito. — Ah, Deus, sabia que você entenderia, pois mesmo quando estávamos no freezer tinha algo em você que era diferente das outras pessoas que já encontrei na vida e pensei que pelo menos uma vez antes de acontecer eu poderia falar com alguém que realmente entenderia e que não olharia para mim como se eu fosse um tipo de monstro maluco, perverso e insano!

— Não, não, você é só muito bonita. — Falei. — Ninguém poderia pensar algo assim de você, ainda mais quando seu rosto é tão incrível...

— Não, mas não é esse o ponto...

— Sim, sei disso, não foi o que quis dizer. — Falei. — Mas é uma parte que faz você ser quem é, e ver essa parte realmente nos leva a entender o resto... Quer dizer, se você não for um completo idiota, não poderá olhar para o seu rosto e deixar de pensar, uau, que pessoa incrível, e depois ver que por dentro você é ainda mais bonita é algo sensacional.

E porque meras palavras não podem realmente expressar isso completamente, e eu realmente queria entender o que significa, puxei o rosto dela para baixo e a beijei.

— Você é linda por dentro e por fora.

Ela sorriu com um calor e apreço incriveis e aquilo me fez sentir que tudo ficaria bem.

— Você também. — Disse ela e se abaixou para me beijar de novo, e dessa vez o beijo foi mais longo e trouxe outro tipo de sentimento que era novo para mim, e eu podia ver que também era novo para ela, mas nenhum de nós queria parar até que ela se esticou no chão a meu lado enquanto nos beijávamos e depois de um bom tempo daquilo, ela parou só por um segundo e disse: — Acho que eles colocaram algo na água.

— Não acho que isso seja importante. — Falei. — Pois o que começamos a entender não é algo que possa vir de alguma coisa que se ponha na água porque vem de dentro de nós, de dentro de verdade, e é a verdade, e sei que sente isso tanto quanto eu. — Nos beijamos de novo por um minuto antes de ela parar e colocar as duas mãos em minhas bochechas.

— Em todo caso — falou —, mesmo que seja apenas algo na água, não importa, pois sempre pensei que isso é tão importante... O *amor*, quero dizer, e, tipo, não só o tipo que você sente mas também o que você *faz* e pensei, tenho 18 anos, deveria fazer pelo menos uma vez antes de partir, não acha?

— Pelo menos uma vez. — Falei, e ela sorriu, fechou os olhos, trouxe o rosto para perto de mim e transamos.

Mais de uma vez.

Capítulo Trinta



— ESTOU COM SEDE — FALOU SAMANTHA, E HAVIA UM TOM choroso em sua voz. Achei aquilo irritante, mas não disse nada. Eu também estava com sede. O que adiantava repetir? Nós dois estávamos com sede. Aliás, já fazia um tempo. A água acabara. E não havia mais. E aquilo era o menor de nossos problemas. Minha cabeça doía, eu estava preso num trailer em Everglades e acabara de fazer algo que nem havia começado a entender. Ah, e alguém também estava vindo me matar.

— Me sinto tãããã estúpida! — Falou Samantha. E, mais uma vez, não havia muito o que responder. Ambos nos sentíamos estúpidos agora que o que havia na água se dissipara, mas ela parecia ter mais dificuldade em aceitar que agira sob a influência das drogas. Quando fomos recuperando nossa consciência, Samantha ficara gradualmente desconfortável, depois nervosa, e então completamente alarmada, correndo pelo trailer atrás das peças de roupa que tinham sido jogadas para longe de forma entusiasmada. E apesar de ela fazer aquilo parecer muito inadequado, decidi que era a coisa certa a fazer. Encontrei todas as minhas roupas e também me vesti.

E um pequeno toque de inteligência retornou a mim junto com minha calça. Levantei-me e olhei o trailer de uma ponta a outra. Isso não demorou muito. Ele só tinha uns dez metros. Todas as janelas tinham sido fechadas com grossas folhas de compensado naval. Dei uma batida nelas. Usei todo o meu peso contra eles, e nem se mexeram. Eles haviam sido reforçados por fora.

Havia apenas uma porta. E a história era a mesma. Mesmo quando bati com o ombro contra ela, só consegui ficar com a cabeça doendo mais ainda. E agora eu tinha uma dor combinando no ombro. Sentei-me para cuidar dele por alguns minutos. Foi quando Samantha começou a choramingar. Parece que colocar as roupas a fez ter vontade de reclamar de quase tudo, pois as coisas não

pararam na água. E por alguma piada de mau gosto da acústica ou apenas muito azar, sua voz ressoava perfeitamente com as batidas de minha cabeça. Cada vez que ela reclamava, aquilo enviava um pulso extra de dor profunda na massa cinzenta já meio combalida de meu crânio.

— Tem um cheiro meio... Ruim aqui. — Falou ela.

E aquilo era mesmo verdade, com uma combinação de suor antigo, cachorro molhado e mofo. Mas era algo absurdamente fora de propósito mencionar algo contra o que não se podia fazer nada a respeito.

— Vou pegar meu sachê de flores do campo. — Falei. — Está lá fora no carro.

Ela desviou o olhar.

— Não precisa ser sarcástico.

— Não. — Falei. — Mas preciso sair daqui.

Ela não olhou para mim nem respondeu, o que já pareceu uma pequena bênção. Fechei os olhos e tentei afastar aquela batida angustiante com minha força de vontade. Não deu certo, e, depois de um minuto, ela me interrompeu de novo.

— Queria que não tivéssemos feito aquilo. — Falou. Abri os olhos. Ela ainda olhava para o outro lado, para um canto do trailer. Não tinha absolutamente nada ali, mas, ao que parecia, era melhor do que olhar para mim.

— Desculpe. — Falei.

Ela deu de ombros, ainda olhando para o outro lado.

— Não é culpa sua. — Falou, e achei aquilo bem generoso, além de ser a verdade. — Sabia que devia ter algo na água. Eles sempre colocam algo. — Ela deu de ombros outra vez. — Nunca tomei ecstasy antes.

Levei um momento para entender o que ela estava falando.

— Eu também não. Foi o que tomamos?

— Tenho quase certeza. — Disse ela. — Bom, pelo que ouvi. Tyler disse que... Ela toma sempre... Tomava sempre. — Ela sacudiu a cabeça e começou a enrubescer. — Enfim, ela disse que faz você querer... Tipo, tocar em todo o mundo e... Ser tocado.

Se foi mesmo ecstasy, teria de concordar com aquilo. E também tinha de dizer que ou tomamos muito ou era uma droga muito forte. Eu quase corava também ao lembrar o que havia dito e feito. Tentar se tornar um pouco mais humano era uma coisa, mas aquilo passou demais dos limites da burrice e imundice de humanos sem noção. Pensando agora, fiquei muito feliz de poder culpar a droga. Não gostava nem um pouco de pensar em mim agindo como um desenho animado.

— Enfim, acabei fazendo. — Falou Samantha, ainda corada. — E não sentirei muita falta. — Deu de ombros de novo. — Não foi tão bom assim.

Não sei muito do que as pessoas chamam de “papo de travesseiro”, mas imagino que esse tipo de sinceridade não é considerada adequada. Pelo pouco que sei, você deve fazer elogios animadores, mesmo se achar que aquilo foi um erro. Você diz coisas como “Foi maravilhoso... Não vamos estragar as lembranças tentando repetir aquela mágica”. Ou “Sempre teremos Paris”. Nesse caso, seria “Sempre teremos este trailer horrível e fedorento em Everglades”, e isso não tinha o mesmo apelo, mas ela poderia pelo menos ter tentado. Talvez Samantha estivesse se vingando pelo grande desconforto que estava sentindo, ou talvez fosse verdade e como ela era jovem e inexperiente, ainda não sabia que não deveria dizer aquelas coisas.

Em todo caso, aquilo, combinado com minha dor de cabeça, ativou um traço mau que eu nem sabia que tinha.

— Não, realmente não foi tão bom. — Falei.

Ela me olhou com uma expressão bem próxima da raiva, mas não falou nada, e depois de um momento olhou para o outro lado novamente. Eu me estiquei, massageei o pescoço e me levantei.

— Deve ter um jeito de sair daqui. — Falei mais para mim que para ela, mas é claro que ela respondeu mesmo assim.

— Não tem, não. É bem seguro. Eles mantêm pessoas aqui o tempo todo, e nunca ninguém escapou.

— Se as pessoas estão sempre drogadas, será que alguém tentou escapar?

Ela semicerrou os olhos e sacudiu a cabeça indicando que aquilo era estúpido, então desviei o olhar. Talvez fosse mesmo estúpido, mas não o suficiente para me fazer sentar e esperar que eles viessem para me comer, não sem tentar o máximo para escapar.

Dei mais uma volta no trailer. Não tinha nada de novo para ver, mas olhei tudo com um cuidado extra. Não havia nenhuma mobília, mas, no fundo, ficava um banco construído na própria parede e que obviamente era usado como cama. Havia uma tira fina de espuma de borracha sobre ele coberta com um lençol cinza velho. Levantei o colchão. Embaixo dele havia um quadrado de compensado fechando uma abertura. Levantei a madeira e embaixo tinha algo que parecia um armário. Dentro havia um travesseiro bem baixo coberto com uma fronha que combinava com o lençol. O armário parecia correr por toda a extensão do trailer, embora não conseguisse ver porque estava bem escuro para os lados.

Tirei o travesseiro de lá. Não havia mais nada dentro a não ser um pequeno pedaço de madeira de uns quarenta e cinco centímetros. Uma das pontas fora bem afiada como um lápis e havia sujeira por toda a parte cônica. No outro lado havia entalhes e uma ranhura de desgaste, provavelmente feito por uma corda. Aquela madeira fora usada como estaca por alguma obscura razão e martelado no chão para segurar algo com uma corda amarrada nele. Havia até um prego velho preso no alto para se amarrar uma corda. Tirei a estaca e coloquei ao lado do travesseiro. Pus a cabeça dentro do armário o máximo que pude, mas não havia mais nada para ver. Empurrei o fundo e senti ele ceder um pouco, então empurrei mais e fui recompensando com um som de metal afundando.

Bingo! Empurrei mais forte, e o metal afundou visivelmente. Tirei a cabeça de lá, me levantei e pisei nele com os dois pés. Eu mal cabia na abertura, mas era o suficiente, e comecei a pular o mais forte que consegui. Aquilo fazia um som bem alto e depois do sétimo *boom!* Samantha veio ver o que era aquele barulho.

— O que está fazendo? — Perguntou ela, e aquilo me soou tão bobo quanto irritante.

— Fugindo. — Falei, e dei um pulo mais forte ainda. *Boom!*

Ela ficou observando eu pular várias outras vezes e então sacudiu a cabeça e levantou a voz, muito atenciosamente, para que eu pudesse ouvir o que ela tinha de negativo a dizer.

— Não acho que vai conseguir sair desse jeito.

— O metal é mais fino aqui. Não é como o do chão.

— É a resistência à tração. — Ela falou em voz bem alta. — Igual a coesão da superfície num copo de água. Estudamos isso em física.

Levei um segundo para ficar maravilhado com a aula de física que ensinava seus alunos a respeito de resistência à tensão do chão de um trailer quando alguém estava escapando de uma irmandade de canibais, e então parei na metade de um salto. Talvez ela tivesse razão, afinal, a Ransom Everglades era uma ótima escola, e eles provavelmente ensinavam coisas que jamais entrariam no programa de uma escola pública. Saí do armário e olhei para o que conseguira até ali. Não era muito. Havia um amassado bem visível, mas nada que desse muita esperança.

— Eles estarão de volta antes que você consiga escapar desse jeito. — Falou, e alguém que não fosse caridoso poderia dizer que ela estava exultante.

— Talvez. — Respondi, e meus olhos foram para o pedaço de madeira. Não falei “arrá!”, mas com certeza tive uma daqueles momentos que a lâmpada se acende sobre nossa cabeça. Peguei o pedaço de madeira e tirei o velho prego. Depois prendi a cabeça dele numa rachadura na ponta da estaca e depois coloquei a ponta no meio do amassado que eu já fizera. Depois, com um olhar cheio de significado para Samantha, bati no topo da estaca com o máximo de força que consegui.

Aquilo doeu. Conteí três farpas em minha mão.

— Rá! — Falou ela.

Já disseram que atrás de todo homem de sucesso existe uma mulher, e, por extensão, podemos dizer que por trás de cada Dexter fugitivo existe uma Samantha irritante, pois a alegria dela em me ver falhar me levou a novos patamares de inspiração. Tirei meu sapato, encaixei-o no topo da estaca e bati uma vez, experimentalmente. Doeu muito menos e eu tive certeza de que poderia bater forte o suficiente para fazer um buraco no chão do armário.

— Rá para você também. — Falei.

— Tanto faz. — Respondeu, e voltou ao lugar onde estava sentada, no meio do trailer.

Voltei ao trabalho batendo na sola de meu sapato com toda a força que tinha. Parei depois de alguns minutos e olhei. O amassado estava muito mais fundo e havia sinais de estresse nos cantos. A ponta do prego entrara no metal e, em mais alguns minutos, poderia fazer com que eu abrisse um buraco. Voltei ao trabalho com vontade. Depois de dois minutos o som das batidas pareceu mudar, e tirei a estaca e olhei.

Havia um pequeno buraco no metal com um tamanho suficiente para eu ver a luz do dia embaixo do trailer. Com um pouco mais de tempo e esforço eu tinha certeza de que poderia furar mais, aumentar o buraco e ir embora.

Enfiei a ponta da estaca de volta no buraco o máximo que pude e comecei a bater ainda mais forte. Consegui sentir que ela afundava mais e mais, e de repente eu bati, e a estaca afundou bastante. Parei de bater e comecei a mexer para frente e para trás com a madeira, esticando o metal e fazendo o buraco aumentar o máximo possível. Trabalhei e me preocupei e mexi com a estaca para frente e para trás e até mesmo calcei o sapato de volta e chutei também, e durante vinte minutos, o metal do trailer lutou contra mim, mas enfim eu tinha uma saída.

Fiz uma pausa por um momento para olhar para o buraco que eu fizera. Estava exausto, dolorido e encharcado de suor, mas a apenas um passo da liberdade.

— Estou indo embora. — Falei para Samantha. — Esta é sua última chance de partir.

— Tchauzinho. — Respondeu. — Faça uma boa viagem. — Aquilo me pareceu um pouco frio depois de tudo o que tínhamos passado juntos, mas provavelmente era o máximo que eu conseguiria dela.

— Está bem. — Falei. Então desci pelo armário e coloquei as pernas no buraco que fizera. Meus pés tocaram o chão e então eu desci o resto de meu corpo. Era bastante apertado e primeiro senti minha calça e depois a camisa prenderam nos cantos de metal e se rasgarem. Mantive os braços para cima, ao lado da cabeça e

continuei passando até que num dado momento eu estava fora, sentado na terra quente e molhada de Everglades. Pude sentir minha calça molhar, mas aquilo era maravilhoso, muito melhor que o chão do trailer.

Respirei fundo: estava livre. À minha volta estava a fundação de cimento do trailer suspensa a um metro e pouco do chão. Havia dois degraus de saída, um deles perto e do lado oposto à porta do trailer. Deitei no chão e rastejei até ele. E bem quando minha cabeça saiu para a luz do dia e comecei a pensar que iria escapar, uma mão enorme desceu e me pegou pelos cabelos.

— Você vai só até aqui, cuzão. — Rosnou uma voz, e me senti sendo levantado quase direto, apenas com uma pequena pausa para bater minha cabeça no trailer. Através das luzes brilhantes explodindo em minha cabeça que já doía antes eu pude ver meu velho amigo, o leão de chácara careca. Ele me jogou contra a lateral do trailer e, do mesmo jeito que da vez anterior, me prendeu passando seu antebraço por minha garganta.

Atrás dele pude ver que o trailer ficava numa clareira cercada pela exuberante vegetação de Everglades. Havia um canal de um lado e mosquitos zumbiam e pairavam sobre nós alegremente. Em algum lugar um pássaro cantou. E pela trilha perto do fim da clareira apareceu Kukarov, o gerente do clube noturno, seguido por dois outros homens com cara de mau, um deles carregando um balde térmico de comida e o outro uma bolsa de ferramentas de couro.

— Muito bem, porquinho. — Falou Kukarov, mostrando um sorriso verdadeiramente terrível. — Aonde pensa que está indo?

— Tenho consulta no dentista. — Falei. — E realmente não posso perder essa.

— Ah, pode sim. — Falou Kukarov, e o leão de chácara me deu um tapa forte. Juntando com a coleção de dores de cabeça que eu já tinha, aquilo doeu muito mais do que devia.

Quem me conhece bem pode dizer que Dexter nunca perde o controle, mas aquilo era demais. Levantei meu pé rápido e chutei o leão de chácara no saco com força suficiente para ele se soltar e se dobrar, e ele começou a fazer pequenos sons de ânsia de vômito. E

como aquilo foi tão fácil e recompensador, virei-me para Kukarov com as mãos levantadas em posição de luta.

Mas ele segurava uma pistola e a apontava diretamente para um ponto entre meus olhos. Era uma pistola bem grande e cara, uma Magnum 357, pelo menos parecia ser. O martelo estava puxado, e a única coisa mais sombria que o buraco no fim do cano era a expressão nos olhos dele.

— Vá em frente. — Falou. — Tente.

Era uma sugestão interessante, mas resolvi não aceitar e levantei as mãos para o alto. Ele me observou por um momento e então, dando alguns passos para trás sem tirar os olhos de mim, falou para os outros:

— Amarrem ele. Podem bater um pouco, mas não estraguem a carne. Podemos usar um porco macho.

Um deles me pegou e colocou meu braço para trás com força suficiente para machucar, e o outro começou a pegar fita adesiva de um rolo. Ele acabara de dar algumas voltas em meus punhos quando ouvi o som mais bonito de toda a minha vida, o guincho de um megafone seguido pela voz de Deborah saindo dele.

— Aqui é a polícia. — Falou. — Vocês estão cercados. Soltem as armas e deem com o rosto no chão.

Os dois ajudantes recuaram para longe de mim e olharam para Kukarov com a boca entreaberta. O leão de chácara ainda estava inclinado sobre os joelhos, vomitando. Kukarov rosou.

— Vou matar esse imbecil! — Gritou, e eu podia ver o dedo dele pressionar o gatilho quando levantou a pistola.

Um único tiro rasgou o ar, e a parte frontal da cabeça de Kukarov desapareceu.

Ele chicoteou para trás como se tivesse sido puxado por uma corda e caiu de uma vez no chão.

Os dois outros canibais deitaram rapidamente no chão e até mesmo o leão de chácara deitou enquanto eu via Deborah surgir da vegetação nos limites da clareira e correr em direção a mim, seguida por pelos menos uma dúzia de policiais, incluindo vários caras de armaduras e muito bem armados da SRT, um tipo de Swat, e do detetive Weems, o gigante de ébano da polícia tribal Miccosukee.

— Dexter. — Falou Deborah. Ela me pegou pelos braços e me olhou por um momento. — Dex. — Repetiu, e era gratificante ver um pouco de ansiedade em seu rosto. Ela deu tapinhas em meus braços e quase sorriu, o que era uma exposição muito rara para ela. Mas é claro que sendo Debs, ela tinha de estragar o momento imediatamente. — Onde está Samantha?

Olhei para minha irmã. Minha cabeça latejava, minhas calças estavam rasgadas, minha garganta e meu rosto estavam feridos do tratamento áspero do leão de chácara, estava envergonhado pelo que fizera recentemente, minhas mãos ainda estavam amarradas atrás de mim, e eu estava com sede. Eu fora espancado, sequestrado, drogado, espancado novamente e ameaçado com um revólver muito grande, tudo isso sem uma única queixa... Mas a Debs só conseguia pensar em Samantha, que foi bem alimentada e estava sentada lá dentro no conforto do ar condicionado... Sentada ali de bom grado, ansiosa até e reclamando de desconfortos mínimos enquanto eu tentara me esquivar de todas as pedras e flechas, e falhara, além de eu não poder deixar de mencionar o número de pernilongos que aumentava e que não podia matá-los com as mãos amarradas às costas.

Mas claro que Deborah era família, e eu também não tinha como usar as mãos, então estapeá-la estava fora de questão.

— Estou bem, mana. Obrigado por perguntar.

E como sempre aquele comentário foi desperdiçado com Deborah, que me pegou pelos braços e me sacudiu.

— Onde ela está? Cadê a Samantha?

Suspirei e desisti.

— No trailer. Ela está bem.

Deborah olhou para mim por um segundo e então rodopiou em torno do trailer em busca da porta. Weems a seguiu, e ouvi um barulho alto de algo arrebentando, e, ao que parecia, ele arrancara a porta das dobradiças. Um momento depois ele voltou segurando a porta pela maçaneta com sua mão gigante. Debs veio logo atrás dele com um braço em volta dos ombros de Samantha, levando-a para o carro e murmurando “Eu te achei, está tudo bem agora” para

uma Samantha bem puta da vida, que vinha se arrastando e dizendo “Me deixa em paz”.

Olhei em volta para a pequena clareira. Vários policiais com uniformes da SRT algemavam os homens de Kukarov, nenhum deles sendo gentil. As coisas estavam mesmo se acalmando, a não ser por uma nova e frenética explosão de atividade de uns nove milhões de pernilongos que tinham encontrado a minha cabeça desprotegida. Tentei afastá-los, mas era impossível, claro, com minhas mãos presas atrás das costas. Sacudi a cabeça para assustá-los, mas não funcionou, e ela doeu tanto que não valeu a pena tentar aquilo de novo nem se tivesse funcionado. Tentei sacudir os cotovelos para eles, o que também foi impossível, e acho que ouvi os pernilongos rindo de mim e lambendo seus ferrões enquanto chamavam todos os seus amigos para o banquete.

— Alguém pode soltar minhas mãos, por favor? — Falei.

Capítulo Trinta e Um



FINALMENTE CONSEGUI TIRAR A FITA ADESIVA DE MEUS PUNHOS. Afinal, estava cercado por policiais, e teria sido terrivelmente errado que homens da lei juramentados me mantivessem amarrado como se eu fosse um tipo de... Bom, sendo honesto, sou mesmo um tipo de, mas estava me esforçando muito para não ser mais. E, como eles não sabiam o que eu fora, fazia sentido que cedo ou tarde um deles ficasse com pena de mim e me soltasse. E um deles por fim fez isso: foi Weems, o gigante da polícia tribal. Ele veio e olhou para mim com um grande sorriso crescendo em seu rosto enorme e então sacudiu a cabeça.

— Por que está aí parado com as mãos presas com fita atrás das costas? Ninguém mais ama você?

— Imagino que eu seja uma prioridade bem secundária. — Falei.
— A não ser para os pernilongos.

Ele riu fazendo um som alto e excessivamente alegre que durou vários segundos, tempo demais em minha opinião ainda amarrada, e quando estava pensando em dizer algo mais afiado ele pegou um canivete enorme e o abriu.

— Vamos fazer com que possa estapear uns pernilongos de novo — falou, e fez um movimento com a lâmina para que eu me virasse.

Fiquei feliz em obedecer, e ele rapidamente passou a ponta da lâmina na fita e soltou meus punhos. Ao que parecia, aquela faca era muito afiada. Ele quase não fez pressão nenhuma, e a fita se partiu. Trouxe as mãos para frente e arranquei a fita adesiva. Também arranquei a maior parte dos pelos de meu braço, mas como meu primeiro tapa no pescoço matou pelo menos uns seis pernilongos, aquilo pareceu ser uma boa troca.

— Muitíssimo obrigado. — Falei.

— Não foi nada. — Falou, naquela voz forte e suave. — Ninguém deveria ficar amarrado desse jeito. — Disse, e riu novamente como se fosse algo engraçado, e pensei que o mínimo que poderia fazer era retornar o favor, então lancei um pequeno exemplo de meu melhor sorriso falso.

— Amarrado, essa foi boa. — Falei, e talvez tenha forçado um pouco a barra, mas estava mesmo agradecido, e em todo caso minha cabeça doía muito para que eu pudesse pensar em alguma resposta matadora.

E não teria importado, pois Weems não estava mais prestando atenção em mim. Ele ficara imóvel, levantara o nariz no ar e semicerrara o olhos como se ouvisse algo chamando seu nome à distância.

— O que foi? — Perguntei.

Ele não respondeu por um momento e então sacudiu a cabeça.

— Fumaça. — Falou. — Alguém fez um fogo ilegal por aqui. — Ele moveu a cabeça em direção ao coração de Everglades. — Não é nada bom nesta época do ano.

Não senti o cheiro de nada a não ser o aroma argiloso de Everglades, mas certamente não ia discutir com meu salvador. Além do que, seria discutir com suas costas, pois ele se virara e fora em

direção à borda da clareira. Fiquei olhando-o ir enquanto esfregava meus punhos e me vingava dos pernilongos.

Não havia muito mais o que ver em volta do trailer. Os policiais comuns levavam os canibais para a prisão e, por mim, que fosse uma prisão bem ruim. Os caras da SRT estavam em volta de um deles, provavelmente o que atirou e arrancou o rosto de Kukarov. A expressão dele era uma combinação de choque e de adrenalina desaparecendo, e seus companheiros atiradores o observavam com ar protetor.

Em geral, a excitação estava diminuindo, e era, sem dúvida, hora da Partida de Dexter. O único problema, claro, era que eu não tinha transporte, e depender da bondade de estranhos é sempre algo incerto. Depender da bondade da família normalmente é muito pior, óbvio, mas ainda parecia ser a melhor aposta, então fui procurar Deborah.

Minha irmã estava sentada no banco da frente de seu carro e tentando ser sensível, cuidadosa e dar apoio a Samantha Aldovar. Não eram coisas naturais a ela, e teria sido algo difícil mesmo que Samantha estivesse disposta àquele tipo de coisa. Mas ela não estava, e as duas se aproximavam rapidamente de um impasse emocional quando entrei e sentei no banco de trás.

— Não vai ficar tudo bem. — Dizia Samantha. — Por que você fica repetindo isso como se eu fosse uma retardada?

— Você passou por um trauma grande, Samantha. — Falou Debs, e, apesar do fato de ela ter tentado ser gentil, quase pude ouvir marcações nas palavras dela, como se estivesse lendo *O Manual de Resgate de Reféns*. — Mas agora acabou.

— Não quero que acabe, caramba. — Falou Samatha. Depois olhou para mim lá atrás quando fechei a porta do carro. — Seu idiota.

— Eu não fiz nada.

— Você os trouxe aqui. — Falou ela. — Foi tudo uma armação. Fiz que não com a cabeça.

— Não mesmo. Não tenho ideia de como nos encontraram.

— Aahh, tá bom. — Bufou.

— Juro. — Falei e me virei para Deborah. — Como nos encontrou?

Deborah deu de ombros.

— Chutsky veio esperar junto comigo. Quando a van de carpetes apareceu ele colocou um rastreador nela. — Aquilo fazia sentido. O namorado dela era um técnico semiaposentado de uma agência de inteligência, e com certeza teria um brinquedinho daqueles. — Então eles carregaram você para fora e foram embora. Ficamos para trás, mas os seguimos. Quando chegamos aqui no pântano eu chamei o pessoal da SRT. Gostaria muito de ter pegado o Bobby Acosta também, mas não podíamos esperar. — Ela olhou de volta para Samantha. — Salvar você era a nossa maior prioridade, Samantha.

— Mas que porra, eu não queria ser salva. — Falou ela. — Quando vai entender isso? — Deborah abriu a boca, mas Samantha continuou por cima dela. — E se disser que vai ficar tudo bem mais uma vez, juro por Deus que vou gritar.

Sendo honesto, teria sido um alívio se ela gritasse. Estava tão cansado das reclamações de Samantha que estava pronto para gritar também, e dava para ver que minha irmã não estava muito longe daquilo. Mas aparentemente Debs ainda alimentava a ilusão de que resgatara uma vítima inocente de uma experiência terrível, então, apesar de ver seus punhos ficarem brancos pelo esforço que fazia para não estrangular Samantha, Deborah se manteve calma.

— Samantha... — Falou Debs, de forma deliberada. — É perfeitamente normal você estar um pouco confusa agora a respeito do que está sentindo.

— Não estou nem um pouco confusa. Estou puta e não queria que tivessem me encontrado. Isso também é perfeitamente normal?

— É sim. — Respondeu Deborah, apesar de eu ver que uma pequena dúvida surgia em seu rosto. — Em situações com reféns, a vítima muitas vezes desenvolve certa ligação com seus captores.

— Você fala como se estivesse lendo isso. — Falou Samantha, e tive de admirar o comentário dela, apesar de seu tom de voz ainda me deixar no limite.

— Vou recomendar que seus pais consigam ajuda profissional para você...

— Ah, ótimo, um psiquiatra. É tudo o que preciso.

— Vai ajudar se puder falar com alguém sobre tudo o que aconteceu com você. — Falou Deborah.

— Claro, mal posso esperar para falar sobre *tudo* o que aconteceu comigo — Samantha falou e olhou diretamente para mim. — Quero falar sobre *tudo*, pois algumas coisas aconteceram tipo, totalmente contra minha vontade, e *todo mundo* realmente vai querer ouvir sobre isso.

Senti um choque afiado e bem indesejável, não muito pelo que ela disse, mas pelo fato de estar dizendo aquilo para mim. Não tinha como confundir o que ela queria dizer. Mas será que realmente contaria a todos sobre nosso pequeno interlúdio inspirado pelo ecstasy e diria que foi contra sua vontade? Não me ocorrera que ela pudesse fazer isso, afinal, era uma coisa meio privada, e também não foi por minha vontade. Não coloquei as drogas na água, e certamente não era algo de que eu me gabaria.

Mas um sentimento terrível de naufrágio começou a surgir no meu estômago quando a ameaça dela começou a ressoar. Se ela dissesse que foi contra sua vontade, tecnicamente falando, a palavra para aquilo era “estupro”, e embora seja algo bem fora de minha área de interesse normal, tinha certeza de que a lei faria uma cara feia para aquilo, quase tanto quanto para algumas outras coisas que eu fiz. Se essa palavra aparecesse eu sabia que nenhuma de minhas desculpas inteligentes e maravilhosas valeriam de nada. E não podia culpar ninguém por acreditar: homem mais velho prestes a morrer se engraçou com mulher jovem, ninguém jamais saberia... Era uma imagem autoexplicativa. Perfeitamente crível e totalmente imperdoável, mesmo que eu achasse que estava prestes a morrer. Nunca ouvira uma defesa de estupro baseada em circunstâncias atenuantes, e estava certo de que não iria funcionar.

E não importava o que eu dissesse, mesmo se a eloquência de Dexter superasse os limites dos discursos humanos e fizesse a estátua de mármore da justiça chorar, a melhor defesa seria a de que ela falou uma coisa, e ele outra, eu ainda seria o cara que se aproveitou de uma garota cativa e indefesa, e sabia muito bem o que todos pensariam de mim. Afinal, eu aplaudira cada vez que ouvi a respeito de homens mais velhos e casados que tinham perdido o

emprego e a família por terem feito sexo com mulheres mais novas, e aquilo era exatamente o que eu fizera. Mesmo que eu convencesse a todos de que as drogas tinham me induzido àquilo e que realmente não era minha culpa, também estaria acabado. Festinha sexual adolescente induzida por drogas parecia mais uma manchete de tabloide que uma explicação.

E nem mesmo o melhor advogado que já andou sobre a terra poderia me salvar de Rita. Ainda havia muita coisa que eu não entendia a respeito dos seres humanos, mas já vira muitas novelas para entender o que aconteceria. Rita poderia não acreditar que cometi estupro, mas aquilo não importaria. Ela não ligaria se eu estava com os pés e mãos amarrados, drogado e depois fora forçado a transar com uma arma apontada para a cabeça. Ela se divorciaria quando descobrisse e iria criar Lily Anne sem mim. Eu ficaria sozinho, no frio, e sem nenhum porco assado, sem Cody e Astor e sem Lily Anne para iluminar meus dias; Papai Dex Chutado de Casa.

Sem família, sem trabalho... Nada. Ela, provavelmente, assumiria até a custódia de minhas facas de filetar. Era terrível, horrível, impensável, tudo que me importava arrancado de mim, minha vida inteira jogada no lixo... E tudo por que fui drogado? Era algo muito além da injustiça. E um pouco daquilo deve ter aparecido em meu rosto, pois Samantha ficou olhando para mim e então começou a acenar com a cabeça.

— Isso mesmo. — Disse ela. — Pense bem nisso.

Olhei de volta para Samantha e não pensei naquilo. E me perguntei se só daquela vez eu poderia dispor de alguém por causa de algo que a pessoa não fez ainda; seria uma brincadeira proativa.

Mas para sorte de Samantha, antes que eu pudesse pegar a fita adesiva, Deborah decidiu impor-se de novo no papel de salvadora com compaixão.

— Muito bem. Tudo isso pode esperar. Vamos levar você para casa e para seus pais. — Falou, e pôs a mão no ombro de Samantha.

É claro que Samantha empurrou a mão dela como se fosse um inseto nojento.

— Ótimo, mal posso esperar por essa merda.

— Ponha o cinto de segurança. — Falou Deborah e, meio que como uma sobra de pensamento, virou-se para mim e disse: — Acho que você pode vir também.

Quase disse a ela *Não, não precisa se incomodar, ficarei aqui e alimentarei os pernilongos*, mas no último segundo me lembrei de que o histórico de Deborah com sarcasmo não era bom, então apenas concordei com a cabeça e coloquei o cinto.

Deborah chamou o controlador pelo rádio e disse:

— Estou com a garota Aldovar. Vou levá-la para casa.

E Samantha murmurou:

— Mas que grande merda.

Deborah só olhou para ela com um sorriso amarelo, mas provavelmente era para ser um sorriso tranquilizador que saiu errado, e então engatou a marcha, e tive uma meia hora sentado no banco de trás para imaginar minha vida se quebrando em mil pedaços. Era uma imagem terrivelmente deprimente, Dexter Sem Concessão, jogado no lixo, arrancado de sua fantasia construída com tanto cuidado e sem seus confortáveis acessórios, atirado nu e sem amor no mundo frio e solitário, e eu não conseguia ver nenhum jeito de evitar aquilo. Tive de ficar de joelhos e implorar para Samantha não fazer nada quando eu tentava escapar, e daquela vez ela ficara neutra. Agora que estava irritada comigo não havia nada que pudesse fazer para evitar que contasse, o que seria uma verdadeira vivisseção. Não podia nem devolvê-la para os canibais, pois com Kukarov morto e o resto do grupo ou preso ou fugindo, não sobrara ninguém para comê-la. O quadro era bem cinza e claro: o sonho de Samantha acabara, ela me culpava por isso e iria ter sua terrível vingança, e não havia nada que eu pudesse fazer.

Eu nunca tivera tido muito apetite para a ironia, mas não podia deixar de ver que tinha um pouco dela aqui: depois de tudo que fizera de bom grado e alegremente, eu iria afundar por causa de uma jovem mal-humorada e uma garrafa de água? Era tão sutilmente ridículo que apenas os franceses poderiam realmente apreciar aquilo.

Apenas para sublinhar minha situação e sua determinação, Samantha se virava para olhar para mim a cada poucos quilômetros

enquanto cruzávamos o longo e deprimente caminho para sua casa, passando pela Route 41, depois a LeJeune e chegando ao bairro da casa dos Aldovar. E apenas para lembrar-me de que até mesmo as piores piadas têm uma frase de efeito final, quando entramos na rua de Samantha e nos aproximamos da casa, Deborah falou “Merda”, e me inclinei para a frente para olhar pelo para-brisa e ver o que parecia ser um carnaval em frente à casa.

— Aquele maldito filho da puta. — Falou e bateu na direção com a palma da mão.

— Quem? — Perguntei e admito que estava ansioso para ver outra pessoa sendo culpada de algo.

— O capitão Matthews. Quando falei com a delegacia ele deve ter chamado toda a maldita imprensa aqui para poder abraçar Samantha e levantar a porra do queixo para as câmeras.

E obviamente, quando Deborah parou o carro em frente à casa dos Aldovar, o capitão Matthews apareceu na porta do passageiro como por mágica e ajudou a ainda taciturna Samantha a sair do carro enquanto flashes eram disparados e até mesmo a horda de repórteres selvagens murmurou “Aaaaahhhh”. O capitão colocou um braço protetor nos ombros da moça e sacudiu a mão, comandando a multidão a sair para o lado e deixá-los passar, um momento verdadeiramente incrível na história da ironia, pois Matthews convocara todos eles a estarem aqui, e agora fingia que queria que o deixassem a sós enquanto confortava Samantha. Admirei tanto aquele desempenho que durante um minuto inteiro eu só me preocupei com meu futuro duas ou três vezes.

Deborah não pareceu ficar tão impressionada quanto eu. Ela andou atrás dele com uma carranca amuada no rosto, empurrando qualquer repórter tolo o bastante para ficar em seu caminho, e agindo como se tivesse sido acusada de tortura. Segui o grupo feliz no meio da multidão até Matthews chegar à porta da frente, onde o senhor e a senhora Aldovar esperavam para sufocar sua filha rebelde com abraços, beijos e lágrimas. Foi uma cena extremamente tocante, e o capitão atuou perfeitamente, como se tivesse ensaiado aquilo durante meses. Ele ficou parado ao lado da família e sorria para eles enquanto os pais fungavam e Samantha fazia careta e

quando enfim sentiu que os repórteres estavam chegando ao limite de suas atenções, caminhou para a frente deles e levantou a mão.

Um minuto antes de falar, ele se inclinou para Deborah e disse:

— Não se preocupe Morgan. Não vou obrigar você a falar nada desta vez.

— Sim, senhor. — Respondeu ela entredentes.

— Tente apenas parecer orgulhosa e humilde. — Disselhe, depois bateu-lhe no ombro e sorriu para ela enquanto as câmeras filmavam. Deborah mostrou os dentes, e ele se virou para a multidão.

— Eu disse que nós a encontraríamos — falou Matthews para a multidão num quase grito —, e nós a encontramos! — Ele se virou e olhou para o trio Aldovar para que os repórteres pudessem gravar a imagem dele olhando de forma protetora para eles. Depois virou-se para a frente e fez um discurso curto elogiando a si mesmo. É claro que não falou nenhuma palavra sobre o terrível sacrifício de Dexter e nem do resgate de Deborah, mas talvez fosse demais esperar isso dele. A coisa continuou bem previsível por mais um tempo e os Aldovar finalmente entraram, os repórteres ficaram enjoados do queixo do capitão, e Deborah me pegou pelo braço, me puxou através da multidão até o carro e me levou para casa.

Capítulo Trinta e Dois



DEBORAH DIRIGIU ATÉ A AVENIDA DIXIE E VIROU PARA O SUL em direção a minha casa sem falar nada, mas depois de alguns minutos a raiva sumiu de seu rosto e suas mãos no volante perderam aquele branco de quem está apertando demais algo.

— Enfim — falou —, o importante é que recuperamos a Samantha.

Admirei a habilidade de minha irmã em identificar o que era “importante”, mas senti que precisava mesmo contar que não era o certo, pois aquilo não me incluía.

— Samantha não queria ser recuperada. Ela quer ser comida.

Deborah sacudiu a cabeça.

— Ninguém quer isso. — Falou. — Ela disse isso porque talvez esteja com a cabeça meio ferrada e começou a se identificar com os cuzões que a pegaram. Mas querer aquilo? Quer dizer, ser *comida*?

— Ela fez uma cara de limão azedo novamente e sacudiu a cabeça.

— Qual é, Dex.

Poderia ter dito a ela que tinha certeza e que ela também teria se conversasse com Samantha por cinco minutos. Mas quando Deborah decide algo é preciso uma ordem escrita do comissário de polícia para ela mudar de ideia, e eu não achava que havia um trabalhando agora.

— Além disso, ela está de volta a sua família, e eles podem levá-la a um psicólogo ou algo assim. O mais importante para nós é terminar o serviço e prender Bobby Acosta e o resto do grupo.

— A Irmandade. — Falei, e talvez soado meio pedante. — Samantha diz que eles se chamam de Irmandade.

Deborah fez uma careta.

— Achei que esse nome servisse apenas para bruxas.

— Ao que parece serve para canibais também.

— Não acho que se possa chamar um grupo de homens de Irmandade. — Disse ela, teimosamente. — Acho que é o nome dado

a um grupo de bruxas. Mulheres, sabe?

Parecia uma discussão sem nenhuma importância, especialmente depois de tudo pelo que eu havia passado, e eu estava muito cansado para discutir. Felizmente para mim, o tempo que passara com Samantha me preparara para dar a resposta perfeita.

— Tanto faz. — Falei, e Deborah pareceu satisfeita com aquilo. E depois de mais alguns comentários vazios chegamos à minha rua. Deborah me deixou em frente de casa e foi embora e nem pensei em mais nada além do prazer de estar em casa.

Meu lar me esperava e por alguma razão achei aquilo surpreendente e tocante. Deborah ligou para Rita e disse que eu chegaria tarde, para ela não se preocupar que tudo estava bem, o que me pareceu um excesso de confiança insensível da parte dela. Mas Rita tinha visto as notícias que tinham levado aquela captura aos telejornais das seis como história principal... E, é claro, como eles poderiam resistir? Canibais, adolescente desaparecida, tiroteio em Everglades... Era a história perfeita. Já tinha até um telefonema de uma rede de TV a cabo tentando conseguir os direitos da história.

E apesar de Deborah assegurar o contrário, Rita sabia que de algum jeito eu estava bem no meio das coisas e em grande perigo, e ela respondeu àquilo como uma verdadeira campeã. Ela esperava por mim na porta num estado de estremecimento que eu jamais vira.

— Ah, Dexter! — Ela fungou e quase me afogou em abraços e beijos. — Estávamos tão... Passou nos noticiários, e eu vi você lá, mas mesmo depois da Deborah ligar... — Falou e me beijou de novo. — As crianças estavam vendo TV, e o Cody disse “É o Dexter”, eu olhei, e era um boletim especial. — Contou Rita, acho que para assegurar-me de que não aparecera como convidado surpresa do *Bob Esponja*.

— Ah, meu Deus! — Continuou ela, parando para tremer e abraçar-me, enterrando a cabeça contra meu ombro e pescoço. — Você não devia ter de fazer essas coisas. — Falou, com muita justiça. — Você devia fazer só a parte de técnico forense e... Você nem tem uma arma, e não é... Como eles podem... Mas sua irmã

disse, e a TV também que eram canibais e tinham capturado você, mas pelo menos você achou a garota, que sei que era muito importante, mas Ah, meu Deus, canibais, nem consigo pensar em como... E estavam com você, eles poderiam... — E ela finalmente parou, provavelmente por privação de oxigênio, concentrando-se apenas em fungar em minha camisa por um minuto.

Aproveitei a pausa para olhar ao redor, satisfeito com meu modesto reino. Cody e Astor estavam sentados no sofá com expressões iguais de nojo por aquela exibição de emoções, e bem ao lado deles estava meu irmão, Brian, irradiando um sorriso enorme e terrível em todos. Lily Anne estava em seu cesto ao lado do sofá e acenou com os dedos para mim numa ardente e cordial saudação. Era um retrato de família perfeito, apropriado para um porta-retratos; O Herói Retorna ao Lar. E embora eu não estivesse completamente satisfeito ao ver Brian ali, também não conseguia pensar em nenhum motivo para que ele não estivesse. Além disso, toda a boa vontade era contagiante, até mesmo a artificial vinda de meu irmão, e no ar havia um aroma indutor de salivação que eu reconhecia como um dos grandes milagres do mundo moderno: o porco assado de Rita.

Dorothy estava certa. Não há lugar como o nosso lar.

Teria sido terrivelmente rude dizer a Rita eu ela já fungara tempo suficiente, mas eu passara por um monte de coisas, inclusive fome, e o cheiro que enchia a casa estava desencadeando um frenesi em minhas entranhas que fez a overdose de ecstasy parecer algo calmo. O porco assado de Rita era uma grande obra de arte que poderia ter feito uma estátua sair de seu pedestal e gritar: "Delícia!" Então, depois de conseguir desvencilhar-me e secar meu ombro, agradecei-lhe profundamente e fui direto para a mesa, com apenas uma breve pausa para ver Lily Anne e contar seus dedos das mãos e pés, apenas para certificar-me de que todos ainda estavam lá.

E então nos sentamos à mesa parecendo a foto da família perfeita, e me ocorreu que as fotos podem ser muito enganadoras. Na cabeceira da mesa, é claro, estava o Papai Dex, um verdadeiro monstro tentando ser um pouco mais humano. À esquerda dele estava o Irmão Brian, um monstro muito pior e ainda

completamente não arrependido. Em frente a ele estavam duas caras novas de crianças que pareciam inocentes, que não queriam mais nada a não ser serem iguais ao tio mau delas. Todos eles usando expressões totalmente falsas de humanidade profunda e o mais mundana possível. Aquilo seria um assunto maravilhoso para Norman Rockwell,***** ainda mais se ele estivesse se sentindo particularmente mordaz.

O jantar caminhou delicioso, com seu silêncio sendo interrompido apenas por pessoas lambendo os lábios, ruídos de prazer e Lily Anne exigindo ser alimentada, provavelmente tendo sido dominada pelo aroma e os sons do porco assado. Rita às vezes quebrava o silêncio com pequenos comentários de preocupação, continuando até alguém levantar o prato e pedir mais... O que todos fizemos várias vezes, menos Lily Anne, e enquanto a refeição se encaminhava para o fim e provamos mais uma vez que "sobras do porco assado" era um oximoro em nossa casa, fiquei muito feliz em ter retornado inteiro para meu pequeno ninho.

A sensação de satisfação estufada continuou, mesmo depois do jantar, quando Cody e Astor correram para o Wii e para um jogo envolvendo matar monstros muito feios, e me sentei no sofá fazendo Lily Anne arrotar enquanto Rita limpava tudo. Brian se sentou a meu lado, e ficamos assistindo aos meninos jogarem meio distraídos por um tempo, até que ele finalmente falou:

— Bom, então você sobreviveu ao encontro com a irmandade.

— É o que parece. — Falei.

Ele concordou com a cabeça enquanto Cody obliterava uma criatura horrorosa, e Brian disse "Muito bom, Cody!". Depois de um momento ele se virou novamente para mim.

— E eles conseguiram pegar a bruxa chefe?

— Era o George Kukarov. Ele levou um tiro e morreu no local.

— O homem que era o gerente do Canino? — Perguntou, com uma surpresa em sua voz.

— Esse mesmo. E devo dizer que foi um tiro muito bom, e bem na hora.

Brian ficou em silêncio por um minuto e então falou:

— Sempre pensei que a pessoa que manda numa irmandade tem de ser uma mulher.

Aquela era a segunda vez na noite que alguém discutia aquilo comigo, e comecei a ficar meio cansado de ouvir falar disso.

— Não é problema meu. Deborah e a força tarefa vão atrás do resto deles.

— Não se ela achar que o Kukarov era o líder. — Falou.

Lily Anne teve uma pequena e explosiva eructação e senti o molhado passar pela toalha e chegar a minha camisa enquanto ela deitava a cabeça e sacudia um pouco até dormir.

— Brian, passei um dia muito ruim com essas pessoas e para mim chega. Não ligo se o líder verdadeiro da irmandade é um homem, uma mulher ou um lagarto de duas cabeças do planeta Nardone. Isso é problema da Deborah, e já chega para mim... E por que você se importa com isso?

— Ah, eu não me importo. — Falou. — Mas você é meu irmãozinho. Me interessa naturalmente por isso.

Eu poderia ter respondido alguma coisa, algo realmente afiado, mas Astor impediu qualquer tipo de resposta com um angustiado grito de “Nããããoooo!”, e nós dois nos viramos para a TV bem a tempo de ver a pequena figura de cabelos loiros que a representava na tela ser comida por um monstro. Cody falou “Rá” baixinho, mas triunfante, e levantou seu controle. O jogo continuou e não pensei mais em bruxas, irmandades e no interesse de meu irmão por isso.

A noite se encaminhava para sua conclusão. Peguei-me bocejando grandemente e ruidosamente e, apesar de ficar meio envergonhado, não conseguia evitar. É claro que a terrível provação que eu passara estava cobrando seu preço de meu pobre e detonado corpo, e tenho certeza de que o porco assado estava cheio de triptofano ou algo assim. Talvez fosse a combinação das coisas, mas qualquer que fosse o caso, logo ficou claro para todos que o Papai Dex estava nas cordas e prestes a se juntar a Lily Anne na terra dos sonhos.

E bem quando eu estava prestes a pedir licença para ausentar-me das ótimas companhias, algumas das quais nem teriam notado, a julgar pela concentração delas no vídeo game, as notas crescentes da Cavalgada das Valquírias começaram a tocar no celular de Brian.

Ele o pegou, olhou para a tela e franziu a testa, levantando-se quase imediatamente e dizendo:

— Ah, droga. Infelizmente tenho de partir, por mais agradável que seja a companhia.

— Por mais agradável que seja — falou Astor, ainda olhando Cody marcar pontos —, mas que não é tão agradável assim.

Brian abriu um de seus enormes sorrisos falsos.

— Para mim é, Astor. É a família. Mas... — Falou e aumentou ainda mais o sorriso — ... O dever me chama e tenho de ir trabalhar.

— É noite. — Falou Cody, sem desviar o olhar.

— Sim, é mesmo. Mas às vezes preciso trabalhar a noite. — Ele falou e olhou feliz para mim, quase como se fosse piscar, e minha curiosidade superou meu sono.

— Que tipo de trabalho está fazendo atualmente? — Perguntei.

— Indústria de serviços. E realmente preciso ir. — Ele me deu um tapinha no ombro, o que Lily Anne não estava usando, e disse: — E tenho certeza de que precisa dormir depois de tudo o que passou.

Bocejei de novo, o que tornou inútil dizer que eu não precisava dormir.

— Acho que tem razão. — Falei, e me levantei. — Eu abro para você.

— Não precisa. — Respondeu e foi até a cozinha. — Rita? Agradeço mais uma vez por um maravilhoso jantar e uma noite muito agradável.

— Ah! — Falou Rita, e saiu da cozinha limpando as mãos em um pano de prato. — Mas ainda é cedo e... Não quer um café? Ou talvez...

— Ai de mim! — Falou Brian. — Preciso ir embora voando.

— O que isso quer dizer? — Perguntou Astor.

Brian piscou para ela.

— Quer dizer que já estou atrasado e tenho de correr. — Falou ele, e então se virou para Rita e a abraçou desajeitadamente. — Muito obrigado, cara senhora, e boa noite.

— Sinto muito que... Quer dizer, está um pouco tarde para trabalhar e você... É um emprego novo? Pois isso não é mesmo hora de...

— Eu sei. — Disse Brian. — Mas este trabalho é perfeito para minhas habilidades. — Ele olhou para mim, e senti uma náusea fria borbulhar em meu estômago. Pelo que eu sabia ele tinha apenas uma habilidade, e imaginei que ninguém pagaria por ela. — E também tem suas compensações, e nesse momento preciso mesmo ir trabalhar. Então, um adeus cheio de carinho a vocês todos. — Falou, ergueu a mão, provavelmente dando um adeus carinhoso, e foi em direção à porta.

— Brian. — Falei para as costas dele e tive de parar por causa de outro bocejo enorme e quebrador de mandíbula que tomou conta de meu corpo todo.

Brian se virou e levantou uma sobrancelha.

— Dexter?

Tentei lembrar o que ia dizer, mas outro bocejo catapultou o assunto para fora de minha cabeça.

— Nada. Boa noite.

Mais uma vez, o sorriso terrivelmente falso surgiu em seu rosto.

— Boa noite, irmão. Tente dormir um pouco. — Falou, depois abriu a porta e sumiu na noite.

— Bom... — Falou Rita. — O Brian está se tornando mesmo um membro desta família.

Concordei com a cabeça e podia sentir que eu balançava um pouco, como se sacudir a cabeça fosse estragar meu equilíbrio e me fizesse cair de cara no chão.

— Está mesmo. — Falei, e claro que pontuei a frase com um bocejo.

— Ah, Dexter, pobrezinho... Você precisa ir já para a cama. Você deve estar... Pronto, me dê o bebê — falou Rita. Ela jogou o pano de prato na cozinha e correu para pegar Lily Anne. Em meu estado de esgotamento, pareceu-me incrível ela conseguir mover-se tão rápido. E depressa ela colocara Lily Anne em seu cesto e me levava pelo corredor até o quarto.

— Agora você vai tomar um bom banho quente e depois vai para a cama, e acho que deveria dormir até mais tarde amanhã. Eles não esperam mesmo que... Quer dizer, depois de tudo que passou?

Estava cansado demais para responder. Consegui arrastar-me até o chuveiro antes de cair na cama, mas mesmo sentindo toda a lama e a sujeira do dia terrível que tinham se acumulado sobre mim, foi um trabalho duro ficar acordado embaixo da água quente por tempo suficiente para ficar limpo, e foi com uma sensação de felicidade quase sobrenatural que eu finalmente desabei no travesseiro, fechei os olhos e puxei o lençol até o queixo...

E é claro que agora que estava na cama não conseguia dormir. Fiquei lá deitado, com os olhos fechados, e podia sentir um sono profundo jorrando do outro lado do travesseiro, mas ele não chegava até mim. Ouvia Cody e Astor ainda jogando Wii com um pouco menos de barulho graças a Rita, que disse a eles que eu estava tentando dormir, e eu estava tentando, de verdade, mas não estava tendo sucesso.

Pensamentos passavam por meu cérebro como um desfile em câmera lenta. Pensei nos quatro do outro lado do corredor: minha pequena família. Aquilo ainda parecia um pouco bizarro. O Papai Dexter, protetor e provedor, um homem de família. E mais bizarro ainda era eu gostar daquilo.

Pensei em meu irmão. Ainda não sabia o que estava aprontando e por que continuava aparecendo por lá. Será que era mesmo possível que ele só queria ter uma conexão com a família? Era bem difícil de acreditar, mas por outro lado, também era bem difícil acreditar em mim antes de Lily Anne, e aqui estava eu, renegando todos os Prazeres Sombrios e mergulhando no seio de uma família de verdade. Talvez Brian quisesse a mesma conexão humana simples. Talvez também quisesse mudar.

E talvez eu pudesse bater palmas três vezes e trazer a Sininho de volta a vida também. Era tão possível quanto. Brian passara a vida toda no Caminho Sombrio e não podia mudar, não tanto pelo menos. Ele devia ter alguma outra razão para pisar em meu ninho, e cedo ou tarde ela apareceria. Não achava que ele machucaria minha família, mas iria vigiá-lo de perto até saber com certeza o que estava planejando.

E, claro, pensei em Samantha e sua ameaça de contar tudo. Foi apenas uma ameaça ou um ato por causa de sua grande frustração

por estar viva, bem e não ter sido comida? Ou será que ela realmente falaria, contaria a todos uma versão vingativa do que acontecera? No momento em que a terrível palavra “estupro” aparecesse, tudo mudaria para sempre, e não para melhor. Seria Dexter em Pauta, reduzido a pó sob as rodas do sistema de injustiça. Era horrível além da conta e completamente injusto. Ninguém que me conhecia poderia pensar em mim como um ogro malicioso e louco por sexo. Sempre fui um tipo muito diferente de ogro. Mas as pessoas acreditam em clichês, mesmo quando eles são falsos, e o homem mais velho com a menina adolescente é um desses clichês. E realmente não foi minha culpa, mas quem ouviria aquilo sem uma piscadela e um sorriso? Eu não tomara a droga por vontade própria... Será que ela realmente me puniria por uma situação em que eu fora a verdadeira vítima? Era difícil dizer com certeza, mas pensei que ela poderia. E aquilo destruiria cada parte de minha vida construída com tanto cuidado.

Mas o que eu podia fazer? Não pude evitar a ideia de que matá-la resolveria tudo, e poderia até fazê-la cooperar com a promessa de morder alguns pedaços pequenos antes de terminar o serviço. Eu não iria fazer aquilo, é claro, eca, mas se uma pequena mentira faz alguém feliz, onde está o mal nisso?

Eu nunca faria aquilo. Parecia outra grande ironia, mas eu não podia matar Samantha, por mais que nós dois quiséssemos isso. Não que eu já tivesse desenvolvido uma consciência, apenas isso seria totalmente contrário ao Código de Harry, além de muito perigoso também, pois ela estava muito em evidência agora, acompanhada muito de perto para que eu me aproximasse. Não, era muito arriscado. Teria de pensar em alguma outra maneira de salvar minha vida.

Mas o quê? A solução não apareceria, e eu não iria dormir, e os pensamentos se mantiveram inertes e caindo sobre o chão encharcado de meu cérebro faminto de sono. Irmandade, quem ligava se era liderado por um homem ou uma mulher? Kukarov estava morto, e a irmandade acabara.

A não ser por Bobby Acosta. Talvez eu pudesse encontrá-lo e alimentá-lo com Samantha. E, em seguida, dar ele para Deborah.

Isso animaria a todos.

Debs estava precisando muito ser animada: ela estava agindo de forma muito estranha ultimamente. Será que isso significava alguma coisa? Ou era apenas a ressaca emocional de seu ferimento por faca?

Facas, será que eu poderia realmente desistir de meus prazeres sombrios? Por Lily Anne?

Lily Anne: pensei nela pelo que pareceu ser um longo tempo, e de repente era de manhã.

***** Norman Rockwell foi um pintor de retratos e ilustrador muito famoso nos Estados Unidos por fazer muitas capas de revistas.

Capítulo Trinta e Três



SEGUI O CONSELHO DE RITA E DORMI ATÉ MAIS TARDE. ACORDEI com os sons de uma casa vazia. O gotejar do chuveiro ao longe, o ar-condicionado e a batida da lava-louças se intensificando lá na cozinha. Fiquei deitado, aproveitando o relativo silêncio e sentindo aquela fadiga entorpecida que corria por mim desde os dedos até a língua. A véspera fora um dia e tanto, no geral, e pensei que era ótimo eu ter sobrevivido. Meu pescoço ainda estava meio duro, mas a dor de cabeça passara, e eu me sentia muito melhor do que deveria, até que me lembrei de Samantha.

Então fiquei ali por mais algum tempo me perguntando se não havia nada que pudesse fazer para convencê-la a não falar. Havia uma chance muito pequena de poder argumentar com ela, imagino. Eu conseguira uma vez, no Freezer Canino, e alcançara as alturas da retórica emotiva que nunca tocara antes. Poderia fazer isso de novo? E será que funcionaria uma segunda vez? Não tinha certeza e, enquanto repassava minhas chances, aquela frase antiga “as línguas dos homens e dos anjos” surgiu em minha cabeça. Não conseguia me lembrar como terminava, mas eu não achava que era um final feliz. E desejei nunca ter lido Shakespeare.

Ouvi a porta da frente se abrir e Rita voltar de levar as crianças na escola. Ela passou pela sala e foi para a cozinha fazendo todos os barulhos de quem tenta não fazer barulho. Ouvei-a falar baixinho com Lily Anne enquanto trocava a fralda e depois voltar para a cozinha, e um momento depois ouvi a máquina de café limpar sua garganta e começar a moer o café. Logo o cheiro de café fresco chegou ao quarto e comecei a se sentir um pouco melhor. Estava em casa, com Lily Anne, e tudo ia bem, pelo menos por enquanto. Não era um sentimento racional, mas eu estava aprendendo que os sentimentos nunca são, e é bom você aproveitar os bons enquanto pode. Não há muitos deles e não duram muito.

Finalmente me sentei no lado da cama e girei meu pescoço devagar para alongar e fazer com que não ficasse mais duro. Não funcionou, mas não foi tão ruim assim. Levantei-me, e foi um pouco mais difícil do que deveria. Minhas pernas estavam duras e um pouco doloridas, então me arrastei para o chuveiro e deixei a água quente cair sobre mim por dez longos e luxuriosos minutos, e foi um Dexter renovado e quase normal que finalmente se vestiu e foi até a cozinha, onde uma mistura de aromas celestiais e sons me disseram que Rita estava trabalhando duro.

— Ah, Dexter. — Disse ela, baixando a espátula e me dando um beijo na bochecha. — Ouvi você no chuveiro e então pensei... Gostaria de panquecas de mirtilo? Tive de usar os frutos congelados, que não são realmente tão... Mas como está se sentindo? Porque não é... Eu poderia fazer ovos e congelar as panquecas para... Ah, querido, sente-se, você parece exausto.

E fiz isso numa cadeira com a ajuda de Rita, e disse:

— Panquecas seria maravilhoso. — Já que elas eram mesmo maravilhosas. Comi muitas delas, demais até, dizendo a mim mesmo que merecia e tentando não ouvir o sussurro mau em meu ouvido dizendo que, afinal de contas, esta pode ser a última vez, a menos que eu fizesse algo definitivo sobre Samantha.

Depois do café da manhã fiquei sentado na cadeira tomando várias xícaras de café, na vã esperança de que a propaganda fosse verdadeira, e ele me enchesse de energia. Era um café muito bom, mas não fez a fadiga desaparecer, então fiquei em casa mais um pouco. Sentei-me de novo e peguei Lily Anne. Ela vomitou em mim e pensei em como era estranho que aquilo não a incomodasse. E então ela dormiu em meus braços, e fiquei mais um tempo sentado aproveitando aquilo também.

Mas finalmente a vozinha do dever começou a amolar, então coloquei Lily Anne em seu berço, dei um beijo em Rita e saí pela porta.

O trânsito estava leve, e deixei minha mente vagar um pouco enquanto ia até a avenida Dixie, mas quando embiquei na Palmetto Expressway comecei a ter uma sensação muito desconfortável de que as coisas não eram o que deveriam ser e coloquei o poderoso

cérebro de Dexter novamente online procurando o que estava errado. Foi uma pesquisa muito rápida, não por causa do poder de minha lógica, mas por causa do poder do olfato, que estava vindo de trás de mim, em algum lugar no banco de trás de meu carro. Era um cheiro horrível, um cheiro de coisa velha e inominável se decompondo e fermentando e crescendo e ficando mais e mais morto, e eu não conseguia saber o que era, exceto que era horrível e estava piorando.

Não conseguia ver nada no banco de trás enquanto dirigia, mesmo quando virei o espelho para baixo, e, enquanto dirigia em direção norte para trabalhar, eu fiquei pensando naquilo, até que um ônibus escolar vagando pela estrada trouxe minha atenção de volta para a direção. Mesmo com o trânsito leve não se pode deixar os pensamentos voarem e não prestar atenção à condução, não em Miami, por isso abri a janela e me concentrei em chegar vivo ao trabalho.

E quando entrei no estacionamento do trabalho e diminui para entrar em minha vaga, o cheiro subiu de novo e eu pensei naquilo. A última vez que dirigira meu carro fora logo antes da confusão toda com Samantha, que começou no Canino, e antes disso...

Chapin.

Eu levava o carro a meu encontro com Victor Chapin, e levava as sobras em sacos de lixo quando terminei, será que era possível que um pequeno pedaço tinha caído e ainda estava lá, apodrecendo lentamente no calor de um carro fechado o dia todo e agora criando aquele cheiro horrível? Impensável, sempre fui muito cuidadoso, mas o que mais poderia ser? O odor estava muito além do terrível, e agora parecia piorar, com o cheiro se espalhando mais e me causando pânico. Pisei no freio e me virei para olhar e...

Um saco de lixo. De algum modo, eu deixara um escapar... Mas isso era impossível, eu nunca poderia ser tão estúpido, tão descuidado...

Só que eu me apressei naquela noite, corri com a coisa toda para terminar e voltar para a cama. A preguiça... Estúpida, egoísta, e agora eu estava aqui na delegacia com um saco de partes do corpo em meu carro. Puxei o freio e saí com o suor de pânico já

ensopando minhas costas e rolando pelo meu rosto quando abri a porta de trás e me ajoelhei para olhar.

Sim, um saco de lixo. Mas como? Como chegou até aqui, no chão, no banco de trás, quando todos os outros tinham ido cuidadosamente para o porta-malas e depois...

E depois um carro parou na vaga ao lado do meu e depois de um golpe de pânico total, respirei fundo para me acalmar. Isso não era um problema, não para mim. Quem quer que fosse, eu iria simplesmente dar um alegre olá e eles entrariam no prédio, e eu levaria aquele saco de Chapin para longe. Não era um grande problema, eu era o bom e velho Dexter, o cara dos borrifos de sangue, e não havia ninguém em toda a força que tivesse alguma razão para pensar o contrário.

Ninguém, a não ser o cara que saiu do carro e olhou para mim. Ou para ser preciso os dois terços de homem. Suas mãos e um pé não existiam, tinham sido cortados juntamente com sua língua e ele carregava um pequeno notebook que o ajudava a falar. E enquanto eu me esforçava para respirar, ele o abriu e, sem tirar os olhos de mim, apertou vários botões para formar uma sentença eletrônica.

— O-que-tem-no-saco? — Perguntou o sargento Doakes através de seu computador.

— Saco? — Perguntei e admito que não estava em meu melhor momento.

Doakes ficou me olhando e não sei se pelo fato de odiar-me e suspeitar de quem eu era de verdade ou se por eu estar parecendo culpado ajoelhado ali e mexendo num saco com sobras. Qualquer que fosse o caso, vi o brilho de algo horrível passar em seus olhos e antes que eu pudesse fazer algo exceto ficar boquiaberto, Doakes foi em frente, esticou sua garra metálica para baixo e arrancou o saco de meu carro.

Enquanto eu olhava com horror e uma sensação crescente de minha própria mortalidade, ele colocou a caixa de voz artificial no teto do carro e abriu o saco, esticando a mão para dentro com um mostrar de dentes triunfante para mim... E tirando de lá um fralda podre, horrível e nojenta.

Enquanto eu via a expressão de Doakes mudar completamente de vitória para nojo total, lembrei-me. Quando eu saía para minha sessão improvisada com Chapin, Rita confiou o saco de fraldas sujas a mim. E, na pressa, eu deixei para depois. E então todo o problema da morte de Deke, meu sequestro e o terrível episódio com Samantha tinham feito que minha mente se esquecesse do pequeno e pouco importante saco de fraldas. Mas, com a memória voltando, senti certa felicidade voltando com ela, fazendo que fosse ainda mais gostoso pensar que Lily Anne, a maravilhosa criança mágica, a rainha das fraldas, o paradigma do cocô, minha doce Lily Anne, me salvara com suas fraldas sujas. E, melhor ainda, ela humilhara Doakes ao mesmo tempo.

A vida era boa. A paternidade era uma incrível aventura mais uma vez.

Levantei e encarei Doakes com uma bela saudação.

— Sei que isso é tóxico. — Falei. — E provavelmente quebra vários decretos municipais também. — Estiquei a mão para o saco. — Mas eu imploro, sargento, não me prenda. Prometo descartá-la no local certo.

Doakes desviou o olhar da fralda para mim e me olhou com uma expressão de nojo e ódio tão fortes que por um momento aquilo foi mais poderoso que o saco aberto. Então ele disse com cuidado:

— Nguggermukker. — E abriu a garra que segurava o saco, que caiu no chão, e, um minuto depois, a fralda que ele segurava na outra garra caiu também.

— Nguggermukker. — Falei. — É holandês?

Mas Doakes apenas pegou sua caixa de voz prateada de cima do carro, virou de costas para mim e para as fraldas sujas e saiu mancando pelo estacionamento com seus pés artificiais.

Senti um enorme alívio enquanto o via ir embora e, quando desapareceu no fim do estacionamento, eu respirei fundo e relaxei, o que foi um grande erro, considerando o que estava ao lado dos meus pés. Tossindo um pouco e piscando para afastar as lágrimas, eu me abaixei e empurrei a fralda de volta para o saco, fechei-o e carreguei para a lixeira.

Era uma e meia da tarde quando finalmente cheguei a minha mesa. Mexi em alguns relatórios, fiz um teste de rotina no espectrômetro e sofri com uma xícara muito ruim de café, enquanto os ponteiros do relógio andavam até quatro e meia. E bem quando achei que havia passado tranquilo pelo meu primeiro dia depois de voltar do cativeiro, Deborah entrou com uma expressão horrível no rosto. Não conseguia ler o que era, mas sabia que algo dera muito errado, e parecia ser algo que a afetava pessoalmente. E por conhecer Deborah minha vida toda e saber como sua mente funcionava, imaginei que aquilo significava problemas para o Dexter.

— Boa tarde! — Falei alegremente na esperança de que se fosse alegre o suficiente o problema desapareceria, fosse o que fosse. Mas não desapareceu, claro.

— Samantha Aldovar. — Falou, olhando diretamente para mim, e toda a minha ansiedade da noite anterior voltou, e eu sabia que Samantha havia falado e Deborah estava lá para me prender. Minha irritação com a garota subiu muitos degraus. Ela não podia ter esperado um tempo decente para que eu pudesse pensar num tipo de desculpa mais hermética? Era como se sua língua fosse uma mola e tivesse de explodir em atividade furiosa no momento em que ela respirou livre pela primeira vez. Ela provavelmente estava falando de mim antes que a porta da frente de sua casa tivesse sido fechada, e agora estava tudo acabado para mim. Estava terminado, liquidado, completamente ferrado. Fui imediatamente preenchido pela apreensão, alarme e amargura. O que acontecera com a boa e velha discrição?

Enfim, estava acabado, e não havia nada mais para Dexter além de dançar conforme a música e pagar o preço. Então respirei fundo, encarei aquilo de frente e disse:

— Não foi culpa minha. — E comecei a juntar meu juízo ensopado para o Primeiro Ato da Defesa de Dexter.

Mas Deborah piscou, e uma careta de dúvida começou a formar-se em seu rosto desolado.

— Que porra quer dizer com não é sua culpa? Quem disse alguma coisa sobre... Como poderia ser sua culpa?

E mais uma vez tive a sensação de que todas as outras pessoas trabalhavam com um roteiro ensaiado várias vezes e sempre me pediam para improvisar.

— Só quis dizer que... Esquece. — Falei, torcendo por uma pista acerca do que deveria dizer em seguida.

— Jesus! — Falou ela. — Por que tudo tem de ser sobre você?

Imagino que pudesse ter dito, *Porque de algum jeito eu sempre estou no meio das coisas, em geral sem querer, e normalmente porque você me empurrou para elas*, mas a cabeça fria prevaleceu, e eu disse:

— Me desculpe. Qual o problema, Debs?

Ela me olhou por mais um momento e depois sacudiu a cabeça e se largou na cadeira.

— Samantha Aldovar. Ela sumiu de novo.

Às vezes acho que foi muito bom eu ter praticado por tantos anos para mostrar apenas o que quero em meu rosto, e esse foi com certeza um desses momentos, pois meu primeiro impulso era o de gritar *Vivaaaa! Boa garota!* e começar a cantar uma música alegre. E então aquela foi uma das maiores demonstrações de arte dramática de nossa era, quando, em vez disso, eu consegui parecer chocado e preocupado.

— Está brincando? — Falei, pensando *Espero que você não esteja brincando*.

— Ela não foi para a escola hoje para descansar, pois passou por momentos muito difíceis. — Ao que parece não ocorreu a minha irmã que eu passara por momentos ainda piores, mas ninguém é perfeito. — Então, por volta de duas da tarde, a mãe dela saiu para ir ao mercado e quando voltou, um tempo depois, Samantha tinha sumido. — Deborah sacudiu a cabeça. — Ela deixou um bilhete: "Não me procurem, não vou voltar". Ela fugiu, Dex. Simplesmente fugiu de casa.

Estava me sentindo tão bem que lutei contra o impulso de dizer, *Eu te disse*. Afinal, Deborah se recusara a acreditar em mim quando contei que, na primeira vez, Samantha fora ido por vontade própria com os canibais, até mesmo ansiando por isso. E como eu tinha razão sobre aquilo, fazia todo o sentido que ela fugisse de novo na

primeira oportunidade. Não era um pensamento muito nobre, mas eu esperava que ela achasse um bom lugar para se esconder.

Deborah suspirou pesadamente e sacudiu a cabeça de novo.

— Nunca ouvi falar de uma síndrome de Estocolmo tão forte que a vítima fugisse de volta para os bandidos.

— Debs... — Falei, e não consegui mais me segurar. — Eu falei para você. Não é Estocolmo. Samantha quer ser comida. É o sonho dela.

— Nem fodendo. — Disse ela, brava. — Ninguém quer isso.

— Então por que ela fugiu de novo? — Perguntei, e ela apenas sacudiu a cabeça e olhou para as mãos.

— Não sei. — Debs continuou olhando para as mãos como se a resposta estivesse ali, e então se endireitou. — Não interessa. O que temos de saber é para onde ela foi. — Ela olhou para mim. — Aonde ela iria, Dex?

Sinceramente, eu não ligava para onde Samantha foi, desde que ficasse lá. Mas precisava dizer algo.

— E o Bobby Acosta? — Falei. E aquilo fez sentido. — Você já o encontrou?

— Não. — Respondeu ela, mal-humorada, e então deu de ombros. — Ele não pode se esconder para sempre. Estamos fazendo uma pressão grande. Além disso — falou e levantou a palma das duas mãos —, a família dele tem dinheiro e força política, e vão dar um jeito de livrar a cara dele.

— Vão mesmo?

Deborah olhou para as mãos.

— Talvez. — Falou. — Merda! Sim, provavelmente. Temos testemunhas que ligam ele ao carro de Tyler Spanos, mas um bom advogado pode acabar com os dois haitianos rapidinho num julgamento. E ele fugiu de mim, mas isso não é muito também. O resto são suposições e diz que diz, e... Merda, sim, acho que ele pode se livrar mesmo. — Ela concordou com a cabeça consigo mesma e olhou novamente para as mãos. — Sim, Bobby Acosta vai escapar com certeza. — Disse suavemente. — De novo. E ninguém pagará por isso... — Ela estudou os dedos de novo, depois olhou

para mim, e seu rosto tinha uma expressão que eu nunca havia visto.

— O que foi? — Perguntei.

Deborah mordeu o lábio.

— Quem sabe. — Falou, e depois desviou o olhar. — Não sei. — Depois olhou de novo para mim e respirou fundo. — Talvez tenha algo... Algo que você possa fazer a respeito.

Pisquei várias vezes, e mal conseguia olhar para baixo para ver se ainda havia chão debaixo de nossos pés. Era impossível não entender o que ela estava sugerindo. Até onde Debs sabia, eu tinha apenas duas habilidades, e minha irmã não estava falando de eu usar minhas habilidades forenses em Bobby Acosta.

Deborah era a única pessoa na terra que sabia sobre meu hobby. Eu pensei que ela havia aceitado aquilo, embora com certa relutância, mas vê-la sugerir que eu deveria realmente usá-lo em alguém era tão completamente fora dos limites do que eu pensava que Deborah aprovaria que aquela ideia jamais me ocorreu, e fiquei realmente chocado.

— Deborah?! — Falei, e o choque deve ter aparecido em minha voz. Mas ela se inclinou para a frente o máximo que podia sem cair de sua cadeira e baixou a voz.

— Bobby Acosta é um assassino. — Falou, com uma intensidade selvagem. — E vai escapar de novo, apenas porque tem dinheiro e poder. Isso não é certo, e você sabe bem. E é o tipo de coisa que o papai queria que você resolvesse.

— Ouça... — Falei, mas ela não terminara.

— Porra, Dexter! — Falou. — Tenho tentado muito entender você e o que o papai queria de você, e finalmente consegui, eu entendo, tá bom? Sei exatamente o que o papai estava pensando. Porque sou uma policial como ele era, e todo policial tem de enfrentar seu Bobby Acosta um dia, alguém que comete um crime e fica livre mesmo que você faça tudo certinho. E você não consegue dormir, range os dentes e quer gritar e estrangular alguém, mas seu trabalho é comer merda e gostar disso, e não tem nada que possa fazer a respeito. — Ela se levantou e se inclinou, colocando a mão em minha escrivania e ficando com o rosto a centímetros do meu.

— Até agora. Até o papai finalmente resolver esse problema, essa merda toda. — Ela cutucou meu peito. — Com você. E agora preciso que seja o que o papai queria que você fosse, Dexter. Preciso que cuide de Bobby Acosta.

Debs ficou me encarando por alguns segundos enquanto eu procurava algo para dizer. E apesar de minha merecida reputação de língua afiada e mente rápida, não havia nenhuma palavra lá que eu pudesse pegar e usar. Sério. Eu estava me esforçando tanto para mudar, viver uma vida normal, e por causa disso eu fora drogado, forçado a fazer uma orgia, insultado e apanhado de canibais... E agora minha própria irmã, uma mulher da lei juramentada e adversária de longa data de tudo o que eu adorava, estava mesmo me pedindo para matar alguém. Comecei a imaginar se não estava caído em algum lugar e amarrado, drogado e alucinando tudo aquilo. A ideia era muito reconfortante, mas meu estômago roncava e meu peito doía no lugar que Deborah cutucara, e percebi que algo tão incômodo provavelmente era verdadeiro, e isso significava que eu tinha de lidar com aquilo.

— Deborah... — Falei com cuidado. — Acho que você está um pouco chateada...

— Pode apostar que estou chateada, porra. Ralo pra caramba para trazer Samantha Aldovar de volta, e agora ela some de novo... E aposto que Bobby Acosta está com ela e mesmo assim vai se livrar de qualquer acusação.

É claro que teria sido mais correto se ela tivesse dito que “me ralou” para resgatar Samantha, mas agora não era o momento certo de corrigi-la, e, de qualquer forma, eu suspeitava que ela tinha razão sobre Bobby Acosta. Samantha entrou naquilo por causa dele, e era uma das últimas pessoas que tinham sobrado que poderia realizar o sonho dela. Mas pelo menos isso oferecia um jeito de escapar daquele papo desconfortável de antes, se eu conseguisse mudar o rumo da conversa para a localização de Acosta, em vez de o que fazer com ele.

— Acho que tem razão. — Falei. — Acosta colocou ela nisso para começar. Samantha o procuraria agora.

Deborah continuou em pé, e olhava para mim com as bochechas vermelhas e fogo nos olhos.

— Muito bem. Vou achar o filho da mãe. E então...

Às vezes um pequeno adiamento e uma mudança de assunto são o máximo que se pode conseguir, e esse era claramente o caso. Só podia torcer para que no tempo que levasse para encontrarmos Acosta, Deborah se acalmasse um pouco e decidisse que dar o criminoso dela para Dexter não era o melhor curso de ação. Talvez ela mesma atirasse nele. Em todo caso, eu estava livre, pelo menos temporariamente.

— Certo. E como vai encontrá-lo?

Deborah se endireitou e passou a mão nos cabelos.

— Vou conversar com o pai dele, que deve saber que a melhor chance de Bobby é se entregar e entrar aqui junto com seu advogado.

Aquilo era mesmo verdade, mas também, Joe Acosta era um homem rico e poderoso, e minha irmã era uma mulher dura e encrenqueira, por isso o encontro de duas pessoas assim poderia ser bem mais tranquilo se tiver alguém lá com um pouquinho de tato. Deborah nunca teve nem um pouco e provavelmente nem sabia soletrar a palavra "tato". E a julgar por sua reputação, Joe Acosta era o homem que compraria tato se por acaso precisasse dele. Então, só sobrava a mim.

Levantei-me.

— Vou com você.

Ela me estudou por um momento, e pensei que ia dizer "não" só por pura maldade. Mas ela concordou com a cabeça.

— Está bem. — Falou, e foi em direção à porta.

Capitulo Trinta e Quatro



COMO A MAIORIA DAS PESSOAS QUE VIVE EM MIAMI, SABIA bastante sobre Joe Acosta pelas coisas que li nos jornais. Ele parecia ser conselheiro do condado desde sempre, mesmo antes de pequenos pedaços de sua vida começarem a aparecer na imprensa de vez em quando. Era o tipo de história incrível e emocionante de ser lida, um conto do garoto-que-se-dá-bem da vida real. Ou, no caso de Acosta, talvez fosse *chico-que-dasse-bien*.

Joe Acosta viera de Havana para Miami num dos primeiros Voos Peter Pan de Libertação.***** Ele era jovem o suficiente na época para fazer uma transição fácil de país, mas se manteve *gusano****** o suficiente ao longo dos anos para manter uma posição de destaque na comunidade cubana, e conseguiu se dar muito bem. Ele trabalhou com imóveis no *boom* dos anos 1980 e colocou todos os seus lucros num dos primeiros grandes empreendimentos no sul de South Miami. Foi tudo vendido em seis meses. E agora os negócios de construção e empreendimentos de Acosta eram um dos maiores da Flórida, e dirigindo por Miami você via placas com o nome dele em quase todos os locais de construções. Ele era tão bem-sucedido que até mesmo a grande crise financeira atual não pareceu afetá-lo tanto. É claro que ele não precisava apoiar-se apenas em seus negócios de construção. Também podia apoiar-se no salário de seis mil dólares que ganhava da prefeitura.

Joe estava havia dez anos em seu segundo casamento e parece que até mesmo o divórcio não o abalou financeiramente, pois ainda vivia muito bem e abertamente. Ele estava sempre nas colunas de fofoca dos jornais com sua nova esposa. Ela era britânica, e fora responsável por vários sucessos dance techno-pop nos anos 1990, e quando o público percebeu quão terríveis eram suas músicas, ela veio para Miami, conheceu Joe e começou uma nova vida confortável como esposa-modelo.

Acosta tinha um escritório na avenida Brickell, e foi onde o encontramos. Ele era dono do último andar de um dos novos arranha-céus que estavam fazendo o horizonte de Miami se parecer com um espelho gigante caído do espaço que se quebrara em pedaços altos e irregulares que tinham se fincado no solo a intervalos irregulares. Passamos pela segurança no saguão e subimos por um elevador elegante. Até a sala de espera ultrachique de metal e couro de Acosta, que oferecia uma vista maravilhosa da baía Biscayne, o que acabou sendo uma coisa boa. Tivemos muito tempo para apreciá-la, pois Acosta nos deixou esperando quarenta e cinco minutos, afinal, de que adianta ter influência se você não pode usá-la para deixar a polícia desconfortável?

E funcionou maravilhosamente bem, pelo menos em Deborah. Sentei-me e folheei umas revistas de pesca top de linha, mas Deborah se remexia, apertava e desapertava as mãos e a mandíbula, cruzava e descruzava as pernas e batia com os dedos no braço da cadeira. Ela parecia alguém que está esperando a clínica de metadona abrir.

Depois de um tempo, eu nem conseguia mais me concentrar em todas aquelas fotos brilhantes de homens ridiculamente ricos abraçando modelos de biquíni com um braço e segurando um grande peixe na outra mão, então soltei a revista.

— Debs, pelo amor de Deus, pare de se remexer. Você vai gastar a cadeira.

— Aquele filho da puta está me fazendo esperar porque está tramando algo. — Sibilou.

— Aquele filho da puta é um homem ocupado. — Falei. — Além de ser rico e poderoso. E que também sabe que você está atrás do filho dele. E tudo isso quer dizer que ele pode nos deixar aqui esperando quanto quiser. Então relaxe e aproveite a vista. — Peguei uma revista e ofereci a ela. — Já leu esta edição da *Loucos por Charutos*?

Debs deu um tapa na revista, fazendo um *plaft*, som que pareceu bem pouco natural na elegância silenciosa e impessoal da sala de espera.

— Vou dar mais cinco minutos. — Rosnou ela.

— E depois vai fazer o quê? — Perguntei. Ela não tinha uma resposta, pelo menos não em palavras, mas o olhar que me lançou com certeza teria coalhado leite se eu estivesse tomando um pouco.

Acabei não podendo descobrir o que ela faria depois dos cinco minutos, porque depois de apenas três minutos e meio de olhar minha irmã rangendo os dentes e mexendo as pernas como uma adolescente, a porta do elevador se abriu e uma mulher elegante passou por nós. Ela era alta, mesmo sem o salto agulha, e seus cabelos platinados eram curtos, provavelmente para evitar de esconderem o diamante gigante que ela carregava no pescoço preso a uma corrente de ouro. A joia estava no olho do que parecia ser uma cruz ansata, mas com uma ponta afiada como uma adaga. A mulher nos lançou um olhar esnobe e foi direto até a recepcionista.

— Muriel. — Falou ela, com sotaque britânico gelado. — Mande café lá para dentro, está bem? — E, sem parar, ela passou pela recepcionista, abriu a porta do escritório de Acosta e entrou, fechando a porta atrás dela.

— É Alana Acosta. — Sussurrei para Deborah. — A esposa do Joe.

— Sei quem ela é, porra. — Falou, e voltou a ranger os dentes.

Estava claro que Deborah estava além de qualquer esforço insignificante que eu pudesse fazer para levar alegria e conforto a ela, então peguei outra revista. Esta era voltada a mostrar o tipo de roupa que se deve usar em barcos e que custa o suficiente para comprar um pequeno país. Mas eu nem lera o bastante para descobrir por que shorts de mil e duzentos dólares eram melhores do que os de quinze do Walmart quando a recepcionista nos chamou.

— Sargento Morgan? — Falou ela, e Deborah pulou da cadeira como se estivesse sentada numa mola de aço gigante. — O senhor Acosta vai recebê-la agora. — Falou, e fez um sinal com a mão em direção à porta do escritório.

— Já era hora. — Murmurou Deborah entredentes, mas acho que Muriel a ouviu, pois nos lançou um sorriso superior enquanto minha irmã passava rápido por ela, comigo em sua cola.

O escritório de Joe Acosta era grande o suficiente para receber uma convenção. Uma parede inteira estava tomada pela maior TV

plana que eu já vira. Cobrindo a parede oposta estava uma pintura que com certeza devia pertencer a um museu que a guardava com seguranças armados. Tinha um bar que se completava com uma pequena copa-cozinha, uma área de bate-papo com uns dois sofás e umas cadeiras que pareciam ter vindo de um antigo clube de homens da Inglaterra e que custavam mais que minha casa. Alana Acosta estava numa das cadeiras, tomando café numa xícara de porcelana chinesa. E não nos ofereceu nada.

Joe Acosta estava sentado numa enorme escrivaninha de aço e vidro em frente a uma parede de vidro colorido que enquadrava a baía Biscayne como se fosse uma foto pessoal de Joe em sua casa de campo. Apesar da cor do vidro, a luz do fim de tarde se refletia na água e enchia a sala com um brilho supernatural. Acosta se levantou quando entramos, e a luz que vinha da janela atrás dele o cercou como uma aura brilhante, tornando difícil olhar para ele sem semicerrar os olhos. Mas olhei mesmo assim, e mesmo sem a aura, ele era impressionante.

Não fisicamente. Acosta era um homem magro e de aparência aristocrática, com cabelos e olhos escuros, e usava o que parecia ser um terno muito caro. Ele não era alto, e eu tinha certeza de que sua esposa ficava mais alta que ele em seu salto agulha. Mas talvez ele achasse que o poder de sua personalidade era forte o suficiente para superar uma coisa tão pequena como ser alguns centímetros mais baixo que ela. Ou talvez fosse o poder de seu dinheiro. O que quer que fosse, ele tinha. Ele nos observou lá de trás da escrivaninha e senti uma vontade súbita de ajoelhar-me ou pelo menos fazer uma reverência.

— Desculpe fazer você esperar, sargento. — Falou ele. — Minha esposa queria estar aqui para isso. — Ele acenou com um braço para a área de conversação. — Vamos sentar onde possamos conversar. — Ele deu a volta na mesa e se sentou na cadeira grande oposta à de Alana.

Deborah hesitou por um momento e vi que parecia um pouco incerta, como se tivesse realmente percebido pela primeira vez que estava enfrentando alguém que estava a poucos passos de toda a cadeia de comando abaixo de Deus. Mas ela respirou fundo,

endireitou os ombros e marchou até o sofá, sentou, e eu me sentei ao lado dela.

O sofá foi construído aparentemente seguindo o mesmo princípio de uma planta carnívora, porque quando me sentei fui imediatamente sugado para baixo numa almofada de pelúcia fofa, e enquanto lutava para permanecer ereto, me ocorreu que aquele era mesmo o objetivo, outro truquezinho que Acosta usava para dominar as pessoas, como colocar a mesa na frente da janela brilhante. Deborah, aparentemente, chegou à mesma conclusão, porque a vi apertar a mandíbula e jogar o corpo para a frente com uma sacudida e sentar-se desajeitadamente na ponta do sofá.

— Senhor Acosta. — Falou ela. — Eu preciso falar com seu filho.

— A respeito do quê? — Perguntou Acosta. Ele estava sentado confortavelmente em sua cadeira com a perna cruzada e uma expressão de interesse educado no rosto.

— Samantha Aldovar. E Tyler Spanos.

Acosta sorriu.

— Roberto tem muitas namoradas. Eu nem tento acompanhar mais.

Deborah pareceu ficar nervosa, mas, para a felicidade de todos, ela conseguiu se controlar.

— Tenho certeza de que sabe que Tyler Spanos foi assassinada, e Samantha Aldovar está desaparecida. E acho que seu filho sabe algo a respeito da duas.

— Por que acha isso? — Perguntou Alana, de sua cadeira oposta a de Joe. Outro truque. Tínhamos que virar a cabeça de um lado para o outro para acompanhar a conversa, como se estivéssemos vendo um jogo de pingue-pongue.

Mas Deborah olhou para ela mesmo assim.

— Ele conhece Samantha. E tenho uma testemunha que o viu vendendo o carro de Tyler. Isso é roubo de carro e cumplicidade num assassinato, e isso só para começar.

— Não estou ciente de nenhuma acusação formal até agora. — Falou Acosta, e nós dois viramos a cabeça para olhar para ele.

— Ainda não. — Falou Debs. — Mas elas serão feitas.

— Então talvez seja bom chamarmos um advogado. — Falou Alana.

Deborah olhou rapidamente para ela e depois de volta para Acosta.

— Quis falar com você primeiro. Antes dos advogados entrarem na jogada.

Acosta assentiu como se esperasse esse tipo de consideração de um policial por causa de seu dinheiro.

— Por quê? — Perguntou ele.

— Bobby está em apuros. E acho que ele sabe disso. Mas a melhor chance dele agora é entrar em meu escritório com um advogado e se render.

— Isso pouparia muito trabalho a você, não? — Falou Alana falou com um sorriso de superioridade.

Deborah a encarou.

— Não me importo de trabalhar. E vou encontrá-lo de um jeito ou de outro. E, quando conseguir, será bem pesado para ele. E se resistir, pode até acabar ferido. — Ela olhou de volta para Acosta. — Será muito melhor para ele se entregar por conta própria.

— E por que acha que sei onde ele está? — Perguntou Acosta.

Deborah o encarou por um momento e depois desviou o olhar para a janela e a baía.

— Se fosse o meu filho eu saberia onde ele está. Ou como encontrá-lo. — Falou ela.

— Você não tem filhos, tem? — Perguntou Alana.

— Não. — Falou Debs. Ela olhou para Alana por um longo e desconfortável momento e então virou a cabeça de volta para Acosta. — Ele é seu filho, senhor Acosta. Se sabe onde ele está e não quer contar, quando eu fizer as acusações formais, isso será tratado como acobertamento de um fugitivo.

— Acha que eu devo entregar o meu próprio filho? — Perguntou ele. — Acha que isso é algo bom?

— Sim, acho. — Respondeu ela.

— Um conselheiro municipal sempre defende a lei, mesmo que isso doa. — Falei com a melhor voz de apresentador de TV que

consegui. Ele me olhou com uma raiva que era quase física, e então dei de ombros. — Você pode criar uma frase melhor se quiser.

Ele nem tentou. Apenas me encarou por outro longo momento. Não havia nada em que eu pudesse esconder-me embaixo, então eu também o encarei, e por fim ele se virou outra vez para Deborah.

— Não vou dedurar meu próprio filho, sargento. — Disse, com uma voz que era quase um silvo. — E não importa o que você acha que ele fez.

— O que eu acho é que ele está envolvido com drogas, assassinato e coisas ainda piores. — Falou Deborah. — E não é a primeira vez.

— Isso tudo acabou. — Falou ele. — Alana o endireitou.

Debs olhou para Alana, que lançou outro sorriso de superioridade.

— Não acabou. — Falou Deborah. — Está ficando pior.

— Ele é meu filho. — Respondeu Acosta. — E é só um garoto.

— Ele é um inseto, não um garoto. Ele mata as pessoas e depois as come. — Alana bufou, mas Acosta ficou pálido e tentou dizer algo. Mas Debs não deixou. — Ele precisa de ajuda, senhor Acosta. Psicólogos, aconselhamento, tudo isso. Ele precisa de *você*.

— Maldita seja você! — Falou ele.

— Se deixar isso continuar, ele vai se ferir. Mas se se entregar por conta própria...

— Não vou entregar meu próprio filho. — Repetiu, e estava claramente lutando para manter o controle, e parecia estar ganhando.

— Por que não? — Perguntou Debs. — Sabe muito bem que pode livrá-lo de tudo. Você já fez isso antes. — Ela parecia bem dura agora, e aquilo pareceu surpreender Acosta. Ele olhou de novo para ela e moveu a mandíbula, mas não saiu nenhum som, e Deborah continuou numa voz factual e mortífera. — Com suas conexões e seu dinheiro, pode conseguir os melhores advogados da cidade. Bobby sairá livre de tudo isso com um tapa na mão. Não é certo, mas é um fato, e nós dois sabemos. Seu filho ficará livre, como das outras vezes. Mas apenas se se entregar voluntariamente.

— Isso é você quem está dizendo. — Falou Acosta. — Mas a vida é incerta. E o que quer que aconteça, eu ainda teria entregado o

meu filho. — E então olhou para mim. — Por causa de uma frase de efeito. — Então se voltou para Deborah. — Não farei isso.

— Senhor Acosta... — Falou ela, mas ele levantou uma mão para cortá-la.

— E, em todo caso, não sei onde ele está.

Eles se encararam por um momento e ficou claro para mim que nenhum deles sabia como desistir, e isso ficou óbvio para eles em seguida. Deborah apenas olhou mais um pouco e depois sacudiu a cabeça devagar e começou a esforçar-se para sair do sofá. Ela se levantou e olhou mais uma vez para Acosta, e então fez um cumprimento de cabeça.

— Muito bem. — Falou Debs. — Se é assim que quer fazer as coisas... Obrigado pelo seu tempo. — Ela se virou e foi em direção à porta, e antes que eu pudesse livrar-me do abraço do sofá carnívoro ela já estava com a mão na maçaneta. Quando consegui soltar-me e ficar em pé, Alana Acosta descruzou as pernas e se levantou da cadeira. O movimento foi tão repentino e dramático que parei na metade do caminho em ficar em pé e a assisti deslizar lá para o alto e passar por mim em direção a Acosta.

— Isso foi bem entediante. — Falou ela.

— Você está indo para casa?

Ela se inclinou e beijou a bochecha dele. A enorme cruz ansata com o diamante balançou para a frente e bateu na bochecha dele. Fez ali um pequeno corte, mas ele não pareceu ligar.

— Estou. — Falou ela. — Vejo você à noite. — Ela caminhou até a porta e, depois de um momento, percebi que ainda estava olhando para ela, então sacudi a cabeça e a segui.

Deborah estava parada perto do elevador com os braços cruzados e batendo o pé no chão com impaciência. E evidentemente sem saber que havia algum constrangimento na situação, Alana foi até lá e parou a seu lado. Deborah olhou para ela. Ela tinha de inclinar a cabeça para ver o rosto todo de Alana, e foi o que fez. Alana olhou para baixo sem nenhuma expressão, e depois desviou o olhar quando a campainha tocou e as portas do elevador se abriram. Alana entrou de uma vez, e Deborah, rangendo os dentes, marchou

logo atrás, não me deixando outra opção se não pular no meio delas e torcer para conseguir apartar a briga de facas.

Mas não houve briga. As portas se fecharam, o elevador começou a descer, e, antes que Deborah pudesse cruzar os braços, Alana olhou para ela e disse:

— Sei onde o Bobby está.

***** A Operação Peter Pan surgiu em 1965 com vistas a levar crianças de Cuba para os Estados Unidos. (N. T.)

***** Em espanhol, verme. Termo depreciativo usado pelos cubanos para se referirem aos opositores do regime castrista.

Capítulo Trinta e Cinco



NINGUÉM FALOU NADA EM PRINCÍPIO. ERA UM DAQUELES momentos em que as palavras ficam suspensas no ar e todos sabem o que cada palavra significa, mas não conseguimos juntá-las mentalmente para que signifiquem o que achamos que significam. O elevador continuou descendo. Olhei para cima para Alana. Meus olhos ficavam na altura do queixo dela, e eu tinha uma ótima visão de seu colar. O que estava pendurado era mesmo uma cruz ansata, como eu imaginara. Era levemente alongado e terminava com uma ponta afiada o bastante para furar a pele. Imaginei se ela tinha algumas cicatrizes por causa dele. E apesar de eu não saber muita coisa sobre diamantes, mesmo de tão perto ele parecia verdadeiro e era muito grande.

É claro que Deborah não tinha a mesma visão que eu das joias, então se recuperou primeiro.

— Que diabos significa isso?

Alana abaixou o nariz em direção a Deborah. O que era natural, pois com sua grande altura ela precisaria mesmo, mas havia mais. Ela lançou para Debs aquele olhar de diversão condescendente que só os britânicos conseguem dominar e disse:

— O que gostaria que significasse, sargento? — Ela fez a palavra “sargento” soar como se fosse um inseto engraçado, o que até tinha a ver com minha irmã, que enrubesceu.

— Quis saber se isso foi algum tipo de piada, uma provocação para ver a nós, os pequeninos, sofrermos, ou algum tipo de joguinho? — Falou Deborah. — Por que diabos você diria que sabe onde ele está se nós duas sabemos que não vai me contar?

Alana pareceu se divertir ainda mais.

— Quem falou que não vou contar?

Deborah deu um passo para o lado e apertou o grande botão vermelho no painel do elevador, que parou, e do lado de fora um alarme começou a soar.

— Ouça aqui. — Falou Deborah, ficando cara a cara com Alana, ou nesse caso, cara a pescoço. — Não tenho tempo para joguinhos ridículos. Tem uma garota correndo risco de morte, e acho que Bobby Acosta está com ela, ou pelo menos sabe onde ela está, e preciso achá-la antes que seja morta. Se souber onde Bobby está, me diga. Agora. Ou virá comigo até a cadeia acusada de retenção de provas num caso de assassinato.

Aquilo não impressionou Alana. Ela sorriu, sacudiu a cabeça e se inclinou pelo lado de Deborah para apertar o botão. O elevador voltou a descer.

— Olhe, sargento, não precisa me ameaçar com seus chicotes e correntes. Direi a você com o maior prazer.

— Então pare de me enrolar e diga logo.

— Joe tem uma propriedade que Bobby adora. É bem grande, mais de cem acres, e completamente deserta.

— Onde? — Deborah falou entredentes.

— Já ouviu falar em Buccaneer Land? — falou Alana
Deborah assentiu.

— Eu conheço.

E eu também conhecia. Buccaneer Land era o maior parque de diversões do sul da Flórida, e nós dois tínhamos ido muito lá quando éramos crianças e sempre adorávamos. Claro que éramos caipiras naquela época e não conhecíamos nada melhor, e quando um rato extremamente agressivo abriu um parque mais ao norte, percebemos o quanto Buccaneer Land era fajuto. E todas as outras pessoas no sul da Flórida também, e o parque acabou fechando pouco depois. Mas eu ainda tinha algumas lembranças de lá.

— O parque fechou há alguns anos. — Falei, e Alana olhou para mim.

— Sim. — Falou ela. — Eles faliram, e aquilo ficou fechado por anos, então a família do Joe comprou por uns trocados. É uma propriedade comercial muito boa. Mas ele não fez nada lá ainda. E Bobby gosta de ir lá. Às vezes, ele liga os brinquedos para os amigos.

— E por que acha que ele está lá?

Alana deu de ombros, um gesto elegante que de alguma forma era um jeito de nos por para baixo.

— Faz sentido. — Falou ela, fazendo soar como se esperasse que Deborah conhecesse a palavra. — Está vazio, é completamente isolado, ele gosta de lá. E tem um chalé antigo de caseiro lá que ele vive consertando. — Ela sorriu. — Acredito que ele leve garotas para lá de vez em quando.

O elevador parou. As portas se abriram, e umas doze pessoas começaram a entrar.

— Venha comigo até o meu carro. — Falou Alana por sobre a multidão, e se moveu em direção aos pedestres com absoluta confiança de que eles derreteriam e sairiam da frente dela. E de algum jeito aquilo aconteceu mesmo.

Deborah e eu a seguimos, não com tanta facilidade. Eu recebi uma cotovelada nas costelas de uma mulher de meia-idade e tive de segurar a porta que estava fechando para conseguir sair de lá e adentrar o saguão. Debs e Alana estavam lá do outro lado e andavam rápido em direção à porta do estacionamento, então precisei apressar-me para alcançá-las.

Conseguí justo quando entravam no estacionamento e pude pegar o fim do que parecia ser uma pergunta meio queixosa de Deborah:

— ... E devo acreditar em você?

Alana apertou o passo, atravessando a porta e entrando no estacionamento.

— Porque, querida, Bobby está pondo em risco tudo pelo que eu trabalhei muito para conseguir.

— Trabalhou? — Falou Deborah com desdém. — Não é uma palavra meio forte para as coisas que você faz?

— Ah, asseguro a você que trabalho. Começando do início, com minha carreira musical. — Ela falou aquelas palavras como se fosse o título de um livro bobo e chato. — Mas, acredite, uma carreira musical é um trabalho pesado, especialmente se você não tem talento, como eu. — Ela sorriu carinhosamente para Debs. — É claro que uma grande parte da coisa envolve dar para pessoas terrivelmente desagradáveis. Tenho certeza de que concordará comigo que isso não é algo fácil.

— Bem mais difícil do que entregar o próprio filho, eu acho. —
Falou Debs.

— Enteedo, na verdade. — Falou Alana, totalmente despreocupada. Ela deu de ombros e parou ao lado de uma bela Ferrari laranja conversível estacionada ao lado de uma placa de Não Estacione. — Bobby e eu nunca nos demos muito bem, não importa o que o Joe pense. E, em todo caso, como você apontou habilmente, com o dinheiro e a influência de Joe, Bobby muito provavelmente sairá livre disso tudo. Mas se deixarmos a situação piorar, podemos perder tudo isso. E então Bobby ficará preso muito tempo, Joe negligenciará os negócios e acabará falindo para tentar tirar o filho de lá, e eu terei de encontrar outro jeito de ganhar a vida, o que seria muito mais difícil agora, pois infelizmente minha fase áurea acabou há alguns anos.

Deborah olhou para mim com uma careta, e devolvi na mesma moeda. O que Alana disse fazia sentido, é claro, especialmente para alguém que não se deixava perturbar por sentimentos humanos, como costumava ser meu caso. Era um raciocínio lógico e frio, sinuoso mas claro, e aquilo com certeza se encaixava com o que estávamos conhecendo de Alana. Ainda assim... Tinha alguma coisa errada com aquilo, talvez pela forma como ela falou ou alguma outra coisa, eu não sabia exatamente o que era. Mas, para mim, aquilo não se encaixava.

— O que vai fazer se o Joe descobrir que foi você que nos contou?
— Perguntei.

Ela olhou para mim, e então eu soube o que estava errado, pois vi algo muito sombrio e com um bater de asas no fundo de seus olhos, apenas por um momento, antes que a máscara de divertimento frio voltasse a seu rosto.

— Terei de fazê-lo me perdoar. — Falou, e seus lábios se abriram num belo sorriso falso. — Além disso, ele não vai ficar sabendo, não é mesmo? — E então se virou para Deborah. — Este será o nosso segredinho, está bem?

— Não posso manter isso em segredo. — Falou Deborah. — Se eu levar a força tarefa até Buccaneer Land, as pessoas acabarão sabendo.

— Então você deve ir sozinha. — Falou Alana. — Agindo com base numa denúncia anônima... Não é assim que vocês falam? Vá sozinha, sem falar para ninguém. E quando aparecer com o Bobby, quem vai ligar para como ficou sabendo?

Deborah a encarou, e eu tinha certeza de que ia dizer que a ideia era ridícula, que estava fora de questão, que era um desvio inaceitável dos procedimentos policiais, além de ser perigoso demais. Mas Alana curvou os lábios e alçou uma sobrancelha, e agora não havia nenhuma dúvida de que era um desafio. E só para ter certeza de que uma tonta como Deborah entenderia, ela falou:

— É claro que não está com medo de um menino, né? Você tem um belo revólver, e ele está sozinho e desarmado.

— Não é esse o problema. — Falou Debs.

Toda a diversão desapareceu do rosto de Alana.

— Não, não é mesmo. O problema é que você tem de ir sozinha senão haverá um barulho enorme e Joe descobrirá que eu contei e realmente não quero correr o risco de isso acontecer. E se insistir em levar uma equipe para lá e fazer a coisa virar um grande massacre sangrento, terei de avisar o Bobby, e ele estará na Costa Rica antes de você poder fazer algo a respeito. — As asas negras passaram pelos olhos dela mais uma vez, e então Alana forçou outra vez o sorriso, mas que ainda não era muito agradável. — Qual é mesmo a expressão? “Ou dá ou desce”. Está bem?

Eu via muitas outras opções além de apenas seguir o plano de Alana, e, com certeza, não achava uma boa ideia ir até um ambiente deserto e hostil e tentar prender Bobby Acosta sem um apoio considerável apenas porque Alana disse que ele estava sozinho e desarmado. Mas parece que Deborah era feita de algo mais duro do que eu, pois apenas ficou olhando para ela e depois concordou com a cabeça.

— Está bem. Farei do seu jeito. E se Bobby estiver lá, não preciso dizer ao Joe como descobri.

— Brilhante. — Respondeu Alana, depois abriu a porta de sua Ferrari, deslizou para dentro e ligou o motor. Ela acelerou duas vezes para produzir um efeito, e as grossas paredes de concreto do estacionamento tremeram. Ela nos lançou um último e terrível

sorriso gelado e, mais uma vez, apenas por um segundo, vi uma sombra passar atrás de seus olhos. Então ela fechou a porta, engatou a marcha e sumiu num grito de borracha.

Deborah ficou vendo-a ir, o que me deu tempo para recuperar-me do encontro com o que havia dentro de Alana. Surpreendeu-me eu ter ficado chocado por encontrar um predador numa embalagem tão bonita e chique. Afinal, aquilo fazia muito sentido. Pelo que eu sabia sobre Alana, sua biografia contava uma história bem cruel, e eu sabia bem que era preciso um tipo muito especial de pessoa para enfiar a faca tantas vezes e, aparentemente, tão bem.

E pelo menos aquilo se encaixava na traição dela ao entregar Bobby Acosta. Era exatamente o tipo de movimento certo que um Dragão faria ao tentar proteger seu ninho de ouro conquistado a árduas penas; num movimento esperto, ela salvaguardava o tesouro e eliminava o rival. Soava como um movimento bem pouco ético, e minha parte sombria admirava o jeito de ela pensar.

Debs voltou abruptamente do som da Ferrari desaparecendo ao longe e foi em direção à porta que dava no saguão.

— Vamos resolver isso. — Falou por cima do ombro.

Apressamos o passo, passando pelo prédio e saindo na avenida Brickell sem conversar. Deborah parara o carro anguloso num lugar ilegal perto da calçada numa demonstração perfeita de Policiais Estacionando, e entramos nele. Mas, apesar da pressa em vir até o carro, Debs não ligou o motor logo de cara. Ela apoiou os antebraços no volante e se inclinou para a frente com uma careta.

— Que foi? — Acabei falando.

Ela sacudiu a cabeça.

— Tem alguma coisa errada aqui. — Falou.

— Acha que Bobby Acosta não está lá?

Ela fez outra careta e não olhou para mim.

— Eu não confio naquela piranha.

Achei aquilo bem sensível. Sabia bem pelo vislumbre que tive rapidamente do verdadeiro eu de Alana que ela só era confiável para o que fosse melhor para si mesma, independentemente das consequências para os outros. Mas nos ajudar secretamente a colocar Bobby na cadeia parecia encaixar-se muito bem naquilo.

— Você não precisa confiar nela. — Falei. — Mas ela está mesmo agindo por interesse próprio.

— Cale a boca. — Falou, e eu calei. Vi Deborah bater com os dedos no volante, apertar os lábios e esfregar a testa. Gostaria de ter encontrado algo similar para passar o tempo, mas nada me ocorreu. Eu não gostava da ideia de nós dois tentarmos prender Bobby Acosta. Ele não parecia particularmente perigoso, mas é claro que a maioria das pessoas pensava o mesmo de mim, e veja aonde isso as levou.

Bobby podia não ser mortífero, mas havia um excesso de coisas desconhecidas e desconexas a respeito da situação. E sendo totalmente honesto, o que às vezes é necessário, achava que qualquer pequena chance de Samantha continuar quieta se perderia para sempre se eu aparecesse de novo com um grupo de resgate.

Por outro lado, sabia muito bem que não podia deixar Deborah ir sozinha. Aquilo iria de encontro a todas as regras que aprendi cuidadosamente ao longo de minha vida de estudos maus. E, para minha surpresa, descobri que o Novo Dexter, o pai de Lily Anne, que estava trabalhando tanto para ser humano, tinha um sentimento em relação àquele assunto. Sentime como protetor de Deborah, não querendo ver nenhum mal chegar perto dela, e se ela ia para um lugar ruim, eu tinha de ir junto para mantê-la segura.

Era uma sensação bem estranha, ficar dividido por emoções conflitantes entre a preocupação por Deborah e o desejo muito real de que Samantha sumisse de algum jeito, polos opostos, e os dois me puxando com força. Imaginei se aquilo significava que eu estava no meio do caminho entre o Dexter Sombrio e o Papai Dex. Papai Sombrio? Até que era uma bela possibilidade.

Deborah me arrancou de minha fuga patética ao bater com as mãos no volante.

— Maldição. Simplesmente não confio nela, porra.

Sentime melhor. O senso comum estava vencendo.

— Então você não vai?

Deborah sacudiu a cabeça e ligou o carro.

— Não. — Falou. — É claro que vou. — Então engatou e entrou no meio do tráfego. — Mas não preciso ir sozinha.

Imagino que poderia ter argumentado que como eu estava ali, bem a seu lado, tecnicamente ela não estava sozinha. Mas ela estava acelerando a uma velocidade que já me fazia temer por minha vida, então simplesmente peguei o cinto de segurança e o preendi o melhor que pude.

Capítulo Trinta e Seis



SEMPRE CONSIDEREI UM GRANDE PROBLEMA MENTAL ALGUMAS pessoas acharem que é perfeitamente seguro dirigir a velocidades muito altas enquanto falam ao celular. Mas Deborah era uma dessas pessoas, e família é família, então não disse nada quando ela pegou seu telefone. Enquanto voávamos pela I-95, ela segurava o volante com uma mão e digitava o número com a outra. E foi só um toque, o que significava que o número estava na discagem rápida, e eu tinha uma boa ideia de quem seria, o que se confirmou quando ela falou.

— Sou eu. Consegue chegar a Buccaneer Land? Isso, para o norte. Certo, me encontre do lado de fora do portão principal, o mais rápido que puder. E traga alguns equipamentos. Te amo. — Falou e desligou.

Havia muito poucas pessoas vivas que Deborah amava, e menos ainda que ela admitia que amava, então eu tinha certeza de que sabia para quem ela telefonara.

— Chutsky vai nos encontrar lá?

Ela assentiu, enquanto guardava o celular no cinto.

— Reforços. — Falou, e então, para minha tranquilidade, colocou as duas mãos no volante e se concentrou em costurar no tráfego. Eram mais ou menos vinte minutos de carro indo para o norte pela rodovia até chegar ao lugar onde o Buccaneer Land estava mofando, mas Deborah fez em doze, voando pela saída e pegando uma rua lateral que levava ao portão principal numa velocidade que me pareceu muitos degraus acima da imprudência. E como Chutsky ainda não estava lá, poderíamos ter ido num ritmo muito mais razoável e ainda chegaríamos com tempo de sobra para esperar por ele.

Minha primeira reação foi de alívio. Não só por Debs não ter nos matado, mas também porque Roger, o pirata de oito metros de minha infância de que eu me lembrava tão bem ainda estava lá

guardando o lugar. A maior parte de sua tinta brilhante estava gasta. O tempo e o clima tinham arrancado o papagaio de seu ombro, e sua espada erguida estava pela metade, mas ele ainda tinha o tapa-olho, e ainda havia uma luz brilhante e perversa em seu olho. Saí do carro e olhei para o meu velho amigo. Quando era criança, sempre senti uma grande ligação com Roger, afinal, ele era um pirata e isso significava que podia navegar por aí num grande barco e picar quem ele quisesse, o que parecia a vida ideal para mim naquela época.

Ainda assim, foi muito estranho ficar à sombra dele novamente e me lembrar de como aquele lugar fora um dia e do que Roger, o pirata, significara para mim. Eu sentia que devia algum tipo de homenagem a ele, mesmo em seu estado de degradação. Então olhei para ele por um momento e disse:

— Aaarrhhh. — Ele não respondeu, mas Debs me olhou com estranheza.

Afastei-me de Roger e olhei através da cerca de arame que cercava o parque. O sol estava se pondo, e não havia muito para ver aqui na última luz do dia, era a mesma bagunça de placas berrantes e brinquedos de que me lembrava, agora detonados e bastante descoloridos depois de tantos anos de negligência à luz do inclemente sol da Flórida. Pairando sobre tudo, estava a torre alta e extremamente não pirata que eles haviam batizado de Mastro Principal. Ela tinha uma meia dúzia de braços de metal pendurados, cada um com um carro numa gaiola pendurada na ponta. Nunca pude entender o que aquilo tinha a ver com piratas, não importando quantas placas e bandeiras eles desfraldassem sobre eles, mas Harry apenas afagou minha cabeça quando perguntei e disse que eles tinham um acordo a respeito dela, e de qualquer forma, fora um passeio muito legal subir até o topo. A vista era excelente lá de cima, e se você fechasse um olho e murmurasse: “Ro, ro, ro”, quase dava para esquecer que aquela coisa tinha uma aparência tão moderna.

Agora, a torre parecia meio inclinada para o lado, e todos os carros, menos um, ou não estavam lá ou estavam detonados. Mas como eu não planejava subir nela naquele momento, aquilo não parecia muito importante.

Da cerca onde eu estava não dava para ver muito mais do parque, mas como não havia mais nada para fazer a não ser esperar por Chutsky, deixei-me levar pela nostalgia. Fiquei pensando se ainda tinha água no rio artificial que cortava o parque. Havia um passeio num navio pirata pelo rio: a alegria e o orgulho de Roger, o Pirata, seu navio negro chamado Vingança. Ele tinha canhões nas duas laterais que realmente disparavam. E num dos bancos de areia do rio eles tinham um daqueles brinquedos em que você se senta num tronco de madeira falso e desce uma cachoeira. Depois disso, no lado mais distante do parque, havia a Corrida de Cavalos. Do mesmo jeito que a torre, a conexão daquilo com os piratas me escapava, mas era o brinquedo preferido de Deborah. Fiquei imaginando se ela estava pensando nisso.

Olhei para minha irmã. Ela estava andando para lá e para cá na frente do portão, olhando para a estrada e depois para o parque, então parava e cruzava os braços e, em seguida, voltava a caminhar, para a frente e para trás novamente. Ela estava a ponto de estourar de ansiedade, e pensei que poderia ser um bom momento para acalmá-la um pouco e partilhar uma memória de família, quando ela passou por mim, falei com as costas dela.

— Deborah. — Falei, e ela se virou para olhar para mim.

— O quê? — Perguntou.

— Lembra da Corrida de Cavalos? — Perguntei. — Você adorava aquilo.

Ela me olhou como se eu tivesse pedido para ela pular da torre.

— Jesus Cristo! — Falou. — Não estamos aqui para pegar a estrada das merdas das nossas memórias. — E então girou e foi até o lado mais distante do portão.

Obviamente, minha irmã não estava tão dominada por lembranças sentimentais como eu. E imaginei se estava se tornando menos humana enquanto eu ficava mais humano. Mas é claro que havia um mau humor estranho e muito humano que a vinha afligindo ultimamente, então acho que não era o caso.

Enfim, Deborah achava que caminhar e ranger os dentes era mais divertido que dividir memórias felizes de nossas brincadeiras juvenis no Buccaneer Land. Então a deixei pisando duro por lá enquanto

olhava pela cerca por mais cinco longos minutos até que Chutsky chegou.

E ele finalmente chegou, estacionando seu carro atrás do de Deborah e saindo com uma maleta metálica na mão, que ele colocou no capô do carro. Deborah se apressou na direção dele e o recebeu com um cumprimento tipicamente afetivo e caloroso.

— Onde você estava, porra?

— Ei! — Respondeu ele, e depois foi dar um beijo nela, mas Deborah passou por ele e pegou a maleta. Ele deu de ombros e fez um aceno de cabeça para mim. — Ei, camarada.

— O que você trouxe? — Perguntou Deborah.

Ele tirou a maleta dela e a abriu.

— Você disse equipamentos. Eu não sabia o que estava esperando, então trouxe uma seleção de coisas. — Ele levantou um pequeno fuzil de assalto com suporte dobrável. — O melhor da Heckler e Koch's. — Falou, segurando o fuzil, colocando-o sobre o capô, e depois pegou da maleta um par de armas bem menores. — Estas são belas Uzi. — Ele deu um tapinha numa delas com o gancho que usava como mão esquerda e então as soltou e pegou suas pistolas automáticas. — Um par de armas de serviço básicas, nove milímetros, dezenove tiros no pente. — Ele olhou carinhosamente para Deborah. — Qualquer uma delas é muito melhor do que aquele pedaço de merda que você carrega por aí.

— Era do meu pai. — Respondeu Deborah, pegando uma das pistolas.

Chutsky deu de ombros.

— É um revólver de quarenta anos. Quase tão velho quanto eu, e isso não é uma boa coisa.

Deborah tirou o pente da pistola, armou-a e olhou para o cilindro.

— Bom, isto não é a porra do cerco de Khe Sanh*****. — Falou ela, e recolocou o pente na arma. — Vou ficar com esta.

Chutsky concordou com a cabeça.

— Ah, muito bom. — Ele esticou a mão para a maleta. — Pente extra. — Falou, mas ela fez que não com a cabeça.

— Se precisar de mais de um estarei morta e fodida. — Falou.

— Talvez. — Respondeu Chutsky. — O que esperamos que tenha lá dentro?

Debs colocou a pistola na cintura.

— Não sei. — Falou ela. — Fomos informados de que ele está lá sozinho. — Chutsky levantou uma sobrancelha para ela. — Homem branco de 22 anos — explicou —, um metro e sessenta de altura, sessenta quilos, cabelos escuros, mas, juro por Deus, Chutsky, não temos a menor ideia se ele está realmente lá ou se está sozinho e tenho certeza de que não confio na piranha que nos deu a dica.

— OK, bom, estou feliz que tenha me chamado. — Falou acenando alegremente com a cabeça. — Noutros tempos, você teria entrado lá sozinho com a arma de brinquedo de seu pai. — Ele olhou para mim. — Dex? Sei que não gosta de armas e violência. — Ele sorriu e encolheu os ombros. — Mas você não vai querer entrar lá nu, camarada. — Então inclinou a cabeça para seu pequeno arsenal espalhado sobre o capô do carro. — Que tal dar um alô pro meu amiguinho? — Foi a pior imitação de *Scarface* que eu já ouvira, mas mesmo assim dei um passo à frente para olhar. Realmente não gosto de armas, elas são tão barulhentas e fazem uma zona, além de tirar toda a habilidade e prazer das coisas. Mas eu não estava aqui para me divertir.

— Se está bem para você — falei —, vou pegar a outra pistola. E o pente extra. — Afinal, se eu fosse precisar dela, provavelmente precisaria mesmo dela, e dezenove balas extras não pesavam tanto assim.

— Sim, ótimo. — Falou ele alegremente. — Tem certeza de que sabe usar?

Era uma pequena piada que tínhamos entre nós, e era pequena porque só Chutsky achava engraçada. Ele sabia muito bem que eu sabia usar uma pistola, mas fiz o jogo dele mesmo assim e a segurei pelo cano.

— Acho que é só segurar aqui e apontar desse jeito. — Falei.

— Perfeito. — Falou Chutsky. — Não vá arrancar seu saco fora, hein?

Ele pegou o fuzil de assalto, cuja alça ele passou por sobre seu ombro.

— Vou levar esta belezinha. E se por acaso a coisa virar mesmo um Khe Sanh, estarei pronto para derrubar alguns idiotas. — Ele olhou para a arma por um momento com a mesma emoção que eu olhei para Roger, o Pirata, certamente havia lembranças felizes ali.

— Chutsky. — Falou Deborah.

Ele levantou a cabeça para ela como se tivesse sido pego olhando pornografia.

— Certo. Como vai querer fazer isso? — Perguntou ele.

— Pelo portão. — Respondeu Debs. — Nos espalhamos e vamos em direção ao outro lado do parque. Era lá que ficava a área dos funcionários. — Ela olhou para mim, e concordei com a cabeça.

— Eu lembro. — Falei.

— Então é lá que deve estar o chalé do zelador. — Continuou. — E onde Bobby Acosta deve estar. — Ela apontou para Chutsky. — Você vem da direita e me cobre. — Dexter vem da esquerda.

— Quê? — Chutsky falou. — Você vai simplesmente chutar a porta e atacar? Isso é loucura.

— Vou dizer para ele sair. Quero que pense que estou sozinha. E então veremos o que acontece. Se for algum tipo de armadilha vocês me cobrem.

— Está certo. — Disse Chutsky, meio em dúvida. — Mas você ainda estará numa área aberta.

Ela sacudiu a cabeça, irritada.

— Vou ficar bem. Acho que a garota também está lá, a Samantha Aldovar. Então tenha cuidado e não faça nenhuma daquelas suas merdas de Rambo.

— Aham. — Falou ele. — E o tal garoto, Bobby, você quer ele vivo, certo?

Deborah apenas o olhou por um momento longo demais.

— É claro. — Acabou falando, sem ser muito convincente. — Vamos. — Ela se virou e marchou para o portão. Chutsky a observou por um segundo e então pegou da maleta mais dois cliques extras de munição e colocou no bolso. Depois a fechou e jogou dentro do carro.

— Certo, camarada. — Falou ele, e depois se virou e olhou para mim com um olhar longo e surpreendentemente úmido. — Não

deixe nada acontecer com ela. — Falou, e, pela primeira vez desde que o conhecia, vi o que parecia ser uma emoção verdadeira em seu rosto.

— Não deixarei. — Respondi, um pouco envergonhado.

Ele apertou meu ombro.

— Ótimo. — Ele me olhou por mais um momento e então se virou e foi atrás de Deborah.

Ela estava no portão, colocando a mão através da malha dele para chegar ao cadeado.

— Não está na hora de alguém comentar que você está prestes a entrar ilegalmente numa propriedade? — Falei. E mesmo aquilo sendo verdade, estava mesmo preocupado em encontrar Samantha de novo e soltá-la num mundo que estava ansioso demais para ouvir as histórias escabrosas dela.

Mas Debs puxou o cadeado, e ele caiu aberto em sua mão. Ela olhou para mim.

— Este cadeado já estava aberto. — Falou, voltando-se para a testemunha em pé ali ao lado. — Alguém entrou no parque, provavelmente ilegalmente e para cometer algum delito. É o meu dever entrar e investigar.

— Sim, certo, mas espere um segundo. — Falou Chutsky. — Se o garoto está se escondendo lá dentro, por que o cadeado estaria aberto?

Conseguí segurar-me antes de abraçá-lo, e em vez disso acrescentei:

— Ele tem razão, Debs. É uma armadilha.

Ela sacudiu a cabeça impacientemente.

— Sabíamos que poderia ser. É por isso que trouxe vocês dois.

Chutsky fez uma careta, mas não se moveu.

— Não estou gostando disso.

— Não precisa gostar. — Falou Deborah. — Nem precisa fazer isso.

— Não vou deixar você entrar lá sozinha. — Falou ele. — E o Dexter também não vai.

Noutra situação, eu sentiria vontade de chutar Chutsky por oferecer a pele macia de Dexter para o altar de um perigo desnecessário, mas naquele momento eu concordava com ele.

Estava claro para mim que alguém com um mínimo de bom senso deveria ir junto, e olhando em volta para nosso grupo, contando todos, sobrava para mim.

— Exatamente. — Falei. — Além disso, sempre podemos chamar reforços se a coisa ficar feia.

Ao que parece aquela foi a coisa errada a dizer. Deborah olhou para mim e depois marchou em minha direção e ficou parada a um centímetro de meu rosto.

— Me dá seu celular.

— Quê?

— Agora! — Gritou, estendendo a mão.

— É um BlackBerry novo em folha. — Protestei, mas ficou muito claro que ou eu entregava ou perdia o uso de meus braços sob uma saraivada de socos dela, então entreguei.

— O seu também, Chutsky. — Falou ela, indo até ele, que apenas deu de ombros e entregou o telefone.

— Péssima ideia, gata. — Falou ele.

— Não vou deixar que um de vocês, palhaços, entre em pânico e foda com tudo. — Ela voltou para seu carro e jogou os telefones no banco da frente, o dela também, e depois voltou até nós.

— Ouça, Debbie, sobre os telefones. — Disse Chutsky, mas ela o interrompeu imediatamente.

— Porra, Chutsky, tenho de fazer isso, e tenho de fazer isso agora, do meu jeito, sem me preocupar com a Miranda ou qualquer dessas merdas, e, se não está gostando, cale a boca e vá para casa. — Ela puxou a corrente, e esta caiu. — Mas eu vou entrar, vou encontrar Samantha e eu vou pegar Bobby Acosta. — Disse, arrancou o cadeado e chutou o portão. Ele se abriu com um rangido torturante, e minha irmã olhou para Chutsky e depois para mim. — Vejo vocês depois. — Falou e saiu andando para dentro.

— Debs. Ei, Debbie, vamos lá. — Falou Chutsky. Ela o ignorou e marchou para dentro do parque. Chutsky suspirou e olhou para mim. — OK, camarada. Eu cubro o flanco direito, você o esquerdo. Vamos andando. — E ele seguiu Deborah portão adentro.

Você já reparou que não importa quantas vezes falemos sobre a liberdade, nunca parecemos conseguir alguma? Há poucas coisas no

mundo que eu queria fazer menos do que seguir minha irmã no parque, onde uma armadilha muito óbvia estava esperando por nós e, se tudo corresse muito bem, o melhor que eu poderia esperar era ter Samantha Aldovar de volta para arruinar minha vida. Se eu tivesse alguma liberdade mesmo, teria pegado o carro de Deborah e descido até a Calle Ocho para comer um bife palomilla e uma Ironbeer.

Mas como todas as outras coisas do mundo que parecem bacanas, a liberdade é uma ilusão. E, nesse caso, eu não tinha mais chances do que um homem amarrado à cadeira elétrica que recebe a notícia de que ele é livre para permanecer vivo enquanto puder até que eles liguem o interruptor.

Olho para cima para ver Roger, o Pirata. De repente, o sorriso dele parece meio malvado.

— Pare de sorrir. — Falo. Mas ele não responde.

Então sigo minha irmã e Chutsky pelo parque.

***** A Batalha de Khe Sahn foi um evento ocorrido durante a Guerra do Vietnã que envolveu o Exército do Vietnã do Sul e o Exército do Estados Unidos contra as forças armadas da República Socialista do Vietnã, em 1967. (N. T.)

Capítulo Trinta e Sete



ESTOU CERTO DE QUE TODOS NÓS VIMOS FILMES ANTIGOS o suficiente para saber que pessoas sensatas evitam parques de diversões abandonados, especialmente quando o sol está se pondo, o que era o caso. Coisas terríveis se escondem nesses locais e qualquer um que vagueie por lá está apenas se voluntariando para um fim terrível. E talvez eu estivesse sendo sensível demais, mas o Buccaneer Land parecia realmente o local mais assustador que já vira fora de um filme daqueles.

Havia quase um eco audível de risos distantes que pairava sobre os brinquedos sombrios e embolorados e as construções, e havia uma ponta de zombaria neles, como se os longos anos de negligência tivessem transformado aquele lugar em algo mau, e ele simplesmente mal pudesse esperar para ver algo de ruim acontecer comigo.

Mas, ao que parecia, Deborah não fizera suas investigações no departamento de cinema antigo. Ela parecia muito firme quando pegou a arma e caminhou para o parque, procurando por todo o mundo como se estivesse entrando numa loja da esquina para comer uns torresmos. Chutsky e eu a alcançamos uma centena de metros depois do portão, e ela mal olhou para nós.

— Espalhem-se. — Falou ela.

— Vá com calma, Debs. — Falou Chutsky — Nos dê tempo de chegar aos flancos. — Ele olhou para mim e apontou com a cabeça para a esquerda. — Vá devagar dando a volta pelos brinquedos, camarada. Passe por trás das cabines, balcões, qualquer lugar onde alguém possa se esconder. Mantenha os ouvidos e olhos abertos, fique de olho em Debbie e tome cuidado. — Ele se virou de volta para Deborah e disse: — Debs, ouça... — Mas ela o calou fazendo um gesto com a arma.

— Vamos logo, Chutsky, pelo amor de Deus.

Ele olhou para ela por um momento.

— Apenas tome cuidado. — Falou, e depois se virou e foi para a direita. Ele era um homem bem grande e tinha uma prótese no lugar de um dos pés, mas quando deslizou para o entardecer, sua idade e ferimentos simplesmente sumiram, e ele parecia uma sombra bem azeitada, com sua arma se movendo de um lado para o outro automaticamente, e fiquei muito feliz por ele estar aqui com seu fuzil de assalto e seus anos de experiência.

Mas antes que eu pudesse começar a cantar “Halls of Montezuma”, Deborah me cutucou com força e olhou para mim.

— Que diabos está esperando? — Falou. E apesar de eu preferir ter atirado em meu pé e ido para casa, movi-me para a esquerda através da escuridão crescente.

Seguimos cuidadosamente pelo parque na melhor formação paramilitar possível, a patrulha perdida em sua missão na terra do filme B. Dando crédito a Deborah, ela era muito cuidadosa. Ela se movia furtivamente de um esconderijo para outro, frequentemente olhando para Chutsky à direita e depois para mim à esquerda. Foi ficando mais difícil de vê-la, o sol já se pusera definitivamente, mas pelo menos isso significava que era difícil para eles nos ver também, quem quer que fossem eles. Dessa forma, ultrapassamos a primeira parte do parque, passamos pela loja de lembranças, e então vi o primeiro brinquedo, um velho carrossel. Ele caíra fora de seu eixo e ficara ali, encostado de um lado. Estava velho, desbotado, e alguém cortara a cabeça dos cavalos e pichara a coisa toda com tinta fluorescente verde e laranja, e aquilo foi uma das coisas mais tristes que eu já vira na vida. Dei a volta com cuidado, segurando a arma pronta e olhando atrás de tudo que fosse grande o suficiente para esconder um canibal.

No outro lado do carrossel, olhei à minha direita. Na escuridão que aumentava eu mal podia ver Debs. Ela estava na sombra de um dos grandes postes que sustentavam a linha do teleférico, que corria de um lado do parque para o outro. E não conseguia ver Chutsky, o lugar onde ele deveria estar era uma fileira de casas de brinquedo em ruínas que faziam sombra e uma pista de kart. Esperava que ele estivesse lá, vigilante e perigoso. Se alguma coisa pulasse em nós e gritasse *buuuu*, queria que estivesse pronto com seu fuzil de assalto.

Mas não havia sinal dele, e enquanto eu observava, Deborah voltou a avançar mais profundamente no parque escuro. Um vento morno passou por mim e senti o cheiro da noite de Miami: um odor remoto de sal na borda da vegetação em decomposição e de fumaça de carro. Mas, mesmo enquanto inalava aquele cheiro familiar, senti os pelos se eriçarem na parte de trás do pescoço e um suave sussurro surgiu do calabouço mais baixo do Castelo de Dexter, e um farfalhar de asas de couro surgiu suavemente sobre as muralhas. Foi um aviso muito claro de que algo não ia bem ali, e aquele era um ótimo momento para estar em outro lugar. Congelei ao lado dos cavalos sem cabeça, procurando pelo que ligara o alarme do Passageiro.

Não vi nem ouvi nada. Deborah desapareceu na escuridão e nada se movia em lugar nenhum, exceto um saco plástico que voava impulsionado pelo vento suave. Meu estômago se revirou, e dessa vez não era de fome.

De repente, minha pistola parecia muito pequena e inadequada, e eu desejava correr para fora do parque mais do que desejava minha próxima respiração. O Passageiro podia estar de mal comigo, mas não me deixaria caminhar direto para o perigo, e ele nunca estava errado, principalmente quando falava de maneira tão clara assim. Eu tinha de pegar Deborah e sair daqui antes que o que quer que fosse nos atingisse.

Mas como convencê-la? Ela estava tão determinada a libertar Samantha e prender Bobby que jamais ouviria, mesmo se eu conseguisse dar um jeito de explicar como eu sabia que as coisas estavam prestes a dar muito errado. E quando apertei a pistola na mão e estremei, a decisão foi tirada das minhas mãos. Houve um som gigante de *thunk*, e as luzes do parque começaram a se acender, depois o chão tremeu, houve um terrível som de metal enferrujado se movendo e ouvi um gemido estridente...

E acima de minha cabeça, o teleférico começou a funcionar.

Passei um longo e precioso segundo olhando para cima e imaginando todas as coisas horríveis que podiam cair sobre mim jogadas por alguém passando lá em cima. Então tive outro momento verdadeiramente horrível de altruísmo vil e olhei à minha direita para

ver se Deborah estava bem, mas não havia sinal dela. E depois de um dos carrinhos passar se balançando pelo cabo, ouvi um tiro e um som estridente, selvagem e feliz, o grito de um caçador que avistou sua presa, e recuperei meu precioso autointeresse e mergulhei para me esconder no escuro embaixo do carrossel. Na pressa de enterrar-me debaixo de um dos cavalos bati meu nariz em algo grande e duro que acabou se revelando ser uma das cabeças decapitadas de fibra de vidro de um cavalo. Quando consegui me arrastar e passar por ela para me esconder na outra extremidade do carrossel, o barulho lá de cima parara.

Esperei e nada aconteceu. Não houve mais disparos. Ninguém abriu fogo com um canhão. Nenhuma bomba de napalm veio assobiando do teleférico. Não havia nenhum som, a não ser a batida disfuncional do cabo velho e enferrujado atravessando os postes. Esperei mais um pouco. Algo fez cócegas em meu nariz, e eu o esfreguei; minha mão voltou com sangue e por um segundo muito longo eu olhei para aquilo, incapaz de pensar ou me mover ou ver qualquer coisa, exceto aquela mancha vermelha horrível do precioso fluido de Dexter. Mas, por sorte, meu cérebro voltou a ficar online, e limpei minha mão na calça e tirei aquilo da cabeça. É claro que aconteceu quando mergulhei para me esconder e bati o nariz. Não era grande coisa. Nós todos temos sangue em nosso corpo. O truque consiste em mantê-lo lá dentro.

Andei com cuidado, dando a volta e indo para uma posição onde ainda estivesse seguro, mas também conseguisse ver as coisas em volta, então empurrei a cabeça do cavalo até a parte mais externa de meu esconderijo e coloquei minha arma sobre ela. À minha direita, sobre o último lugar onde vira Deborah, um teleférico quebrado deslizava pelo cabo. Não havia nada nele, apenas a parte de metal presa no cabo segurando outra pequena parte de metal que fora o banco, e ele sacudiu e balançou enquanto passava rapidamente. A próxima cadeirinha apareceu e, apesar de ter mais partes que a anterior, os painéis laterais não existiam mais e esta também estava vazia.

Vi várias outras cadeirinhas quebradas passarem. Apenas uma delas pareceu estar em condições boas o suficiente para levar um

passageiro, mas ela passou pulando sem sinal de que aquilo tivesse acontecido, e comecei a me sentir meio idiota por estar escondido num carrossel quebrado e pintado de tinta fluorescente e apontando minha pistola para uma série de cadeirinhas de teleférico quebradas e totalmente vazias. Mais uma completamente vazia passou. Mas eu tinha certeza de que havia ouvido alguém passar lá em cima e o aviso do Passageiro foi muito claro. Havia perigo naquele parque espreitando atrás das memórias do Buccaneer Land. E o perigo sabia que eu estava lá.

Respirei fundo. Era claro que Bobby também estava lá, e pelo visto não estava sozinho. Mas não dava para ter mais que duas ou três pessoas naquelas cadeirinhas velhas e detonadas. Então, se continuássemos com o plano original e seguissemos em frente pelo parque, nós três ainda podíamos conseguir pegar alguns moleques maus. Não havia com o quê se preocupar. Continue respirando, siga o plano e estará em casa para assistir a David Letterman. Esgueirei-me de volta para a borda do brinquedo, e colocara uma perna para fora quando ouvi de novo um grito primitivo daqueles de festas de faculdade vindo de trás de mim, na direção do portão principal, e então escorreguei de volta para baixo do eixo caído e para a proteção atrás de minha cabeça de cavalo.

Alguns segundos depois, ouvi vozes alegres e o som de muitos pés e vi umas oito ou dez pessoas passarem por mim. Na média, eles tinham a idade de Bobby Acosta, o tipo de jovens monstros com rostos brilhantes que tínhamos visto no Canino, e possivelmente eram exatamente os mesmos ali, todos vestidos em fantasias estilosas de pirata, o que tenho certeza de que agradou ao Roger. Eles passaram apressados, excitados, felizes e claramente a caminho de uma festa e à frente deles com um olhar letal de espada desembainhada ia o leão de chácara de rabo-de-cavalo do Canino.

Fiquei observando por detrás de minha cabeça de cavalo decapitada até eles sumirem e o som dos passos deles desaparecer e então pensei naquilo, e os pensamentos não eram terrivelmente felizes. As chances tinham mudado e a situação era completamente diversa agora. Não sou uma pessoa muito sociável por natureza, mas aquela parecia ser uma boa hora para procurar meus

companheiros e passar um tempo juntos, sobrevivendo, de preferência.

Então esperei mais um minuto para ter certeza de que ninguém ficara para trás, deixei minha cabeça de cavalo e comecei a ir até os limites do carrossel com cuidado. Até onde eu via, eles haviam sumido, e o parque podia muito bem estar deserto. Tinha uma construção à frente e um pouco à esquerda que reconheci de minha infância. Passara muitas horas maçantes e confusas andando nele naquela época, completamente sem entender porque aquilo devia ser divertido. Mas se ia me dar cobertura, eu o perdoava por tudo. Então, com um último olhar para o teleférico eu rolei para fora do carrossel e corri para a Casa Maluca.

O exterior da construção estava em péssimo estado, e apenas algumas sombras tinham sobrado no mural que antes decorava o brinquedo. Eu mal podia perceber que a cena se tratava de piratas felizes tomando e saqueando uma pequena cidade. A perda daquilo foi um duro golpe para o mundo das artes, mas não era minha maior preocupação no momento. Havia uma luz fraca em frente à Casa Maluca, então dei a volta até a parte de trás meio agachado e tentando permanecer nas sombras. Isso me levou à direção oposta do último lugar em que havia visto Debs, mas precisava achar outro lugar para me esconder. O que quer que estivesse no teleférico me vira tentando me esconder no carrossel, e eu precisava escapar de lá.

Fui com cuidado até a parte de trás da Casa Maluca. A porta dos fundos estava aberta e presa por apenas uma dobradiça com um escrito meio visível. As letras vermelhas desgastadas diziam DE EMERGÊNCIA. Parei ao lado da porta com a arma pronta. Não achei que alguém estaria escondido no meio dos velhos espelhos. Seria clichê demais, e tenho certeza de que até mesmo os canibais têm certo orgulho, não? E em todo caso, os espelhos não enganavam ninguém mesmo quando estavam em bom estado. Depois de tantos anos de negligência eles deviam refletir tanto quanto a sola de meu sapato. Mas não quis me arriscar. Entrei agachado e com a arma pronta e apontada. Nada espreitava e nada se moveu. Continuei e me escondi nas sombras.

No lado mais fundo do lugar, eu parei de novo, olhei em volta com cuidado e nada. Seria possível que não houvesse ninguém procurando por mim? Lembrei-me de algo que Doris, minha mãe adotiva, costumava dizer: "O mal escapa quando ninguém o persegue". Aquilo certamente era verdade em meu caso. Passei muito tempo fugindo, e até agora ninguém me perseguira. Mas eu tinha certeza absoluta de que eles estavam no parque, e o único movimento sensato a fazer era correr por minha própria vida, mas também sabia com certeza que minha irmã não iria embora sem Samantha Aldovar e Bobby Acosta, e não poderia deixá-la fazer aquilo sozinha.

Ouvi um murmurar infeliz do Passageiro e senti o vento gelado de suas asas batendo através de mim, e cada pequena voz da razão e do bom-senso se levantaram e gritaram para que eu corresse para a saída, mas eu não podia. Não sem Deborah.

Então respirei fundo, imaginando quantas vezes mais eu conseguiria fazer aquilo, e parti para o próximo pedacinho de esconderijo detonado ao lado. Aquilo fora um brinquedo para crianças pequenas, daqueles que carrinhos grandes e fechados que andam bem devagar em círculo e você gira uma grande roda no centro deles. Só havia dois carrinhos, e os dois estavam bem detonados. Fui até a sombra do azul e fiquei agachado ali por um momento. O grupo inteiro de piratas desapareceu e não havia nada nem ninguém que parecia estar prestando atenção a meu progresso meio eremita e meio caranguejo. Daquele jeito, eu poderia até ter marchado pelo parque junto com minha banda de metal e fazendo malabarismo com tatus vivos que não haveria problema.

Mas, cedo ou tarde, nos encontraríamos, e as coisas sendo como eram, eu preferia encontrá-los primeiro. Então fiquei de quatro e examinei tudo a minha volta.

Cheguei ao fim da área de brinquedos para criancinhas e agora podia ver o rio artificial que um dia abrigara o brinquedo do navio pirata. Ainda tinha bastante água nele, apesar da cor não ser a mais atrativa que eu já vira. Mesmo dali dava para ver que a água era de um verde chapado e grosso por causa dos anos sem cuidados. Entre mim e o rio havia três dos postes de suporte do teleférico, cada um

deles com luzes penduradas, mas apenas uma delas funcionava. Era a da minha direita, na direção de onde tinha visto Deborah pela última vez. Bem à frente havia uma área escura de uns trinta e cinco metros que terminava no próximo esconderijo possível, um pequeno bosque de palmeiras num pequeno morro acima da água. O bosque não era muito grande, tendo apenas o tamanho suficiente para esconder alguns pequenos grupos de talibãs esperando para me pegar. Mas não havia nenhum outro esconderijo à vista, então saí de detrás do carrinho e entrei na área aberta tentando correr meio agachado.

Foi uma sensação horrível estar desprotegido, e aquilo pareceu ter levado horas para eu cruzar aquele espaço aberto e sem sombras, até que cheguei perto do pequeno bosque. Fiz uma pausa ao lado da primeira palmeira. Agora que havia uma pequena cobertura do tronco dela, voltei a me preocupar com o que poderia estar escondido do outro lado. Abracei a árvore e dei uma olhada por entre suas irmãs. Uma grande quantidade de arbustos e vegetação rasteira cresceu ali e, como havia muitos galhos pontudos, não parecia ser um lugar muito atrativo para alguém se esconder. Pude ver o suficiente para ter quase certeza de que ninguém estava à espreita naqueles arbustos espinhosos, e também não queria me arriscar a perder nenhum pedacinho de minha carne me escondendo lá também. Comecei a me afastar de meu tronco e a procurar por outro esconderijo.

E então, lá no rio à minha esquerda, ouvi o inconfundível som de um canhão falso disparando. Olhei em direção ao som e, com um barulho de tecidos rasgados e longarina meio quebrada, o navio pirata veio navegando pelo braço do rio.

Era apenas uma casca em decomposição do que já fora. Pedacos de madeira pendiam do casco. Os restos esfarrapados de suas velas tremulavam tristemente, e menos da metade do apagado Jolly Roger acenava do alto do mastro principal, mas ainda assim o navio navegava orgulhoso, do mesmo jeito que eu me lembrava dele. Outro sopro fraco saiu dos três canhões virados para mim e tomei aquilo como um sinal e mergulhei no emaranhado de vegetação entre as palmeiras.

O que parecia algo a ser evitado momentos antes agora era um lugar seguro e precioso, e rastejei até a parte mais funda da vegetação. Quase que instantaneamente eu estava enrolado nas plantas e sendo cortado por espinhos. Tentei me soltar de uma planta que me atacou e voltei para trás dolorosamente até uma pequena palmeira *Sabal serrulata*. Quando consegui me soltar, sangrava por vários cortes profundos nos braços, e minha camisa estava rasgada. Mas reclamar nunca ajudou em nada, e tenho certeza de que ninguém pensou em trazer curativos, então continuei rastejando.

Fui em frente atrás dos arbustos, deixando para trás vários pedaços pequenos e valiosos de minha carne naquelas plantas carnívoras, até conseguir chegar aos limites da pequena floresta, onde me agachei atrás de uma folha de palmeira e fiquei observando o rio. A água passava como se uma mão gigante estivesse embaixo dela e a tivesse colocado em movimento, e depois voltou a um movimento mais lento e constante, como se fosse um rio de verdade e não um laguinho redondo.

E enquanto eu observava, o orgulho do *Buccaneer Land* e o terror dos sete mares, o barco maligno *Vingança* surgiu de novo e parou no antigo e apodrecido píer que se projetava para o rio de uma margem próxima e à minha direita. A água correu forte de novo e voltou a seu ritmo lento, e o *Vingança* balançou um pouco, mas ficou parado em seu ancoradouro. E apesar de não haver sinal da tripulação má do navio, havia pelo menos um passageiro a bordo.

Muito bem amarrada ao mastro principal estava Samantha Aldovar.

Capítulo Trinta e Oito



SAMANTHA NÃO PARECIA SER O TIPO DE PASSAGEIRO QUE EU vira a bordo da Vingança em minha juventude. Além de não estar segurando nenhum algodão-doce ou chapéu de pirata, ela estava caída, talvez inconsciente, talvez até mesmo morta, com seu peso sustentado pelas cordas. De meu esconderijo no pequeno morro, eu tinha uma visão razoável da maioria das coisas no convés. Samantha estava ao lado de uma churrasqueira grande e preta com uma fina coluna de fumaça saindo dela sob a tampa fechada. Ao lado estavam um caldeirão grande de 18 litros num carrinho e uma pequena mesa onde vários objetos indistintos, mas de aspecto familiar, brilhavam afiados ao refletirem a luz.

Por um momento, nada se moveu além da meia bandeira esfarrapada de Jolly Roger lá em cima do mastro. O convés estava deserto, a não ser por Samantha. Mas tinha de haver mais alguém a bordo. Apesar de um grande leme falso na popa, eu sabia que o barco era controlado de dentro da cabine. Havia também uma sala de estar, com um bar com refrescos. Alguém deve estar lá trabalhando nos controles. Mas quantas pessoas? Apenas Bobby Acosta? Ou amigos canibais suficientes para deixar as coisas complicadas para os mocinhos, entre os quais eu estranhamente me incluía essa noite?

A bandeira tremulou. Um avião passou com o trem de pouso abaixado, vindo para pousar no aeroporto de Fort Lauderdale. O barco balançava suavemente. E então Samantha rolou a cabeça para um lado, outro tiro anêmico saiu dos canhões, e a porta da cabine se abriu. Bobby Acosta saiu para o convés com um lenço amarrado na cabeça e uma pistola Glock, que não tinha nada a ver com piratas, erguida em sua mão.

— Uhuuuuu! — Gritou, e disparou dois tiros para o ar quando um pequeno bando de foliões com expressões felizes e mais ou menos de sua idade e de ambos os sexos o seguiam para o convés.

Estavam todos vestidos de pirata e todos se dirigiram diretamente para o caldeirão grande ao lado de Samantha e começaram a encher copos e a engolir o conteúdo dele.

E quando mergulharam em seu divertimento leve e despreocupado, senti uma pontada de esperança começar a florescer em meu coração. Eram cinco deles e só três de nós, verdade, mas todos eram magrinhos e fracos e estavam tomando algo que eu tinha certeza de que era o ponche tóxico de que eles tanto gostavam. Em poucos minutos estariam chapados, tontos e não seriam uma ameaça. Aonde quer que o resto da festa tivesse ido, aquele grupo ali seria um alvo fácil. Nós três poderíamos sair de nossos esconderijos e dominá-los. Deborah conseguiria o que veio buscar e poderíamos escapar e pedir ajuda, e Dexter poderia voltar a reinventar a vida normal.

E então a porta da cabine se abriu de novo, e Alana Acosta deslizou para o convés.

Atrás dela veio o leão de chácara com rabo-de-cavalo do Canino e três homens com cara de mau carregando escopetas, e então o mundo voltou a ficar sombrio e perigoso.

Eu sabia que Alana era uma predadora pelo que o Passageiro sussurrou enquanto estávamos ao lado da Ferrari dela. E agora, vendo-a aqui, claramente no comando, sabia que meu irmão Brian estava certo. A cabeça da irmandade era uma mulher, Alana Acosta. E aquilo não era uma simples armadilha. Era um convite dela para jantar. E se não conseguisse pensar em algo muito inteligente para fazer, eu estaria no cardápio.

Alana caminhou direto para a amurada do convés, olhou para o parque mais ou menos entre mim e onde eu achava que Deborah devia estar e gritou:

— Olé, olé, soltem a boiada! — Ela se virou e fez um aceno de cabeça para seus asseclas, e eles obedientemente apontaram suas armas para a cabeça de Samantha. — Ou sofram as consequências! — Gritou ela, alegremente.

Sem dúvida, aquele seu grito bizarro sobre gado devia ser algum tipo de ritual britânico para crianças, que significava que todos deveriam entrar: a brincadeira terminou, voltem para a base. Mas

ela deve ter pensado que éramos mesmo crianças, e umas muito burras, pois achava que sairíamos obedientemente de nossos mercedos e a duras penas conquistados esconderijos e cairíamos em suas garras. Apenas uma pessoa tonta demais faria uma coisa idiota daquelas.

Enquanto me agachava para esperar pelo que imaginava ser um longo jogo de gato e rato ouvi um grito à minha direita e, um momento depois, para meu grande horror, surgiu Deborah. Ela estava aparentemente tão obcecada em salvar Samantha — de novo! — que não gastara dois segundos pensando nas consequências do que estava fazendo. Ela simplesmente pulou para fora do esconderijo, correu em direção ao navio e ficou ao lado do píer para se render. E ficou lá embaixo de mim, olhando desafiadora, e em seguida, muito deliberadamente, tirou a pistola da cintura e pôs no chão.

Alana decerto gostou da performance. Ela chegou mais perto, onde podia tripudiar sobre Debs de maneira mais adequada, e então se virou e disse alguma coisa para o segurança. Um momento depois, ele lutou com a rampa de embarque decrépita da lateral e baixou-a até o pequeno píer.

— Venha aqui para cima, querida. — Disse Alana para Deborah. — Use a rampa.

Deborah ficou parada encarando Alana.

— Não machuque a menina. — Falou.

Alana abriu um imenso sorriso.

— Mas ela quer que a gente a machuque, ainda não percebeu isso?

Deborah sacudiu a cabeça.

— Não a machuque. — Repetiu.

— Vamos conversar sobre isso, certo? — Falou Alana. — Suba a bordo.

Deborah olhou para cima e viu apenas uma felicidade reptiliana. Ela baixou a cabeça e subiu a rampa, e um momento depois dois dos asseclas com escopetas a pegaram, colocaram seus braços para trás e os prenderam com fita adesiva. Uma voz meio má no fundo de minha cabeça sugeriu que aquilo era justo, já que muito

recentemente ela apenas assistira a eles fazerem o mesmo comigo. Mas pensamentos mais bondosos surgiram e abafaram aquele outro, então comecei a me lamentar e a pensar em como poderia soltar minha irmã.

Mas Alana, é claro, não tinha a intenção de permitir algo assim. Ela esperou um momento olhando para o parque e então colocou as mãos em concha na boca e gritou:

— Tenho certeza de que seu charmoso acompanhante também está por aí em algum lugar! — Ela olhou para Deborah que estava com a cabeça baixa e em silêncio. — Nós o vimos no carrossel, querida. Cadê aquele sodomitazinho? — Deborah não se mexeu. Alana esperou um momento com um sorriso de feliz antecipação e então gritou: — Não seja tímido! Não podemos começar sem você! — Fiquei onde estava, completamente imóvel em meio aos espinhos.

— Muito bem. — Falou alegremente, virou-se e estendeu a mão, então um dos capangas colocou uma escopeta nela. Por um momento, fui rasgado pela ansiedade, e aquilo foi pior que os espinhos. Se ela ameaçasse atirar em Debs... Mas ela ia matá-la de qualquer jeito, por que devia deixar que me matasse também? Mas eu não podia deixá-la machucar Debs...

Levantei minha pistola inconscientemente. Era uma ótima arma, extremamente precisa e daquela distância eu tinha uns vinte por cento de chance de acertar Alana. As chances de acertar Debs eram as mesmas... Ou talvez Samantha, e quando pensei naquilo a pistola subiu ainda mais, sozinha.

É claro que algumas coisas não aconteceriam num mundo justo, mas como não vivemos em um, o pequeno movimento que fiz deve ter pegado o brilho de alguma luz velha ainda funcionando e refletiu o suficiente para atrair o olhar de Alana. Ela armou a escopeta rápido o bastante para não deixar dúvida de que sabia usar, então a levantou na altura do ombro, apontou quase diretamente para mim e disparou.

Tive um segundo para reagir e mal consegui mergulhar atrás da palmeira mais próxima. E, mesmo assim, senti o vento das pelotas acertando as folhagens no lugar onde eu acabara de estar.

— Assim está melhor. — Falou ela, e depois ouvi outro tiro da escopeta. Um pedaço da árvore que me protegia sumiu. — Surpresa!

Um momento atrás eu não consegui escolher entre deixar minha irmã em perigo ou colocar meu pescoço no laço. De repente, minha decisão ficara muito mais fácil. Se Alana ia ficar ali parada removendo as árvores, uma de cada vez, com seus tiros, meu futuro era sombrio de qualquer jeito, e como o perigo mais imediato era do chumbo grosso, me pareceu uma ideia bem melhor me entregar e contar com meu intelecto superior para descobrir um jeito de escapar do cativeiro novamente. Além disso, Chutsky ainda estava por aí com seu fuzil de assalto, o que era mais que suficiente para lidar com alguns amadores com escopetas.

Considerando tudo, não era bem uma escolha, mas era tudo que eu tinha. Então me levantei, ainda ficando atrás da árvore, e gritei:

— Não atire!

— E estragar a carne? — Respondeu Alana. — Mas é claro que não vou atirar. Mas quero ver seu rosto sorridente e com as mãos para cima. — E ela sacudiu a escopeta para o caso de eu ser meio lento em entender o que estava dizendo.

Como já disse antes, a liberdade é apenas uma ilusão. Sempre que pensamos ter uma escolha de verdade, significa apenas que não tínhamos visto a escopeta apontada para nosso umbigo.

Botei a pistola no chão, levantei as mãos até onde a dignidade me permitia e saí detrás da árvore.

— Gracinha! — Falou Alana. — Agora venha até o rio através das árvores, leitãozinho.

Aquilo doeu um pouco mais do que deveria. Quer dizer, no meio de tanta coisa, ser chamado de leitão não era muito. Apenas uma indignidade menos jogada por cima de outras calamidades muito maiores, e talvez fosse minha nova sensibilidade semi-humana me encorajando a levar aquilo a sério demais, mas, poxa, leitão? Eu, Dexter? Sem ferimentos, em forma e temperado e moldado em muitos fogos da fornalha da vida? Ressentime com aquilo e mandei uma mensagem telepática para que Chutsky acertasse Alana com cuidado para que ela morresse lentamente e sofresse.

Mas claro que também fui andando devagar até o rio com as mãos para o alto.

Na margem eu fiquei parado por um momento observando Alana e sua escopeta. Ela fez um sinal com a arma me encorajando.

— Venha logo. — Falou. — Suba pela prancha, seu velho sodomita.

Não dava para argumentar com a arma, ainda mais àquela distância.

Comecei a subir. Minha mente girava com ideias impossíveis. Mergulhar para baixo do barco e longe do alcance de Alana, mas e depois? Prender a respiração por algumas horas? Nadar pelo rio e ir buscar socorro? Mandar mais mensagens mentais e esperar ser resgatado por uma gangue de telepatas paramilitares? Não havia nada a fazer a não ser subir até o Vingança. E foi o que fiz. Era uma prancha de alumínio velho e instável e tive de me segurar na corda de segurança desgastada que havia do lado esquerdo. Escorreguei uma vez e segurei firme na corda enquanto toda a rampa sacudiu e rangeu. Mas em pouco tempo eu estava no convés olhando para três escopetas apontadas para mim... E ainda mais sombrios e mortais que os canos das armas, os olhos azuis e vazios de Alana. Ela ficou parada perto demais de mim enquanto os outros prendiam minhas mãos com fita, olhando-me com uma afeição que achei muito perturbadora.

— Esplêndido. — Falou ela. — Isso vai ser divertido. Não vejo a hora de começar. — Ela se virou e olhou para o portão do parque. — Onde está aquele homem?

— Ele já vai chegar. — Falou Bobby. — Estou com o dinheiro dele.

— É bom que venha mesmo. — Falou Alana, e olhou de volta para mim. — Não gosto de ficar esperando.

— Eu não ligo. — Falei.

— Eu realmente gostaria de começar logo. — Disse ela. — Há certa pressão com o tempo esta noite.

— Não machuque a garota. — Disse Deborah de novo, mas entredentes dessa vez.

Alana virou seu olhar para Debs, o que foi bom para mim, mas tive a sensação de que seria muito desagradável para minha irmã.

— Estamos dando uma de mamãe galinha com esta menina e leitoazinha, não estamos? — Ela falou indo em direção a Deborah. — Por que será, sargento?

— Ela é só uma garota. Uma criança.

Alana sorriu, e era um sorriso largo que mostrava centenas de dentes brancos e perfeitos.

— Ela parece saber bem o que quer. E como é a mesma coisa que queremos, qual é o mal nisso?

— Não é possível que ela queira isso. — Sibilou Deborah.

— Mas ela quer sim, querida. Alguns deles gostam. Eles querem ser comidos... Tanto quanto nós queremos comê-los. — O sorriso dela era muito largo e quase real dessa vez. — Quase nos faz acreditar na existência de um Deus benevolente, não faz?

— Ela é só uma criança rebelde e idiota. — Falou Deborah. — Ela vai superar isso... Ela tem uma família que a ama e tem a vida toda pela frente.

— E então, dominada pelo remorso e pela beleza de tudo isso, eu deveria deixá-la ir. — Ronronou Alana. — Família e Igreja são filhotes e flores... Que adorável deve ser o seu mundo, sargento. Mas é um pouco mais sombrio para o resto de nós. — Ela olhou para Samantha. — Mas é claro que tem seus bons momentos.

— Por favor. — Falou Deborah, e pareceu desesperada e vulnerável de um jeito que nunca vira antes. — Deixe-a ir.

— Acho que não. — Disse Alana, secamente. — Aliás, com toda essa comoção, acho que fiquei com um pouco de fome. — Ela pegou uma faca muito afiada da mesa.

— Não! — Disse Deborah com uma voz violenta e sibilante. — Não faça isso, porra!

— Sim, infelizmente sim. — Falou Alana, com um olhar frio e divertido. Dois guardas seguraram Deborah no lugar, e Alana viu eles terem de se esforçar, claramente gostando daquilo. E com um olho ainda em Deborah, Alana foi até Samantha e segurou a faca como se estivesse indecisa.

— Nunca consegui fazer essa parte das carnes direito. — Falou ela. Bobby e seu grupo se reuniram em volta, sacudindo-se um pouco e mal reprimindo a excitação, como crianças entrando para

ver um filme proibido. — É só por isso que aguento os atrasos daquele canalha atrevido. Ele é realmente muito bom nisso. Acorde, porquinha. — Ela deu um tapa no rosto de Samantha, que levantou a cabeça e abriu os olhos.

— Está na hora? — Falou ela, dopada.

— É só um aperitivo. — Respondeu Alana, mas Samantha sorriu. Ficou bem claro pela sua felicidade sonolenta que ela fora drogada de novo, mas pelo menos não era ecstasy dessa vez.

— Certo, ótimo. — Falou, e Alana olhou para ela e depois para nós.

— Vamos lá, vá fundo. — Falou Bobby.

Alana sorriu para ele e então esticou a mão como uma serpente e pegou o braço de Samantha tão rápido que não vi quase nada além do brilho borrado da lâmina, e antes que eu pudesse piscar ela arrancara a maior parte do tríceps da garota.

Samantha fez um som entre gemido e grunhido, e não era nem de prazer nem de dor, mas algo entre os dois, um grito de agonia e satisfação. Aquilo fez meus dentes ficarem no limite e os pelos de meu pescoço se eriçarem, e então Deborah explodiu numa fúria insana que mandou um de seus guardas girando pelo convés, e o outro pegou a arma e apontou para ela até que o enorme leão de chácara de rabo-de-cavalo veio e a derrubou no chão com sua mão gigante. Debs caiu como uma boneca de pano e ficou imóvel.

— Leve a sargento para baixo. — Falou Alana. — E tenha certeza de prendê-la bem. — Os dois lacaios pegaram Deborah e a arrastaram para a cabine. Não gostei nem um pouco do jeito que ela ficou pendurada entre eles, completamente solta e sem vida e sem pensar eu dei um passo na direção dela. Mas antes que eu pudesse fazer muito mais que apontar meus dedos na direção dela, o leão de chácara gigante pegou a escopeta do chão e a encostou em meu peito, e fui forçado a apenas olhar indefeso enquanto levavam minha irmã para dentro da cabine.

E quando o segurança me empurrou de volta para olhar para Alana, ela estava levantando a tampa da churrasqueira e colocando o pedaço da carne de Samantha na grelha, ele fez aquele som característico e soltou um fio de vapor para o alto.

— Ah! — Falou Samantha, numa voz muda e distante. — Ah! Ah!
— Ela se sacudiu de leve contra as cordas que a prendiam

— Vire daqui dois minutos. — Disse Alana para Bobby, e então se virou para mim. — Bom, leitãozinho. — Falou, esticando a mão e apertando minha bochecha, não como uma avó carinhosa faz, mas mais como um comprador astuto checando suas costeletas. Tentei afastar a cabeça, mas não é tão fácil quanto parece, ainda mais com um homem enorme apertando uma escopeta contra minhas costas.

— Por que continua me chamando assim? — Perguntei. Sou mais petulante do que deveria, mas eu realmente não tinha uma posição muito forte aqui, a não ser que se leve em conta o nível moral.

Minha pergunta pareceu divertir Alana. Ela esticou as duas mãos dessa vez, segurou minhas bochechas e sacudiu minha cabeça de um lado para o outro com carinho.

— Porque você é o meu leitãozinho! E vou devorá-lo absolutamente inteiro, querido! — E um brilho pequeno e muito real surgiu em seus olhos, e o Passageiro agitou suas asas tocando o alarme.

Gostaria de dizer que estive em situações piores e sempre consegui achar um jeito de sair. Mas a verdade é que não conseguia pensar em alguma vez que me sentira tão desconfortavelmente vulnerável. Mais uma vez, eu estava amarrado e impotente, com uma arma nas costas e uma predadora mais letal que a arma na frente. E em relação a meus companheiros, Deborah estava inconsciente ou pior e Samantha estava literalmente sendo colocada no fogo. Mas eu ainda tinha uma carta na manga. Sabia que Chutsky estava por lá, armado e perigoso, e enquanto estivesse vivo não deixaria nada de mal acontecer a Debs e, por extensão, a mim. Se conseguisse manter Alana falando por tempo suficiente, Chutsky viria e nos salvaria.

— Você já tem Samantha. — Falei, da forma mais razoável que consegui. — Tem mais que suficiente dela para todos.

— Sim, mas ela quer ser comida. A carne sempre tem um gosto melhor quando é relutante. — Ela olhou para Samantha que disse “Ah” de novo. Os olhos dela estavam arregalados agora, selvagens

como algo que eu não sabia o que era, e se concentravam na churrasqueira.

Alana sorriu e deu uns tapinhas em minha bochecha.

— Você nos deve isso, querido. Por escapar e nos causar todos esses problemas. E além disso, também precisamos de um porco macho. — Ela fez uma careta para mim. — Você parece um pouco fibroso. Devíamos marinar você por alguns dias. Mas não temos tempo, e eu adoro um bom corte de homem.

Tenho de admitir que era um momento e local errados para ficar curioso, mas, afinal, estava tentando enrolar.

— O que quer dizer com não ter tempo?

Ela olhou para mim sem expressão, e, de alguma forma, a completa falta de emoção era mais perturbadora que o sorriso falso.

— É a última festa. Então terei de partir de novo, infelizmente. Do mesmo jeito que precisei partir da Inglaterra quando as autoridades acharam que muitos imigrantes ilegais tinham desaparecido, igual está acontecendo aqui. — Ela sacudiu a cabeça. — Estava começando a gostar do sabor dos trabalhadores migrantes também.

Samantha resmungou, e olhei para ela. Bobby estava parado na frente dela brincando com a ponta da faca no peito parcialmente exposto da moça, como se estivesse entalhando suas iniciais numa árvore. O rosto dele estava bem próximo do dela, tinha com um sorriso de murchar rosas.

Alana suspirou e sacudiu a cabeça carinhosamente.

— Não brinque com a comida, Bobby. Você devia estar cozinhando. Vire a carne agora, querido. — Falou Alana, e ele se virou para ela. Depois soltou a faca com relutância e foi até a churrasqueira com um garfo de cabo longo e virou a carne. Samantha gemeu novamente. — E ponha algo embaixo daquele corte. — Disse Alana apontando com a cabeça para a poça do terrível sangue vermelho que pingava do braço de Samantha e se espalhava pelo convés. Ela está transformando o convés num abatedouro.

— Não sou a porra da Cinderela. — Respondeu Bobby, alegremente. — Pare com essa merda de encenação de madrasta má.

— Está certo, mas será que podemos deixar as coisas um pouco mais limpas por aqui? — Disse Alana.

Ele deu de ombros e ficou claro que eles gostavam tanto um do outro quanto é possível para dois monstros. Bobby pegou um pote do rack embaixo da churrasqueira e colocou embaixo do braço de Samantha.

— Eu realmente recuperei o Bobby. — Falou ela, com um traço de algo que poderia ser orgulho. — Ele não tinha ideia de como fazer as coisas e estava custando uma pequena fortuna ao pai para encobrir os problemas. Joe não conseguia entender, pobre cordeiro inocente. Ele achava que tinha dado tudo ao Bobby... Mas não tinha dado a única coisa que ele realmente queria. — Ela olhou direto para mim, mostrando todos os seus dentes brilhantes. — Isto. — Falou, apontando para Samantha, as facas e o sangue no convés. — Quando senti o gosto de um porco grande e o poder que vem junto, ele aprendeu a ser cuidadoso. O clube sombrio, Canino, foi ideia do Bobby. Um ótimo jeito de recrutar gente para a irmandade, separando canibais de vampiros. E os ajudantes de cozinha eram uma excelente fonte de comida.

Ela franziu a testa.

— Deveríamos ter ficado apenas com as refeições de imigrantes. Mas passei a gostar muito do Bobby e ele implorou tão bonitinho. Aliás, as duas garotas também imploraram. — Ela sacudiu a cabeça. — Foi burrice minha. Eu devia saber. — Ela se virou de novo para mim com seu sorriso brilhante de volta ao lugar. — Mas olhando pelo lado bom, tenho muito mais dinheiro dessa vez para um novo começo. E um bom conhecimento de espanhol, que é algo que não devo desperdiçar. Costa Rica? Uruguai? Algum lugar onde as coisas podem ser respondidas com dólares.

O celular de Alana tocou, e ela se assustou por um breve segundo.

— Olha só para mim, divagando. — Falou, olhando para a tela do celular. — Ah, já era hora, porra. — Ela se virou e falou algumas palavras no celular, ouviu por um momento, falou de novo e depois desligou. — Cesar, Antoine. — Disse, chamando os dois homens com escopetas. Eles se apressaram até ela, que falou: — Ele está aqui.

Mas... — E então se inclinou e falou algo para eles que não pude ouvir. O que quer que fosse fez Cesar sorrir e assentir, então Alana olhou para os foliões perto da grelha. — Bobby — falou —, vá com Cesar e o ajude.

Bobby sorriu maliciosamente e levantou a mão de Samantha. Então pegou uma faca da mesa e a levantou, olhando esperançoso para Alana. Samantha gemeu.

— Não dê uma de palhaço, meu amor. Vá lá ajudar o Cesar.

Bobby soltou o braço de Samantha, e ela grunhiu e então disse “Ah” várias vezes enquanto Cesar e Antoine desciam a rampa com Bobby e seus amigos e iam para o parque.

Alana ficou olhando eles irem.

— Deveremos começar os trabalhos com você em breve. — Falou e desviou sua atenção de mim, caminhando até Samantha. — E como estamos indo, hein, porquinha?

— Por favor! — Disse Samantha, fracamente. — Ah, por favor...

— Por favor? Por favor o quê? Quer que eu solte você? Hein?

— Não! — Respondeu Samantha. — Ah, não.

— Não quer que eu a solte, muito bem. Então o quê, querida? Simplesmente não consigo pensar no que seja. — Ela pegou uma das facas “Ah, como parecem afiadas”. — Talvez eu possa ajudá-la a falar um pouco melhor, porquinha. — Ela falou e depois enfiou a ponta da faca na altura do abdome de Samantha, não muito fundo, mas repetidamente, deliberadamente, o que parecia ainda mais terrível, e Samantha gritou e tentou se esquivar, o que foi impossível, é claro, já que estava amarrada ao mastro.

— Não tem nada mesmo a dizer, querida? Jura? — Falou ela, enquanto Samantha finalmente entrava em colapso, com o terrível sangue vermelho escorrendo de muitos lugares. — Muito bem, então darei mais tempo para você pensar a respeito. — Então colocou a faca de volta na mesa e levantou a tampa da churrasqueira. — Ah, diabos, acho que isso aqui queimou. — Disse e, com um olhar rápido para ter certeza de que Samantha estava olhando, pegou o garfo longo e jogou o pedaço de carne por cima da amurada e na água.

Samantha soltou um gemido fraco de desespero e desabou. Alana a assistiu animada, e então virou para mim com um sorriso de serpente e falou:

— Você é o próximo, garoto. — E foi até a amurada.

Falando sério, fiquei feliz em vê-la se afastar, pois achei o desempenho dela bem difícil de assistir. Além do fato de não gostar de ver pessoas infligindo dor e sofrimento a alguém inocente, sabia muito bem que aquilo, em parte, era para mim. Não queria ser o próximo e não queria virar comida, que é o que iria acontecer, aparentemente, se Chutsky não chegasse logo. Eu tinha certeza de que ele estava lá fora, nas sombras, circulando para aparecer de um ângulo inesperado, tentando achar um jeito de melhorar suas chances, fazendo alguma manobra estranha e mortal conhecida apenas pelos guerreiros mais duros, antes de surgir com sua arma disparando. Mas, mesmo assim, eu torcia para que ele se apressasse.

Alana continuava olhando na direção do portão. Ela parecia um pouco distraída, o que eu achava ótimo. Deu-me tempo de refletir sobre minha vida desperdiçada. Parecia terrivelmente triste que ela acabasse agora, tão cedo, bem antes de eu fazer algo importante de verdade, como levar Lily Anne para suas aulas de balé. Como ela iria se sair na vida sem mim para guiá-la? Quem a ensinaria a andar de bicicleta, quem leria contos de fadas para ela?

Samantha gemeu fraco de novo, e olhei para ela, que se movia contra suas amarras num ritmo lento e espasmódico, como se suas baterias estivessem acabando devagar. O pai dela lera para ela também. Leu contos de fadas, como ela contou. Talvez eu não deva ler contos de fadas para Lily Anne, aquilo não dera muito certo para Samantha. É claro que do jeito que as coisas iam agora eu não ia ler nada para ninguém. Torci para Deborah estar bem. Apesar de seu estranho humor dos últimos tempos, ela era durona, mas levou uma pancada bem forte na cabeça e parecia bem mole quando a levaram para baixo.

E então ouvi Alana dizer:

— Arrá!

E me virei para olhar.

Um grupo de figurantes estava passando exatamente numa parte iluminada por um dos postes que ainda funcionavam. O novo grupo de jovens foliões vestidos de pirata entrara no parque e se juntara a Bobby, e tive tempo de pensar: quantos canibais existiam em Miami? O grupo formava um círculo de excitação, como um bando de gaivotas, sacudindo pistolas, machetes e facas. E no centro daquele círculo surgiram mais cinco figuras. Um deles era Cesar, o homem que Alana mandara para o parque. Junto estava Antoine, o outro guarda, e também Bobby. Eles estavam arrastando outro homem que não se movia e parecia inconsciente. E, atrás, vinha um homem vestido com um manto negro com um capuz que lhe escondia o rosto.

E enquanto os foliões circulavam e gritavam como corvos, o homem inconsciente do meio rolou de lado, e a luz bateu em seu rosto, fazendo com que eu o reconhecesse.

Era Chutsky.

Capítulo Trinta e Nove



EINSTEIN NOS DIZ QUE NOSSA NOÇÃO DO TEMPO NADA MAIS É que uma ficção conveniente. Nunca fingi ser o tipo de gênio que entende de verdade esse tipo de coisa, mas pela primeira vez na vida eu comecei a ter uma ideia do que aquilo significava. Porque quando vi o rosto de Chutsky tudo parou. O tempo não existia mais. Era como se estivesse preso num só momento que continuava para sempre, ou uma natureza-morta. Alana estava enquadrada contra as luzes do velho barco pirata falso, com o rosto congelado numa expressão de divertimento carnívoro. Atrás dela, estavam as cinco figuras imóveis sob a luz do parque, Chutsky com a cabeça caída para trás, os guardas e Bobby o arrastando pelos braços, a estranha figura do manto preto caminhando atrás deles e segurando a escopeta de Cesar. O grupo de piratas estava parado em poses ameaçadoras de histórias em quadrinhos, todos com posturas realistas sem movimento. Eu não ouvia mais nenhum som. O mundo se encolhera para aquela imagem única do fim de toda a esperança.

E então, de uma distância próxima, na direção da Corrida de Cavalos, aquela batida indutora de enxaqueca da música do clube noturno Canino começou a tocar. Alguém gritou e o tempo normal voltou a andar. Alana começou a virar-se da amurada, devagar em princípio e depois na velocidade normal, e eu mais uma vez ouvi Samantha gemer, a bandeira do Jolly Roger tremular no mastro e meu coração bater de uma maneira incrivelmente alta.

— Estava esperando por alguém? — Falou Alana, animada, quando as coisas voltaram ao horrível normal. — Infelizmente, ele não vai poder ajudar muito.

Esse pensamento me ocorreu, junto com vários outros, mas nenhum deles me ofereceu nada mais que um comentário semi-histórico sobre a crescente sensação de desesperança que agora estava inundando os porões do Castelo de Dexter. Eu ainda podia sentir o aroma prolongado de carne tostado na grelha, e não

precisei ter uma imaginação muito fértil para saber que o precioso e insubstituível Dexter estaria chiando lá em breve, uma fatia de cada vez. Numa história boa de verdade, com uma estrutura perfeita de Hollywood, esse seria o momento em que uma ideia fantásticamente inteligente surgiria em minha cabeça, e eu, de alguma forma, cortaria minhas amarras, pegaria uma escopeta e abriria caminho com ela para a liberdade.

Mas, aparentemente, eu não estava nesse tipo de história, porque nada me veio à cabeça, exceto o pensamento desolador e inabalável de que estava prestes a ser morto e comido. Não vi nenhuma maneira de escapar, e não conseguia parar o queixume inútil em meu cérebro tempo suficiente para pensar algo além de em um único ponto central: era isso e pronto. Fim de jogo, tudo termina, a tela escurece... Dexter no escuro. Nada mais do maravilhoso eu, nunca mais. Nada sobrando, a não ser uma pilha de ossos roídos e entranhas abandonadas, e em algum lugar uma ou duas pessoas teriam algumas lembranças vagas da pessoa que eu fingia ser, e elas nem mesmo seriam de meu verdadeiro eu, que parecia profundamente trágico e não por muito tempo. A vida continuaria sem o fabuloso e inimitável eu, e, embora não fosse correto, era inevitável. O fim, tudo acabado, *finito*.

Imagino que devia ter morrido naquela hora por causa da penúria e autopiedade, mas se essas coisas fossem fatais, ninguém nunca chegaria aos treze anos. Eu sobrevivi e assisti a eles arrastarem Chutsky rampa acima e o jogarem no convés com as mãos presas atrás das costas. A figura usando o manto preto e com a arma de Cesar foi até a churrasqueira, de onde podia vigiar a mim e a Chutsky, e Bobby e Cesar arrastaram Chutsky mais um pouco até os pés de Alana e o deixaram cair de cara no chão como um monte de carne flácida e trêmula. De algum jeito, eles tinham chegado por trás dele e o acertado com um *taser*, para depois o deixarem inconsciente enquanto tremia no chão. Isso sim é que eu chamo de um grande resgate profissional.

— Ele é um cara bem grande e durão. — Falou Alana, cutucando-o com o dedão do pé. Depois olhou para mim. — É seu amigo?

— Meio amigo. — Falei. Afinal, estava mesmo contando muito com ele, que teoricamente devia ser muito bom nesse tipo de coisa.

— Certo. — Falou, olhando de volta para ele. — Bom, para nós não serve de nada. É só cartilagem e cicatrizes.

— Na verdade, me disseram que por baixo ele é bem macio. — Falei, esperançoso. — Quer dizer, bem mais que eu.

— Aaaaaah. — Falou Chutsky. — Aaaaah, merda...

— Ei, veja só isso, ele tem um queixo bem duro. — Falou Cesar, sacudindo a cabeça em aprovação. — Acertei ele com vontade, não devia acordar tão cedo.

— Onde está ela? — Perguntou Chutsky, ainda tremendo. — Ela está bem?

— Eu o acertei realmente com força. Eu era lutador. — Disse Cesar para ninguém em particular.

— Ela está aqui. — Respondi. — E está inconsciente.

Chutsky fez um esforço enorme e aparentemente muito doloroso para rolar o corpo para poder me ver. Seus olhos estavam vermelhos e cheios de angústia.

— Fizemos merda, camarada. Uma merda grande.

Pareceu-me algo muito óbvio para comentar, então não disse nada, e Chutsky caiu novamente para sua posição trêmula inicial com um trêmulo “merda”.

— Leve-o para baixo para junto da sargento Morgan. — Disse Alana, e Cesar e Bobby pegaram Chutsky novamente, o levantaram e o levaram pela porta para dentro da cabine. — O resto de vocês pode ir para a corrida de obstáculos e garantam que o fogo esteja bom. E aproveitem. — Falou, dirigindo-se ao bando de piratas aglomerados ali, e fez um aceno de cabeça para Antoine. — Levem também a jarra com o ponche. — Alguém soltou um grito e dois deles pegaram o caldeirão de dezoito litros pelas alças. A figura com o manto preto deu a volta neles com cuidado mantendo a escopeta apontada para mim, enquanto os piratas desciam juntos pela rampa e voltavam ao parque. Então sumiram, e Alana voltou sua atenção gelada para mim mais uma vez.

— Muito bem. — Falou, e, apesar de eu saber que não podia sentir emoções, havia certa diversão sombria e terrível brilhando da

coisa escamosa que vivia dentro dela quando olhou para mim. — Agora é hora de cuidar do meu porquinho macho. — Ela fez um aceno de cabeça para o leão de chácara que se afastou e foi até a amurada, com sua arma ainda apontada para mim, e Alana se aproximou.

Era uma noite de primavera em Miami, e a temperatura estava na casa dos 25° C, mas, quando ela se aproximou, eu senti um vento gelado soprar, passando por mim e chicoteando os cantos mais sombrios e profundos, e o Passageiro ficou em pé com suas muitas pernas e gritou com uma fúria impotente, e senti meus ossos se desintegrarem, minhas veias virarem pó e o mundo diminuir e virar apenas a loucura firme e feliz dos olhos de Alana.

— Conhece algo sobre gatos, meu amor? — Perguntou, quase ronronando. Parecia uma pergunta retórica, mas, em todo caso, minha boca estava muito seca e eu não sentia vontade de responder. — Eles gostam de brincar com a comida, não é mesmo? — Ela deu alguns tapinhas carinhosos em minha bochecha e depois um bem forte, sem nenhuma mudança de expressão em seu rosto. — Costumava ficar olhando para eles durante horas. Eles torturavam seus pequenos ratinhos, não é mesmo? Sabe por que, meu querido? — Ela passou uma unha longa e vermelha descendo pelo meu peito e depois em meu braço, onde achou um dos cortes feito pelos espinhos dos arbustos. Ela fez uma careta. — Não é por mera crueldade, o que é uma pena. Apesar de saber que é um pouco por isso também. — Ela colocou a unha no corte. — A tortura faz a adrenalina correr pelo ratinho.

Alana cavoucou a carne de meu ferimento aberto com a unha, e pulei quando a dor me agulhou e o sangue começou a escorrer. Ela sacudiu a cabeça, pensativa.

— Ou neste caso, correr pelo porquinho. A adrenalina corre pelo corpo todo encolhido da fera acuada. E adivinha só, querido? A adrenalina é um maravilhoso amaciante natural de carne! — Ela enfiou a unha na carne no ritmo de suas palavras, cada vez mais fundo, girando-a para aumentar a ferida e, apesar de doer bastante, a visão daquilo era pior que a dor, e eu não conseguia tirar os olhos

do vermelho terrível do precioso sangue de Dexter jorrando cada vez mais para fora, enquanto ela enfiava mais forte e mais fundo.

— Então, primeiro brincamos com nossa comida, e então ela acaba ficando com um gosto melhor! É uma diversão incrível e relaxante e ainda melhora a parte da mesa. A natureza não é maravilhosa?

Ela manteve a longa unha afiada no fundo de meu braço e me olhou por um longo momento com seu sorriso horrível e gelado. Ouvei alguns dos foliões rindo loucamente em algum lugar distante, e Samantha gemeu de novo, muito mais suavemente agora, e virei minha cabeça na direção dela. Ela havia perdido grande quantidade de sangue, e o pote que Bobby colocara debaixo do braço dela estava transbordando e o sangue voltara a ser derramado no convés e, quando vi aquilo, fiquei meio tonto e imaginei o sangue de meu corte escorrendo e se juntando ao dela até que os dois fluidos cobrissem o chão com uma enxurrada daquela gosma pegajosa, vermelha e vil, como aquela vez com a mamãe muito tempo antes, com meu irmão, Biney, no contêiner refrigerado, e minha cabeça começou a girar, e eu me senti girando para longe da dor e para dentro da escuridão vermelha...

E uma nova e mais profunda pontada de dor me trouxe de volta ao convés do velho navio pirata falso, com a mulher canibal real e elegante tentando atravessar meu braço com a unha. Eu tinha certeza de que em breve ela abriria uma artéria e em seguida meu sangue estaria em toda a parte. Esperava que ele pelo menos estragasse os sapatos de Alana, certo, não era uma grande maldição final, mas era a única coisa que me restara.

Senti o aperto de Alana em meu braço aumentar, enfiando a unha ainda mais fundo nele, e, por um momento, a dor era tão ruim que pensei que teria de gritar, mas em seguida a porta da cabine se abriu, e Bobby e Cesar voltaram para o convés.

— São dois pombinhos. — Falou Bobby, desdenhoso. — Ele fala "Debbie, ó, Debbie", então ela tipo, nada, ainda desmaiada, e então ele "ó, Deus, ó, Deus, Debbie, Debbie".

— Muito divertido. — Falou Alana. — Mas ele está bem preso?
Cesar assentiu.

— Ele não vai a lugar nenhum.

— Esplêndido. Então por que os dois não vão para a festa? — Ela me olhou com olhos encapuzados. — Ficarei aqui e relaxarei por mais alguns minutos.

Tenho certeza de que Bobby respondeu com algo que achava inteligente, e também aposto que ele e Cesar desceram pela rampa barulhenta e insegura e foram juntar-se aos outros festejadores, mas a verdade é que nada daquilo foi registrado. Meu mundo fora reduzido às terríveis imagens que se formavam no ar entre Alana e eu. Ela estava ali parada, olhando-me sem piscar com um propósito tão intenso e claro que fui forçado a acreditar que a força de seu olhar ia abrir um corte em meu rosto.

Infelizmente ela decidiu não depender do poder dos olhos para me amaciar. Ela se virou devagar, sarcasticamente e foi até a mesa onde a fileira de lâminas brilhantes a esperava. O homem do capuz preto estava parado perto das facas e a boca de sua escopeta nunca saiu de minha direção. Alana olhou para as facas e levou um dedo ao queixo, parecendo pensativa.

— São tantas escolhas tão boas. Eu realmente gostaria de que houvesse mais tempo para poder fazer isso da forma correta. Para realmente conhecer você bem. — Ela sacudiu a cabeça tristemente. — Nem tive tempo algum com o policial maravilhoso que vocês me mandaram. Mal o experimentei antes de ter de matá-lo. Pressa, pressa e mais pressa. Tira toda a graça da coisa, não é mesmo? — Ela matara Deke. E não pude deixar de ouvir um eco de meus próprios devaneios da hora de brincar nas palavras dela, o que não pareceu uma coisa justa numa hora daquelas.

— Mas — falou Alana —, acho que devemos nos conhecer direito em pelo menos um aspecto. Este aqui. — Ela levantou uma faca grande e muito afiada que parecia uma faca de pão e que com certeza proporcionaria uma diversão de qualidade. Virou-se para mim, levantou um pouco a faca, deu um passo em minha direção e parou.

Ela me olhou com os olhos tremulando sobre mim enquanto ensaiava as coisas que iria fazer e, talvez porque eu tenho uma imaginação superativa, ou porque reconheci suas intenções graças a

minha modesta experiência, pude sentir cada movimento que ela estava pensando em realizar, cada corte deslizante que planejava experimentar em mim, e o suor começou a encharcar minha camisa e a umedecer minha testa, e podia sentir meu coração martelando as costelas como se estivesse tentando atravessar a caixa torácica e escapar, tudo isso enquanto ficávamos ali em pé, separados por três metros, dividindo mentalmente um *pas de deux* do balé clássico do sangue. Alana deixou seu momento de prazer se estender por um bom tempo, até eu sentir minhas glândulas sudoríparas secarem e minha língua inchar até o céu da boca, e então:

— Certo. — Disse ela, numa voz suave e rouca, e deu um passo à frente.

Imagino que deve existir mesmo algo nesse conceito de Nova Era de que todas as coisas se equilibram eventualmente, quer dizer, fora o fato de eu provar de meu próprio remédio, que não é bem o ponto que quero provar. O que quero dizer é que naquela noite eu já passara por um período onde o tempo reduzira a velocidade e parara, mas agora, apenas para equilibrar as coisas, quando Alana se virou para mim e levantou a faca, tudo pareceu se acelerar e aconteceu de uma só vez, num tipo de dança estranha e rapidíssima.

Primeiro houve um som de estouro, e o leão de chácara gigante de rabo-de-cavalo explodiu; a barriga dele desapareceu literalmente e um horrível spray vermelho e o resto dele voou por cima da amurada e do navio com uma expressão de ressentimento estarrecido no rosto, e sumiu tão rápido como se tivesse sido cortado da cena pelo onipotente editor de imagens.

Em segundo lugar, e tão rápido que pareceu ocorrer simultaneamente com o voo do leão de chácara da amurada, Alana girou como um chicote com a faca preparada e a boca toda aberta e pulou sobre o homem de manto preto, que recarregou e atirou, arrancando o braço de Alana que segurava a faca. E então recarregou de novo e girou, mais rápido do que parecia ser possível, e atirou no último guarda, que levantava sua arma naquele momento. Então Alana caiu aos pés de Samantha, o guarda bateu

na amurada e caiu no rio e, de repente, tudo estava quieto no convés do maligno navio pirata Vingança.

E então a melodramática e sinistra figura de manto preto armou sua escopeta mais uma vez e se virou até que o cano fumegante estivesse apontado direto para mim. Apenas por um momento tudo se congelou de novo; olhei para a máscara sombria e para o cano sombrio da arma apontado obviamente direto para o meu estômago e imaginei: será que eu deixara Alguém puto Lá em Cima? Quer dizer, o que eu fizera para ser condenado àquele banquete infinito de morte? Falando sério: quantos jeitos distintos e igualmente horríveis de morrer um homem relativamente inocente pode encarar numa noite? Não existe justiça neste mundo? Não aquela na qual eu me especializei, mas outra?

A coisa foi indo e foi indo, e fui espancado, estapeado, cutucado, torturado, ameaçado com facas, ameaçado de ser comido e esfaqueado, mas levar um tiro... Já era demais. Já bastava. Não conseguia nem ficar bravo com aquela indignidade final. Minha adrenalina acabara; minha carne já estava o mais amaciada possível, e seria quase um alívio que aquilo tudo acabasse. Todo verme acaba se entregando e Dexter chegara ao ponto em que não aguentava mais.

Então fiquei ali parado de peito aberto e com a cabeça erguida, preenchido por uma nobre disposição de subir no prato e encontrar meu destino final com coragem verdadeira e determinação viril... E mais uma vez a vida resolveu me lançar uma bola com efeito.

— Bom — falou a figura encapuzada —, parece que vou ter de tirar você do fogo mais uma vez.

E quando ele levantou a arma eu pensei, *conheço essa voz*. Conhecia e não sabia se devia comemorar, chorar ou vomitar. E antes que eu pudesse fazer alguma dessas coisas, ele se virou e atirou em Alana, que vinha rastejando devagar e dolorosamente na direção dele, deixando um rastro grosso de sangue para trás. O tiro a queima-roupa a fez pular e quase a cortou na metade antes dos dois pedaços elegantes caírem num triste amontoado desorganizado.

— Puta sórdida. — Falou o encapuzado, enquanto baixava a arma, puxava o capuz e tirava a máscara. — Mas o pagamento era

excelente e o trabalho combinava comigo... Sou muito bom com facas. — E eu tinha razão. Realmente conhecia aquela voz. — E, sério, qualquer um acharia que você descobriria — falou meu irmão, Brian. — Dei pistas suficientes... A ficha preta e outras coisas.

— Brian — falei, e apesar de ser uma das coisas mais estúpidas que já disse, não consegui evitar de acrescentar —, você está aqui.

— É claro que estou aqui. — Falou com seu sorriso falso terrível, que por alguma razão não parecia tão falsificado agora. — Para que serve a família?

Pensei nos últimos dias: primeiro Deborah me salvou do trailer em Everglades e agora isso, então sacudi a cabeça. — Ao que parece, família serve para resgatar você dos canibais.

— Bom, então. — Falou Brian. — Aqui estou.

E, pela primeira vez, o sorriso falso terrível dele pareceu muito real e bem-vindo.

Capítulo Quarenta



COMO TODO SER HUMANO AMANTE DE CLICHÊS SABE, nenhuma nuvem despeja toda sua chuva em nós a não ser que haja um lado bom para contrabalançar. Naquele caso, a pequena vantagem em ser capturado por canibais é que sempre haverá um monte de facas afiadas por perto, e Brian cortou minhas amarras rapidamente. Arrancar as fitas presas em meus punhos pela segunda vez também não doeu tanto quanto a primeira, pois embora não houvesse muitos pelos mais a serem arrancados pela raiz, continuou a não ser algo muito divertido, e fiquei um momento esfregando eles. E aparentemente foi um momento longo demais.

— Será que não pode deixar para se massagear depois, irmão? Não podemos demorar muito. — Disse Brian, e fez um aceno de cabeça para a festa.

— Preciso ir buscar a Deborah.

Ele suspirou teatralmente.

— O que é que há entre você e essa garota?

— Ela é minha irmã.

Brian sacudiu a cabeça.

— É, acho que sim. Mas vamos logo então, certo? O lugar está cheio dessas pessoas e acho que seria muito bom se pudéssemos evitá-las.

Tivemos de passar pelo mastro principal para ir até a cabine e, apesar da pressa de Brian, parei ao lado de Samantha tomando muito cuidado para evitar a poça de sangue que se espalhava à direita dela. Fiquei em pé do lado direito e a examinei com cuidado. Seu rosto estava incrivelmente pálido, e ela não se sacudia ou gemia mais e por um momento pensei que estivesse morta. Coloquei a mão em seu pescoço, e havia pulso, mas muito fraco, e quando encostei nela seus olhos se abriram. Eles tremiam, não focalizavam, e ela claramente não me reconheceu. Então semicerrou os olhos e disse algo que não consegui ouvir e então me inclinei para perto.

— O que você falou?

— Eu estava... Gostosa...? — sussurrou, meio rouca. Levei um momento para entender o que ela queria dizer com aquilo.

Sempre nos dizem que é importante dizermos a verdade, mas minha experiência mostra que a verdadeira felicidade reside em dizer o que o outro quer ouvir, o que em geral não é a mesma coisa, e se por acaso você der de cara com a verdade depois, azar. Para Samantha não haveria depois e, sendo esse o caso, não consegui guardar rancor e ser mau o suficiente para dizer a verdade.

Então me inclinei bem perto do ouvido dela e disse o que queria ouvir.

— Você estava deliciosa.

Ela sorriu e fechou os olhos.

— Tenho quase certeza de que não temos tempo para cenas sentimentais. — Falou Brian. — Não, se pretende salvar aquela sua maldita irmã.

— Certo. Me desculpe. — Deixei Samantha ali sem nenhuma relutância, parando apenas para pegar uma das facas bem legais de Alana da mesa ao lado da churrasqueira.

Encontramos Deborah atrás do balcão, que era a recepção do brinquedo na cabine principal do barco pirata. Ela e Chutsky tinham sido amarrados em grandes canos que corriam de uma pia que não estava lá e iam até o convés. Suas mãos e pés estavam presos com fita adesiva. Dando crédito a Chutsky, ele já quase soltara uma das mãos, aliás, sua única mão, mas devemos dar a Cesar o que é de Cesar.

— Dexter! — Falou ele — Cristo, que bom ver você. Ela ainda está respirando, mas temos de tirá-la daqui. — Ele viu Brian espreitando atrás de mim e fez uma careta. — Ei, esse era o cara do *taser*.

— Está tudo bem. — Falei de forma não muito convincente. — Hã, ele na verdade é...

— Foi um acidente. — Falou Brian, rapidamente, como se estivesse com medo de que eu o apresentasse pelo nome. Ele colocara o capuz de novo para esconder o rosto. — Em todo caso, resgatei vocês, então vamos sair logo daqui antes que apareça mais alguém, está bem?

Chutsky deu de ombros.

— Sim, claro, vamos. Tem uma faca?

— É claro. — Respondi. Inclinei-me sobre ele, que sacudiu a cabeça impacientemente.

— Não, Dexter, porra, vamos lá, a Deborah primeiro. — Falou.

Parecia-me que um homem que só tinha uma mão e um pé e que estava com esta mão e este pé amarrados, além dele mesmo estar preso a um cano, não deveria dar ordens num tom irritado. Mas deixei essa passar e me ajoelhei ao lado de Deborah. Cortei a fita dos punhos e peguei uma de suas mãos. O pulso estava forte e regular. Torci para aquilo significar que estava apenas inconsciente. Ela era saudável, muito durona, e, a menos que tivesse tido muito azar, eu tinha certeza de que ficaria bem, mas mesmo assim gostaria que ela acordasse e me dissesse isso pessoalmente.

— Vamos logo, pare de ficar enrolando, camarada. — Chutsky falou em seu tom petulante, e cortei a corda que prendia Deborah ao cano e a fita que amarrava seus tornozelos.

— Temos que nos apressar. — Falou Brian, suavemente. — Temos de levá-lo junto também?

— Muito engraçadinho, porra. — Respondeu Chutsky, mas eu sabia que meu irmão estava falando sério.

— Infelizmente, sim. Deborah ficaria brava se o deixássemos para trás.

— Então, pelo amor de Deus, solte ele logo e vamos embora. — Falou Brian, e foi até a porta da cabine e olhou para fora, segurando a escopeta pronta para agir. Soltei Chutsky, e ele ficou em pé, literalmente em um só pé, já que o outro era uma prótese, como uma de suas mãos. Ele olhou para Deborah no chão por um segundo, e Brian limpou a garganta, impacientemente.

— Certo. — Falou Chutsky. — Eu a carrego. Me ajude aqui, Dex. — Ele indicou Debs com a cabeça.

Nós a levantamos juntos e a colocamos no ombro de Chutsky. Ele não pareceu se incomodar com o peso. Apenas deu uma levantada uma vez para ajeitá-la mais confortavelmente e então se moveu em direção à porta como se estivesse saindo para uma caminhada com uma pequena mochila nas costas.

No convés, Chutsky parou rapidamente ao lado de Samantha, o que fez Brian sibilar de impaciência.

— Esta é a garota que Debbie queria tanto resgatar? — Perguntou.

Olhei para o meu irmão, que praticamente pulava num pé só de tanta vontade de ir embora. Olhei para minha irmã jogada no ombro de Chutsky e suspirei.

— É ela.

Chutsky mudou um pouco o peso de Debs de lugar para poder alcançar a menina com sua mão verdadeira. Ele pôs a mão no pescoço de Samantha e manteve os dedos lá por alguns segundos. Depois sacudiu a cabeça.

— Tarde demais. Ela está morta. Debbie vai ficar bem chateada.

— Sinto muitíssimo por isso. — Falou Brian. — Será que podemos ir agora?

Chutsky olhou para ele e deu de ombros, o que fez com que Deborah escorregasse um pouco. Ele a pegou, felizmente não com seu gancho de aço, reajustou seu peso e disse:

— Sim, claro, vamos embora. — E então fomos em direção à rampa.

Descer aquela prancha insegura foi um pouco complicado, especialmente porque Chutsky estava usando a mão para segurar Deborah, deixando apenas o gancho para a corda de apoio. Mas acabamos conseguindo, e quando pisamos em terra firme, nos apressamos em direção ao portão.

Fiquei imaginando se devia me sentir mal por causa de Samantha. Não acho que havia nada que pudesse ter feito para salvá-la, pois não fizera nem um bom trabalho de salvar a mim mesmo, o que era uma prioridade muito maior, mas fiquei um pouco desconfortável em simplesmente deixar o corpo dela lá. Talvez tenha sido por causa de todo aquele sangue, que é algo que sempre me perturba. Ou talvez porque eu era sempre muito correto e limpo com minhas sobras. Com certeza, não era porque eu pensava que sua morte fora trágica ou desnecessária, longe disso. Na verdade, foi até aliviador tê-la fora do caminho sem ter nenhuma responsabilidade nisso. Eu estava limpo: não havia nenhuma dívida a ser paga, e minha vida podia

voltar para os trilhos bem azeitados e confortáveis sem ter de me preocupar com processos judiciais frívolos. Não, e, no fim, foi muito bom que Samantha tenha tido seu sonho realizado, ou pelo menos a maior parte dele. A única coisa que me incomodava é que aquilo me deu vontade de começar a assobiar, e isso não parecia certo.

E então entendi, eu estava sentindo culpa! Eu, o Dexter Morto por Dentro, o Rei da Insensibilidade. Estava me afundando naquele sentimento esmagador de almas, perdedor de tempo e autoindulgente definitivo do ser humano... A culpa! E tudo porque sentia uma felicidade secreta por pensar que o fim de uma jovem era uma coisa boa para meus interesses mesquinhos.

Será que eu finalmente havia ganhado uma alma?

Será que o Pinóquio finalmente era um menino de verdade?

Era ridículo, impossível e impensável, mas mesmo assim eu estava pensando. Talvez fosse verdade, talvez o nascimento de Lily Anne, o fato de ter me tornado o Papai Dex e todos os outros eventos impossíveis das últimas semanas tivessem final e fatalmente matado o Dançarino Sombrio que eu sempre fui. Talvez até mesmo as últimas horas de terror entorpecido sob os olhos azuis reptilianos e mortíferos de Alana tenham ajudado, mexendo as cinzas até que a semente brotasse. Talvez eu fosse um novo ser agora, pronto para crescer como um humano feliz e cheio de sentimentos, que poderia rir e chorar sem fingir e ver um programa de TV sem imaginar secretamente como os atores ficariam se estivessem presos com fita adesiva a uma mesa... Será que era possível? Será que eu era um novo Dexter, finalmente pronto para assumir seu lugar num mundo de pessoas reais?

Era uma especulação interessante e fantástica e, igual a todas as coisas egocêntricas como essa, ela quase me matou. Enquanto ficava cegamente maravilhado comigo mesmo, caminhamos pelo parque chegando à pista de kart, e eu andara um pouco à frente dos outros e estava cego por ridiculamente prestar atenção apenas em mim mesmo. Passei pelo barracão que havia ao lado da pista e quase pisei em dois piratas festeiros que estavam ajoelhados no chão tentando ligar um kart que tinha uns 30 anos de idade. Eles

olharam para mim e piscaram estupidamente. Havia dois copos grandes de ponche no chão ao lado deles.

— Ei. — Falou um deles. — É a carne. — Ele enfiou a mão em seu cinto vermelho brilhante de pirata e nunca saberemos se era para pegar uma arma ou um chiclete, pois felizmente para mim, Brian entrou no barracão bem na hora e atirou nele. Chutsky veio em seguida e chutou a garganta do outro tão forte que pude ouvir o *trec* dela, e o pirata caiu para trás, soltando sons abafados e segurando a traqueia.

— Muito bom. — Falou Brian, olhando para Chutsky com algo parecido com afeição. — Estou vendo que não é apenas um colírio para os olhos.

— É, eu sou ótimo, não? — Falou Chutsky. — Muito útil. — Ele parecia um pouco desanimado para alguém que estava escapando ileso de uma orgia canibal, mas talvez o fato de levar choque de um *taser* tenha deixado algum resquício emocional.

— Falando sério, Dexter, você precisa olhar por onde anda.

Conseguimos chegar ao portão principal sem nenhum outro incidente, o que foi um alívio, já que cedo ou tarde nossa sorte podia acabar e acabaríamos dando de cara com um grande número de piratas, ou com um número suficiente deles sóbrios, e assim as coisas teriam ficado difíceis. Não tinha ideia de quantos tiros Brian ainda tinha em sua escopeta emprestada, mas não achava que eram muitos. É claro que provavelmente havia ainda muitos chutes no pé de Chutsky, mas não podíamos contar em ser atacado por caras maus generosos o suficiente para virem ajoelhados. Pensando em tudo isso, fiquei muito feliz em passar pelo portão e chegar ao carro de Deborah.

— Abra a porta. — Chutsky falou para mim em seu tom de voz exigente e eu estiquei a mão para a maçaneta do carro. — A de trás, Dexter. — Estourou ele. — Jesus Cristo! — Não fiz nada para corrigir seus modos; ele era velho e mal-humorado demais para aprender e, afinal, o peso do fracasso dele naquela noite devia estar influenciando sua etiqueta básica. Então simplesmente fui para a porta de trás e puxei a maçaneta. E é claro que estava trancado.

— Puta merda. — Falou Chutsky enquanto eu me virava, e vi Brian levantar uma sobancelha.

— Mas que linguajar! — Disse meu irmão.

— Preciso da chave. — Falei.

— Bolso traseiro. — Falou Chutsky. Tive um momento de hesitação, o que foi algo estúpido, afinal, eu sabia bem que ele já estava morando com ela havia vários anos. Mas ainda ficava surpreso ao pensar que ele a conhecia tão bem assim, que sabia automaticamente onde ela guardava as chaves do carro. E me ocorreu que ele a conhecia de maneiras que eu jamais a conheceria, os pequenos detalhes domésticos da vida dela, e por alguma razão aquele pensamento me fez hesitar por um segundo, o que é claro, não foi uma escolha muito popular.

— Vamos lá, camarada, pelo amor de Deus, está na hora de acordar.

— Por favor, Dexter. — Juntou Brian. — Precisamos sair daqui.

Estava claro que eu ia ser o bode expiatório de todos aquela noite, o que era um completo desperdício de protoplasma. Mas fazer qualquer objeção apenas tomaria ainda mais tempo. Sem falar que qualquer coisa que tivesse feito os dois concordarem era algo impossível de contra-argumentar. Fui até Deborah, que continuava jogada sobre o ombro de Chutsky, e peguei as chaves do bolso traseiro de sua calça. Abri a porta traseira e a segurei aberta enquanto Chutsky colocou minha irmã no banco de trás.

Ele começou a fazer um exame rápido de paramédico em Deborah, que foi mais difícil do que deveria por ter uma mão só.

— Lanterna? — Disse ele por sobre o ombro, e peguei a grande lanterna da polícia de Debs do banco da frente e a segurei enquanto Chutsky manuseava as pálpebras e via como seus olhos reagiam à luz.

— Aham. — Falou Brian, atrás de nós, e me virei para olhar para ele. — Se você não se importa, eu gostaria de desaparecer? — Ele sorriu seu velho sorriso falso de novo e acenou com a cabeça em direção ao norte. — Meu carro está a um quilômetro de distância, num shopping center. Vou abandonar a arma e este manto brega por aí e então nos vemos depois... Amanhã no jantar, talvez?

— Com certeza. — Disse eu, e, acreditem ou não, tive de lutar muito contra um impulso verdadeiro de dar um abraço nele. — Obrigado, Brian. — Acabei falando. — Muito obrigado mesmo.

— Não foi nada. — Falou ele, e sorriu novamente, depois se virou e caminhou para a escuridão.

— Ela vai ficar bem, camarada. — Falou Chutsky, e olhei de volta para o local onde ele ainda estava agachado, ao lado da porta de trás do carro. Ele segurou a mão dela e parecia esmagadoramente cansado. — Ela vai ficar bem.

— Você tem certeza? — Perguntei, e ele assentiu.

— Sim, tenho certeza. — Falou. — Ainda precisa ser levada ao pronto-socorro para que deem uma olhada, mas ela está bem sim, e não graças a mim. — Ele desviou o olhar de mim e por um longo momento não disse nada, longo o suficiente para eu começar a me sentir desconfortável, afinal, tínhamos concordado que precisávamos ir embora dali. Será que aquele era mesmo o local e a hora para uma contemplação silenciosa?

— Você não vem com a gente para o hospital? — Falei mais para movimentar as coisas do que por querer companhia.

Chutsky não se moveu nem falou. Continuou apenas olhando para o outro lado, para o parque, onde ainda havia sons dispersos de festa e aquela batida estúpida voando em nossa direção com a brisa noturna.

— Chutsky. — Falei, e comecei a sentir uma ansiedade verdadeira crescendo.

— Estraguei tudo. — Falou finalmente, e, para meu grande terror, uma lágrima rolou por sua face. — Fiz uma merda grande. Eu a decepcionei quando ela mais precisava de mim. Ela podia ter sido morta, e eu não teria conseguido detê-los e...

Ele respirou fundo e de forma irregular, e ainda não olhou para mim.

— Tenho me enganado, camarada. Sou velho demais para ela e não sou bom para ela em mais nada. Não com... — Ele levantou o gancho e bateu a testa nele, deixando-a encostada lá e olhando para seu pé falso. — Ela quer uma família, o que é algo estúpido para um cara como eu. Velho, problemático e aleijado... E nem

posso protegê-la, ou pelo menos... Não sou eu quem ela precisa. Sou só um cara fodido e inútil...

Houve um grito com um riso feminino lá dentro do parque, e o som trouxe Chutsky de volta para o aqui e agora. Ele virou a cabeça para a frente, respirou fundo outra vez, um pouco mais firme, e olhou para o rosto de Deborah. Então beijou a mão dela, um beijo longo, com os olhos fechados, e se levantou.

— Leve-a para o pronto-socorro, Dexter. E diga a ela que eu a amo. — E, em seguida, marchou para seu carro.

— Ei! — Falei. — Você não vai para...

Aparentemente, ele não ia, pois ignorou, entrou no carro e foi embora.

Não fiquei olhando os faróis dele desaparecerem na noite. Prendi Deborah pela cintura no banco de trás o melhor que pude com um cinto de segurança e me sentei ao volante. Dirigi uns três quilômetros mais ou menos, longe o suficiente para estar seguro, e então encostei. Peguei meu celular, mas então pensei bem e resolvi pegar o de Chutsky no lugar onde Deborah o jogou. O celular dele teria proteção para coisas pequenas como a identidade de quem está ligando. Disquei.

— Emergência? — Atendeu a telefonista do 911.

— É bom vocês mandarem um monte de gente lá para aquele velho parque, o Buccaneer Land, e rápido. — Eu falo na melhor imitação de Bubba***** que consigo.

— Senhor, qual é a natureza da emergência?

— Sou veterano de guerra. Estive por duas temporadas no Iraque e conheço bem o som de tiros, e tenho certeza de que foi o que ouvi no Buccaneer Land.

— Está dizendo que ouviu tiros, senhor?

— Mais do que apenas ouvir. Quando fui dar uma olhada lá vi um monte de corpos. Dez ou vinte e uns caras dançando em volta como uma festa. — Falei.

— Você viu dez corpos, senhor? Tem certeza?

— E então alguém deu uma mordida num deles e começou a comer a carne, e eu fugi. Nunca vi nada mais nojento na vida, e olha que estive em Bagdá.

— Eles... *Comeram* o corpo, senhor?

— É bom chamarem os garotos da Swat pra lá rapidinho. — Falei, desliguei e engatei a marcha. Talvez não prendessem todos que estavam na festa, mas pegariam a maioria, o suficiente para terem uma boa ideia do que aconteceu, e isso seria o bastante para pegarem Bobby Acosta, de um jeito ou de outro. Torci para que aquilo fizesse Deborah se sentir um pouco melhor depois do que ocorreu com Samantha.

Embiquei o carro na I-95 e comecei a me dirigir para o Jackson. Havia vários hospitais mais próximos, mas se você fosse um policial de Miami provavelmente se sentiria em casa no Jackson, que tem uma das melhores unidades de traumatologia do país. E como Chutsky me assegurara que a visita seria apenas por cautela, achei melhor ir até os especialistas.

Então dirigi na direção sul o mais rápido que podia, em silêncio nos primeiros dez minutos e então, pouco antes de pegar a saída para a Dolphin Expressway, ouvi sirenes e depois mais sirenes e uma fila de veículos de emergência grande o suficiente para lidar com uma grande invasão passando na pista oposta. Eles eram seguidos por outra fila tão grande quanto a primeira de veículos com pequenas parabólicas em cima e que pertenciam a empresas de comunicação locais, todos indo para o norte, presumivelmente para o Buccaneer Land. Momentos depois do barulho desaparecer eu ouvi movimentos no banco de trás, e segundos depois Deborah falou.

— Caralho! — Disse, e não foi uma primeira palavra surpreendente considerando a fonte. — Ah, caralho!

— Você está bem, Deborah. — Falei, virando um pouco a cabeça para vê-la pelo retrovisor. Ela continuava deitada com as mãos na barriga e um olhar entorpecido e paranoico no rosto. — Estamos indo para o Jackson apenas para garantir. Não precisa se preocupar, você está bem.

— Samantha Aldovar?

— Hã... — Falei. — Ela não sobreviveu — Olhei de novo no espelho. Debs fechou os olhos e esfregou a barriga.

— Cadê o Chutsky?

— Bom, hã, na verdade, eu não sei. Quer dizer, ele está bem, sabe, sem ferimentos. Ele disse, “Diga para Deborah que eu a amo”, e então entrou no carro e partiu, mas... — Uma enorme picape me cortou, mesmo eu estando na faixa exclusiva para dois ou mais passageiros, e tive de desviar e frear. Quando olhei novamente no espelho os olhos dela ainda estavam fechados.

— Ele se foi. — Falou ela. — Ele acha que me decepcionou e por isso resolveu ser nobre e ir embora. Bem quando eu mais preciso dele.

A ideia de precisar de Chutsky, e usando a palavra “mais”, me pareceu um exagero de credibilidade, mas resolvi não contrariar.

— Você vai ficar bem, mana. — Falei, procurando as palavras certas de conforto. — Levarei você para que a examinem no Jackson, mas tenho certeza de que está bem, e amanhã você já estará de volta ao trabalho e tudo vai parecer melhor e...

— Estou grávida. — Falou, e isso realmente me deixou sem ter o que responder.

***** A partir daqui, Dexter fala como se fosse o amigo de Forrest Gump, que tem forte sotaque sulista, a algo semelhante ao nosso sotaque caipira.

EPÍLOGO



CHUTSKY TINHA MESMO IDO EMBORA, DEBORAH TINHA RAZÃO. Depois de algumas semanas ficou claro que ele não ia voltar e não tinha nada que ela pudesse fazer para encontrá-lo. Ela tentou, é claro, com toda a habilidade única de uma mulher muito teimosa que também era uma ótima policial. Mas Chutsky fizera carreira nas operações especiais e nadava em outro nível. Não sabíamos nem se Chutsky era mesmo seu nome verdadeiro. Depois de uma vida de espionagem, ele provavelmente não sabia também, e desapareceu completamente como se nunca tivesse existido.

Deborah também estava certa sobre a outra coisa. Logo ficou óbvio para todos que suas calças de repente ficaram muito apertadas e suas camisas normalmente elegantes mudaram para coisas com padrões havaianos e bem largas, do tipo que ela normalmente não usaria, nem mesmo bêbada. Deborah estava grávida e pretendia ter o bebê com ou sem Chutsky por perto.

Em princípio, fiquei preocupado que seu novo status de mãe solteira pudesse prejudicar sua posição no trabalho; policiais, em geral, são pessoas bem conservadoras. Mas, aparentemente, eu não estava atualizado com o Novo Conservadorismo. Atualmente os Valores Familiares significavam que estava tudo bem ficar grávida sendo solteira, desde que você continuasse assim, e o prestígio de Deborah na verdade aumentou junto com o tamanho de sua barriga.

Você imaginaria que uma detetive grávida teria simpatia suficiente para convencer qualquer um da maldade de alguém, mas, na audiência de fiança de Bobby Acosta, os advogados usaram o fato de Joe ter acabado de perder a mulher, e madrasta de Bobby, que o criou e significava tanto para ele e agora havia partido tão tragicamente, mas só se esqueceram de dizer que ela morrera enquanto torturava e matava algumas pessoas, como, por exemplo, o maravilhoso e precioso eu. O juiz fixou a fiança em quinhentos mil dólares, o que era um trocado para a família Acosta, e Bobby saiu

feliz do tribunal para os braços de seu amoroso pai, como todos já sabíamos que aconteceria fazia tempo.

Deborah aceitou aquilo melhor do que eu esperava. Ela disse um palavrão ou dois, afinal, era Deborah, e só o que disse mesmo foi:

— Bom, foda-se, então o merdinha vai sair livre. — E então olhou para mim.

— Bom, é isso. — Falei, e foi basicamente isso. Bobby foi solto até o julgamento, que poderia levar anos para acontecer, considerando o calibre do advogado que o pai dele contratara. Quando chegasse a hora de Bobby enfrentar o júri, todas as manchetes adoráveis sobre “Parque de Diversões Canibal” e “Banho de Sangue Pirata” já estariam esquecidas, e o dinheiro de Joe faria as acusações diminuírem para ter caça fora de temporada, levando a uma sentença de vinte horas de serviço comunitário. Uma pílula amarga de engolir, talvez, mas a vida é assim quando se serve a velha puta chamada Justiça de Miami, e nós decerto já esperávamos aquilo.

Então a vida voltou a seu ritmo normal, medido agora pelo aumento da cintura de Deborah, o enchimento do balde de fraldas de Lily Anne e os jantares de sexta à noite com o Tio Brian, agora o ponto alto de nossa semana. Sexta era a noite ideal por muitas razões, especialmente porque era quando Debs tinha suas aulas sobre o parto, reduzindo assim as chances de ela aparecer de surpresa e envergonhar meu irmão, afinal, falando puramente do ponto de vista técnico, ele tentara matá-la havia alguns anos, e eu sabia muito bem que ela não era o tipo de pessoa que esquece e perdoa. Mas Brian planejava continuar por ali por um bom tempo. Ao que parece gostou muito de brincar de tio e irmão mais velho. E, é claro, Miami era sua terra natal também, e ele tinha quase certeza de que mesmo com a economia ruim era o melhor lugar para arranjar um novo emprego que combinasse com seu conjunto único de habilidades, e em todo caso ele tinha dinheiro suficiente para sustentar-se por um bom tempo. Apesar de seus muitos defeitos, Alana recompensara o talento dele de forma muito generosa.

E, para minha grande surpresa e crescente inquietação, outro ritmo começou a firmar-se, mesmo com o florescer lento e constante de meu novo eu humano. Gradual e tão sutilmente que no início

nem percebi, comecei a sentir um pequeno puxão na parte de trás de meu pescoço, não no pescoço físico, aliás em nenhuma parte de meu corpo físico, apenas... Algo levemente atrás da...?

E eu me virava e olhava, confuso, não via nada e dava de ombros, achando que era minha imaginação, não mais do que um probleminha neurológico por causa de tudo o que eu sofrera. Afinal, o pobre e combalido tinha literalmente passado pelo moedor. Era perfeitamente normal eu ficar inquieto, até mesmo assustado por um tempo depois de tantos traumas físicos e mentais.

Completamente compreensível, normal em todos os sentidos, nada com o que se preocupar, nem pense mais nisso. E então eu continuava com minha vida humana ordinária de trabalhar, brincar, ver TV e dormir num ciclo imutável e interminável sem me preocupar até a próxima vez que aquilo ocorresse e mais uma vez eu parava de repente o que estava fazendo e me virava para trás com o chamado de uma voz não ouvida.

Aquilo durou vários meses enquanto a vida foi se tornando mais maçante, e Debs foi ficando maior, até que estava grande o bastante para marcar a data do chá de bebê. E na noite em que eu segurava o convite nas mãos e pensava em qual seria o presente perfeito para ela e seu Evento Abençoado, senti o puxão daquele som sem voz e me virei. Dessa vez, enquadrada na janela atrás de mim, eu a vi.

A Lua.

Lua cheia, brilhante, picante e adorável.

Chamando, atraindo, brilhante e radiante, maravilhosa lua faladora esplendorosa, sussurrando recados doces em seu tom reptiliano furtivo e de aço, dizendo as duas sílabas suaves de meu nome em sua velha voz amante das sombras e dos olhos negros, tão conhecida de tantas vezes anteriores, tão familiar e tão confortável, e agora tão estranhamente bem-vinda mais uma vez.

Olá, velha amiga.

Mais uma vez, eu sinto o farfalhar das asas reptilianas se abrindo no porão sombrio, ouço mais uma vez o sussurro alegre do Passageiro sacudindo a negligência e pedindo uma reunião feliz.

Está na hora, diz ele, com uma pequena excitação fria de ver como as coisas mais uma vez devem ser como sempre foram. *Está*

mais que na hora.

E estava mesmo.

E apesar de eu ter pensado que estava além de tudo isso agora, longe do guizo e das coisas afiadas do Passageiro, eu estava errado. Eu ainda sentia, aliás, agora, sentia mais forte que nunca, puxando-me através daquela enorme lua vermelho-sangue que surgia pela janela com seu sorriso malicioso e zombeteiro, desafiando-me a fazer o que devia ser feito, e a fazer isso agora.

Agora.

E nos cantos minúsculos e ainda úmidos de minha nova alma humana, eu sei que não posso, não devo, não ousar... Tenho obrigações familiares... Estou segurando uma em minha mão, o convite para o chá de bebê de Deborah. Logo haverá um novo Morgan, uma nova vida para cuidar, uma obrigação que não é fácil, não neste mundo mau e perigoso. E aquela voz lunar aguda, cada vez mais alta, sussurra maliciosa que aquilo é verdade, é claro que é verdade. O mundo é muito mau e perigoso, é uma grande verdade, e ninguém negaria isso. E por isso é algo muito bom fazer do mundo um lugar melhor e mais seguro, com um corte de cada vez, especialmente quando podemos fazer isso e cumprir com nossas obrigações familiares ao mesmo tempo.

E, sim, o pensamento vem devagar e se desenrola com uma lógica perfeita e afiada. É verdade, muito verdade, ah, tão verdade e, ah, tão puro também, e fazia todo o sentido no meio de tantos pedacinhos bagunçados que precisavam ser postos no lugar. E ainda tinham as obrigações familiares e também havia aquela voz, a bela voz lastimosa que era o canto da sereia, e ela está chamando forte demais com sua voz gorda, feliz e aguda para que eu diga não para ela agora.

E, assim, vamos até ao armário empoeirado do escritório e colocamos algumas coisas numa sacola de ginástica.

Então vamos até a sala onde Rita e as crianças assistem à TV, e no colo dela está Lily Anne...

E apenas por um momento eu fico imóvel, olhando para ela, com seu rostinho encostado e buscando o calor materno, e por várias e

longas batidas de coração a visão dela fala mais alto que qualquer som que a música pode cantar. Lily Anne...

Mas alguma hora acabamos respirando, e a melodia profunda daquela noite corre de novo para dentro de mim junto com o ar, e eu me lembro: é pelo bem dela que faremos isso esta noite. Por Lily Anne, por todas as Lily Annes, para fazer do mundo um lugar melhor onde elas crescerão, e a alegria selvagem volta, e depois o controle frio, e nos inclinamos para dar um beijo na bochecha de minha esposa.

— Preciso sair um pouco. — Falamos, numa ótima imitação da voz humana de Dexter. Cody e Astor se sentam direito ao ouvirem nossa voz e olham arregalados para a sacola de ginástica, mas nós os encaramos, e eles ficam em silêncio.

— O quê? Ah, mas isso... Tudo bem, se tem que... Pode comprar leite no caminho...? — Diz Rita.

— Leite. — Respondemos. — Tchau.

E enquanto Astor e Cody assistem com reverência por que sabem o que vai acontecer esta noite, nós saímos pela porta e para o cobertor quente da luz metálica do luar que domina a noite de Miami e se mantém em prontidão tensa para nós, para nossa Noite de Carência e Necessidade, para a coisa que faremos, que temos de fazer. Deslizamos mais uma vez para a bem-vinda escuridão para encontrar o presente perfeito para o chá de bebê, um presente incrível para uma irmã especial, a única coisa que seu único irmão sabe que ela quer, a única coisa que ele pode conseguir para ela.

Bobby Acosta.

Table of Contents

[Abertura](#)

[Outros livros da série](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)
[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e Um](#)
[Capítulo Trinta e Dois](#)
[Capítulo Trinta e Três](#)
[Capítulo Trinta e Quatro](#)
[Capítulo Trinta e Cinco](#)
[Capítulo Trinta e Seis](#)
[Capítulo Trinta e Sete](#)
[Capítulo Trinta e Oito](#)
[Capítulo Trinta e Nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[EPIÍLOGO](#)